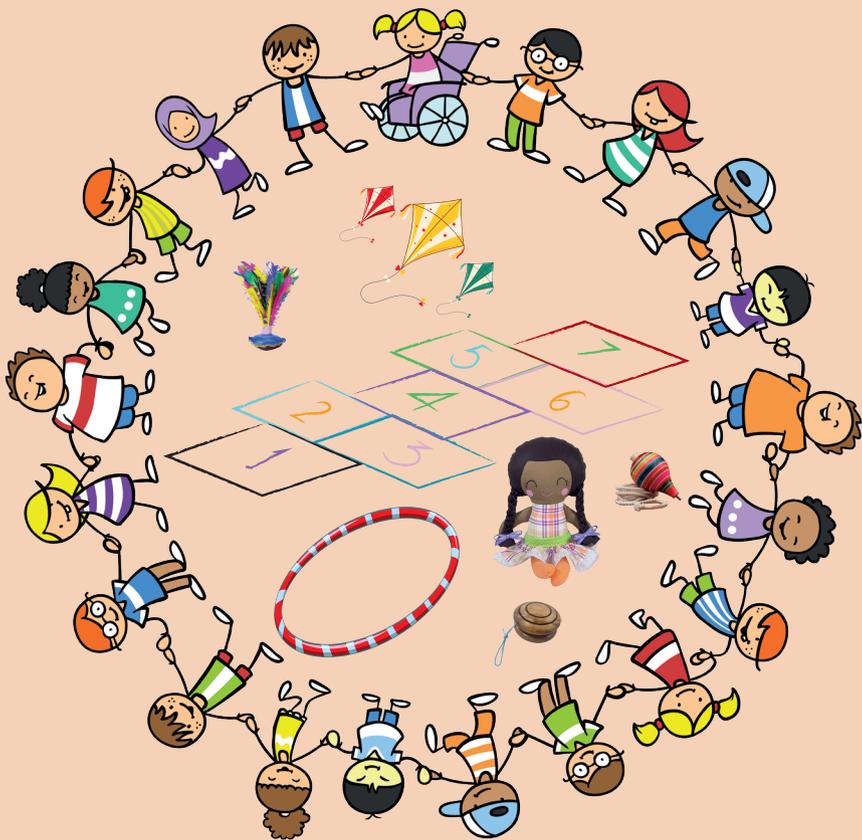


Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens



Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro

ORGANIZADOR

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil

Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil

José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal

Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América

Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal

Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América

Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha

Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América

Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México

Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França

Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile

Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR - Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL - Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior

Daniele Alves Ferreira • Erasmo Miessa Ruiz • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão • Heraldo Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

FRANCISCO MIRTIEL FRANKSON MOURA CASTRO
ORGANIZADOR

MEMÓRIAS LÚDICAS
E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
INTER-RELAÇÕES E APRENDIZAGENS

ADRIANA TEIXEIRA PIRES	MARCELO MOURA MAGALHÃES
ALDENIRA CANUTO DE HOLANDA	MARCOS RIQUE CUNHA COELHO
ALICE SANTO DE ASSIS	MARIA ALRENICE GUIA DE SOUSA
ALLYNE IRINEU DE HOLANDA LIMA	MARIA AMANDA MOURA DOS SANTOS
ANA KARINE COSTA DE FREITAS	MARIA DIVA NECO
ANA LOURDES DO VALE TEIXEIRA MOURA	MARIA EDILENE DOS SANTOS ALEXANDRE
ANA PAULA DA SILVA OLIVEIRA	MARIA GRACIANE ROCHA SOUSA
ANDERSON BRENO SANTOS DA SILVA	MARIA JANAYNA PEREIRA NASCIMENTO
ARLENE TOMÉ DE SOUSA GUIA	MARIA LETICIA DE SOUSA DAVID
ARTENÍSIA BEZERRA CORPE	MARIA LILIANE SOUSA RODRIGUES
ATHILIANA DE MOURA SILVA	MARIA LUANY KÉSSIA TEIXEIRA PIRES
BENEDITA GOMES DA SILVA	MARIA LÚCIA RODRIGUES DA ROCHA
CLAUDIANE ALENCAR GOMES	MARIA LUZIRENE DOS SANTOS LIMA
CLEITON TEIXEIRA BARBOSA	MARIA MILLENE RODRIGUES DE OLIVEIRA
CYNTHIA FONTENELE LUZ	MARIA ROSÂNGELA DE SOUSA MARQUES
DARA DOS SANTOS NASCIMENTO	MARIA ROSILENE TEIXEIRA BORGES
DÉBORA SILVA MARQUES DE SOUSA	MARIA TATIANE DA SILVA OLIVEIRA
FRANCISCO EDINAURO DE MORAIS FARIAS	MARÍLIA FORTE IRINEU DOS SANTOS
GERCIA MARIA MOURA SOUSA	NARA FELÍCIA NEVES DIAS
GISELE BARBOSA DOS SANTOS	NEIVA DAIANE CORDEIRO GOMES
HIRMA MARIA ALBUQUERQUE SANTOS FORTE	NIRLA DO NASCIMENTO BARBOSA
JAMILLE DE SOUSA NECO	NIRLEY MARA LAVOR TEIXEIRA
JEFFERSON SOARES GALVÃO	RAYLANE PACHECO DA SILVA
JOANA D'ARC MAGALHÃES CORDEIRO	RAYLENE PACHECO DA SILVA
JORDÂNIA MARTINS SANTOS	ROZENÍ FERREIRA DOS SANTOS
JOSILENE ALVES DE SOUSA	SÁVIA CRISTINA LOPES MARINHO
JOSÉ VALDEMIR DE SOUSA SOARES	SILVANA RAMOS DE ASSIS FREITAS
LARA CRISLEY ALVES DOMINGUES	VALNICE LUIZA CASTRO DO NASCIMENTO
LIDIAN MARQUES FELÍCIO BARBOSA	VERONICA CLÉA COUTO
LUANA MARIA CARDOSO FREITAS	VILANI DA GUIA BARBOSA

Ed
UECE
1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2024

MEMÓRIAS LÚDICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INTER-RELAÇÕES E APRENDIZAGENS

© 2024 *Copyright by* Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (Organizador)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 - Campus do Itaperi - Reitoria - Fortaleza - Ceará
CEP: 60714-903 - Tel.: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece - E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

Bibliotecária Responsável: Doris Day Eliano CRB-3/726

C355m Castro, Francisco Mirtiel Frankson Moura

Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens / Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (org.). - Fortaleza: EdUECE, 2024.

572p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-85-7826-953-1

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1>

1. Ludicidade – memória. 2. Formação de professores. 3. Aprendizagem. 4. Castro, Francisco Mirtiel Frankson Moura. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Bernadete de Souza Porto</i>	

APRESENTAÇÃO	15
<i>Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro</i>	

I SEÇÃO

MEMÓRIAS LÚDICAS E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

1 LUDICIDADE EM MINHA VIDA: UM TRAÇO DA MINHA HISTÓRIA	29
<i>Adriana Teixeira Pires</i>	
2 MINHAS MEMÓRIAS: O LÚDICO EM MINHA TRAJETÓRIA	39
<i>Ana Karine Costa de Freitas</i>	
3 COMO ONDAS DO MAR	48
<i>Ana Lourdes do Vale Teixeira Moura</i>	
4 O IMPACTO DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	55
<i>Anderson Breno Santos da Silva</i>	
5 O LÚDICO E SUA DIMENSÃO FORMATIVA NA MINHA FORMAÇÃO	62
<i>Athiliana de Moura Silva</i>	
6 VIVÊNCIAS LÚDICAS E APRENDIZAGEM: UM CAMINHO TRILHADO PELA LUDICIDADE	71
<i>Cleiton Teixeira Barbosa</i>	
7 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: RECORDAÇÕES QUE NÃO SERÃO APAGADAS	80
<i>Débora Silva Marques de Sousa</i>	
8 AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE PARA A FORMAÇÃO HUMANA	89
<i>Francisco Edinauro de Moraes Farias</i>	
9 A LUDICIDADE NOS DIVERSOS ÂMBITOS DA MINHA INFÂNCIA	98
<i>Gisele Barbosa dos Santos</i>	
10 DO PAÍS DAS MARAVILHAS À PASÁRGADA: OS CAMINHOS ENREDADOS DA LUDICIDADE NO MEU PERCURSO FORMATIVO	108
<i>Jefferson Soares Galvão</i>	
11 O PAPEL DO LÚDICO NA FORMAÇÃO CRÍTICA E SOCIAL DO DISCENTE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	117
<i>Joana D'arc Magalhães Cordeiro</i>	
12 O BRINCAR E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL	127
<i>José Valdemir de Sousa Soares</i>	
13 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA VIDA DA CRIANÇA	136
<i>Luana Maria Cardoso Freitas</i>	

14	A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE EM MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	143
	<i>Marcelo Moura Magalhães</i>	
15	O LÚDICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	151
	<i>Maria Amanda Moura dos Santos</i>	
16	MEMÓRIAS DE UMA BRINCANTE: DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA.....	160
	<i>Maria Graciane Rocha Sousa</i>	
17	VIVÊNCIAS DE LUDICIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	169
	<i>Maria Janayna Pereira Nascimento</i>	
18	O LÚDICO NA FORMAÇÃO HUMANA E NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: MEMORIAL FORMATIVO	178
	<i>Maria Leticia de Sousa David</i>	
19	LUDICIDADE: ASPECTO DECISIVO PARA A CONSTRUÇÃO DA MINHA PERSONALIDADE E AFETIVIDADE.....	188
	<i>Maria Luany Késsia Teixeira Pires</i>	
20	A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO PESSOAL E ACADÊMICA	197
	<i>Maria Lúcia Rodrigues da Rocha</i>	
21	A LUDICIDADE E MINHAS EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	206
	<i>Maria Luzirene dos Santos Lima</i>	
22	A PRESENÇA DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO DE MEMÓRIAS SIGNIFICATIVAS.....	214
	<i>Maria Millene Rodrigues de Oliveira</i>	
23	A PRESENÇA DO LÚDICO EM MEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM	223
	<i>Maria Tatiane da Silva Oliveira</i>	
24	UMA VIAGEM NAS MINHAS LEMBRANÇAS: CURIOSIDADES A FORMAÇÕES....	230
	<i>Neiva Daiane Cordeiro Gomes</i>	
25	AS BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA: RECORDAÇÕES DE MINHA HISTÓRIA...	239
	<i>Raylane Pacheco da Silva</i>	
26	A LITERATURA INFANTIL COMO PARTE DA MINHA HISTÓRIA E FORMAÇÃO LEITORA	248
	<i>Raylene Pacheco da Silva</i>	
27	A LUDICIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM RESGATE DE VIVÊNCIAS....	258
	<i>Rození Ferreira dos Santos</i>	
28	A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO EM MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	264
	<i>Vilani da Guia Barbosa</i>	

II SEÇÃO
MEMÓRIAS LÚDICAS E A DOCÊNCIA

29	A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NAS DIVERSAS FASES DA VIDA.....	275
	<i>Aldenira Canuto de Holanda</i>	

30	ALICE NO PAÍS DA EDUCAÇÃO.....	283
	<i>Alice Santo de Assis</i>	
31	LUDICIDADE NA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	290
	<i>Allyne Irineu de Holanda Lima</i>	
32	CONTRIBUIÇÕES DAS BRINCADEIRAS E VIVÊNCIAS LÚDICAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E EM EDUCADORA EM SAÚDE	299
	<i>Ana Paula da Silva Oliveira</i>	
33	TECENDO MINHA CULTURA LÚDICA	311
	<i>Arlene Tomé de Sousa Guia</i>	
34	A ARTE DE ENSINAR: UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU COM O FAZ DE CONTA...320	
	<i>Artenísia Bezerra Corpe</i>	
35	AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA MINHA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL	330
	<i>Benedita Gomes da Silva</i>	
36	O LÚDICO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	339
	<i>Claudiane Alencar Gomes</i>	
37	RECORDANDO E BRINCANDO COM O TEMPO: ALEGRIAS DO PASSADO BEM VIVAS NO PRESENTE.....	350
	<i>Cynthia Fontenele Luz</i>	
38	A LUDICIDADE COMO MEIO DE CONSTITUIÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	359
	<i>Dara dos Santos Nascimento</i>	
39	VIVÊNCIAS DA MINHA INFÂNCIA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR.....	368
	<i>Gercia Maria Moura Sousa</i>	
40	A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E EDUCACIONAL	377
	<i>Hirma Maria Albuquerque Santos Forte</i>	
41	UMA VIAGEM ÀS RECORDAÇÕES DE VIVÊNCIAS LÚDICAS	385
	<i>Jamille de Sousa Neco</i>	
42	NO EMBALO DE MEMÓRIAS: O LÚDICO EM MINHA TRAJETÓRIA	394
	<i>Jordânia Martins Santos</i>	
43	CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA DOCENTE LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	403
	<i>Joscilene Alves de Sousa</i>	
44	A BRINCADEIRA REAL.....	413
	<i>Lidian Marques Felício Barbosa</i>	
45	A MEMÓRIA COMO FONTE DE RESGATE DAS VIVÊNCIAS LÚDICAS.....	422
	<i>Lara Crisley Alves Domingues</i>	
46	OS CAMINHOS DA INFÂNCIA ENTRELAÇADOS ÀS VIVÊNCIAS LÚDICAS	430
	<i>Marcos Rique Cunha Coelho</i>	

47	RECORDANDO MEMÓRIAS: UMA HISTÓRIA DE SUBIDAS E DESCIDAS, ESCALANDO DUNAS E CONTEMPLANDO MARES	438
	<i>Maria Alrenice Guia de Sousa</i>	
48	AS LINHAS E ENTRELINHAS DA LUDICIDADE NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	446
	<i>Maria Diva Neco</i>	
49	A MÚSICA ENQUANTO ATIVIDADE LÚDICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PERCURSO DE MINHA FORMAÇÃO: REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS ...	455
	<i>Maria Edilene dos Santos Alexandre</i>	
50	CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA A MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	465
	<i>Maria Liliane Sousa Rodrigues</i>	
51	EXPERIÊNCIAS LÚDICAS E A TEORIA CONSTRUTIVISTA NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	471
	<i>Maria Rosângela de Sousa Marques</i>	
52	O GRANDE TESOURO DA APRENDIZAGEM NA AVENTURA DO CONHECIMENTO.....	480
	<i>Maria Rosilene Teixeira Borges</i>	
53	AS MEMÓRIAS SOBRE O BRINCAR NA INFÂNCIA E AS PRÁTICAS LÚDICAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA.....	488
	<i>Marília Forte Irineu dos Santos</i>	
54	O LÚDICO NO MEU EU	495
	<i>Nara Felícia Neves Dias</i>	
55	AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL DO DOCENTE: RESGATANDO MEMÓRIAS.....	502
	<i>Nirla do Nascimento Barbosa</i>	
56	CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA A MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	512
	<i>Nirley Mara Lavor Teixeira</i>	
57	A LUDICIDADE E A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS QUE ENTRELAÇAM.....	522
	<i>Sávia Cristina Lopes Marinho</i>	
58	O LÚDICO E A SAGA DE UM HERÓI	531
	<i>Silvana Ramos de Assis Freitas</i>	
59	ENTRE LETRAS E BRINQUEDOS: CAMINHOS DA MINHA EXPERIMENTAÇÃO COM O LÚDICO	541
	<i>Valnice Luiza Castro do Nascimento</i>	
60	NA CIRANDA DA VIDA GUARDO UM CARROSSEL DE RECORDAÇÕES	551
	<i>Veronica Cléa Couto</i>	

PREFÁCIO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/pr>

BERNADETE DE SOUZA PORTO

Professora da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Doutora em Educação pela UFC e pós-doutora pela Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE). Pró-Reitora de Extensão da UFC.
E-mail: bernadete.porto@ufc.br

A teimosia extensionista

Todo conhecimento começa com o sonho. / O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, / em busca da terra sonhada. / Mas sonhar é coisa que não se ensina. / Brota das profundezas do corpo, / Como a água brota das profundezas da terra. / Como mestre, só posso então lhe dizer uma coisa: / 'Conte-me os seus sonhos para que sonhemos juntos' (Rubem Alves).

Ser convidada para prefaciar este livro me trouxe honra e gratidão. Primeiro, porque é um livro que nasce de um projeto de extensão na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Depois, por ser uma organização do professor Francisco Mirtiel Castro, professor da Facedi, e abordar a formação lúdica docente daquelas e daqueles docentes que atenderam ao seu chamado ao desenvolvimento profissional alicerçados/as em práticas lúdicas. Acredito que a memória registrada em cada capítulo nos é capaz de instigar sobre a importância do brincar na educação das crianças e de seus, das suas professoras. E, por fim, por sua origem extensionista. Falo do curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, de 40 horas. Ele foi realiza-

do de outubro de 2020 a março de 2021. Ao todo, o curso abraçou 108 participantes, dentre docentes da Educação Básica, docentes da Educação Superior e discentes de licenciaturas.

Muito além da alegria de ver o brilhante trabalho de formação proposto e desenvolvido pelo professor Francisco Mirtiel, é hora de mostrar, por meio da memória, o fio indivisível do sentimento humanitário, a coletividade que há em cada um, em cada uma, de onde viemos e o sentido maior de nosso desenvolvimento.

A memória dos integrantes, relatadas por visões de práticas lúdicas, trouxe-me um laço invisível que uniu conhecimentos e alinhou fontes de sabedoria acumuladas na minha vida pessoal e profissional e do que alcanço, ao longo de 40 anos de magistério, sobre a importância da ludicidade no processo de crescimento da docência. É uma bagagem com sonhos de liberdade e inclusão para a cultura educacional, especialmente a acadêmica, nos verbos *freireanos* de “esperançar” e “possibilitar” a conscientização, vir a ser quem somos ou a “volta ao começo, ao fundo do fim”, como canta Nana Caymmi os versos de Gonzaguinha.

Essas memórias contam uma história múltipla, divergente, superdimensionada, ampliada e extensiva. Ouso dizer que integra um capítulo mais bonito da história da universidade, pois nos resgata a sua origem, partida pelos brinquedos e encontros que nos incluíam sentidos de presença, de presente, do nós que nos constitui e sobre o qual não temos controle, nem formulação, nem algoritmo.

Aqui, com muita seriedade, vejo a sistematização não só de um curso de extensão, mas a sistematização

de uma história, invenção de conhecimento. Individualmente, são histórias interessantes. Coletivamente, por nos permitir nos vermos como ação e representação do uno, universo, em nós. Sei que é difícil aprender que a origem não está em nós, muito menos o seu fim. Não há fim. É no outro que nos constituímos. É na sociedade que encontramos significado para o cotidiano acadêmico em toda a sua importância e distinção.

A teimosia extensionista vem perguntar: quem somos nós e o que estamos fazendo quando agimos profissionalmente? Traz outras questões de base, provocadoras, inquietantes: professoras para quê? Para quem? Para quando?

Nestes últimos anos, a obrigatoriedade da *extensionalização* dos currículos trouxe perguntas revolucionárias ao ensino: como se ensina fora da sala de aula? Há ensino fora da sala de aula? A *curricularização* da extensão diz da necessidade de interação (não qualquer interação, precisa ser dialógica) com outros saberes. É dela que se faz a incorporação dos princípios da tarefa investigativa, necessária para a dialogia, a entrega, o ensinar e o aprender pela extensão, com a comunidade.

É assim que vejo os resultados do ensino de Mirtiel neste projeto “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”: um ensino diferente do costumeiro, além da investigação (muitos não sabem e outros não reconhecem que extensão é pesquisa), é magistério que aponta a importância do erro e da dúvida, que contextualiza, obrigatoriamente, todo o conhecimento democratizado, criado, aprendido, pois ele precisa ser abordado em sua localização histórica de sua produção e ser visto e reconhecido como provisório e relativo. Da mes-

ma maneira, por suas características de interdisciplinaridade, valoriza a curiosidade, a divergência, não busca a convergência e o certo, mas se faz prática educativa analítica, que se revolta e se revira em si, em busca do todo, que nunca encontra.

Acredito no conhecimento que nasce da vida, na nossa capacidade de crescimento a partir da descoberta, da ação criadora do trabalho, manifestações que atualmente se fazem distantes das instituições de ensino, principalmente das públicas. Entendo que somente uma educação que parta de uma visão de sociedade e pedagogia críticas é capaz de se interessar em descobrir que elementos ainda faltam à escola para que ela seja uma aliada das crianças, dos estudantes e demais sujeitos que ali se dispuserem a crescer e conhecer. Foi esta mensagem que aprendi a ler no livro: da possibilidade, da luta por um mundo melhor, por uma educação de qualidade, pela compreensão da infância e do papel que a brincadeira tem para que permitamos a infância.



APRESENTAÇÃO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/ap>

FRANCISCO MIRTIEL FRANKSON MOURA CASTRO

Professor do setor de Metodologia e Pesquisa em Educação do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação pela UECE. Professor colaborador do grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas). Coordenador do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), do Projeto de Iniciação Artística Núcleo de Atividades Artísticas, Lúdicas e Dialógicas na Escola (Naalde), do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) Pedagogia da Facedi/UECE (2024-2026).

E-mail: mirtielfrankson@gmail.com

Memorial de formação: contexto de diferentes reflexões e aprendizagens pessoais e profissionais



exercício de refletir e de escrever sobre o que foi transcorrido em nossa vida se expressa como um movimento de revisitar as “gavetas de nossas memórias”. Esse momento se apresenta como um cenário em que se brinca e se emociona com as lembranças. É um contexto em que se materializam emoções que marcaram as experiências e trajetórias vividas, instigando e brincando com os sonhos, estando de pernas para o ar e até batendo pernas para o ar, pois, como questiona Rubem Alves (2004, p. 42): “Haverá coisa mais divertida que bagunçar o mundo arrumado em que vivemos?”. A produção de um memorial nos possibilita isso, reviver o que passou, mas que poderá estar guardado nas memórias do coração. Esta bagunça se expressa de muitas formas, inclusive na reflexão e na escrita sobre si, tarefa essa com tantos sentidos e significados, que expressa emoções e alegrias, que pode até causar o choro.

Ao eleger como centro de reflexão o que foi imediatamente exposto, nasce o livro *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*, que é composto por uma coletânea de 60 capítulos elaborados

por discentes de licenciatura com maior expressividade do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e professores(as) que lecionam em destaque na educação básica e na rede pública de ensino de Itapipoca (Ceará), um sonho compartilhado com tantas e lindas histórias, com diferentes trajetórias, cercado de muitas emoções.

A Facedi está situada na região norte do estado do Ceará e atende em seus quatro cursos (Pedagogia, Ciências Biológicas, Química e Ciências Sociais) a discentes provenientes de vários municípios, em destaque Amonatada, Itapipoca, Itarema, Trairi, Tururu, Umirim, Miráíma, Itapajé e Uruburetama, municípios que de algum modo colaboram com o trabalho realizado pela referida faculdade, como, por exemplo, com o apoio referente ao transporte de discentes ou recebendo os alunos em suas respectivas redes de ensino na realização de atividades formativas, tais como Estágio Supervisionado, pesquisa monográfica, dentre outras.

É de interesse da instituição fortalecer ainda mais os vínculos e inter-relações com todas as Secretarias de Educação e instituições de ensino desses municípios, porque se compreende que essa aproximação fortalece o que é desenvolvido e realizado no ensino superior e o que é consolidado no contexto das escolas, contribuindo e melhor desenvolvendo a formação dos(as) alunos(as) das licenciaturas, que, em contexto próximo, serão os(as) possíveis professores(as) da região, somando-se àqueles(as) estudantes de outras instituições de ensino superior. Dito isso, expõe-se o quanto são positivas, por exemplo, as atividades de extensão e dos programas governamentais, tais como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação

à Docência (Pibid), para consolidar essa maior inter-relação entre Universidade e Escola, compartilhando saberes e conhecimentos diversos que são relevantes para a profissionalização dos(as) estudantes de licenciatura e dos(as) professores(as) que estão em exercício da docência.

Desse modo, cabe salientar que os capítulos que compõem o livro, os quais são denominados de memoriais de formação docente lúdica, foram elaborados em uma ação de extensão que fez parte de uma atividade de conclusão de um curso realizado entre outubro de 2020 e março de 2021, denominado “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, com carga horária de 40 horas, que foi vinculado ao projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), ambos sob a minha coordenação e com vinculação e reconhecimento da Pró-Reitoria de Extensão da UECE.

Além de integrantes do Nedimpe, há autores(as) dos capítulos que fizeram ou fazem parte do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) Alfabetização (2020-2022) e do Projeto de Iniciação Artística Nedimpe – Teatro com Fantoches, que, posteriormente, subsidiou a elaboração do atual projeto de iniciação artística denominado Núcleo de Atividades Artísticas, Lúdicas e Dialógicas na Escola (Naalde), os quais foram ou são desenvolvidos sob a minha coordenação. Os(As) autores(as) partilham em seus textos sentimentos e experiências decorrentes desses projetos, ponto que merece destaque.

É oportuno salientar que o compartilhamento de experiências, de conhecimentos e de saberes dos(as) in-

tegrantes desses diferentes projetos, alunos(as) de licenciatura (alguns/mas bolsistas) e professores(as) da educação básica, foi fundamental para a consolidação das diferentes aprendizagens nas ações e desenvolvimento das etapas do curso de extensão.

Os capítulos do livro foram produzidos entre outubro de 2020 e março de 2021, ou seja, os fatos narrados nos textos têm como referência o que foi vivido até esse período pelos(as) autores(as) e que foi escolhido para ser posto no memorial, dado que foi predeterminado um limite máximo de laudas para cada capítulo, incluindo as referências e título. Há informações que evidenciam um marco histórico dos(as) autores(as). Os textos não são desatualizados, pelo contrário, evidenciam e caracterizam um determinado momento e espaço da realidade dos(as) autores(as).

O livro é organizado em duas seções. A primeira seção, intitulada “Memórias lúdicas e a formação inicial docente”, tem 28 capítulos produzidos por alunos(as) de licenciatura, que expressam muitos relatos de aspectos do momento vivido no percurso e no curso da formação inicial. Vários(as) desses(as) autores(as) já concluíram os seus cursos de licenciatura e estão atuando em redes públicas de ensino da região norte do estado do Ceará, com predomínio no município de Itapipoca. A segunda seção é denominada “Memórias lúdicas e a docência”, composta por 32 capítulos produzidos em destaque por professores(as) da educação básica que relataram diferentes aspectos de suas memórias, desde a infância até a vida adulta, ganhando destaque nos textos o enfoque aos aspectos da docência.

Em continuidade, nota-se que a elaboração de um memorial se expressa com a busca de consolidar uma

prática formativa materializada na prática reflexiva, visto que:

A institucionalização do memorial de formação, como prática reflexiva, na formação de professores, criou uma situação completamente nova: formar formadores para a delicada tarefa de ajudar os professores na elaboração de suas histórias de vida profissional, apresentadas como trabalho de final de curso (Souza; Abrahão, 2006, p. 203).

Pondera-se que o referido curso de extensão foi realizado de modo remoto e em um cenário nacional e internacional bastante complexo, instigador de várias reflexões, dado que era o contexto da pandemia causada pela Covid 19, que foi iniciada no Brasil em março de 2020, o que exigiu da população o isolamento e o distanciamento social. Em função disso, naquele momento da história da educação do Brasil, as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão nas universidades, de modo semelhante às ações das escolas, passaram a ser realizadas nesse formato. Em função disso, foi proposto e criado este curso de 40 horas como uma ação das ações de extensão do Nedimpe, projeto esse que foi criado desde 2018 na UECE.

O contexto de realização do curso e de escrita do memorial foi bastante complexo e desafiador, dado que aprender a lidar com a pandemia já era um desafio, que repercutiu de diferentes modos sobre aspectos pessoais e profissionais da população não somente do Brasil. De outro modo, a escrita do memorial se expressou como uma possibilidade consolidada de reflexão sobre a vida em um aspecto central, que é a formação lúdica, tomando como centralidade a trajetória do vivido e como essa

dimensão dialoga com a formação lúdica. Há que ser considerado que se defende e se propaga:

[...] a recuperação das dimensões lúdica e estética, como forma de reinventar a escola, não apenas como um lugar de aprendizagem, mas também como lugar de vida e de atendimento às diversidades (D'Ávila, 2013, p. 104).

Com efeito, como atividade formativa dos concluintes do curso, além de ter frequência de no mínimo 75% de presença e envolvimento com as atividades programadas, solicitou-se aos participantes a elaboração de um memorial de formação lúdica, fundamentado em autores que contribuíram com as análises e reflexões dos encontros formativos do curso, de modo que esses fundamentos teóricos dialogassem com os fatos descritos pelos(as) participantes do curso, que receberam orientações para a elaboração do memorial. Assim, compreende-se que:

O relato da própria história de vida no memorial de formação não é uma produção solitária, há um processo de acompanhamento, de parceria entre o autor do memorial e a professora-formadora, que assume o papel de mediador dessa escrita. Essa narrativa é também uma construção coletiva, que conta com a participação dos integrantes do grupo de discentes, que compartilham suas narrativas e colaboram uns com os outros na reflexão das experiências de vida, na tomada de consciência de sua forma de pensar, de seus saberes, de sua história e das possibilidades futuras perante a profissão (Nacarato, 2018, p. 181).

A produção de memoriais pode ser situada e consolidada como uma prática a ser desenvolvida também no contexto escolar, não somente por professores(as), mas também por discentes. O memorial é um espaço

de aprendizagem de vários conhecimentos e saberes relevantes para a constituição de muitas aprendizagens, inclusive sobre o trabalho desenvolvido na escola, sobre as aprendizagens consolidadas em sala de aula, sobre as atividades lúdicas, sobre a trajetória formativa no âmbito escolar e sobre os diferentes enfoques formativos. A escrita de memoriais de formação, tanto para docentes como para discentes, caracteriza-se como contexto oportuno de respeito ao saber do outro, dos educandos, como defende Freire (2020), bem como dos docentes, considerando suas realidades, experiências e trajetórias formativas.

Em adição, concluíram o curso e foram certificados 108 participantes, com o perfil formativo e profissional já mencionado. Mediante a análise da relevância do próprio processo de formação no contexto de elaboração dos memoriais, pode-se evidenciar a contribuição reflexiva e formativa da escrita do texto, porque esse momento se evidenciou também como um espaço de reflexão sobre a história de vida, relembrando diferentes fases de suas vidas, desde a infância até a fase adulta. Nessa perspectiva, propôs-se a elaboração de um livro com os memoriais, em que 60 autores(as), entre os(as) 108 concludentes do curso, mostraram interesse e quiseram fazer parte da obra, divulgando seus memoriais nesta coletânea, os quais compõem e se entrelaçam neste livro, que é um sonho coletivo.

É relevante considerar que “A memória faz de nós aquilo que somos e podemos vir a ser, pois cada lembrança recordada ou esquecida faz com que sejamos sujeitos únicos” (Sousa; Salgado, 2015, p. 142). E a proposta do memorial foi justamente essa, instigar que os(as)

autores(as) realizassem o exercício de recordar alguns aspectos de suas trajetórias de vida, com expressividade para as memórias lúdicas, buscando situar como tais memórias repercutiram em suas trajetórias formativas nos aspectos de ordem pessoal e profissional.

O que foi supracitado se legitima na compreensão de que:

[...] cada memorial desenha formas particulares de buscas de si mesmo, singulariza as transformações sofridas, subjetiviza a construção de temporalidades, enraizando diferentemente o presente no passado para projetar o futuro em devir (Souza; Abrahão, 2006, p. 216).

Frente a isso, todos os memoriais produzidos no curso e publicados neste livro, não somente por serem aspectos e descrições de trechos de suas histórias de vida que os fazem singulares, mas, principalmente, pelos sentidos e significados atribuídos para as suas experiências de vida, enfocam aprendizagens dos(as) autores(as), e isso torna cada memorial singular, para além da descrição de fatos e dos acontecimentos expostos, tomando como referência os saberes lúdicos.

Em destaque, pontua-se que resgatar o passado se trata de um momento significativo na formação de uma pessoa. Lembranças carregam sentimentos que evocam o que há de mais simples e também o mais profundo de cada um/a. Esta dualidade representa o ser humano em sua essência: um ser composto de fragmentos. Alguns pedaços são mais leves, outros pesados, uns simétricos e há também os que não são perfeitos. Sendo assim, pedaço por pedaço, tais fragmentos ladrilham a história de cada pessoa e sua respectiva bagagem de vida.

Frente a isso, convido você a se aventurar a desbravar e compartilhar com outros(as) professores(as) e alunos(as) de licenciatura a leitura e os conhecimentos das trajetórias de vida dos(as) autores(as) que compõem esta obra, sempre com o exercício e a prática reflexiva em aprender com outras pessoas, tendo como referência suas memórias e trajetórias. Desse modo, evidencia-se que o memorial de formação se expressa como um contexto de diferentes reflexões e aprendizagens pessoais e profissionais não somente para quem o produz, mas também para os(as) leitores(as) do texto, uma vez que as experiências e as aprendizagens dos(as) outros(as) podem instigar o(a) leitor(a) a querer compreender e refletir sobre a sua vida, história e trajetória, instigando, inclusive, a prática de elaboração de seu próprio memorial.

Referências

ALVES, R. *Ao professor, com o meu carinho*. Campinas: Verus, 2004.

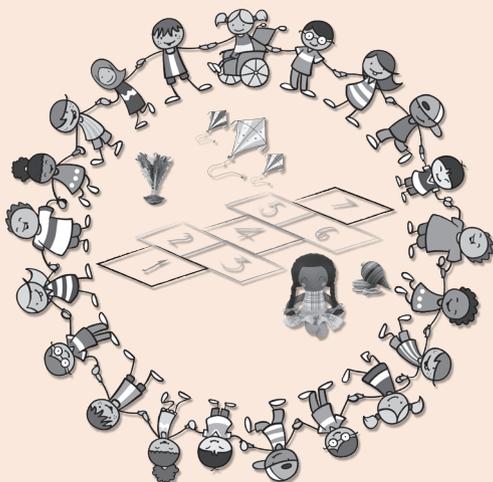
DÁVILA, C. M. (org.). *Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo*. 2. ed. Curitiba: CRV, 2013.

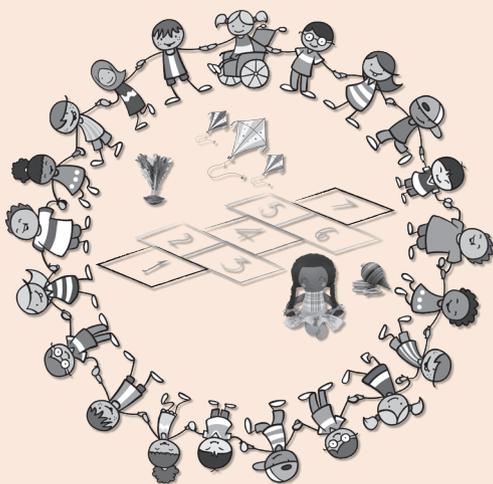
FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

NACARATO, A. M. (org.). *Pesquisa (com) narrativas: a produção de sentidos para experiências discentes e docentes*. São Paulo: Livraria da Física, 2018.

SOUSA, A. B.; SALGADO, T. D. M. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. *Revista Liberato*, Novo Hamburgo, v. 16, n. 26, p. 101-220, 2015.

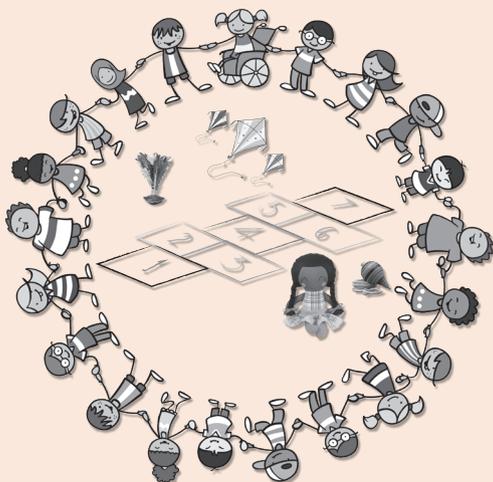
SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. (org.). *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: PUCRS, 2006.





I SEÇÃO

MEMÓRIAS LÚDICAS E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE



1 LUDICIDADE EM MINHA VIDA: UM TRAÇO DA MINHA HISTÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap1>

ADRIANA TEIXEIRA PIRES

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad).

E-mail: adriana.pires1098@gmail.com



As experiências lúdicas são traços marcantes que nos constituem e que movimentam as engrenagens da imaginação, transportando-nos para lugares simbólicos, de valor afetivo que alimentam nossa trajetória de vida. Friedmann (2012, p. 45) afirma que: “[...] por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento”. Em cada fase da vida, experimentamos diversas situações que vão construindo saberes únicos e diversificados em nossa história. Desse modo:

Aventuro-me a ir ao encontro dos que são motivo dessa perplexidade. Adentro à singeleza das escolas e descubro lá novas hipóteses de teoria. Olhares mais penetrantes, mentes mais predispostas – tudo a ser feito, tudo a ser construído – maravilhosa utopia de quem crê que a vida, como a educação, pode-se fazer como arte – construtora de um amanhã mais pleno, mais realizado e mais feliz (Fazenda, 1995, p. 14).

As vivências escolares que constituem nossa trajetória de vida são configuradas por momentos coletivos e individuais de aprendizagem, que vão constituindo nossa identidade social e individual. Na escola particular em que cursei até os anos finais do ensino fundamental, localizada na cidade de Itapipoca, Ceará (CE), especificamente, no jardim I e II (atual educação infantil), o meu contato com jogos, brinquedos e brincadeiras era

constante. As lembranças das brincadeiras com os colequinhas e os brinquedos dispostos pela sala criavam um ambiente acolhedor e significativo. Assim, a infância é um período marcado comumente por vivências lúdicas e

[...] o brinquedo e a brincadeira são constitutivos da infância. A brincadeira é para a criança um dos principais meios de expressão que possibilita a investigação e a aprendizagem sobre as pessoas e o mundo. Valorizar o brincar significa oferecer espaços e brinquedos que favoreçam a brincadeira como atividade que ocupa o maior espaço de tempo na infância [...] (Brasil, 2012, p. 7).

Na alfabetização (atual 1º ano do ensino fundamental), as atividades lúdicas eram muito presentes, desenhos, pinturas, colagens, brinquedos diversificados pela sala, em cada espaço havia uma decoração diferenciada, paredes pintadas com cores claras e desenhos coloridos, móveis adaptados ao nosso tamanho, no qual colocávamos nossos materiais. Ao término das explicações e atividades, dirigíamo-nos aos brinquedos presentes na sala, havendo uma casinha colorida repleta de brinquedos que despertavam nossa imaginação e um escorregador também colorido em que adorávamos brincar. Em um brinquedo por vez, deleitávamo-nos em tamanha diversão. Desse modo,

É necessário, então, aproveitar essa riqueza de interesses e preparar o ambiente de modo que haja espaços para a ocorrência de brincadeiras imaginárias e a expressão da individualidade. Um espaço estruturado, com mobiliário, brinquedos e materiais compatíveis com os temas das brincadeiras e enriquecido com a interação da professora, proporciona maior qualidade ao brincar (Brasil, 2012, p. 95).

Atividades na área externa eram muito comuns; éramos conduzidos em filinhas (lembrando um trenzinho) até a quadra, em que a professora ensinava hábitos de higiene pessoal, como lavar as mãos adequadamente antes e após as refeições e nas visitas ao banheiro. Após o lanche, a professora nos ensinava a escovar os dentes da forma correta, e assim fazíamos. Quando retornávamos à sala de aula, organizávamos nossos materiais de uso individual (escova, creme dental, avental, copo, paninho) nas estantes apropriadas e realizávamos outras atividades. Assim,

[...] as experiências mediadas que focam a saúde e o bem-estar também estão relacionadas com a disposição e o planejamento do uso do espaço no edifício escolar bem como com as diversas opções de atividades para as crianças (Brasil, 2012, p. 40).

As atividades propostas na escola eram muito proveitosas; além de pinturas, colagens e desenhos, havia também contação de histórias. Lembro-me de um episódio em sala (na turma de alfabetização) em que a professora estava explicando o alfabeto no quadro de giz e, a cada letra mencionada, ela contava uma história diferente. Essas histórias nos faziam viajar no mundo das letras, o que ajudava bastante na assimilação de conhecimentos. Dessa forma,

[...] o ato de contar envolve não só o contador como também seu(s) ouvinte(s) em um ritual meio mágico, em um poderoso pacto de interlocução. Esse pacto, além de possibilitar a recuperação social das vivências, permite também transformá-las, pois, ao serem contadas, elas se tornam linguagem: gestos, sons, letras, desenhos... Assim, embora os modos de contar histórias possam variar em diferentes épocas e sociedades, permanece o fundamental, que é narrar

uma sucessão de acontecimentos reais e/ou inventados (Paiva; Paulino; Passos, 2006, p. 42).

No recreio escolar, as mais diversas brincadeiras eram formadas; reuníamos-nos com os colegas para discutir a brincadeira da vez. Os dois escorregadores próximos à quadra esportiva eram a diversão absoluta, produzidos em madeira e coloridos; neles havia dois balanços (um no lado esquerdo e outro no lado direito). Os escorregadores eram sempre muito requisitados; adorávamos nos reunir em torno deles para brincar e também para conversar. Por serem localizados na área externa, eram maiores do que o existente na sala de aula e imaginávamos que estávamos na torre de um lindo castelo.

O ambiente escolar era bastante arborizado e acolhedor, propício às mais diversas brincadeiras. No colégio, havia três almoxarifados, um dos quais instigava muito a nossa imaginação. Era uma sala escura com diversos objetos abandonados, parecendo algo misterioso e assustador; a porta tinha algumas fendas pelas quais passavam alguns raios de luz; por vezes, o vento tocava a porta, balançando-a levemente. Acreditávamos que lá existiam seres aprisionados, que forçavam a porta em busca de liberdade e, com o receio de também nos tornarmos prisioneiros, ao toque leve da porta, corríamos para a sala de aula, o nosso refúgio. Logo,

[...] a imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação [...] (Vygotski, 1991, p. 62).

Na escola, em datas comemorativas, havia regularmente celebrações, em que os alunos eram convidados a participar das apresentações, assim:

Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância (Brasil, 2012, p. 17).

Dentre os momentos festivos dos quais participei, gosto de recordar as Festas Juninas e o Dia das Mães. As Festas Juninas eram muito animadas; quando chegava o período dos ensaios, a criançada saía em busca de um par, assim participando ativamente do festejo. No Dia das Mães, as homenagens eram emocionantes, havendo apresentações de dança, leitura de lindas mensagens, dentre outras demonstrações cativantes.

No bairro em que moro, localizado na cidade de Itapipoca/CE, as crianças adoravam brincar na rua. Chamávamos os amigos para combinar numerosas brincadeiras, como esconde-esconde, pega-pega, pular corda, amarelinha, bandeira. Quando a temporada dos ventos se aproximava, os meninos construía suas pipas e reuniam os amigos para empiná-las; era um espetáculo no céu. No inverno, evidenciava-se a brincadeira com bolinhas de gude; as crianças se reuniam para brincar, faziam coleções (uma mais variada que a outra), de diversos tamanhos e materiais; era muito divertido. Nessa perspectiva, Friedmann (2012, p. 44) comenta que:

[...] os indivíduos precisam construir sua própria personalidade e inteligência. Tanto o conhecimento quanto o senso moral são elaborados pelas crianças em interação com o meio físico e social, passando por um processo de desenvolvimento.

As brincadeiras sempre despertaram a minha atenção. Eu e as minhas amigas adorávamos brincar de casinha, fazer comidinhas e cuidar das bonecas. No Dia das Crianças, era uma festa, pois ganhávamos novos brinquedos e nos reuníamos para brincar. Gostava muito de brincar com bonecas, imaginava diversas situações e mergulhava na brincadeira. Certa vez, ganhei um quadro de giz, então reunia as minhas bonecas e começava a ensiná-las o que eu já havia aprendido na escola. Assim,

No brinquedo, a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados; entretanto, uma contradição muito interessante surge, uma vez que, no brinquedo, ela inclui, também, ações reais e objetos reais. Isto caracteriza a natureza de transição da atividade do brinquedo: é um estágio entre as restrições puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto, que pode ser totalmente desvinculado de situações reais (Vygotski, 1991, p. 66).

Na universidade, as experiências acadêmicas em grupos de estudos, palestras, oficinas, exposições, apresentações artísticas, momentos dinâmicos em sala de aula e festividades em determinados períodos do ano marcam um ciclo de vivências que condicionam uma formação docente, pautada na construção de conhecimentos profícuos, necessários na condução de uma prática profissional efetiva e congruente, assim como

[...] é de fundamental importância compreender que a formação do professor começa antes mesmo de sua formação acadêmica e prossegue durante toda a sua atividade profissional. Neste contexto, deve ser lembrado que o futuro professor já chega aos cursos de formação profissional com imagens introjetadas

sobre a função da escola e da educação e sobre o papel do professor. Assim, os estudos sobre a formação de professores devem aliar as experiências acadêmicas e profissionais dos docentes com suas experiências pessoais, no sentido de captar como vão sendo construídos valores e atitudes em relação à profissão e à educação em geral (Santos, 1995, p. 25-26).

O Cantos e Contos é um evento junino organizado anualmente pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), localizada no município de Itapipoca/CE. É uma festa apreciada tanto pelo público acadêmico como também pelo público externo, devido a sua composição de atrações diversificadas. No ano de 2019, por exemplo, organizaram a casa temática, com a recitação de diversas histórias em um ambiente adornado e convidativo. O evento contou com uma maravilhosa decoração, bem ornamentada para registros fotográficos, comidas típicas, apresentações ao redor do fogo, danças e narração de histórias juninas, além das tradicionais quadrilhas, integradas por equipes profissionais convidadas pela instituição e também por amadoras, levando o público aos deleites da dança.

A oficina de produção de fantoches, organizada pela equipe do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), foi um momento proveitoso de produção artística, apresentando fantoches de diversos tamanhos, cores e materiais com um toque especial de cada discente. A mediadora da oficina, uma artesã de talento singular, proporcionou valiosas dicas de produção e expôs algumas obras, como lindas bonecas de pano e fantoches variados, que instigaram a nossa imaginação. Utilizamos materiais reci-

cláveis e de fácil acesso, como pedaços de pano, garrafas plásticas, tesoura, cola, EVA, cartolina e canetas coloridas. Os fantoches produzidos foram encaminhados para uma escola pública do município de Itapipoca/CE, com finalidades pedagógicas e usufruto dos discentes.

Referências

BRASIL. *Brinquedos e brincadeiras de creches*: Manual de Orientação Pedagógica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2012.

FAZENDA, I. C. A. Sobre a arte ou a estética do ato de pesquisar na educação. *In*: FAZENDA, I. C. A. (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1995. p. 11-16.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

PAIVA, A.; PAULINO, G.; PASSOS, M. Como trabalhar o texto literário na sala de aula?. *In*: PAIVA, A.; PAULINO, G.; PASSOS, M. (org.). *Literatura e leitura literária na formação escolar*: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006. p. 33-58.

SANTOS, L. L. C. P. Formação do professor e pedagogia crítica. *In*: FAZENDA, I. C. A. (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1995. p. 17-28.

VYGOTSKI, L. S. Implicações educacionais. *In*: COLE, M.; JOHN-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (org.). *A formação social da mente*. Tradução de José Cippolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 4. ed. Revisão da Tradução Monica Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 41-80.

2 MINHAS MEMÓRIAS: O LÚDICO EM MINHA TRAJETÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap2>

ANA KARINE COSTA DE FREITAS

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de 2020 a 2022. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisa em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe), ambos desenvolvidos no *campus* da Facedi.
E-mail: karinnafreitas321@gmail.com

[...] Porque não gosto que leiam meu livro superficialmente. Eu me sinto tão triste ao contar essas lembranças! Já faz seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não quero esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo tem amigo. E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números (Saint-Exupéry, 2015, p. 18).

Retornar ao passado por meio das memórias é um exercício que auxilia o autoconhecimento e o sentimento de nostalgia vem à tona nesse processo de recordar. As memórias da infância sempre estiveram presentes no seio familiar, onde as “mães corujas” amam gabar-se e mimar os filhos relembando seus feitos e contando a todos suas peripécias. Das recordações que minha mãe me introduziu – memórias dela que agora são minhas também –, lembro-me dos nomes dos amigos imaginários e das primeiras letras que copieei; com essa “fusão” de memórias, percebo que sempre fui uma criança com a imaginação fértil.

Uma família grande e com poucos recursos financeiros não permite que as crianças possam adquirir muitos brinquedos, mas isso não quer dizer que elas não possam construir seus próprios. Sempre fui a filha apegada aos livros; enquanto as irmãs mais novas iam brincar

no riacho com suas panelinhas de barro, ficava viajando pelo século XIX na rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, pela França de Victor Hugo, pelo sertão castigado de 1915, ou ainda pelo País das Maravilhas, onde vivi belas aventuras com Alice. Gosto de pensar que nunca deixei a alma leitora que me habita morrer por completo; ela adormeceu, não posso negar, mas morrer, não.

Além das recordações dos livros, que são inúmeras, acredito ter desenvolvido uma memória fotográfica e, por sorte, consigo guardar muitas lembranças da infância e das brincadeiras: no riacho, correndo de pés descalços pela estrada de terra, subindo nos cajueiros, escalando mangueiras para coletar mangas... Enfim, tantas recordações que busco resgatar constantemente para que eu não deixe a criança que vive em mim esmorecer; ativar tais memórias auxilia o reconhecimento do eu, reconhecimento que vai permear a minha profissão e que também completa a minha identidade docente. Em complemento, Almeida (2014, p. 5) afirma que:

[...] o brincar está longe de ser simplesmente um passatempo, ele é uma atividade primordial na vida humana. O brincar possibilita que ela assimile e faça confrontações com o mundo em que vivemos.

Nesta visão, o brincar ganha destaque, uma vez que facilita o desenvolvimento das crianças, quando podem aprender sobre si e sobre os outros.

As narrativas da infância e das brincadeiras proporcionam a reflexão da notável influência da ludicidade em nossas vidas, nesse sentido, “[...] o brincar constitui-se em um sistema que integra a vida social dos indivíduos e faz parte do patrimônio lúdico-cultural, traduzindo valores, costumes, formas de pensamento e ensinamentos”

(Jurdi; Silva; Liberman, 2018, p. 604), em que a criança/aluno pode desenvolver-se em suas potencialidades; o lúdico permite inúmeras aprendizagens.

Nesse sentido, aponto a socialização como uma das aprendizagens adquiridas através das brincadeiras. Por ser uma criança retraída, sempre me afastei das outras crianças, porém nos intervalos sempre brincávamos todos juntos. Um acontecimento dos meus anos iniciais, na escola de educação básica José de Sousa Moura, no município de Itapipoca, Ceará (CE), lembro que o prédio da escola era um espaço muito pequeno, porém a área do entorno era ampla, com duas mangueiras onde sempre brincávamos de casinha nos intervalos; mesmo as crianças mais tímidas rendiam-se ao grande espaço de chão batido que havia em frente à escola. Exceto nesses momentos, as minhas experiências lúdicas nos anos iniciais são escassas. Recordo-me bem de professores que possuíam metodologias carregadas de atividades conteudistas e pouco espaço para trabalhar a autonomia e a criatividade. Uma metodologia lúdica e criativa pode modificar a interação dos alunos, a comunicação e o desenvolvimento, nesse aspecto:

[...] o brincar proporciona à criança uma autêntica relação com a sociedade na qual está inserida, podendo ela, dessa maneira, agir de forma consciente no mundo, reconhecendo-o e modificando-o de acordo com as suas necessidades (Domingues; Noronha, 2018, p. 137).

Recordo-me com mais ênfase das brincadeiras no intervalo em outra escola no fim dos anos iniciais, em que levávamos cordas elásticas para pular enquanto recitávamos as rimas que eram passadas de geração em

geração. Uma das brincadeiras mais simples – para mim, a mais divertida – chamava-se *os quatro cantos*, pois era uma criança com coordenação motora menos desenvolvida e todas as outras crianças me ajudavam para que pudesse participar da brincadeira.

Em casa, um dos momentos mais bonitos que guardo com carinho na lembrança eram os dias em que minhas irmãs e eu pedíamos ao nosso pai para contar histórias. Por sermos uma família grande, era muito divertido ver todos buscando um espaço na cama dos nossos pais, sem deixar os pés para fora enquanto ele cantava “a velha debaixo da cama”, que ele fazia com entonação grave na voz, para que ficássemos com medo. Os dias chuvosos também eram memoráveis ou nos momentos de apagão de energia elétrica que nos obrigavam a ir mais cedo para a cama.

A valorização do brincar e das experiências lúdicas deve ser mais frequente; ainda que sejam perceptíveis os avanços nessa área, existe uma predominância do uso de atividades conteudistas. Das recordações do ensino médio, destaco uma das mais prazerosas, em que nos foi dada liberdade para criar ou expressar, que consistiu em uma atividade da disciplina de Língua Portuguesa em que estávamos trabalhando as escolas literárias, mais especificamente o Naturalismo. A minha equipe ficou com o livro *As joias da coroa*, de Raul Pompeia; a professora deixou a turma livre para apresentar a temática a seu modo, então resolvemos fazer uma adaptação do livro. Convidei minha equipe para fazer uma encenação, sendo incumbida pela narração, além de elaborar o roteiro que o próprio grupo criou. Esse momento foi realmente transformador, afinal pude trabalhar em grupo, criando um roteiro em que, embora simples, os aplausos dos

demais colegas no fim da apresentação proporcionaram uma sensação melhor que a nota.

Modesto e Rubio (2014, p. 5) destacam que:

[...] O lúdico na sala de aula torna-se um espaço de re-elaboração do conhecimento vivencial e constituído com o grupo ou individualmente e a criança passa a ser a protagonista de sua história social, o sujeito da construção de sua identidade, buscando uma autoafirmação social, dando continuidade nas suas ações e atitudes, possibilitando o despertar para aprender. [...].

Nesse sentido, as atividades lúdicas possibilitam inúmeras aprendizagens, como desenvolver a consciência do real, o desenvolvimento cultural, a sociabilidade e a criatividade. Além disso, possuem um papel muito importante na superação das dificuldades de aprendizagem, pois o aluno aprende com mais facilidade quando há prazer pelo que está realizando.

O lúdico no ensino superior está voltado às minhas compreensões ao adquirir conhecimento acerca do tema, porém não imaginava que seria tão instigante aprender dessa maneira. Na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, presente no primeiro semestre, a turma foi convidada a construir jogos com materiais de sucata. Essa atividade já se revelou muito valorosa, além do prazer de construir o próprio material e apresentá-lo aos colegas, compartilhando a oportunidade de aprender com os jogos de todos.

No segundo semestre acadêmico, a disciplina Pesquisa Educacional foi a que mais se destacou, pois o professor trouxe muitas formas lúdicas e inovadoras de trabalhar o conteúdo, seja com os fantoches e também com a *sacola viajante*, quando se preparou um acervo com

inúmeros livros paradidáticos infantis. Cada semana, três acadêmicos escolhiam um livro e levavam na sacola; a partir da obra, elaborava-se um problema de pesquisa científico. Outra atividade cativante consistiu na confecção de um fanzine com a temática “Professor pesquisador e professor reflexivo”, em que todos os colegas se sentavam ao redor de uma mesa com muitos materiais para a produção do trabalho; essa atividade me despertou uma breve nostalgia, pois já havia feito algo parecido no ensino fundamental. Entretanto, o que torna especial é a conduta do professor ao trabalhar a disciplina, dado que em todas as aulas buscava elaborar algo novo para a turma sem jamais deixar a fundamentação de lado.

Em outro momento, participei do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), no ano de 2019, havendo a honra de aprender junto de colegas de outros semestres, outros cursos e até mesmo muitos profissionais de educação em atuação, com um formato que eu ainda não conhecia; em cada encontro, uma equipe ficava responsável por elaborar uma dinâmica, ou uma forma de trabalhar os textos selecionados com antecedência.

Já no Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologia de Pesquisa em Educação (Nedimpe), além da pesquisa de campo em uma escola da rede pública de ensino, ocorreram intervenções por meio de palestras e minicursos, momentos significativos que acrescentaram imensuravelmente à minha formação. Os membros também foram convidados a visitar a casa temática na Semana de Cantos e Contos, tradicional festividade da Facedi, havendo a contação de histórias realizadas pelos integrantes do Nedimpe. Inclusive, na minha primeira

participação no Cantos e Contos, contei a minha própria adaptação do famoso *Pequeno príncipe*, com recursos que eu mesma havia confeccionado. Assim, cada um desses momentos são importantes para a minha formação e me auxiliam a construir minha identidade docente, uma vez que:

[...] Temos de redescobrir o exercício da docência quando nos propomos a trabalhar com o universo da cultura lúdica, pois adentramos num caminho simbólico no qual as ações não são apenas expressões de necessidades orgânicas ou biológicas, elas traduzem linguagens, vontades, emoções. Redescobrimo a oportunidade de entusiasmar, de sonhar, de imaginar, de fantasiar, de saborear o riso no trabalho do encontro educativo (Melo, 2014, p. 114-115).

Mesmo que ainda em formação, é imprescindível que haja uma sensibilidade em internalizar esses conhecimentos acerca da prática. Diante das vivências significativas de aprendizagem que adquiri até o exato momento, posso descrever que evolui em cada atividade que me foi apresentada ou solicitada e a busca constante por mais aprendizados é o que torna um profissional distinto, inovador, que está sempre em visibilidade.

O lúdico esteve presente em toda a minha trajetória; as lembranças também foram um ponto crucial na minha evolução dentro do curso, manifestando-se em vários contextos da prática pedagógica; permitiu-me refletir e aprender que o profissional docente deve estar preparado para desenvolver trabalhos que auxiliem a aquisição de conhecimentos através dele. As narrativas de minhas recordações são o que mantêm o meu elo com o profissional que pretendo ser e a criança que não dese-

jo deixar para trás. O exercício da memória auxilia não somente na compreensão do eu, mas também permite enxergar a minha evolução e trazê-la para o sentido da identidade docente é indispensável, pois recordar a infância pode nos ajudar no constante diálogo de aprendizagem com as crianças com que vamos lidar.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. Brincar uma aprendizagem para vida. *In: ALMEIDA, M. T. P. (org.). **Brincar, amar e viver***. São Paulo: Storbem, 2014. p. 21-72.

DOMINGUES, C. M.; NORONHA, V. Criança: sujeito eu-brinquedo – representações da cultura lúdica na educação infantil. *Em Aberto*, Brasília, DF, v. 31, n. 102, p. 129-145, 2018.

JURDI, A. P. S.; SILVA, C. C. B.; LIBERMAN, F. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 22, n. 65, p. 603-608, 2018.

MELO, C. K. A sabedoria do brincar, uma experiência do viver. *In: ALMEIDA, M. T. P. (org.). **Brincar, amar e viver***. São Paulo: Storbem, 2014. p. 105-116.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2014.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Escala, 2015.

3 COMO ONDAS DO MAR

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap3>

ANA LOURDES DO VALE TEIXEIRA MOURA

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participa do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagens da Docência (Gepesad) e do Grupo de Estudo sobre Práticas de Letramento Literário e Educação de Crianças (Geplec). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) - Alfabetização. Atua como professora na educação infantil e é contadora de histórias na rede municipal de ensino de Itapipoca, Ceará.

E-mail: analourdes.vtm@gmail.com

D a minha primeira infância guardo pouquíssimas lembranças; na verdade, apenas alguns relances de memória, como se fossem alguns rabiscos. Hoje, voltando à memória, vejo que eu e minhas irmãs éramos rigidamente mantidas em casa, mesmo em uma pequena cidade do interior, não sei se devido a sermos quatro meninas que minha mãe teve em um espaço de cinco anos e, devido a essa questão, seria mais fácil e seguro manter-nos em casa, ou se por conta da rigidez em que o meu pai exigia que fôssemos mantidas. Não tenho tantos relatos de minha infância, ou talvez seja uma característica pessoal de não guardar histórias, mas somente detalhes, e uma em especial quero deixar registrada neste memorial.

A lembrança que eu tenho é de meu pai chegar à nossa casa após um dia cansativo de trabalho árduo, pois ele tinha um comércio, mas viajava muito comprando gado também. Lembro-me de uma sensação de ondas do mar (embora ainda não conhecesse o mar), mas era um subir e descer gostoso que eu tinha ao deitar em cima de sua barriga e ficar ali quietinha só ouvindo seu coração e sua respiração forte, pois sempre foi um homem muito grande, e eu – pequena – me encaixava perfeitamente no seu peito. Essa lembrança sempre me acompanhou. Como diz Silva (2010, p. 605), “[...] A recordação, como resgate do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem essa (re)atualização”.

Outra lembrança de minha infância até os 6 anos de vida era referente a duas vizinhas, naquela época chamadas de moças velhas, que moravam na casa do lado, uma casinha bem simples. Elas me adotaram como afilhada, então, na hora do almoço, seguia para a casa delas, pois preferia almoçar lá e, como filha caçula, tinha alguns privilégios. O que mais me encantava como criança é que, na hora do almoço, era colocada uma enorme esteira redonda de palha no chão, onde nós três sentávamos ao redor e comíamos um maravilhoso peixe cozido só com cheiro-verde e pimenta; na época, não tinha noção da receita, mas amava aquele caldinho branco; elas tiravam todas as espinhas do peixe para mim. Depois tinha uma redinha sempre limpinha para me balançar; chego a lembrar dos armadores de madeira. Fico maravilhada com os detalhes à medida que escrevo.

Nessa mesma casa, também me lembro de ter minhas primeiras aulas de alfabetização, em que minha madrinha “Fransquinha”, como era conhecida, ensinou-me também a ler antes mesmo de ir para a escola; ali tinha um cantinho especialmente reservado para meus estudos; se bem me lembro, era a única mesa da casa delas, e ali fui alfabetizada com muito carinho. Creio que isso foi fundamental para o meu desenvolvimento. Dali peguei o gosto pela leitura e queria ler tudo que me aparecia pela frente. Sei que era muito amada por elas; essa combinação de brincadeiras, carinho e ensino projeta-se na afirmação de Santos (2011, p. 9):

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal,

social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Tenho saudade daquelas duas senhoras. Mais tarde, fiquei sabendo que eram tia e sobrinha. Lembro que ficava tanto na casa delas que meu pai fez uma janela para que eu passasse da minha casa para a casa delas sem precisar ir para a rua. Recordo-me também desta época que minha mãe costumava fazer roupas combinando para mim e minhas irmãs, mas tinha um vestido e umas meias de crochê amarelas que minha mãe havia feito exclusivamente para mim, sempre de “maria-chiquinha” com coloridos laços de fita de cetim no cabelo.

Japiassu (1996, p. 178) define memória como:

Capacidade de reter um dado da experiência ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; considerada essencial para a constituição das experiências e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto, como uma capacidade de evocar o passado através do presente.

Com os livros, um dos primeiros contatos se sucedeu quando minha mãe comprou uma coleção lindíssima de clássicos infantis. Livros grandes, com capa dura de vermelho cintilante, e os efeitos 3D da época eram parte da magia, pois, ao mexer nos livros, as figuras mudavam de posição e se transformavam em outras. Entre as várias histórias, lembro-me muito bem de Cinderela, Branca de Neve e os contos dos irmãos Grimm, mas especialmente me lembro das aventuras que vivia nas viagens que fazia

no barquinho do Soldadinho de Chumbo. Sobre essas experiências, Bacelar (2009, p. 55, grifo do autor) relata:

[...] quanto mais as crianças puderem vivenciar atividades que possibilitem a expressividade da sua afetividade, quanto mais elas puderem ser acolhidas na sua espontaneidade e compreendidas na sua comunicação psicocorporal, tanto mais elas poderão entrar em contato com a ludicidade. Deste modo, estaremos contribuindo para o desenvolvimento integrado do *ser*, que *convive* e *conhece* o mundo e *tem* muito do que precisa para ser feliz: pensamento próprio e criativo; sentimentos sinceros e de autoconfiança; conhecimento de si mesmo e autonomia para dirigir a sua caminhada na vida pautada em respeito, colaboração e confiança.

Com efeito, em janeiro de 1980, mudamo-nos de Miraíma para Itapipoca/CE, de onde guardo lembranças de minhas primeiras brincadeiras lúdicas. Ingressei a estudar no Patronato e me recordo com muito carinho da minha primeira professora, a tia Lurdinha, uma professora incrível, que realmente nos deixava com vontade de voltar para a escola. Nessa mesma classe, descobri que tinha uma colega que era minha vizinha; o pai dela era o agente da Rede Ferroviária Federal (RFFSA); sua casa era somente uma depois da minha; a partir dessa descoberta, todos os finais de semana fazíamos aniversário das bonecas, debaixo de um pé de pitomba. Um fato curioso é que nessa semana passei por ele e me fez lembrar de muitos bons momentos, tanto embaixo da pitombeira, nos aniversários das bonecas, como em cima, onde subíamos para comer seus frutos.

Nessa época, em Itapipoca/CE existia uma única confeitaria, onde atualmente funciona uma loja de ma-

terial de construção; eram de encher os olhos aquelas imensas vitrines cheias de guloseimas; sempre recorriamos a ela para realizar os nossos aniversários de faz de conta: cantávamos os parabéns sem antes produzir os vestidos de festa e penteados nas bonecas.

Creio que esses momentos desenvolveram em mim muitas habilidades de criação e desenvolvimento cognitivo, que me foram úteis ao longo da minha vida. Primeiro, exercendo-o em meus primeiros desafios sendo mãe aos 16 anos. Vinte anos depois, já com os quatro filhos, podendo assim dizer: já “criados” e com netos, entrei na minha primeira faculdade e também me tornei professora de educação infantil.

É nesse sentido que o estudo das relações entre memória e prática docente tornam-se importantes, porque não se quer, através da memória, recuperar a história do professor, mas intervir na sua prática atual, procurando torná-lo em algum sentido melhor, ou, pelo menos, mais consciente das influências que redundaram na sua conduta em sala de aula (Kenski, 1994, p. 49).

O caminho a percorrer até conquistar o meu diploma pode ser muito longo, mas hoje sei que, para exercer a profissão de educadora, nunca poderei me esquecer da importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

JAPIASSU, H. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KENSKI, V. M. *Memória e ensino*. São Paulo: [S.n.], 1994.

SANTOS, S. M. P. (org.). *O lúdico na formação do educador*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

4 O IMPACTO DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap4>

ANDERSON BRENO SANTOS DA SILVA

Licenciando em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de 2020 a 2022.

E-mail: anderson.breno@aluno.uece.br



[...] Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal [...] (Bacelar, 2009, p. 26).

Antes mesmo de ir à escola, minha mãe costumava sempre me ensinar a escrever o meu nome e o alfabeto, a contar histórias e coisas similares. Divertia-me muito, mas, no dia que ela me contou que teria que ir à escola, entrei em pânico. Lembro-me muito bem do quanto chorei nesse dia, pois, na minha cabeça, a escola era o pior lugar do mundo, já que, nessa idade, costumava e amava muito assistir a um certo filme chamado *Matilda* e tinha muito medo de uma certa professora do filme, a senhorita Trunchbull, e para mim todas as professoras e escolas eram idênticas à do filme. Minha mãe tentava me convencer do contrário, porém eu sempre fui muito teimoso.

Meu primeiro dia na escola foi terrível; chorava muito e não largava do pé da minha mãe. As professoras pediam muito para que eu ficasse, tentaram me convencer de todas as formas, porém retornei para casa chorando, parando apenas quando adentrei novamente no meu lar. O dia seguinte foi mais tranquilo, não sei como, mas

as professoras conseguiram me manter calmo e entretido – e principalmente longe da minha mãe. Na sala de aula, não me recordo com precisão dos detalhes nem do meu processo de adaptação, mas, quando caí em mim, já estava amando aquele lugar, muito colorido e alegre, cheio de animações e pinturas.

Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente (Silva, 2004, p. 26).

Comecei a gostar tanto de ir à aula que nos finais de semana pedia aos meus pais que me levassem para lá. A escola para mim era tudo; as professoras adoravam cantar e nos oferecer desenhos para colorir. Um lugar muito feliz, cheio de brincadeiras, contação de histórias, rodas, cantigas e tudo o mais. Olhando com os olhos que tenho hoje, consigo ter outra percepção; percebo que essas atividades não eram somente para a nossa diversão, pois através delas várias habilidades, funções motoras e conhecimentos foram desenvolvidos, e isso é algo muito enriquecedor, pois aprender brincando é algo extraordinário. Você aprende sem mesmo perceber, principalmente quando se é criança, por ser uma fase em que só pensamos em brincar. Logo,

[...] brincando, a criança aprende com toda riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição

do conhecimento – porque brincando a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver respeitando os direitos dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo e, também porque brincando, prepara-se para o futuro, experimentando o mundo ao seu redor dentro dos limites que a sua condição atual permite (Cunha, 2001, p. 13).

Refletindo a diferença que o lúdico fez na minha vida e faz na educação de tantas crianças, também na de jovens e adultos sem ao menos percebermos, falar do lúdico me traz várias recordações, principalmente da minha infância. Ter o privilégio de conhecê-lo mais intensamente foi maravilhoso; após adquirir um conhecimento maior sobre ele, consigo perceber que, desde muito pequeno, ele sempre esteve presente: em casa, na escola, na igreja e até mesmo na rua. Pode parecer brincadeira, porém é verdade. O lúdico consegue se manifestar em lugares que muitas vezes não chegamos a enxergar, mas eu garanto: ele está ali.

Como já citado, na escola as minhas professoras gostavam muito de organizar rodas e fazer cantigas. Tratava-se de um dos momentos mais divertidos. Aprender brincando é uma arte. O brincar é fundamental para que as crianças possam se desenvolver em todos os aspectos: motores, psicológicos e emocionais. Além dos próprios sentidos, as crianças podem transformar e produzir novos conceitos. Os jogos não só requerem muito aprendizado, mas também constituem um espaço de aprendizado. Há uma música em especial que era a minha favorita, uma cantiga que, ao mesmo tempo, se tornava uma brincadeira, denominada “Escravos de JÓ”. Hoje posso perceber quantos ricos conhecimentos e habilidades eu con-

segui adquirir, pois essa cantiga requer muita agilidade e concentração.

Escravos de Jó

(Bruno Feydit)

Escravos de Jó
 Jogavam caxangá
 Tira, põe
 Deixa ficar
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá

Escravos de Jó
 Jogavam caxangá
 Tira, põe
 Deixa ficar
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá.

Fora da escola, também pude perceber vários aprendizados lúdicos, que antes, a meu ver, eram somente brincadeiras destinadas à nossa diversão, pois sempre fui criado em um ambiente muito familiar, cercado por minha família. Quase todos os dias, juntava-me com meus primos e amigos da vizinhança, no bairro ou na casa da minha vó, para brincar. Eram brincadeiras e jogos diversos; afora os que já existiam, gostávamos muito de inventar outros também, sendo um momento muito divertido, pois a nossa criatividade seguia longe ao articular e organizar cada detalhe.

Relembrar a trajetória da minha infância até aqui reflete o quanto aprendi, cresci e amadureci. Perceber

o que já conquistei, sabendo que ainda tenho muito o que conquistar, é algo muito importante para mim. Ter uma ótima oportunidade e suporte para isso é melhor ainda, possibilitando repassar meus conhecimentos em um futuro bem próximo. Participar do curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, coordenado pelo professor doutor Mirtiel Frankson, foi uma dessas oportunidades que a vida me trouxe, enriquecendo e ampliando meus conhecimentos. Sou muito grato pelas oportunidades que estou tendo.

A cada palestra e aula, consigo reunir sentimentos diferentes e várias lembranças espontâneas surgem em meus pensamentos. Minha infância foi resgatada aos poucos em cada aula, posso até dizer o quanto que me emocionei. Notei como a minha vida era tão mais simples e divertida. Ver os depoimentos e experiências relatados de cada professor e dos colegas foi algo extraordinário, lidando com muitas histórias parecidas com as da minha infância e também outras muito diferentes, tornando a experiência mais diversa.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CUNHA, N. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Vetor, 2001.

FEYDIT, B. *Escravos de Jó: Letras*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/temas-infantis/782539/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SILVA, M. *Clube de matemática*: jogos educativos. Campinas: Papirus, 2004.

VIOT, N. *A importância das brincadeiras de rua*; no livro *O Passeio da Fleur*. 18 set. 2015. Disponível em: <http://transporteativo.org.br/ta/?p=6761>. Acesso em: 28 jan. 2021.

5 O LÚDICO E SUA DIMENSÃO FORMATIVA NA MINHA FORMAÇÃO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap5>

ATHILIANA DE MOURA SILVA

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de 2020 a 2022. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad). Foi bolsista e é integrante do Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe).

E-mail: athilianam@gmail.com

A Bailarina

Esta menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem dó nem ré, mas sabe ficar na ponta do pé. Não conhece nem mi nem fá, mas inclina o corpo para cá e para lá. Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri (Maireles, 1964).

Esta produção lírica infantil esteve presente na minha infância escolar e recordá-la é muito significativo, enquanto sujeito em formação inicial. De início, quero expressar a minha reflexão sobre o que esse poema traz para mim e a sua relação com o lúdico. Essa criança pequena, que está dançando mesmo sem saber a parte teórica das notas musicais, independentemente disso, consegue imitar alguns gestos de maneira instintiva; percebemos que ela reproduz certos movimentos como ficar na ponta dos pés, inclina-se e roda sem parar. De forma intuitiva, percebe-se que a criança denota alegria, assim abrindo asas à sua imaginação.

Numa atividade lúdica, não é apenas importante o objeto e o que dele resulta, mas o próprio ato, o momento vivido, proporciona a quem vivencia a condição de encontro consigo e com o próximo, momentos de fantasia, de realidade, de autoconhecimento, de expressividade, de ressignificação, de percepção e de vida. Como

a própria bailarina do poema está vivenciando, também vivenciei na infância e revivo agora; é mais do que uma brincadeira, realmente este aparenta ser um sonho da menina; ela deseja ser bailarina quando crescer.

Nesse sentido, nota-se a capacidade do lúdico em despertar, ampliar e, ao mesmo tempo, provocar o imaginário das crianças, desse modo, por intermédio dessa prática lúdica do poema que tive na sala de aula na infância, encantei-me pelo brincar com as palavras e seus significados, pela delicadeza das palavras e o enlaçar dos sons com variadas sensações. Dentro desse contexto lúdico, deparei-me com a ludicidade também em outros meios, através das brincadeiras, brinquedos e jogos tanto na adolescência e infância; o lúdico com sua contribuição formativa favorece o brincar da criança pelo imaginário; a brincadeira de faz de conta foi um importante jogo simbólico que vivenciei na minha trajetória infantil. Nesse ponto de vista, de acordo com as afirmações de Modesto e Rubio (2014, p. 6):

[...] a brincadeira e o jogo de faz de conta seriam considerados espaços de construção de conhecimento pelas crianças, as situações que fazem parte do seu cotidiano e os significados que transitam nas brincadeiras são apropriados por elas de forma específica.

Essa representação cotidiana se dá na reprodução do real em diferentes situações vividas pela criança. Ao firmar-se no jogo simbólico, a criança representa situações de sua vida por instrumento das brincadeiras, ao imaginar e imitar, ela cria um mundo em que não existem normas e regras, o que gera o ímpeto de transformar a sua realidade com o objetivo de responder às suas necessidades.

Nessa perspectiva, na minha experiência exerci alguns papéis que tanto contribuíram no meu encantamento de fantasia no faz de conta da realidade como professora, geralmente a famosa brincadeira de escolinha. Brincava com colegas da adolescência, encenei o real de mãe no meu contexto através de bonecas de maneira individual, também compartilhava essa brincadeira com outros colegas da época sem o uso de bonecas, em que inseríamos a brincadeira de casinha, dessa forma, “[...] através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a pose de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal” (Bacelar, 2009, p. 26).

Essa relação com a experiência potencializa o desenvolvimento capacitório de socialização que promove interação nesta realidade do brincar reproduzindo diferentes papéis sociais no ato da brincadeira. Assim, convivi com alguns tipos de brincadeiras da cultura popular brasileira presentes na infância, como o brincar na areia da praia; recordo que brinquei na areia da praia sozinha e com colegas aos 12 anos de idade, em 2011. Destaco os meus memoráveis banhos de chuva repletos de alegria; tive o brincar com a massinha de modelar, um relevante elemento para a criatividade, imaginação e percepção sensorial da criança.

Brinquei na adolescência com o tubo de bolhas de sabão por meio do exercício do sopro; outra brincadeira tradicional que vivenciei foi a amarelinha aos 12 anos, pela qual, por sinal, tinha um grande apreço. Outro tradicional brinquedo que compartilhei na infância foi o pião; cito também a brincadeira de roda, um exemplo de brincadeira folclórica que integra o folclore brasileiro

que disseminou as cantigas de roda. Algumas das cirandas de roda tradicionais que brinquei foram a “Ciranda, cirandinha”, “Fui à Espanha”, “Se essa rua fosse minha”, “Fui no tororó” e “A canoa virou”.

Uma brincadeira marcante foi o morto-vivo, aos meus 13 anos, em 2012; recordo-me, numa tarde de sol, de um dia em que eu estava ouvindo a música “Morto-Vivo”, da cantora Xuxa, espontaneamente me encontrava reproduzindo a brincadeira do morto-vivo sozinha enquanto tocava a música, com certeza, uma expressiva lembrança sobre o que sentia no meu mundo imaginativo e real. Através dessa prática, em que não imaginava ser lúdica, posso dizer que, entre todas essas atividades e brincadeiras aqui citadas, o lúdico, com toda a sua dimensão formativa, possibilitou-me ser uma criança ativa e autônoma diante dos estímulos do ambiente em que me encontrei inserida.

Perante o que foi exposto, a autora Nhary (2013) afirma que:

Neste movimento dialético entre seu mundo imaginativo e o real, o racional, a criança vai se constituindo como sujeito que, sob diferentes formas de linguagem, exprime uma visão de mundo povoada por produções imaginárias encarnadas no corpo. Constitui-se uma cultura lúdica infantil com a participação do corpo.

Nas diferentes práticas de ações lúdicas livres, a criança consigo mesma, no seu próprio eu, faz-se um sujeito produzido pela cultura, por intermédio das várias formas de se expressar, como pela linguagem corporal e pelos modos pessoais de cada um se sentir, agir e pensar; além de o imaginário ter a característica de imitar a reali-

dade, ele nos remete à capacidade de entrega ao mundo, ao que se diz, de compreender o seu mundo e o externo. A criança, por essência, um ser humano social que está inserido em uma determinada cultura, promove as devidas mudanças ocorridas em seu meio, de tal modo que este meio também traz aportes de elementos próprios.

Em relação a tudo destacado nesse memorial, conduzo minhas considerações para uma outra prática lúdica que tanto fez e ainda faz parte do meu cotidiano como acadêmica em formação inicial: a prática dos jogos. Não posso deixar de registrar o quanto sempre gostei de jogos desde a adolescência. Não posso citar os jogos sem deixar de expor o meu registro de como eles colaboraram na minha formação lúdica, então os jogos, no que lhes concerne, contribuíram no meu eu, interno e externo, como uma atividade social agregadora, além de todo o entretenimento que eles consolidam.

Com isso posto, venho trazer todos os jogos que fizeram parte do meu espaço lúdico, porque foram jogos marcantes; mais do que isso, são jogos que ainda faço questão de realizar na minha fase adulta, pois os pratico sempre que me surge vontade para distrair e estimular o meu cérebro. Além desse motivo, uma outra razão é porque esses jogos têm um significado nas minhas memórias lúdicas, por isso eles são presentes no meu habitual. Um dos jogos mais notáveis na minha adolescência é chamado forca, que ainda gosto de jogar *on-line*; também o realizava com meus amigos no papel. Outro memorável é o jogo da velha, em que, muitas vezes, desenhava o tabuleiro do jogo e me debruçava em jogar sozinha, mas também com colegas. O dominó tornou-se tanto parte da minha vida escolar como fora da escola também; ainda

jogo bastante na internet, além de com familiares e colegas no presencial.

Após as brincadeiras de infância e dos jogos citados, agora me adentro em outras brincadeiras memorizadas da adolescência. Aos 14 anos de idade, em 2014, praticava brincadeiras como a adedonha ou *stop* por muito tempo e, depois de adulta, cheguei a brincar novamente com amigos. Eu brincava praticamente todos os dias à noite com colegas vizinhos da minha residência de pega-pega, esconde-esconde, pular corda, pular elástico, pega-ladrão, quente ou frio, que consiste em esconder um objeto e o participante escolhido deve encontrar o objeto, além de cabra-cega. Uma outra atividade/jogo com que eu tive muito contato na sala de aula foi o ditado de palavras. Nesse parâmetro, busco direcionar a reflexão de como o brincar enquanto dimensão cultural contribuiu não somente na minha construção do conhecimento, mas também na minha formação humana integral. Com tal característica, Piskorz e Godoy (2013) afirmam que:

O jogo e o brinquedo tornam-se ferramentas ideais para que a aprendizagem realmente aconteça, levam a criança a construir novas descobertas, desenvolver a sua personalidade, enriquecem e representam um instrumento pedagógico, considerando o estímulo e interesse do aluno [...].

O brincar é o âmbito da formação integral da criança; é um caminho para o desenvolvimento e a educação da criança; a infância é o estado natural do ser humano, conseqüentemente os jogos e as brincadeiras assumem o protagonismo de atividade infantil, cujo valor está refletido na educação espontânea da criança, possibilitando o despertar para aprender. Adentro nesta escrita para

a minha formação inicial no curso de Pedagogia, ainda em andamento, para relatar as práticas lúdicas vividas até o momento no meu ensino superior; desde o meu primeiro semestre, estive em familiarização com a educação lúdica acadêmica, com isso, cabe tal reflexão acerca do lúdico: “[...] o lúdico é uma forma de ação inerente ao ser humano – independentemente de sua idade” (Hoppe; Kroeff, 2014, p. 166).

A partir dessa percepção, compreende-se que a ludicidade não se restringe às primeiras etapas de escolarização, mas ao ápice humano. Na faculdade, participei de uma oficina de produção de bonecos didáticos com o intuito de serem utilizados nas contações de histórias no evento Cantos e Contos, em 2019, na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), desenvolvida no dia 17 de julho, em que realizei uma confecção de boneco feito com recorte em EVA. Na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, encenamos uma peça de teatro com o uso de fantoches, em 2019, de acordo com as temáticas trazidas pelo professor; fiz atividades também envolvendo desenhos e pinturas.

Sabemos que a ludicidade não se limita somente às brincadeiras e jogos, mas trouxe ambos na escrita, pois enxergo o lúdico como contributivo no meu espaço do brincar, seja com brinquedos, brincadeiras e jogos, ao longo da infância e adolescência. Vejo o lúdico, a arte e a cultura como elaboração da minha identidade e cidadania como criança e adolescente. Na minha formação docente, a cada realização de práxis aqui citada, afirmo que a ludicidade é uma necessidade humana, inerente a qualquer idade. A brincadeira exerceu um papel relevante na capacidade simbólica nas interações sociais, por

mais que as crianças representem situações que simbolizem uma realidade que, por enquanto, não se pode alcançar, porém elas aprendem a interagir socialmente com o mundo que as cerca. Sem dúvidas, o desenvolvimento da criança se dá no lúdico, assim o brincar relaciona-se diretamente com o lúdico, portanto brincar é aprender.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

HOPPE, L.; KROEFF, A. M. S. Educação lúdica no cenário do ensino superior. *Revista Veras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-181, 2014.

MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

NHARY, T. M. C. O imaginário do corpo lúdico na escola. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: PUCPR, 2013. p. 351-364.

PISKORZ, R. C. G.; GODOY, M. A. B. Brinquedoteca: estratégias lúdicas na construção do desenvolvimento educacional da criança com deficiência intelectual. *In*: PARANÁ. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2013*. Curitiba: SEED/PR, 2016. v. 1.

6 VIVÊNCIAS LÚDICAS E APRENDIZAGEM: UM CAMINHO TRILHADO PELA LUDICIDADE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap6>

CLEITON TEIXEIRA BARBOSA

Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – Alfabetização. Foi monitor acadêmico da disciplina de Pesquisa Educacional. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe). Foi bolsista de extensão universitária integrado ao Nedimpe.

E-mail: cleitonuniversitario@gmail.com



O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas de um relógio ou pode ser medido com as batidas do coração (Alves, 1999, p. 168).

Recordações sempre nos trazem sentimentos e reflexões sobre nossas vidas, que nos fazem caminhar constantemente sentindo orgulho de quem um dia fomos, refletindo sobre que tipo de pessoas somos no presente e, principalmente, utilizando-as como motivos que definirão nosso ponto de chegada. Na verdade, quem não gosta de relembrar bons momentos de nossas vidas que nos fazem rapidamente estampar um enorme sorriso no rosto? É com esse sentimento de alegria que registro neste memorial formativo alguns dos momentos que ocorreram em minha vida e que foram decisivos para escolher a Pedagogia como minha formação profissional. Segundo Bacelar (2009, p. 30):

A ludicidade [...] integra as dimensões emocional, física e mental. Nesta perspectiva, ela envolve uma conexão entre o externo (objetivo) e o interno (subjetivo) e, portanto, é de relevância significativa para a vida em todas as suas fases [...].

Com esse pensamento, digo que a ludicidade foi algo que esteve presente desde a minha infância, esten-

deu-se também durante a trajetória escolar e manifestou-se intensificadamente em minha vida acadêmica, mostrando o quanto é um fator determinante para o sucesso da aprendizagem desde a infância.

Nasci em 4 de junho de 2001, na cidade de Itapipoca, Ceará (CE). Filho de agricultores, cresci em uma zona rural da mesma cidade, onde pude aproveitar o máximo de ar fresco do ambiente. Podia brincar com a areia, tomar banho de rio e tantas outras atividades que acabaram perdendo a essência nos dias atuais em meio a tantas tecnologias que são disponibilizadas, como, por exemplo, os jogos eletrônicos. Atividades que não estimulam a criatividade nem a imaginação, tampouco proporcionam o mesmo prazer de uma atividade que necessita de socialização e interação com outras pessoas.

Sempre fui apaixonado por praticar aventuras e desafios. Gostava de subir o mais alto possível nas árvores para pegar seus frutos e depois comê-los. Eram siriguelas, goiabas, cajus e outras frutas. Lembro que costumava juntar meus amigos e primos em minha casa para brincar de pega-bandeira, bola de gude, pega-pega, futebol e tantas outras. Nessas brincadeiras, partilhávamos de uma mistura de sentimentos, em que dávamos risadas, chorávamos algumas vezes por perder alguma competição e até discutíamos em busca de esclarecer erros que tinham sido cometidos pela equipe adversária que participava da brincadeira. Uma coisa que não posso negar é que, com toda aquela empolgação, não passava pela cabeça encerrar a brincadeira. Para Modesto e Rubio (2014), é brincando que a criança constitui sua identidade, conquista sua autonomia, aprende a enfrentar medos, descobre suas limitações, expressa seus senti-

mentos, melhora seu convívio com os demais, compreende e aprende a respeitar regras, valores, limites e os papéis de cada um na vida real.

Uma das práticas comuns que as crianças aprendem durante a infância é andar de bicicleta, atividade que exige equilíbrio e que, sem dúvidas, é uma das coisas que nunca se esquece. Proporciona aquela felicidade em saber que aprendeu algo. Lembro que aprendi a andar de bicicleta com um amigo da escola. Ele costumava dedicar parte do seu tempo para ir à minha casa todos os dias ao final da tarde para me ensinar. No início, recordo que, às vezes, chegava a cair da bicicleta, no entanto, movido pelo interesse de aprender e pelo desafio, continuava praticando. Depois de aprender, tornou-se quase um vício, pois todas as tardes realizava uma espécie de “competição” com outros colegas que já tinham aprendido para ver quem conseguiria ser o mais rápido. Eram momentos bem divertidos.

Não posso falar de infância sem falar de imaginação, algo bem presente nessa fase da vida; comigo não foi diferente. Costumava pensar sendo um adulto e esses pensamentos me levavam imediatamente a imaginar-me profissionalmente como médico, professor e outras profissões que acabavam sendo motivo para gerar uma brincadeira de faz de conta. Não existiam limites para a imaginação. As paredes tornavam-se lousas; os dedos, banhados de tinta, eram os pincéis, e assim todos os objetos que estavam à minha volta se transformavam em recursos para que a brincadeira não chegasse ao fim. Sobre essas brincadeiras de faz de conta, Kishimoto (2017) entende que é alterando o significado de objetos, de situações, é criando outros significados, que se desenvolve a função simbólica, o elemento que garante a racionalida-

de ao ser humano. Ao brincar de faz de conta, a criança está aprendendo a criar símbolos.

Meus pais sempre foram pessoas especiais, que me incentivaram a estudar. Diziam que somente o estudo seria a chave para a realização de todos os meus desejos. Quando criança, minha mãe costumava me contar várias histórias infantis. Ficava admirado com suas palavras. Depois da leitura, realizava uma reflexão sobre a história, fazendo perguntas sobre o texto, e, em seguida, mostrava alguns ensinamentos escondidos nas entrelinhas da história que me contava.

Sempre preocupada com minha aprendizagem, minha mãe me trouxe ensinamentos antes mesmo de ingressar na escola. Inicialmente com as vogais, em seguida, as consoantes, até assimilar o alfabeto completo. Também me ensinou alguns cálculos que envolviam operações matemáticas. Sem dúvidas, posso realçar a contribuição de minha família em me incentivar e estimular a seguir meus sonhos, demonstrando que, mesmo diante das dificuldades que se apresentam durante qualquer caminhada, o importante é não desistir. Talvez esses tenham sido os principais motivos que me permitiram fazer parte do universo acadêmico.

Depois de brincar de “escolinha” com os amigos, outro momento semelhante veio posteriormente, quando meu irmão se matriculou na escola. Isso porque meus pais, tendo que trabalhar, não dispunham de tempo suficiente para ajudar meu irmão nos estudos, no entanto não deixavam de ressaltar a sua importância. Então, essa atividade ficou sob minha responsabilidade. Agora não era mais uma brincadeira. Enquanto o auxiliava em suas lições de casa, percebia o quanto aquele momento era

prazeroso. Percebi como ficávamos contentes; ele por ter aprendido algo novo, e eu por ver que estava contribuindo para a aprendizagem dele com conhecimentos que eu já tinha aprendido na escola ou até mesmo em casa.

Lembro também que, durante os anos finais do ensino fundamental, a ludicidade se apresentava frequentemente. Havia um grupo de alunos na minha turma que tinha bastante admiração em realizar peças teatrais, paródias, poesias e outras mais. Como de praxe, as produções tomavam como base as datas comemorativas na escola, entre elas o Dia Nacional da Consciência Negra, a Páscoa, o Dia do Estudante, etc. Nas apresentações, trazíamos questões reflexivas e críticas, porém sempre tinham um lado engraçado que despertava o interesse de outros alunos que assistiam ao momento.

Anualmente, tínhamos no ensino fundamental II gincanas que aconteciam no Dia do Estudante que apresentavam duração de uma semana. Eram realizadas diversas brincadeiras, torneios, jogos de perguntas e respostas, além de práticas esportivas. Essas atividades realizadas eram interessantes, principalmente porque envolviam todos da escola. Além disso, estimulavam aspectos como o trabalho em equipe, o raciocínio lógico, a coordenação motora e a criatividade dos alunos, pois eram atividades que exigiam buscar estratégias e soluções de problemas para que o grupo conseguisse obter um bom desempenho no que era proposto.

Não guardo muitas lembranças sobre a ludicidade no período em que cursava o ensino médio. Vejo que, infelizmente, essas atividades vão, aos poucos, sendo esquecidas, conforme o ensino básico avança, sendo praticadas com maior frequência na educação infantil e nos

anos iniciais do ensino fundamental, porém é um método de aprendizagem que deve estar presente em todas as etapas do ensino, dada a sua importância.

Como graduando do curso de Pedagogia, a ludicidade começa a se apresentar frequentemente. Recordo-me claramente das aulas ministradas pelo professor doutor Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro, nas disciplinas de Pesquisa Educacional, pintando árvores com frutos que significavam as contribuições da pesquisa científica no contexto da educação. Na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, houve também a exposição de conteúdos realizada através de fantoches pelos alunos. Nessas aulas, mesmo sendo abordado um conteúdo que estava voltado para a instrução de como fazer uma pesquisa acadêmica/científica, trabalhávamos o conteúdo de forma lúdica, com apresentações de fantoches, entrevistas e outros meios que tornavam as aulas prazerosas e dinâmicas. Agora, no meio acadêmico, vejo a ludicidade com uma visão mais ampla em relação à que tinha anteriormente, como um meio que possibilita a aprendizagem, sobretudo quando falamos na atuação de um/a pedagogo/a.

Participando também do curso de extensão “O lúdico em diversos contextos e práticas pedagógicas”, coordenado pelo professor doutor Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro e certificado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), percebi que o lúdico é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Durante o curso, tivemos a participação de vários profissionais, como psicólogos, pedagogos, bibliotecárias, entre outros que contribuíram para desmistificar a ludicidade como uma metodologia que deve estar presente somente na educação infantil e

mostrar que ela pode se expandir durante todo o ensino, independentemente de ser criança, adolescente, jovem ou adulto. De acordo com Hoppe (2014, p. 165):

[...] essas práticas despertam a atenção dos discentes, bem como sua motivação e engajamento nas atividades de aula. Com isso, a ancoragem dos novos saberes acaba sendo mais significativa.

Com isso, percebo que cabe ao educador utilizar da ludicidade como uma alternativa significativa dentro de sua prática pedagógica, assim:

Por meio de atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

Quando utiliza uma atividade lúdica, como a contação de histórias para crianças, está possibilitando o desenvolvimento da imaginação de seus alunos ao permitir o contato da criança com a leitura, através de sua atenção.

Esses momentos lúdicos que foram aqui citados contribuíram fortemente para escolher a pedagogia como profissão, refletindo-se constantemente em meu percurso acadêmico e, conseqüentemente, em um futuro próximo, na minha prática pedagógica. Em diálogo com essas afirmações, Oliveira e Bulhões (2012, p. 70) nos dizem que:

A formação acontece no decurso da vida, vincula-se ao processo de escolarização e mesmo antes, porque também não se esgota com a conclusão de um curso, estende-se com o ingresso na profissão e prolonga-se como processo formativo ao longo da vida pessoal e profissional.

Dessa forma, percebe-se que, como educadores, estamos constantemente em um processo de aprendizagem, de maneira que tudo o que vivenciamos faz sincronia com nossa formação pessoal e, conseqüentemente, com a formação profissional, trazendo novas perspectivas sobre o fazer e o ser pedagógico.

Referências

ALVES, R. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papirus, 1999.

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRIEDMANN, A. *O brincar na Educação Infantil*: observação, adequação e inclusão. Moderna: São Paulo, 2012.

HOPPE, L. Educação lúdica no cenário do Ensino Superior. *Revista Veras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-181, 2014.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, C. Z.; BULHÕES, J. Memória docente como parte da formação profissional. *Acta Semiotica et Linguística*, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 65-79, 2012.

7 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: RECORDAÇÕES QUE NÃO SERÃO APAGADAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap7>

DÉBORA SILVA MARQUES DE SOUSA

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: deborademaria17@gmail.com

[...] Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel / Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu [...] (Toquinho, 1982).

Meu nome é Débora Silva Marques de Sousa, tenho 20 anos, nasci em 4 de agosto de 2000, filha da senhora Maria Josineide da Silva e do senhor Ronny Alex Marques de Sousa, resido em Amontada, Ceará (CE). Sou filha única paterna e tenho uma irmã mais velha materna. Na nossa infância, não convivemos juntas, mas tive primos e primas com quem pude compartilhar momentos inesquecíveis durante a infância. Brincamos e sempre nos divertimos da melhor forma possível, na simplicidade. Nesse tempo, não tínhamos muito contato com a tecnologia, então aproveitávamos com muitos jogos, brincadeiras e conversas.

Hoje percebo que vivemos em um mundo cheio de agitações, em que não paramos para pensar e relembrar nossas memórias de infância que nem o tempo ou pessoas são capazes de apagar, já que estão guardadas em nossos corações. Essas memórias nos ajudam a refletir e ver o quão bom é ser criança e reviver isso mesmo que seja no ensino superior. O lúdico fez com que eu refletisse sobre minha história e trajetória de vida. Assim,

“[...] recordação, como resgate do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem essa re(atualização)” (Silva, 2010, p. 605).

Sem dúvidas, a recordação é esse resgate do tempo. Foi a partir disso que pude viver novamente lembranças que fizeram parte de mim e que me ajudaram a ter todos os conhecimentos que pensei que não alcançaria. As brincadeiras, os jogos e as conversas com primos, amigos, avós, entre outros, ajudaram-me a formar meu conhecimento, a tornar-me quem sou hoje e a contribuir na minha identidade. Ademais, ajudaram-me a enfrentar meus medos, a descobrir minhas limitações e a buscar sempre alcançar meus objetivos e sonhos. Sobre tais considerações, Bacelar (2009, p. 26) ressalta: “[...] Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal”.

Desse modo, as recordações estiveram sempre presentes em minha infância e agora no ensino superior, com o curso ministrado por excelentes profissionais e desenvolvido da melhor forma possível para o nosso aprendizado. Ajudaram-me a recordar e a sentir novamente tudo o que havia vivido havia anos; pude perceber que são memórias que ninguém pode tirar de nós, além disso, pude perceber a importância desse ensino para a educação profissional e pessoal.

Na minha infância, sempre gostei muito de utilizar minha criatividade, um exemplo disso foi a criação de uma boneca em um projeto em que participava, com a finalidade de ser peso de porta, construída a partir de materiais reciclados. Essa experiência fez com que apren-

desse em diversos aspectos sobre o meio ambiente, sobre a importância da reciclagem e, claro, sobre como usar minha imaginação para que desenvolvesse algo com que gostava de brincar. Além de que, nos intervalos das aulas, brincava com minhas colegas de boneca e desenvolvíamos várias roupas dizendo que nós éramos estilistas. Uma desenhava e a outra produzia a peça. A imaginação sempre presente e fazendo com que interagisse socialmente através desses momentos.

Outra recordação marcante na minha vida foi o momento das Festas Juninas, em que minha mãe sempre me caracterizava de acordo com a festividade, adornando-me com belos vestidos e tranças. Apesar de ainda pequena, lembro-me de que as professoras faziam uma roda, eu dançava e depois todos se juntavam para comer, em que cada família levava uma comida típica, como munguzá, paçoca, tapioca, cocada, bolo de milho, entre outras. Sempre foi um momento de muitos atrativos, inclusive, até no ensino médio, amava participar desses momentos na escola. Tinha a rainha do milho, que ganhava pela quantidade maior de dinheiro arrecadado, cartões para entregar secretamente a outra pessoa, diferentes jogos tradicionais e muita dança.

Ainda nessa perspectiva, o trecho da música “Aquarela”, citada no início deste memorial, além de ter sido presente na minha infância, fez-me perceber que qualquer criança na educação infantil pode se utilizar da imaginação sempre a partir de músicas, jogos e brincadeiras lúdicas. Essa música me faz refletir e perceber o quanto posso ir além, conquistar meus objetivos e crescer no que eu sempre almejei. Aprendi também que minha vida é bem mais feliz quando aproveitamos e vivemos da me-

lhora forma a nossa infância, sem nos preocuparmos com o que vai acontecer, além de nos mostrar que podemos saber lidar com os problemas e solucioná-los.

Meu primeiro contato com a escola se deu por meio de minha avó, que era diretora escolar. Ela fazia uma roda juntamente com as professoras e colocava vários livros de literatura infantil, quando todas começavam a contar as histórias para nós, além de que, para ficar mais interessante e chamar ludicamente a nossa atenção, utilizavam-se de fantoches. Achava maravilhosas aquelas vozes diferentes, que faziam com que me sentisse dentro de cada história e percebesse a importância dos diversos personagens. Elas contavam inúmeras histórias, entre elas, faço menção àquelas a que sempre dei preferência: “Alice no País das Maravilhas” (Lewis Carroll), “Menina bonita do laço de fita” (Ana Maria Machado), “João e o pé de feijão” (José Roberto Torero), “Chapeuzinho vermelho” (Charles Perrault), entre outras narrativas infantis. Dentre elas, cabe destacar “Chapeuzinho vermelho”, em que as professoras vestiam-se todas devidamente caracterizadas para interpretar a história para nós, levando dentro da cestinha frutinhas e, logo após a contação da história, dividiam as frutas entre os alunos. Além do mais, recordo-me sempre dela andando pela sala e cantando para nós:

Pela estrada afora

(Cia Era Uma Vez)

Pela estrada afora, eu vou bem sozinha / Levar esses doces para a vovozinha / Ela mora longe, o caminho é deserto / E o lobo mau passeia aqui por perto / Mas à tardinha, ao sol poente / Junto à mamãezinha dormirei contente / Pela estrada afora, eu vou bem sozinha / Levar esses doces para a vovozinha / Ela mora

longe, o caminho é deserto / E o lobo mau passeia aqui por perto / Mas à tardinha, ao sol poente / Junto à mamãezinha dormirei contente / Pela estrada afora, eu vou bem sozinha / Levar os doces para a vovozinha / A vovó mora longe, o caminho é deserto / Eu sou o lobo mau e vou estar por perto / Só na surdina, nessa historinha / O lobo mau vai se dar bem por certo / Sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau / Eu pego as criancinhas pra fazer mingau / Hoje estou contente, vai haver festa / Eu tenho um bom petisco pra encher a minha pança / A minha pança / A minha pança.

Esses momentos foram essenciais, fazendo com que eu adentrasse no mundo da imaginação e ali criar meu próprio mundo para desenvolver tudo o que eu estava aprendendo. Amava cada parte e os momentos da escola, principalmente a hora do lanche, em que a professora fazia uma oração e, logo após, cantava o trecho da música “Meu lanchinho”, de Bob Zoom: “[...] Meu lanchinho / Meu lanchinho / Vou comer / Vou comer / Pra ficar fortinho / Pra ficar fortinho / E crescer / E crescer”.

Cada etapa, brincadeiras e jogos são de suma importância para a educação e formação no processo de aprendizagem do aluno. Reflexos disso foram meus desenvolvimentos de infância, que só resultaram positivamente na minha vida acadêmica e profissional hoje, visto que:

[...] o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil da criança, já que é uma atividade sociocultural, impregnada de valores, hábitos e normas que refletem o modo de agir e pensar de um grupo social (Pereira; Sousa, 2015).

Isso espelha em que estou me tornando, dado que a minha avó relata nas nossas conversas que sou um orgu-

lho para ela, pois, desde muito nova, ela ensinou, formou-se e foi ser professora; logo depois, ainda tive a oportunidade de tê-la como minha diretora e atualmente está tendo o prazer de ver sua neta se licenciando na mesma profissão que a dela. De acordo com Luckesi (2014, p. 22):

[...] sob a ótica lúdica, importará que esse profissional esteja internamente pleno e bem, à medida que lidera os educandos em sua aprendizagem. Sendo o líder da sala de aula [...].

Foi então com as brincadeiras em que gostava de ser professora, brincando com minhas primas no círculo familiar e com minhas colegas na escola, em que criava atividades, pegava lápis, canetinhas e auxiliava até mesmo a responder às próprias atividades de sala de aula, pois alguns sentiam dificuldades. O espelho de ser pedagoga era a minha avó. Já na adolescência, comecei a trabalhar com reforço, ensinando crianças; logo depois, com minha admiração por cada professor que me ensinava com tanto amor e dedicação, foram surgindo o desejo e a vontade de também seguir essa profissão, visto que, nos três anos do ensino médio, fui monitora de Matemática e então tudo me indicava a profissão que deveria seguir. Modesto e Rubio (2014, p. 3) ressaltam que:

É brincando que a criança constrói sua identidade, conquista sua autonomia, aprende a enfrentar medos e descobre suas limitações, expressa seus sentimentos e melhora seu convívio com os demais, aprende a entender e agir no mundo em que vive com situações do brincar relacionadas ao seu cotidiano, compreende e aprende a respeitar regras, limites e os papéis de cada um na vida real; há a possibilidade de imaginar, criar, agir e interagir, auxiliando no entendimento da realidade.

Percebo que a brincadeira e o lúdico estão presentes em todas as etapas de minha vida e o quanto foi importante memorá-los para que percebesse sua relevância na condição de uma futura pedagoga, ampliando os meus conhecimentos. Dessa maneira, possibilitam a aprendizagem e o desenvolvimento através de práticas prazerosas que fazem a criança ir além, pensar, raciocinar, criar seu próprio mundo e interagir com as pessoas de forma que ela se divirta e aprenda a aperfeiçoar suas habilidades.

Referências

BACELAR, V. L. E. Jean Piaget e André Lapierre: como ajudam a compreender sobre o desenvolvimento infantil. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21-29.

ERA UMA VEZ, Cia. *Pela estrada afora*. Disponível em: <https://youtu.be/skatdnyroKo>. Acesso em: 9 jan. 2021.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

PEREIRA, D. R.; SOUSA, B. S. A contribuição dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem de crianças de um CMEI na cidade de Teresina. *Revista Fundamentos*, Teresina, n. 2, v. 3, 2015.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

TOQUINHO. *Aquarela*. Disponível em: <https://youtu.be/xT8HIiFQ8Yo>. Acesso em: 9 jan. 2021.

ZOOM, B. *Meu lanchinho*. Disponível em: <https://youtu.be/LrTw6ygAD4s>. Acesso em: 6 fev. 2021.

8 AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE PARA A FORMAÇÃO HUMANA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap8>

FRANCISCO EDINAURO DE MORAIS FARIAS

Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe).
E-mail: edinauro@gmail.com



Minha trajetória vinculada à ludicidade se fez inicialmente presente no seio familiar e comunidade, no bairro do Mourão, localizado na cidade de Itapipoca, Ceará (CE), com aspectos informais e naturalmente repassados a gerações, em específico no brincar.

O lúdico é essencial para uma escola que se propõe não somente ao sucesso pedagógico, mas também à formação do cidadão, porque a consequência [sic] imediata dessa ação educativa é a aprendizagem em todas as dimensões: social, cognitiva, relacional e pessoal (Dallabona; Mendes, 2004, p. 111).

É interessante questionar como se deu esse processo, sendo mais preciso o entendimento na universidade, embora seja característico do ambiente escolar.

Na infância, marcaram-me as brincadeiras entre irmãos, primos e vizinhos, bem como entre os pais. Um momento significativo que sempre vem à lembrança está vinculado aos banhos de chuva, correndo para o banho de bica das telhas das casas, brincando com um objeto leve como se fosse barco navegando para onde a água levava pela rua, além do banho de rio no fundo do quintal de minha casa. Entre outras brincadeiras que eram praticadas no terreno de minha família, local amplo dentro da zona urbana, com presença de árvores e pássaros, brincava com meus irmãos e primos de pega-pega e o maravilhoso banho de rio com direito a pesca até a hora de ir para a escola. O incrível é que, quando penso

que não vivemos quase nada, “[...] a memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer, a um só tempo, e estes são produzidos socialmente [...]” (Bergamaschi; Almeida, 2013, p. 21), mas, quando paro para pensar sobre a minha trajetória de vida, que continua fluindo, percebo que a memória se apresenta e tem a função de resgatar momentos fabulosos vivenciados acerca de meios em minha volta, ou seja, somos seres que produzimos história.

A infância é uma das fases basilares para a formação humana, tendo o espaço e o tempo para a desenvoltura do indivíduo. Soares (1991, p. 25) afirma que: “[...] O memorial possibilita refletir sobre o ‘por que fez, para que fez e como fez’ [...]”, isto é, gera um encontro através da mente sobre momentos cruciais em nossas vidas, embora passemos um determinado tempo no esquecimento, mas, ao pararmos para pensar, surge uma chuva de recordações.

Partindo desse pressuposto, “[...] A memória faz o elo entre as gerações, que dá sentido à ancestralidade e aos pertencimentos de cada pessoa e cada grupo no seu tempo e espaço” (Bergamaschi; Almeida, 2013, p. 18), possibilitando um espaço e tempo na realidade onde se esteja inserido dentro de uma cultura que respeite o momento de a criança ser criança e descobrindo o mundo “real” através do mundo lúdico.

De acordo com Modesto e Rubio (2014, p. 3):

Por meio do lúdico há o desenvolvimento das competências de aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer; desenvolvendo o companheirismo; aprendendo a aceitar as perdas, testar hipóteses, explorar sua espontaneidade criativa, possibilitando o exercício de concentração, atenção e socialização. [...] Essencial para que

seja manifestada a criatividade e a criança utilize suas potencialidades de maneira integral, indo de encontro ao seu próprio eu.

Quando envolve o processo de ensino e aprendizagem, faz-se necessário abordar sob atenção o lúdico pedagogicamente na promoção de um ensino criativo que interliga o eu ao termo social e cultural. Com isso, considero que foram desenvolvidas minhas habilidades para a formação humana através de ações diretas do ambiente em que estava e, estando inserido no campo universitário, consigo enxergar a real importância de aprofundar a ludicidade no âmbito pedagógico na promoção de uma educação que se torne prazerosa.

A presença da ludicidade na minha vida escolar não foi diferente; lembro-me muito bem que, na educação infantil, a instituição de ensino era conhecida como creche da Alzira Viana, mas o seu nome oficial era creche Nossa Senhora das Graças, situada no bairro Mourão. Perto da praça da televisão pública daquele bairro, atualmente a referida instituição passou a se chamar de centro de educação infantil Nossa Senhora das Graças, ao lado do hospital São Camilo, no bairro da Fazendinha, como um prédio provisório, aguardando a conclusão no bairro de origem. Foi nessa instituição que tive o contato inicial com o lúdico voltado enfaticamente à educação. Lembro-me das cantigas infantis; entre várias, as que mais me marcaram foram: “Atirei o pau no gato”; “Piu, piu, piu, quem mexeu saiu”, bem como brincadeiras em sala de aula que envolviam desenhos e pinturas, principalmente em datas comemorativas. Portanto, encaixa-se nesta afirmação:

A criança constrói e reconstrói sua compreensão de mundo por meio do brincar; amadurecem algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e experimentação de regras e papéis sociais presentes nas brincadeiras (Modesto; Rubio, 2014, p. 3).

Vieram à mente as cores vermelha, azul e amarela do pequeno parque de brinquedos instalado nos fundos da instituição, formando o balanceio, o galamarte e o gira-gira, esses que vieram à minha memória, logo:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (Brasil, 2017, p. 36).

Na época, não havia tantos recursos tecnológicos como atualmente, tudo era mais concreto em materiais didáticos. Isso, porém, não significa que hoje não se trabalhe dessa forma. Embora conte com os recursos tecnológicos dentro de uma outra realidade de ensino, em que as crianças estão cada vez familiarizadas com as tecnologias e, na pior crise sanitária recente, a pandemia de Covid-19, os recursos tecnológicos estão mais enfáticos no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a educação em sua nova adaptação requer atividades que despertem na criança o desenvolvimento motor e cognitivo, que envolve ativamente uma maior atenção dos pais e professores.

Concluindo a fase na educação infantil, parti para outra etapa. O processo de alfabetização na rede municipal de ensino de Itapipoca/CE, na escola de educação

básica Coronel Adauto Bezerra, também localizada no Mourão. Na época, apresentava uma visível precariedade estrutural, mas o lúdico se fazia presente, principalmente no brincar com os colegas, tendo frequentado por dois anos a referida escola.

Foi na escola de ensino médio Anastácio Alves Braga, localizada no Centro de Itapipoca/CE, onde continuei o meu processo de alfabetização até a conclusão do ensino médio. Dessa escola guardo boas lembranças, desde quando ingressei até a minha saída. Ao adentrar, tive o contato com a ludicidade através dos materiais didáticos, como caça-palavras, formação de palavras e números decimais. Assim, concluiu-se mais uma etapa de minha formação. Não posso deixar de citar outra instituição que foi significativa para a minha formação, em que também a ludicidade esteve presente, refiro-me à Associação Comunitária de Assistência à Família de Itapipoca (Acafi), em que tive momentos de grande valia para o meu processo de ensino e aprendizagem, desde a oferta de serviços que protegem a família até os serviços educacionais, tais como o reforço escolar, saúde, medicamento, saúde bucal, atividades esportivas e culturais. Entre os variados serviços, pude participar do reforço escolar, artes, coral, caratê e saúde bucal. A Acafi era uma entidade não só de apoio social, mas educacional.

É preciso respeitar o tempo da criança ser criança, sua maneira absolutamente original de ser e estar no mundo, de vivê-lo, de descobri-lo, de conhecê-lo, tudo simultaneamente. É preciso quebrar alguns paradigmas que foram sendo criados. Brinquedo não é só um presente, um agrado que se faz à criança: é investimento em crianças sadias do ponto de vista

psicossocial. Ele é a estrada que a criança percorre para chegar ao coração das coisas, para desvelar os segredos que lhe esconde um olhar surpreso ou acolhedor, para desfazer temores, explorando o desconhecido (Dallabona; Mendes, 2004, p. 109).

No espaço escolar de minha infância e adolescência, o lúdico sempre esteve presente, seja nas pinturas de boas-vindas nas paredes, brincadeiras e dinâmicas com sentido pedagógico para a formação humana.

[...] Por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar o desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

Assim, esteve presente a ludicidade em contextos diversos que me proporcionaram maior vivência e desenvolvimento perante a sociedade. Através das relações sociais, seja na escola, em projeto social, na comunidade, torno-me uma pessoa ainda mais que acredita na coletividade e na forma de desenvolver novas atividades que envolvem o lúdico, que, com certeza, só contribuem no atual contexto tecnológico.

Por fim, o âmbito universitário viabilizou que pudesse descobrir o real entendimento de tais aspectos referentes à ludicidade. É incrível poder entender algo que lá atrás passou despercebido e agora enxergo como crucial voltar os olhos para o mais simples, e não para o mais complicado, a busca de respostas através de referenciais teóricos, em que o acadêmico seleciona os autores no campo de discussões e partilha saberes oriundos do popular-cultural. Com mais ênfase às disciplinas de Alfabetização de Crianças e Educação Infantil contidas

no fluxo do curso de licenciatura em Pedagogia, que me levou a despertar para tal temática, bem como o curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”. Concluo que o lúdico remete a uma interpretação de mundo em volta do indivíduo, traçada por fatores sociais e culturais, apresentando contribuições fundamentais para a formação do indivíduo, dentre elas, a aprendizagem.

Referências

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memórias escolares e processos de iniciação à docência. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG*, São Paulo, v. 1, n. 4, 2004.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. In: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

SOARES, M. *Metamemória – memórias*: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação Contemporânea. Série Memória da Educação).

9 A LUDICIDADE NOS DIVERSOS ÂMBITOS DA MINHA INFÂNCIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap9>

GISELE BARBOSA DOS SANTOS

Pós-Graduada em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e licenciada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

E-mail: giselebarbosads@gmail.com

Permitir lembrar dos momentos de sua vida é abrir uma pequena janela da mente; você vai abrindo devagar, e essas memórias aparecem, puxando umas e outras lembranças, então as imagens vão ficando cada vez mais nítidas. Nesse processo, essas lembranças abrem outros portais. Janelas para as emoções, a nostalgia, a saudade, e elas enchem o peito e o coração em uma mistura de sensações que quase te transportam para o passado e é com esse misto de sensações que escrevo sobre uma pequena parte da minha história, afinal as memórias permitem nos conhecermos e decidirmos nossos próprios propósitos de vida, e isso se inicia desde as nossas primeiras experiências e consciências de mundo, na infância.

A infância é uma das etapas mais importantes para o desenvolvimento do ser humano. É nela que são vividas as primeiras vivências de conhecimento do mundo. Alguns a consideram a melhor fase da vida, e para mim não é diferente, sempre fui uma criança reservada, mas nunca sozinha; era cercada de amigos e minha família, pela qual sempre fui amada.

Minha mãe foi quem direcionou os meus primeiros passos para aprender a ler e escrever; antes de eu entrar na escola, foi quem me ensinou, passando atividades sobre escrita nos cadernos de caligrafia, assim, quando adentrei no universo escolar, já estava mais preparada para o que me esperava naquele ambiente. Graças a esse

esforço, pude me destacar na sala de aula; ali foi o palco em que aconteceram as melhores lembranças que tive como estudante e como criança, onde aprendi as cantigas de roda, as parlendas, o faz de conta e principalmente a leitura. Encontrei-me fascinada pelos livros que havia na biblioteca da escola, um local pequeno e apertado, mas, quando começava a hora da leitura, aquele espaço dava abertura para um lugar novo.

A professora começava a ler e todos os alunos escutavam atentos, imaginando todas aquelas histórias que saíam dos livros. Em uma espécie de teatro de fantoches, ela narrava histórias enfatizando o conhecimento para a alfabetização, assim como os contos com morais de vida. O contato com a contação de histórias foi com certeza um marco pessoal; lembro que todos os anos um senhor passava na escola vendendo uma coleção de livros sobre contos de fadas, histórias bíblicas, dinossauros; esses eram os que mais me chamavam a atenção; aqueles livros me tiravam da minha própria realidade e me faziam voar pelo mundo imaginário, assim me afeiçoei pelas leituras de ficção, que, de certa forma, contribuíram muito para consolidar meus próprios gostos pela leitura. Apesar disso, foi nessa escola privada onde iniciei meus primeiros anos escolares aos 5 anos de idade. Fui apresentada a um processo bastante intenso no treino da escrita e leitura, com cópias de textos e muito uso de cadernos de caligrafia:

A ênfase praticamente exclusiva na cópia, durante as etapas iniciais da aprendizagem, excluindo tentativas de criar representações para séries de unidades linguísticas similares (listas) ou para mensagens sintaticamente elaboradas (textos), faz com que a es-

crita se apresente como um objeto alheio à própria capacidade de compreensão. Está ali para ser copiado, reproduzido, porém não compreendido, nem recriado (Ferreiro, 2017, p. 15).

Hoje acredito que escrever e ler é algo que deve ser prazeroso, mas a alfabetização de uma maneira mais tradicional remete à leitura e à escrita como algo técnico e repetitivo, com caráter de memorização. Para Freire (1989, p. 12), o ato de ler não deve ser somente um ato mecânico, e sim necessário para se ter uma noção de mundo, de sua própria realidade:

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada.

Apesar de tímida, sempre consegui ter amigos e aprendi a socializar com eles. A rua da minha casa sempre foi muito tranquila; ela dava abertura e espaço para as crianças brincarem, então tive muito contato desde cedo com meus vizinhos; nessas brincadeiras, reuníamos livros, histórias em quadrinhos e gibis e os espalhávamos pelo chão na casa de alguém para “brincar de ler”. Não durava muito tempo e já corríamos para fazer outra coisa, como pega-bandeira, carimba, corda e elástico. Minhas últimas brincadeiras mais presentes até a minha pré-adolescência sempre envolviam o grupo de amigos, como o ato de correr, pular e saltar, tendo sido também nesse meio que mais obtive contato com cantigas de roda, pois meus amigos que estudavam em outras escolas acabavam compartilhando as brincadeiras que eles aprendiam nesses espaços. Guardo muitas recordações

dessas interações fora da escola e de casa; esse convívio social através do brincar na rua, algo que hoje fora da escola tornou-se mais difícil de ver. Bordignon e Camargo (2013, p. 8) relatam que:

A brincadeira é um meio eficaz para o aumento de vocabulário infantil, pois proporciona o conhecimento de novas palavras. Além disso, através da brincadeira, a sociabilidade é desenvolvida, pois a criança aprende a ganhar ou perder e passa a compreender a importância das regras para que haja uma participação satisfatória.

Outros aspectos que me levam à ludicidade na infância é o envolvimento das artes, como teatro, música, dança, desenho; alguns dos meus momentos mais prazerosos e de felicidade vieram de situações em que estive em contato com elas. Bacelar (2009) reconhece que a arte está diretamente ligada ao emocional e sensível do ser humano, e as mais variadas expressões de arte podem ser experienciadas ludicamente pelas crianças, assim como pelo professor, e esta pode se tornar um meio muito rico para o processo educativo.

A escola onde estudava era predominantemente religiosa e protestante, onde tinham muitas apresentações de dança e canto que remetiam a um certo tipo de evangelização e de fé; apesar disso, essas expressões de artes eram também centradas no conhecimento que adquiríamos nas aulas sobre Matemática, Português, entre outras. Era nessas apresentações e ensaios que me sentia bem; meu desejo, quando criança, era participar de apresentações de dança e teatro, artes que movimentassem o corpo. O pouco que havia desse contato com a dança ou teatro na escola e nos grupos da igreja me fez

crescer criando uma certa identificação e conhecimento sobre as formas de me expressar através delas.

Costumo refletir sobre a minha escolha profissional, principalmente sobre meu curso de licenciatura em Ciências Biológicas, refletindo o quanto esse momento atual está refletido na minha infância. Quando criança, gostava muito de Matemática e, a partir disso, criei uma vontade de ser professora dessa matéria; entre as brincadeiras com meus amigos da vizinhança, minha preferida era a “escolinha”. Eu era a única criança que possuía um quadro branco pequeno, e isso foi a porta para muitas imaginações. Cada um detinha uma função, e eu era responsável pela disciplina de Matemática como a professora. Organizávamos os papéis de cada pessoa dentro dessa escolinha e marcávamos o horário de brincar quase todos os dias. Felizmente fui muito agraciada por ter professores e profissionais que me inspiravam na hora das brincadeiras. Levando em consideração isso, Vygotsky (1978 *apud* Cole *et al.*, 1991, p. 85-86) afirma:

Na medida em que a criança imita os mais velhos em suas atividades padronizadas culturalmente, ela gera oportunidades para o desenvolvimento intelectual. Inicialmente, seus jogos são lembranças e reproduções de situações reais; porém, através da dinâmica de sua imaginação e do reconhecimento de regras implícitas que dirigem as atividades reproduzidas em seus jogos, a criança adquire um controle elementar do pensamento abstrato.

Além dessa brincadeira, uma que me marcou bastante foi a veterinária. Ironicamente tinha muito medo de bichos, insetos e até animais domésticos, mas os animais me fascinavam. Lembro que amava fazer jogos de memória produzidos na escola representando bichos,

onde tinha que fazer par com animais da mesma espécie. Nas atividades de produção textual, criava histórias e narrativas com os animais de que eu gostava. Durante as férias, costumava viajar para a casa dos meus avós no interior da serra e meu contato com a natureza era bastante presente: com as plantas, o vento, o barulho das cigarras, o céu estrelado, sem interferência das luzes da cidade. Nas minhas brincadeiras com minhas primas, costumávamos sair pelos matagais imaginando ser sobreviventes da selva; dava nossos próprios nomes às plantas para diferenciá-las, e todo esse contato que tive e ainda tenho com a natureza me faz ter mais certeza de que estou dando meus passos para me encontrar cada dia mais nas minhas escolhas.

Ainda assim, a partir dos anos finais do ensino fundamental, a ludicidade começa a ser inserida na sala de aula com menos frequência, mas ainda me recordo de alguns momentos teatrais nas aulas de Ciências sobre a importância da vacina, o júri simulado sobre os direitos das mulheres na aula de Português, a dança nas aulas de Artes, os jogos e paródias nas aulas de Matemática, todos esses momentos ficaram registrados na minha memória positivamente, pois foram momentos em que me esforcei bastante para participar e principalmente porque aprendi muito com essas vivências de escola.

Confesso, porém, que, durante meus anos no ensino médio, minha escolha nunca havia sido a licenciatura, mas foi nela que despertei uma admiração e reconheci a importância do educador, assim como a Ciência, que me fez perceber o quanto ela é fascinante. Biologia e Química estiveram por muito tempo como minhas matérias preferidas no ensino médio e grande parte disso foi por

causa de duas professoras que ensinavam como se aquele assunto fosse a coisa mais linda e incrível, contagiando-me através de filmes, experimentos e desenhos para explicar o conteúdo. O olhar delas para com aquilo me fez perceber que, se algum dia eu tivesse a oportunidade de ensinar, queria ser daquela forma, com vontade e muito amor.

Durante essa época, as brincadeiras e o faz de conta já não estavam tão presentes; a biblioteca ainda era o local que gostava de frequentar para pegar emprestados os livros que me interessavam, porém essa prática foi ficando cada vez menor à medida que o vestibular e as provas finais iam se aproximando. Bacelar (2009) cita que, assim como acontece em outros países, os professores brasileiros possuem uma árdua tarefa, que é a de educar pessoas em uma sociedade onde o único objetivo é o conhecimento racional e cognitivo visando a aprovações em vestibulares. Todos os estudos eram focados a partir deste objetivo a que a escola também almejava, o bom desempenho dos alunos nas provas de fim de ano, a partir de intensivos estudos e reforços que nunca ou quase nunca havia uma forma de trabalhar conteúdos de forma lúdica, e sim da maneira mais tradicional, em que apenas o professor é o transmissor do conhecimento.

Na universidade, não é tão diferente, porém alguns professores conseguem trabalhar os conteúdos colocando brincadeiras e jogos nas suas aulas, um fato que me ajudou bastante a compreender muitas teorias e conceitos:

Entretanto, quando chega à universidade, já não discutimos mais sobre este aluno (que segue em formação), se ele necessita ou não de espaços e tempos

lúdicos dentro do seu ambiente de estudos. Ao pensarmos a discussão da ludicidade no meio acadêmico, não temos a pretensão de que haja uma infantilização dos estudantes universitários, tão pouco [sic] reduzimos o conceito de lúdico ao brincar, apesar de sabermos que há uma forte relação entre estes dois conceitos (Veríssimo; Santos, 2016, p. 5).

A partir desse contato, tive a oportunidade de me conectar com um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) em 2018, em que tivemos experiências incríveis com a construção de curta-metragem sobre Biologia para alunos do ensino médio; ainda houve trabalhos com os estudantes, em que construíram seus próprios vídeos curtos sobre o assunto que estava sendo trabalhado juntamente com a professora. Acredito que essa experiência com o desenvolvimento dos filmes foi fundamental para estimular a imaginação e a criação de roteiro, fotografias e edição, entrelaçando o mundo tecnológico em que vivemos com o conhecimento científico.

Veríssimo e Santos (2016) ainda destacam que as experiências lúdicas não devem estar presentes somente nas primeiras etapas do desenvolvimento humano, mas que elas são necessárias em todos os momentos. Tendo isso em vista, acredito que, assim como na ciência, a curiosidade é essencial na nossa vida. É a partir dela que eu imagino, descubro e construo minhas opiniões de mundo e de vida e, para estimular isso, a ludicidade se faz necessária em todos os aspectos da nossa trajetória individual, porém não expressada e vista como algo infantilizado. Apesar de estar mais presente na infância, o lúdico se torna indispensável para formar pessoas em sociedade em qualquer etapa da vida.

Referências

BACELAR, V. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BORDIGNON, C. G. J.; CAMARGO, B. G. *Ludicidade e educação: uma parceria que contribui para a aprendizagem. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. v. 1. Paraná, 2013.

COLE, M.; JOHN-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (org.). *A formação social da mente: Vygotsky, L. S.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRO, E. *Com todas as letras*. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

VERÍSSIMO, A. C. B.; SANTOS, A. M. Por que pensar o lúdico na universidade?. *In: SIE*, 15., 2016, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre, 2016. v. 1. p. 1-9.

10 DO PAÍS DAS MARAVILHAS À PASÁRGADA: OS CAMINHOS ENREDADOS DA LUDICIDADE NO MEU PERCURSO FORMATIVO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap10>

JEFFERSON SOARES GALVÃO

Professor de Educação Infantil atuando na rede pública do município de Apuiarés, Ceará. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Especialista em Educação Social e Cidadania pela Universidade Cesumar. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – Pedagogia entre os anos de 2022 e 2023. Participou do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) entre os anos de 2020 e 2023.

E-mail: jefferso-ngalvao@hotmail.com

[...] 'Quem é você?', perguntou a Lagarta. Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: 'Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então' [...] (Carroll, 2009, p. 55).

s experiências que adquirimos no transcurso de nossas vidas passam a integrar-nos de forma permanente. É certo que algumas dessas não serão lembradas e poderão passar como insignificantes, momentos rotineiros da vida que se perdem dentre tantos outros. Contudo, elas também deixam sua marca na nossa constituição, mesmo que não seja de forma tão escancarada como as vivências mais memoráveis.

Cabe perceber, então, que tudo que experienciamos influencia nossa formação enquanto pessoa. Nesse processo, algumas vivências podem destacar de forma especial aspectos do nosso ser. Assim, é interessante pensar que as diferentes vertentes desse processo formativo, seja cidadã, profissional, ética, dentre outras, serão subsidiadas por um arcabouço de situações vividas.

Ao fazer uma retrospectiva de como chegamos aonde estamos ou como nos tornamos quem somos, invariavelmente passamos por diversas recordações de

um passado recente ou remoto. Dessa forma, não passa despercebida a importância das memórias para a compreensão da nossa trajetória formativa. Sob esse aspecto, falar de memórias significa:

[...] concebê-la[s] sob um enfoque que enfatize a relação de interface entre a sua dimensão social e individual/psicológica. Sob esse enquadre, importa dizer que a noção de memória não se restringe àquela de ordem psicológica, como faculdade mental ou uma capacidade individual de natureza estritamente biopsíquica. Além desse traço, a memória, enquanto construção social, situa-se num espaço que medeia a ação ideológica e a experiência social que os membros de uma comunidade específica possuem acerca de suas experiências humanas. A dimensão social de que se reveste a memória pressupõe sempre uma relação de partilha cultural no seio do grupo social em questão [...] (Silva, 2010, p. 604-605).

Destarte, uma memória ou lembrança pode assumir novos significados de acordo com a etapa de experiência que assumimos, embora o fato recordado em si não se altere. Por exemplo, recordar de um desentendimento com um professor durante nosso ensino médio, visto sob a ótica adolescente, alguns dias depois, causa-nos um sentimento que pode ser muito diferente do atual ao relembrar o mesmo fato, já vivendo a experiência docente. Ou seja, recuperar as memórias é fundamental também para a reavaliação dos nossos próprios preceitos e a possibilidade de um avanço formativo.

Percebemos, então, a miríade de contribuições que a elaboração deste Memorial Formativo possibilita para o nosso crescimento pessoal e profissional. E ainda, como foco do curso “O lúdico em vários contextos e

situações da prática pedagógica”, trazer as experiências lúdicas como mote para esse processo conformativo nos possibilita resgatar aspectos esquecidos que são enriquecedores na prática do docente.

É importante compreender, então, o que significa a temática em foco. Luckesi (2014, p. 17) nos elucidava, assim, que a ludicidade é um:

[...] estado interno ao sujeito, ainda que as atividades denominadas como lúdicas sejam externas, observáveis [...]. A experiência lúdica (= ludicidade), que é uma experiência interna ao sujeito, só pode ser percebida e expressa pelo sujeito que a vivencia.

Ou seja, uma caminhada no parque, um banho de chuva, um passeio de bicicleta, dentre tantas outras atividades, podem assumir um caráter lúdico se o sujeito que a executa assim intenciona. Isso faz com que eu me recorde das minhas primeiras experiências com a educação escolar, na fase hoje chamada de educação infantil. Eu ficava encantado com os jogos e brincadeiras que eram propostos, embora fosse muito tímido e preferisse não interagir tanto. Por isso, talvez, sempre gostei mais das atividades solitárias, gosto que mantenho até hoje. Dentre as que estavam disponíveis, minha preferida era brincar com massinha de modelar. Eu adorava as cores vivas, a textura macia e maleável, até o cheiro me agradava! Como era um item terminantemente proibido na minha casa, em decorrência das possíveis sujeiras que fazia, eu tinha que aproveitar qualquer oportunidade que surgisse para usar as massinhas. Gostava de formar pessoas, animais, pequenas casas, diversos objetos e depois criar uma história, dar sentido àqueles personagens. Eu sabia perfeitamente que aqueles pedaços de massa não

tinham vida, mas minha imaginação se encarregava de criar essa possibilidade.

Esse relato dialoga com um apontamento muito relevante dos estudos de Vigotski (1991), no qual ele conta sobre duas irmãs que decidem brincar de ser irmãs. O autor indica que, ao brincar *performando* a realidade, a criança age de acordo com o que ela acredita ser aquilo que está representando. Ou seja, as irmãs que brincam de ser irmãs não se comportam como o fazem naturalmente, mas sim interpretando um conjunto de regras que elas entendem como o que caracteriza a fraternidade. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento infantil, especialmente no que concerne à compreensão e utilização de regramentos.

A brincadeira com as massinhas de modelar me proporcionou esse desenvolvimento, essa interpretação de regras e comportamentos assumidos pelas minhas criações. Mais tarde, um pouco mais velho, isso passou a acontecer com os bonecos: eles adotavam nomes, personalidades, interagiam entre si e tinham conflitos. Essa capacidade imaginativa me acompanha até hoje, permitindo-me conceber situações que dialoguem com a realidade e me ajudem a entendê-las melhor.

Ao ficar mais velho, fui deixando os brinquedos um pouco de lado e passei a adentrar mais o universo dos livros. Apesar de ter alguns desde muito cedo e gostar de lê-los, eles não haviam assumido o protagonismo no meu lazer. Essa virada ocorreu entre os meus 12 ou 13 anos, quando minha mãe me deu o primeiro livro da coleção *Harry Potter*. Fiquei absolutamente encantado pela história! Sempre que possível, ela comprava outro livro da coleção, o qual eu lia vorazmente.

Foi essa história fantástica que me abriu para as possibilidades da leitura. Ler sobre aquele universo mágico me fazia sonhar com situações impossíveis, mas a história não se limitava a isso. No decorrer do meu crescimento, busquei a coleção novamente, fazendo novas leituras, e isso sempre me desvelava informações novas, detalhes que a idade mais avançada me permitia notar. Percebi diversos contextos e críticas sociais que permeavam os assuntos daquele mundo que não existia, mas que também pareciam tanto com os nossos. A coleção *Harry Potter* me ensinou a perceber a literatura como uma fonte de prazer e reflexão.

Esse aprendizado é um dos pilares de quem sou hoje. Minha relação com a literatura me permite ser o cidadão, estudante e profissional em formação que sou. Lembro de como, no ensino médio, fui impactado com obras como *Vidas secas*, *O quinze*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Dom Casmurro*, dentre tantos outros clássicos da literatura. Não por acaso, escolhi como título deste memorial dois lugares fictícios que conheci através da leitura: o País das Maravilhas, local onde se passa a história de Alice, que citei no início do texto, e Pasárgada, do poema de Manuel Bandeira, que diz:

Vou-me embora pra Pasárgada / Aqui eu não sou feliz / Lá a existência é uma aventura / De tal modo inconsequente / Que Joana a Louca de Espanha / Rainha e falsa demente / Vem a ser contraparente / Da nora que nunca tive // E como farei ginástica / Andarei de bicicleta / Montarei em burro brabo / Subirei no pau-de-sebo / Tomarei banhos de mar! / E quando estiver cansado / Deito na beira do rio / Mando chamar a mãe-d'água / Pra me contar as histórias / Que no tempo de eu menino / Rosa vinha me

contar / Vou-me embora pra Pasárgada [...] (Bandeira, 1975, p. 59-60).

Nesse poema, Bandeira descreve diversas ações que fará em Pasárgada, seu reino maravilhoso. E quantas dessas atividades não podem ser permeadas de ludicidade! Muito podemos aprender com a literatura. Não apenas quesitos técnicos e didáticos, mas também a perceber o lúdico, a entender como ele pode integrar nossa formação e contribuir na prática docente. Acredito que esses conhecimentos foram fundamentais para a constituição do estudante que sou hoje.

Outra memória que me vem, muito mais recente, diz respeito à minha formação no curso de Direito. Quem diria que, em uma graduação tão tradicionalista, eu iria me deparar com o lúdico? Pois aconteceu, e não apenas com o conhecido júri simulado. Cursei uma disciplina eletiva chamada “Arte e construção do conhecimento jurídico”, recém-integrada à grade do curso. A professora que a ministrava era jovem, alegre e visionária, acreditava que os estudantes de Direito podiam largar um pouco as legislações e pensar as relações jurídicas sob outras óticas.

Como trabalho para essa disciplina, eu e uma colega criamos uma ação lúdica que proporcionava aos participantes perceberem os impactos dos seus consumos para o meio ambiente através da alocação de bexigas de diversos tamanhos em uma bolsa. Quanto maior o nível de consumo do participante, maior a bexiga que ele deveria levar. Muitos não tinham nem espaço para tantas bexigas! Unimos essa ação com os tópicos de Direito Ambiental, teoria foucaultiana e estudos decoloniais e possibilitamos o diálogo e a construção de novas pontes entre os métodos trabalhados. A ludicidade foi funda-

mental nesse processo e certamente será um norte para futuros trabalhos na Pedagogia.

Nesse sentido, é fundamental que o professor em formação, especialmente no curso de Pedagogia, conceba agregar a ludicidade como uma das possibilidades de seu fazer profissional. Bacelar (2009, p. 60) indica a importância:

[...] da arte e da ludicidade na formação e prática do educador, pois apresentam possibilidades de expressão e comunicação fundamentais para a relação educador/educando e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de ambos [...].

Assim, o uso de recursos lúdicos em sala de aula pode auxiliar o desenvolvimento intelectual e social dos estudantes não apenas pela função pedagógica que possuem, mas também pela possibilidade de interação entre os sujeitos do processo.

Por fim, trago aqui as memórias mais recentes, que se referem à participação do curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”. O primeiro aprendizado já transcorreu do seu início, uma vez que foi todo executado de forma remota através de plataformas digitais. O necessário distanciamento social em decorrência do contágio pelas variantes da Covid-19 e da superlotação nos hospitais tornou fundamental a inovação na forma de realizar e participar de um curso desse porte. Os aprendizados decorrentes dele já podem ser observados nessa perspectiva inicial.

Além disso, as interações e trocas foram ricas e efetivas tanto nos encontros gerais, nos quais assistimos às palestras de convidados experientes em suas áreas, como nos encontros dos subgrupos, tendo participado

daquela cuja temática era voltada aos anos finais do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Com os diálogos estabelecidos entre os cursistas, oriundos de cursos de graduação diferentes e de atuações profissionais em níveis de ensino diversos, foi possível perceber através das experiências novas possibilidades de atuação estudantil e docente, combinando a prática pedagógica à ludicidade.

Referências

BACELAR, V. L. E. A linguagem psicocorporal e a ludicidade. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 59-83.

BANDEIRA, M. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

CARROLL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas: através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

VIGOTSKI, L. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In*: VIGOTSKI, L. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 61-70.

11 O PAPEL DO LÚDICO NA FORMAÇÃO CRÍTICA E SOCIAL DO DISCENTE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap11>

JOANA D'ARC MAGALHÃES CORDEIRO

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de 2020 a 2022. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisa em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe), todos desenvolvidos no *campus* da Facedi.

E-mail: darccordeiro8@gmail.com



Era uma vez / Um lugarzinho no meio do nada / Com
sabor de chocolate / E cheiro de terra molhada. / [...]
Uma história de amor / De aventura e de magia / Só
tem a ver / Quem já foi criança um dia (Socci; Matta,
1997).



Quem de nós viveu essa história de amor? Quem de nós traz na memória um lugarzinho onde vivemos momentos especiais, de aventuras e de descobertas? Para introduzir as narrativas sobre a minha vivência com a ludicidade, destaco essa canção, que possibilita reativar o nosso imaginário infantil e nos faz voltar ao tempo de criança. Como é incrível a sensação de ouvir essa música e logo relacioná-la com as memórias de minha infância no interior de Santarém, no distrito de Assunção, nas terras serranas de Itapipoca, Ceará (CE).

Nessa perspectiva, posso me recordar daquele aroma de terra fresca, onde naquele lugar tive minhas primeiras vivências com o lúdico, presente nas brincadeiras, nos jogos, no convívio fraterno e na contação de histórias das pessoas mais idosas, por isso, a imaginação, na criança, é como a semente:

[...] nos brinquedos da terra, a imaginação material cumpre essa função, é comprometida em garantir o devir, o aprofundamento da criança em suas raízes

simbólicas, ancestrais, familiares, comunitárias e telúricas (natureza) (Piorsky, 2016, p. 26-27).

Desse modo, era mágico poder construir o meu próprio brinquedo, sem utilizar muitos recursos e materiais industrializados, pois o que mais importava para mim era ter algo com que brincar.

Dado o exposto, a minha infância sempre foi simples. Tenho fortes lembranças dos meus primos procurando retalhos de panos no material de costura de minha tia para construirmos bolas de meia, pois era a brincadeira que mais adorávamos brincar; os nossos brinquedos eram criados por nós mesmos com os próprios recursos do cotidiano. Além disso, gostava também de ir brincar no quintal da casa da minha colega de escola, em que nos reuníamos nas sombras de um pé de laranjeira. Bastava uma pedra (lousa), um giz, muita imaginação e o quintal se transformava em uma escolinha. Tudo era muito real, como as atividades ao intervalo para chupar o dindim que a mãe dela preparava ou os momentos para brincar de panelinha e casinha.

Assim, com essas narrativas das minhas memórias lúdicas, inicio as discussões deste memorial de formação, que tem por objetivo relatar as conquistas, as dificuldades e as experiências ao longo do meu amadurecimento enquanto ser humano e educadora em formação, pois:

[...] dessa forma, como um gênero formativo, possibilita que os protagonistas da escrita, os professores em formação inicial ou continuada, registrem suas trajetórias de vida e seus percursos de formação e, ao mesmo tempo, façam uma reflexão acerca das mesmas [sic] (Souza; Dourado, 2014, p. 42).

Assim, o memorial se destaca como um espaço discursivo com os registros das experiências de formação,

logo é um movimento de olhar para si e recordar momentos significativos, em que o protagonista dessas narrativas é o/a próprio/a autor/a.

O processo de escrita do memorial é de suma importância, pois se estrutura com uma descrição crítica e reflexiva de análise da trajetória em constituição do ser pessoal e profissional, além do próprio projeto de formação, propondo um resgate das memórias, destacando lembranças importantes que estavam predestinadas ao esquecimento. O ato de rememorar os eventos e atividades influencia na construção de pontes com o presente, permitindo uma reflexão da estruturação do conhecimento. Destarte,

Consideramos o espaço discursivo de escrita de memoriais de formação como uma provocação para ativar alguém que está aberto a novas experiências e a novos aprendizados, alguém que tem consciência de que não é o dono do saber, mas que está sempre em busca de novos saberes. É um sujeito que está aberto à sua própria transformação. Essa transformação juntamente com a formação é um componente fundamental da experiência [...] (Souza; Dourado, 2014, p. 44).

Ademais, são essas memórias que são carregadas de marcas subjetivas, com enunciação das experiências de vida, que, de certa forma, estão relacionadas com a formação profissional do/a autor/a. Por isso, a produção discursiva do memorial formativo é um gênero utilizado para além da formação de professores, assim como em outras áreas profissionais.

Diante disso, para refletir as lembranças de minhas vivências, é necessário voltar ao tempo, pois este memorial traz reflexões sobre a trajetória de vida da discente Joana D´arc Magalhães Cordeiro, ingressa no

curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Sou a descendente últimagênita de Regina Lúcia Magalhães Cordeiro e Antônio José Henrique Cordeiro, nascida em Praia Grande, São Paulo (SP). Nisso, a escolha do meu nome consolidou-se logo após minha mãe tomar conhecimento que a gravidez era de risco. Logo, meus pais, vindos de família tradicionalmente católica, conheciam a história de uma jovem que, na Idade Média, havia comandado tropas e vencido a guerra derrotando os ingleses, que dominavam a França. Sou conhecedora dessa história desde criança, por isso carrego comigo essa grande responsabilidade.

Minha vida estudantil deu-se início aos 3 anos de idade, quando minha mãe me contou que no começo eu chorava muito, mas, como sempre fui uma criança muito comunicativa e gostava de fazer muitas amizades, não demorei muito para me adaptar, gostando das minhas professoras e, a partir disso, desenvolvendo afeto por elas. Como também tenho em minhas memórias aos 7 anos, durante os anos iniciais do ensino fundamental, o fato de que meus colegas já estavam lendo, porém eu ainda não conseguia. Aquela situação me incomodava, então meus pais me matricularam por um período em um reforço escolar. Com isso, comecei a me dedicar mais e rapidamente aprendi a ler; recordo o quanto fiquei feliz por conseguir ler pequenos textos.

Destarte, saliento ainda que tenho grande estima pela arte e os meus pais foram os principais responsáveis pelo meu apreço pela música, todavia:

No dia em que eu saí de casa. / Minha mãe me disse:
filho, vem cá [...]. / Eu sei que ela nunca compreendeu

/ Os meus motivos de sair de lá / Mas ela sabe que depois que cresce / O filho vira passarinho e quer voar (Marques, 1992).

Essa música era sempre tocada no radinho de pilha da minha mãe, tornando-se, assim, a primeira música que aprendi a cantar. Um dia, meu irmão me flagrou cantando com o meu pai, então ele fez uma gravação prometendo lançar um CD meu. O mais engraçado é que eu achava que era uma cantora profissional, pois tinha uma música gravada. Desde então, comecei a participar do coral da minha igreja, simultaneamente com o projeto artístico e social da Associação Atlântica do Banco do Brasil (AABB), onde tive outras experiências lúdicas e artísticas, como o teatro e a dança.

Minhas vivências com o lúdico no ensino superior ocorreram na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, sob orientação do professor doutor Mirtiel Frankson, em que a atividade de produção de jogos feitos a partir de materiais recicláveis, além do contexto de conscientização ecológica, teve também como compromisso uma ação social, pois os brinquedos foram distribuídos para o anexo escolar do colégio Nossa Senhora das Mercês, em Itapipoca/CE.

Ademais, no ano de 2018, participei como voluntária do projeto de extensão “Canto coral en-cantando a Facedi”, sob a coordenação da professora doutora Maria Zenilda Costa, no qual a bolsa de iniciação artística, sob o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), tinha por objetivo introduzir os discentes na prática da interdisciplinaridade entre o ensino e as práticas artísticas com o foco na música. Em 2019, tive a oportunidade de participar do curso de extensão Iniciação Musical, ofertado

pelo Instituto Federal do Ceará, no *campus* de Itapipoca/CE. Por fim, concluímos com a realização do II Sarau Musical, com a temática sobre a cultura nordestina.

Saliento que sou feliz por dizer que sempre estudei em escolas públicas e que nesses espaços existem excelentes profissionais, os quais, apesar dos inúmeros desafios que enfrentam, assumem com dedicação o discurso de perseverança e esperança por dias melhores. Além disso, tenho gratidão a todos os professores, familiares e amigos que contribuíram com a construção do meu desenvolvimento e personalidade, pois:

[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente [...] (Freire, 1989).

Nesse raciocínio, minha base de ensino foi de perspectiva crítica, em que aprendi a questionar e desenvolver autonomia no processo de aprendizagem.

Em minhas lembranças com o lúdico na sala de aula, recordo-me de um professor de Matemática que estimulava a sua práxis pedagógica, relacionando o conteúdo didático com os jogos. Todo ano ele organizava um grande concurso de jogos matemáticos, movimentando toda a escola, facilitando, assim, o processo de ensino e aprendizagem através do lúdico. Dessa maneira:

[...] no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integra-

da. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal (Bacelar, 2009, p. 25).

Em resumo, o contexto do lúdico é um movimento real, concreto e imaginário, nessa perspectiva, toda criança já possui dentro de si a essência humana do brincar, mas que precisa ser desenvolvida e trabalhada desde os primeiros anos de vida. Ademais:

Algumas teorias ressaltam a importância da ludicidade nesse processo, referindo-se a ela do ponto de vista externo ao indivíduo, descrevendo e analisando a brincadeira que a criança realiza espontaneamente ou a partir de um estímulo de outra criança, dos pais ou de um educador (Bacelar, 2009, p. 21).

Dessa forma, urge refletirmos sobre a relevância da inserção de atividades lúdicas dentro da sala de aula desde os anos iniciais, pois esse processo impulsiona o desenvolvimento cognitivo e social desse aluno. Com isso, a ludicidade é de fundamental importância para o processo de aprendizagem da criança e essa temática é foco de estudos de grandes autores em diversas áreas do conhecimento, entre elas, a Pedagogia.

No dia 23 de julho de 2018, adentrei na universidade e iniciei uma nova trajetória acadêmica, com o anseio de adquirir amplo conhecimento. Por isso, busco participar das ações que a universidade oferta em seus três eixos: ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, atualmente sou bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – Alfabetização 2020, em que, apesar do cenário pandêmico, com o ciclo de contágio da Covid-19 (coronavírus) em que nos encontramos,

estamos desenvolvendo ações e atividades a distância, através das plataformas digitais.

Em síntese, a construção deste memorial originou-se a partir das discussões e o resgate das memórias lúdicas abordadas no curso de extensão se deu com a temática “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, que se estrutura pela coordenação do professor doutor Mirtiel Frankson, com o apoio do Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), juntamente com o Grupo de Estudo em Educação, Saberes e Aprendizagens da Docência (Gepesad). Além dos integrantes do Pibid, participa também dele a comunidade de professores da microrregião de Itapipoca/CE.

Referências

BACELAR, V. L. E. Bases da investigação. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21-29.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MARQUES, J. *No dia em que eu saí de casa*. 1992. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/zeze-di-camargo-e-luciano/85384/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PIORSKY, G. Percursos da imaginação. *In*: PIORSKY, G. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016. p. 26-35.

SOCCI, A.; MATTA, C. *Era uma vez*. 1997. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/144510/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 3, n. 2, p. 37-56, 2014.

12 O BRINCAR E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap12>

JOSÉ VALDEMIR DE SOUSA SOARES

Licenciando em Pedagogia na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad); projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe). Fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).
E-mail: valdemirpedagogia22@gmail.com

Nada é para sempre. Tudo e todos são passageiros [...] as lembranças se diluirão no esquecimento à medida que o tempo for passando (Hugo *apud* Braz, 2020, p. 53).

Fazer uma busca de minhas experiências no fundo de minha memória pode ser algo complexo e, na verdade, não será nada fácil, pois “[...] há uma complexidade que permeia a evocação das lembranças, a produção dos silêncios e dos esquecimentos [...]” (Bergamaschi; Almeida, 2013, p. 21). O que fui há alguns anos não sou mais; ao olhar para o que já passou, eu vejo uma outra pessoa e fica quase impossível fazer uma comparação com o eu em que me tornei. Ocorreram mudanças em vários aspectos, tanto na minha essência quanto no meu físico, afinal, como diria Freire (2017), o ser humano é inacabado e está em estado de constante amadurecimento. Com isso, cabe-nos concluir que estamos em constante evolução, seja ela positiva ou negativa, porém, mesmo não sendo uma tarefa simples realizar uma rememoração daquilo que está no passado, não me eximirei de tal incumbência, pois, mesmo que esses fatos estejam quase mergulhados no meu inconsciente, sei que posso reavivá-los.

Logo no início deste memorial, fiz uma citação a Victor Hugo não como forma de pessimismo, embo-

ra pareça, mas para demonstrar que até as nossas próprias memórias que nos são inerentes, aquelas que são parte da nossa integralidade, por vezes deixamos cair no esquecimento. Para começar a falar de minha trajetória pessoal até o atual momento como acadêmico, tenho que voltar no tempo e fazer uma busca de minhas vivências. Então vamos lá, tentar viajar no passado e trazer para o presente o que me for de mais relevante, mas, antes de começarmos, tenho que deixar claro que “[...] os fatos ocorridos são metamorfoseados pela imaginação, que recria situações com o novo olhar, com novo brilho” (Kishimoto, 2011, p. 22). Com isso, é provável que os fatos que vou tentar descrever não irão carregar uma total precisão de como ocorreram, porque a nossa memória traz consigo limitações que nos impossibilitam de tal descrição literal.

Nasci em 22 de maio de 2000 em uma família residente da zona rural, interior de Itapipoca, Ceará (CE), onde os meus pais estudaram muito pouco. Meu pai concluiu a 8ª série em forma de supletivo e a minha mãe concluiu a 4ª série. Porém, mesmo diante de tal situação, eles tinham um cuidado para que eu estudasse, talvez não com a perspectiva de entrar na universidade, mas de me tornar uma pessoa que soubesse ao menos ler e escrever. Mesmo eu sendo uma criança que não tinha à disposição tantos brinquedos industrializados, como carrinhos, bolas e outros tipos de brinquedos, seria impossível falar da minha infância sem mencionar a ludicidade, pois esta é algo transcendental e pertencente ao nosso desenvolvimento contínuo.

Esse foi um elemento primordial para o meu desenvolvimento pessoal que trouxe reflexos positivos no

meu processo formativo acadêmico, que ainda se encontra em construção, pois: “[...] brincando a criança aprende, se [sic] socializa, assimila regras, integra-se ao grupo, aprende a dividir, a competir, a cumprir regras [...]” (Pereira; Sousa, 2015). Dessa forma, a ludicidade se faz imprescindível na minha formação em todos os aspectos que me integram. Sempre fui uma pessoa que gostava de brincar, principalmente utilizando a imaginação por meio do faz de conta. Com isso, “[...] quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário” (Kishimoto, 2011, p. 27). Antes mesmo de entrar na escola, eu já tinha uma imagem mental construída do que seria ser professor, pelo simples fato de ser um grande amante de desenhos animados a que eu gostava de assistir na televisão, em que era muito retratada essa imagem do professor como aquele que fica na frente da turma, dono da atenção de todos.

Muitas vezes, criava um esquema mental do que seria ser professor e tentava incorporar aquilo para poder brincar com os meus irmãos e com alguns coleguinhas de escolinha. A gente sentava sob um cajueiro frondoso em forma de círculo; eu era o professor e os demais eram os meus alunos. Eram bons momentos de diversão em que nós passávamos horas e horas nessa mesma brincadeira sem nos cansarmos. Todas as vezes que tínhamos a possibilidade de realizarmos essa brincadeira, sempre queria ser o professor, embora os meus colegas e irmãos achassem um pouco ruim, pois eles também queriam ser professores.

Meus pais relatam que eu fui uma criança que foi inserida um pouco tarde na escola, mas, em compensação, sempre tiveram o cuidado de me instruir mesmo de

maneira informal e não sistematizada, com o intuito de me fazer adquirir alguns conhecimentos, para que, ao ingressar na escola, eu não ficasse tão atrasado em relação aos demais alunos. Apesar de eles não terem domínio sobre tais conhecimentos mais complexos, como fórmulas matemáticas, procuravam me ensinar o máximo do que sabiam, elaborando tarefas com as letras do alfabeto para que eu começasse a conhecê-las e assim entrar na escola com algum conhecimento prévio. Inclusive minha mãe relata que, quando fui inserido na escola, os professores ficaram muito surpresos com o conhecimento já adquirido por mim. Sempre fui uma criança curiosa, que tinha aquela vontade de aprender. Aguçado, procurava melhorar a cada tarefa que os meus pais elaboravam. Mesmo com um pouco de dificuldade, lograva êxito em minhas ações, sempre persistente.

Fui matriculado em uma escola pública que se localiza em uma comunidade do município de Itapipoca/CE aos 4 anos de idade. Logo no início, a minha socialização com os demais alunos era mínima; eu ficava quieto na minha cadeira até o horário de retornar para casa. Para mim, aquele ambiente parecia ser algo tão desconhecido, novo e estranho. Com isso, não conseguia me sentir à vontade, mesmo tendo ideia do que seria uma escola anteriormente, mas aquilo era apenas uma questão de tempo, pois logo eu conseguiria me envolver com os outros alunos. No decorrer do tempo, fui começando a interagir um pouco mais, adaptando-me e conhecendo alguns colegas, assim pouco demorou para que me sentisse incluído naquele ambiente que antes me era hostil. O ensino fundamental foi um período de grande relevância para mim, quando conheci vários colegas que me

acompanharam até o ensino médio, com os quais mantive contato até os dias atuais. Claro, os mesmos colegas que me fizeram ouvir várias broncas dos meus pais.

Havia uma brincadeira que eu aprendi a gostar durante esse período que era jogar futebol e, por certo tempo, nutri o utópico sonho de ser jogador de futebol profissional, porém foi somente um sonho que, com o tempo, se dispersou e se diluiu como fumaça; não que fosse impossível torná-lo real, mas teria que enfrentar muitos desafios se quisesse chegar a tal objetivo, com isso acabei por desistir desse sonho. Entretanto, trata-se de uma atividade que se realiza em equipe, em que todos têm que participar. Assim, aprendi que, para ganhar dentro daquela brincadeira, o trabalho teria que ser realizado de maneira coletiva, com todos contribuindo de alguma forma, em que tinha de utilizar-se de regras para tal êxito, e isso me fazia gostar ainda mais daquele esporte, por ser muito competitivo. Tenho que deixar claro que, desde criança, aprendi a ser competitivo a ponto de jamais querer perder, porém, com o tempo, aprendi que a vida não se faz apenas de vitórias, aprendendo que devo reconhecer quando perco e a ser justo com o meu adversário, dado que, embora sejamos opositores, acima de tudo não sou superior a eles. Mesmo sabendo de tudo isso, sentia-me mal quando a minha equipe perdia, pois perder é com o que menos gosto de lidar.

O tempo foi passando, fui crescendo, evoluindo positivamente e logo o tempo foi me levando simultaneamente; quando me dei conta, no ano de 2015, já estava concluindo os anos finais do ensino fundamental e, no ano posterior, eu já estava cursando o ensino médio em um anexo que se localiza na sede distrital de onde

eu moro. Tenho que salientar que esse foi um momento esperado por mim, de novas descobertas, em que conheci novas pessoas de diferentes lugares e contextos distintos, com isso pude acumular o máximo possível de aprendizado. Além disso, conheci professores excelentes, inclusive duas dessas professoras que conheci no ensino médio tiveram um papel fundamental para que eu pudesse obter a minha aprovação no vestibular e consequentemente a minha inserção na faculdade. A elas sou extremamente grato. Sem essas pessoas, possivelmente eu não estaria onde eu hoje estou. Indubitavelmente, essas duas professoras acreditaram muito mais em mim do que eu mesmo; foram elas que nutriram o meu segundo sonho, o de ser professor, sonho do qual não poderia desistir diante de nenhuma dificuldade proposta pela vida; teria que me esforçar mesmo sabendo das condições em que estava imerso. Sempre me considerei incapaz de entrar em uma universidade, porém consegui. Entretanto, esse período de três anos que cursei o ensino médio não foram repletos de tanta ludicidade, atividade praticamente nula, pois o ensino era noturno e ainda era em tempo reduzido, com isso havia uma limitação de horários e ficava quase impossível haver momentos de ludicidade. Vale salientar que foi uma jornada um pouco difícil devido às condições não contribuírem tanto, pois, na maioria das vezes, não tínhamos transporte e necessitávamos nos locomover a pé até o colégio; apesar disso, consegui concluir o meu ensino médio no ano de 2018 e, ainda nesse mesmo ano, comecei o processo de vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Posteriormente, passei no vestibular, ingressando na faculdade no ano de 2019 para cursar licenciatura

em Pedagogia, realizando o sonho de possivelmente no futuro ser um professor. No início do curso, durante o primeiro semestre, realizei em sala na faculdade com os demais colegas, na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, uma apresentação com fantoches, na qual tínhamos que fazer uma espécie de peça teatral; foi uma atividade extremamente lúdica, a qual eu gostei muito de realizar; nunca havia feito algo igual, tratando-se de uma experiência bastante enriquecedora.

A faculdade tem sido e está sendo um local de muita aprendizagem e troca de conhecimentos, em que a ludicidade se faz presente, e esses momentos lúdicos, ao longo de minha jornada desde a infância até o atual momento, como acadêmico, de alguma forma, influenciaram-me para que eu escolhesse ser professor:

[...] por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

Abrindo as portas para uma amplitude de possibilidades que se oferecem para que sejam abraçadas, levando-nos às nossas conquistas almeçadas.

A ludicidade se faz presente em nossas vidas não somente na tenra idade, mas também na idade adulta, em nossas vivências e, conseqüentemente, na futura prática. Para contradizer a ideia de que o lúdico é algo que fica restrito somente à educação infantil, atualmente realizo um curso em minha faculdade intitulado “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, sendo um momento que, com toda certeza, está proporcionando impactos positivos em minha ação do-

cente. Acredito que a ludicidade sempre será um elemento imprescindível para a vida humana, influenciando na escolha profissional de quem deixar ser guiado por essa forma de viver.

Referências

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memórias escolares e processos de iniciação à docência. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013.

BRAZ, J. E. *Os miseráveis*. Jandira: Principis, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. In: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a Educação Infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-48.

PEREIRA, D. R.; SOUSA, B. S. A contribuição dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem de crianças de um CMEI na cidade de Teresina. *Revista Fundamentos*, Teresina, n. 2, v. 3, 2015.

13 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA VIDA DA CRIANÇA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap13>

LUANA MARIA CARDOSO FREITAS

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

E-mail: luana.cardoso@aluno.uece.br

Brincadeira de criança, como é bom, como é bom, /
guardo ainda na lembrança (Banda Molejo).

Meu nome é Luana Maria, filha de uma merendeira e costureira e de um agricultor, ambos aposentados atualmente, os quais tiveram 12 filhos, sendo eu a de número 12. Minha mãe terminou o ensino fundamental e meu pai só pôde fazer até a 3ª série do fundamental; tiveram que trabalhar muito cedo, porém, mesmo assim, incentivaram todos os seus filhos a estudarem e a correrem atrás de seus objetivos. E assim foi e continua sendo nossa luta, mesmo morando em uma pequena comunidade a 12 quilômetros da sede de Itapipoca, Ceará, chamada Trapiá, a minha Trapiá. Sempre foi e sempre será meu lugar de paz, onde tenho lindas lembranças da minha infância e adolescência que foram na minha Trapiá, onde moro.

Lembro bem das brincadeiras no rio, dos meus pequenos afogamentos, sempre salva por minha irmã; o rio era no final do quintal da minha casa e todos os dias eu ia brincar com meus irmãos; na época, assistimos a uma novela chamada *Caminhos do coração*, em que havia pessoas com poderes sobrenaturais, os chamados mutantes. Nós adorávamos essa novela e, quando era à tar-

de, seguíamos para o rio brincar de ser os personagens da novela. Era a nossa melhor diversão; durante nossas aventuras, avistamos, por acaso, uma cabana onde nos encontrávamos para brincar; era como se fosse a nossa casinha da árvore.

Claro que, como crianças, amávamos criar brincadeiras. Na minha casa, havia muitas carnaubeiras e brincávamos com o talo que caía delas, fingindo que eram nossos cavalos, utilizando com frequência a nossa criatividade. Fazíamos nossos *shows* de talentos aos sábados de manhã e cantávamos. Recordo que amava assistir aos desenhos animados; lembro-me como se fosse hoje da lista de desenhos de que eu gostava de assistir, como *Três espíãs demais*. Recorrendo bastante à minha imaginação, eu me sentia dentro do desenho, assim como elas cumprindo todas as missões. Segundo Schindwein, Laterman e Peters (2017, p. 15), “A brincadeira é uma das principais maneiras de a criança ser e se expressar na infância”.

Assim como houve o momento de brincar, o meu momento de entrar para a escola chegou. Estudei desde a educação infantil até a 5ª série do ensino fundamental na escola em que minha mãe trabalhava. Aos meus 5 anos, tudo o que eu queria era ir para a escola, porém tinha medo de ficar sozinha na sala, pois não era tão independente. Minha irmã passou a me acompanhar todos os dias na escola durante dois anos. Não recordo muito bem o início da minha vida escolar; possuo apenas uma memória bem clara de que, desde que comecei a frequentar a escola até o meu último ano, havia um momento antes da aula em que ficávamos no pátio e um rádio tocava bem baixo na cantina o som do programa de rádio “Arribando o chapéu de couro”, apresentado pelo radia-

lista Zé Ivo Magalhães. Sentávamos no chão para cantar o Hino Nacional e músicas de igreja. Após o momento, seguíamos para nossas salas.

Segundo Kishimoto (2017, p. 25):

A imagem de infância é enriquecida também com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel do brincar e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil.

Por isso, a importância de ter profissionais capacitados para usar todos os métodos que possam auxiliar em melhores resultados no aprendizado dos estudantes.

Tenho pequenos *flashes* sobre gostar de desenhar e pintar, pois ficava admirando os cartazes cheios de cores na parede da sala. Amava quando desenhávamos e a professora colava nossas produções na parede. Lembro-me do painel que pregaram nas laterais da sala de aula com carinhas que representavam como era o nosso dia na aula. O restante da minha trajetória de estudante até o meu último ano na escola foi bem parecido; não me recordo de brincadeiras lúdicas feitas pelos professores. Focava-se o tradicional com as exposições no quadro e atividades no livro didático. Apesar das poucas lembranças, esta etapa de alfabetização foi muito significativa para mim. Talvez esse modelo tradicional de aula tenha me auxiliado em alguns aspectos sobre ser responsável com minhas tarefas, prestar atenção, estar objetiva, porém senti a ausência de aulas divertidas, dos momentos de aprender brincando.

Conforme Bacelar (2009, p. 26):

Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais

integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira.

Quando se usa a ludicidade com as crianças, não importa se em casa, na escola ou em outro lugar, elas usam da imaginação e se divertem e aprendem. Para as crianças, o importante é poder brincar e se expressar cada um à sua maneira; é sempre bom poder permitir a vivência lúdica na vida das crianças. No meu percurso pelo ensino fundamental, não percebia a ausência do lúdico na aula; ao participar do curso, pude notar com mais clareza essa lacuna. Quando chegava o horário do intervalo, era a hora da brincadeira, pois lembro que não era sempre que pegávamos os brinquedos da escola porque havia o risco de quebrar, então, quando os usávamos, era somente após muita insistência junto à diretora, justificando termos cuidado; com a supervisão da professora, conseguíamos brincar muito no intervalo. Se não tivesse o brinquedo, nós, como crianças, criávamos nossas próprias brincadeiras. Segundo Porto (2008, p. 9), “O ato de brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança”. Ser criança é isso, buscar se divertir como pode e, com o que tem ao seu alcance, usar sua imaginação. Segundo Schlindwein, Laterman e Peteres (2017, p. 39):

A importância de compreender o brincar das crianças surge no momento em que a infância vem sofrendo grandes transformações, com a precocidade de sua duração, as crianças têm antecipado sua adolescência cada vez mais cedo, com isso, o brincar também passa a ter diferentes significados para a sociedade atual.

Como o exposto, brincar possui diferentes significados; posso afirmar sobre não ter tido aulas mais dinâmicas nos meus anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. O único momento eram as aulas de Educação Física, até porque é uma disciplina que envolve exercícios e brincadeiras. Alguns professores apresentavam uma metodologia de ensino que prendia a minha atenção, que, por mais que não fosse divertida a disciplina, os conteúdos e a forma com que eram trabalhados faziam com que eu não sentisse a falta da ludicidade. Entendi que, quanto mais crescemos, há menos a frequência do lúdico, principalmente dentro das salas de aulas. Meu ensino médio foi o lugar onde menos tive contato com o aprender mais dinâmico, até mesmo na Educação Física. Por mais que esse tipo de aprendizagem não estivesse mais presente, sempre percebi que aprender era e ainda continua sendo mais simples quando se tem uma abordagem mais leve e interativa.

A educação que recebi nos núcleos familiares e escolares desenvolveu incentivos em mim. Esforço-me bastante, estando compromissada com a única responsabilidade que tenho, que são os meus estudos. Sempre tive apoio dos meus pais e suporte das minhas irmãs. Logo quando entrei para o ensino médio, planejava ingressar em uma faculdade após o término dos meus estudos na educação básica. A escola em que realizei o meu ensino médio nos anos de 2016 a 2018 forneceu toda a base para que seus alunos pudessem ser aprovados em vestibulares, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros meios de ingressar no ensino superior. Eu pude aproveitar as oportunidades que tive, pois fiz o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2018

e, no ano seguinte, ingressei na universidade. Essa foi a minha grande conquista.

Referências

BACELAR, V. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

KISHIMOTO, T. *Jogos, brinquedos, brincadeiras e a educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

PORTO, C. *Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas*. Rio de Janeiro: Salto para o Futuro, 2008.

SCHLINDWEIN, L.; LATERMAN, I.; PETERS, L. *A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola*. 23. ed. Florianópolis: Nup, 2017.

14 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE EM MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap14>

MARCELO MOURA MAGALHÃES

Pós-Graduando em Psicopedagogia pela Universidade Leonardo da Vinci (Uniasselvi), graduado em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduado em licenciatura em Matemática pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) / Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE). Professor da rede municipal de Itapipoca. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) de 2020 a 2022; bolsista do projeto de iniciação artística Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) - Teatro com Fantoches (2021); bolsista do projeto de extensão Nedimpe (2022); bolsista do Núcleo de Atividades Artísticas, Lúdicas e Dialógicas na Escola (Naalde, 2023). Participante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) desde 2021; integrante do projeto de extensão Nedimpe desde 2021; participante do Grupo de Estudos e Pesquisas Matemática e Prática Docente (GEPMPD) desde 2022.
E-mail: marcelo.moura.uni@gmail.com



lúdico pode se expressar de várias formas em nossas vidas, seja através de jogos, brincadeiras ou até mesmo em momentos do nosso dia a dia. Faz-se presente a partir de atividades que ao realizarmos sentimos prazer e executamos tal ação de forma espontânea, desenvolvendo e ampliando diversos conceitos e nos desafiando a raciocinar estrategicamente um percurso para assim chegarmos a certa conclusão, fazendo com que se produza um aprendizado agradável.

Quando somos crianças principalmente, temos grande disposição e enorme curiosidade para descobriremos o mundo e fantasiarmos na vida real os nossos desejos e sonhos. Desse modo, entendemos que o processo de aprendizado em nossa infância é bastante proveitoso e é a partir desse processo que vamos criando nossa própria identidade pessoal, assim como afirmam Oliveira e Silva (2016, p. 71):

[...] a criança é sujeito histórico e de direito, que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas. Nessa condição, faz amizades, brinca com água e terra, faz de conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentido sobre o mundo e sua identidade pessoal e coletiva, produzindo cultura [...].

Minha relação com minhas memórias nunca foi um caso fácil, sempre tento buscar algumas, mas isso sinceramente é uma das tarefas mais difíceis, visto que

“[...] a memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer, a um só tempo, e estes são produzidos socialmente [...]” (Bergamaschi; Almeida, 2013, p. 21). Para entenderem um pouco sobre o que estou falando, vou descrever alguns exemplos. Imagine que eu saia de casa para comprar algo, vou e, quando chego ao local de compra, eu não sei mais o que eu estava em busca de adquirir. Outra vez, saí de casa para ir buscar minha sobrinha no centro; no caminho, eu lembrei que estava precisando comprar uma capa de proteção para o meu celular, então pensei: “Vou comprar minha capinha e de lá vou buscar minha sobrinha”. Então fui, parei no caminho, comprei minha capinha e voltei para casa, esquecendo de buscar a minha sobrinha no centro. Esses são alguns casos que já ocorreram e que comprovam que minhas memórias e eu não temos uma bela relação.

E, para escrever este memorial, necessito quebrar essas barreiras e ir ao fundo em busca de minhas memórias lúdicas. Não será uma tarefa fácil. Confesso que não será, mas vou insistir nessa relação e descrever um pouco sobre minhas memórias lúdicas. Para entendermos melhor o que é um memorial, contemplo a fala de Prado e Soligo (2007, p. 58-59), em que dizem que:

O memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos [...]. Num memorial de formação, o autor é, ao mesmo tempo, escritor/narrador/personagem da sua história [...]. O texto encadeia acontecimentos relacionados à experiência de formação, à prática profissional e também à vida – nesse caso, nos aspectos que, de

alguma forma, explicam, justificam ou ilustram o que está sendo contado. O tempo a que se reporta pode estar ou não circunscrito: formação do período de um curso ou programa, formação do tempo de profissão ou formação humana geral. De qualquer modo, a escrita de um memorial de formação é sempre a partir do campo da educação.

Antes de começar a escrever a fundo este memorial, explicarei um pouco como era o local onde morava e também sobre a minha própria família, para que entendam todo o contexto por trás de tudo. Sou o caçula dos oito filhos dos meus pais; morávamos em uma casinha humilde no meio de uma serra, na qual não tínhamos vizinhos. Uma casa isolada e rodeada por mais serras. As pessoas que moravam mais perto eram a uma distância aproximada de 20 a 30 minutos de caminhada. Apesar das poucas condições de minha família, o local tinha bastante fartura do que desrespeito à natureza. O terreno era enorme e tinha muitas árvores frutíferas: tinha mangueira, cajazeira, cajueiro, ateira, goiabeira, gravioleira, etc., além de muita água. A natureza foi maravilhosa com o local. Criávamos diversos tipos de animais e vivíamos do plantio.

Lembro-me bem de uma das passagens mais especiais de minha infância, na qual eu e duas de minhas irmãs gostávamos muito de brincar de professor-aluno. Era um momento muito encantador. Dividíamos as matérias igualmente para os três, sendo duas para cada um, ou seja, enquanto um ficava com Português e Matemática, outro ficava com História e Geografia; e o seguinte com Ciências e Religião. Pegávamos os livros da escola e íamos procurar textos e atividades para passar para os outros. Na matéria de religião, já que não tinha livros da

escola, escolhíamos uma passagem da Bíblia que tínhamos em casa e produzíamos um questionário para que os outros fossem buscar as respostas nela. Recordo-me de ser uma experiência divertida e de bastante aprendizado, por isso está incluso em minhas memórias lúdicas mais importantes. Por isso, “A ludicidade [...] está relacionada a toda atividade livre e prazerosa, podendo ser realizada em grupo ou individual” (Carmo *et al.*, 2017, p. 12901).

Algumas de minhas brincadeiras de minha infância eram feitas através de acordos entre mim e minha irmã mais nova. Era engraçado, pois ela gostava muito de pular elástico, já eu gostava muito de jogar bola. Então, para que as brincadeiras pudessem evoluir um pouco, fazíamos um acordo. Eu iria brincar de pular elástico com ela durante determinado tempo e depois ela iria jogar bola comigo seguindo o mesmo tempo. Detalhe, ela nunca cumpria o seu tempo, porém era melhor jogar com alguém do que sozinho. Vocês poderiam estar se perguntando agora: “Como é brincar de bola sozinho?”. Posso dizer que não é uma das melhores formas de brincar, mas, sim, na maior parte de minha infância brinquei sozinho por não ter com quem brincar ou por não gostar de pular elástico e ser enganado depois.

Eu criava diversas formas de brincar de bola sozinho. Entre elas, utilizando a parede. Jogava a bola na parede de baixo para cima, pois assim a bola ganhava mais altura e eu pulava para pegar. Eu ficava horas e horas brincando desse jeito e no fim eu ficava totalmente sujo e feliz; era um momento bastante prazeroso. Outra forma de brincar era com a ajuda do varal feito de fio que minha mãe tinha no terreiro de nossa casa. Esse varal era seguro por algumas estacas, então projetava o espaço entre

uma estaca e outra para serem minhas traves, enquanto o fio era o travessão. Dava uns cinco ou seis passos à frente das “minhas traves” e jogava a bola de forma com que ganhasse altura e fosse para trás, então eu corria e pulava na bola antes que ela ultrapassasse o fio. Essa brincadeira foi uma das mais incríveis, pois nela viajava em meus sonhos e pensamentos, pois torço para o São Paulo Futebol Clube e, no momento em que eu pulava na bola, em minha cabeça vinha a narração de Galvão Bueno com uma defesaça de Rogério Ceni: “ – Rogéééééé-rio!”. O que se pode evidenciar que o lúdico proporciona à criança o poder de imaginar, sonhar, criar e descobrir aspectos acerca do mundo e dela mesma, destarte:

Somente brincando a criança consegue viajar em um mundo ilusório cujo autor é ela, pois o brincar é uma atividade onde as crianças criam novos fatos, novos ambientes, novos brinquedos, dão novos sentidos às brincadeiras, conseguem representar, cantar, subir em palcos, dançar, tudo por intermédio da sua criatividade na brincadeira (Oliveira; Rubio, 2013, p. 4).

Por meio do lúdico, pude me identificar desde muito cedo com a docência, assim, durante a minha trajetória educacional, aliado ao sonho de ser professor, despertou-se em mim o encanto pela Matemática; cada desafio proposto era motivo de ter sede de encontrar as variadas formas de resolvê-lo, apesar de que, por vezes, não conseguia resolver determinada questão, entretanto não era motivo de desistência, mas de continuar tentando até resolvê-la, de se superar e adquirir mais conhecimentos. Posto isso, ao concluir o ensino médio, inscrevi-me para o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE),

em Fortaleza, para cursar licenciatura em Matemática, porém, como já visto anteriormente, eu e minhas memórias não temos uma comunicação tão eficiente. Creio que já perceberam. Enfim, acabei perdendo o ônibus. Por conseguinte, prestei vestibular para o curso de licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da UECE, ocorrendo assim a aprovação e a realização de um sonho despertado na infância através da ludicidade individual.

Por não ter tido experiência com o lúdico (metodologia diferenciada e atrativa), durante a minha trajetória educacional, despertou-se em mim o interesse de estudar e pesquisar sobre essas ferramentas alternativas, já que é uma chance de propor futuramente na minha prática em sala de aula. Sobre essa questão, Oliveira e Silva (2018, p. 33-34) salientam que:

[...] a criança pode aprender brincando, ou seja, fazendo relação dos conteúdos programáticos com os jogos e as brincadeiras, deixando de lado o método tradicional de ensino, a não utilização do quadro-negro e do giz em sala de aula e aprendendo os conteúdos das disciplinas numa forma mais prazerosa e divertida.

Diante disso, surgiu uma oportunidade de participar do Projeto de Iniciação Artística do Neditpe: Teatro com Fantoches, o que está sendo significativo para o aprimoramento de minha formação inicial, tendo em vista que me proporciona a ampliação e o aperfeiçoamento do meu conhecimento, de modo que eu possa utilizar atividades lúdicas como ferramentas pedagógicas para promover um ensino-aprendizagem de qualidade, dessa forma as apresentações artísticas são meios relevantes

como ferramentas pedagógicas lúdicas cruciais para o desenvolvimento integral do aluno (individual, social e cultural).

Referências

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memórias escolares e processos de iniciação à docência. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013.

CARMO, C. P. *et al.* A ludicidade na educação infantil: aprendizagem e desenvolvimento. *In: EDUCERE*, 8., 2017, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Bruc, 2017. p. 12901-12912.

OLIVEIRA, E. M. R.; RUBIO, J. A. S. O faz de conta e o desenvolvimento infantil. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Roque, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2013.

OLIVEIRA, J. A. S.; SILVA, M. B. A ludicidade como dispositivo pedagógico: um processo de aprendizagem. *Perspectivas em Diálogo: Revista Educação e Sociedade*, Natividade, v. 3, n. 6, p. 70-89, 2016.

OLIVEIRA, J. A. S.; SILVA, N. C. O lúdico como ferramenta de aprendizagem na educação infantil. *Revista Saber Acadêmico*, Presidente Prudente, p. 30-45, 2018.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. *In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (org.). Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Alínea, 2007. p. 47-62.

15 O LÚDICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap15>

MARIA AMANDA MOURA DOS SANTOS

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

E-mail: am4179291@gmail.com



[...] O brincar é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão ou para passar tempo. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento. O brincar é a essência de uma necessidade humana (Almeida, 2014, p. 23).

Buscar memórias da minha infância e pensar nesse trajeto até aqui é complicado. As vivências no passar do tempo foram construindo a pessoa em que me tornei hoje e conseqüentemente aquela em que vou me tornar amanhã, pois somos feitos das nossas vivências, dos nossos erros e acertos, de lugares por onde passamos, de pessoas que conhecemos e – por que não? – das brincadeiras de que participamos. O brincar em qualquer idade nos proporciona uma felicidade, nos enriquece de experiências e nos forma tanto como pessoa quanto como profissional.

O mundo social surge quando a criança interage com outras pessoas para aprender e expressar suas brincadeiras. Pular amarelinha, rodar um pião, jogar peteca: primeiro se aprende e depois se brinca. Jogos de tabuleiro e suas regras são criações da sociedade

e trazem os valores do ganhar ou perder, comprar e vender. Na brincadeira do faz de conta, o mundo social aparece na sua temática: ser médico, professora, motorista (Kishimoto, 2010, p. 12).

Uma brincadeira que fez parte da minha infância e contribuiu para a escolha da minha formação foi “escolinha”, porque eu sempre queria ser a professora, gostava muito de fazer a chamada, de ensinar e de lecionar com meus primos. Passava tarefa, imitava meus professores, sempre me gabando. Era onde me encontrava, criava toda uma história de como eu queria ser quando eu fosse professora. Sempre fui a prima que ajudava os primos mais novos nas tarefas de casa, às vezes até os mais velhos também. Conforme essas experiências, fui pegando mais gosto pela educação e desde criança é a única profissão que eu quero seguir.

Desde que comecei a frequentar a escola, adquiri um gosto por essa prática. Portanto, não era difícil para mim ir à escola ou ter que ficar lá. Sempre foi um lugar muito prazeroso para mim. Infelizmente não tenho muita recordação dos anos iniciais, o que eu sei é o que uma vizinha aqui no bairro que eu moro me disse a respeito desse assunto. Ela é professora, quem, sempre que me vê, guarda essa lembrança de mim e comenta que me ensinou na creche, mas infelizmente eu não tenho essa memória.

Lembro-me de quando cursei o 2º ano do ensino fundamental, no ano de 2008, na escola de educação básica (EEB) Coronel Aduino Bezerra, pois foi a primeira escola com brinquedoteca em que eu estudei. Gostava muito das atividades na brinquedoteca; tratava-se de uma aula onde todos os alunos interagem, com os jogos

e as brincadeiras em equipe que a brinquedista trabalhava com a gente. Recordo o quanto extrovertida fui na minha vida escolar tanto com meus colegas quanto com meus professores e o núcleo gestor da escola, isso contribuiu muito para a escolha da profissão que decidi seguir. Nessa mesma escola, recordo-me com carinho da tia Eliane, a diretora, e da tia Elizabeth, a coordenadora, bem como, claro, da tia Irene, minha professora, pessoas extremamente importantes para a minha formação.

Recordo-me também de quando fiz o 3º e 4º ano do ensino fundamental no Shalom, anexo da escola Dalva Barbosa de Azevedo, que funcionava em frente ao Círculo Operário, onde era a antiga biblioteca pública, inclusive nessa biblioteca tive meu primeiro contato com a leitura, assim sempre ia para lá e ficava admirada com tantos livros; fiz até cadastro para levá-los para casa.

Uma fase que me traz muitas lembranças é o tempo que estudei na escola Dalva Barbosa de Azevedo, no ano de 2011. No turno da tarde, cursei o 5º ano do ensino fundamental com a professora Lucilda. Nesse mesmo ano, participei do projeto Mais Educação no contraturno, no qual tinham muitas atividades lúdicas que contribuíram para a minha formação. Nesse mesmo ano, recordo-me que gostava muito de escrever, tendo até mesmo uma agenda para produzir muitos textos. Era como um livro com muitas histórias nele. Cheguei até a pensar em ser escritora porque gostava demais de escrever. Uma vez, estávamos estudando sobre cordel e a professora passou uma atividade, na qual criei meu próprio cordel, um livreto com imagens que eu mesma construí a história, a qual desenhei e pintei, sendo uma vivência escolar muito marcante para mim.

De acordo com Vigotsky (2000), a leitura e a escrita, numa perspectiva histórico-cultural, é como um sistema simbólico equivalente à linguagem oral. É preciso ajudar a criança a internalizar esses novos tipos de linguagens, e não ensinar somente a parte mecânica do processo de leitura e de escrita, visto que a criança consegue desenvolver a linguagem oral (falada) “naturalmente” no contato com os adultos e outras crianças. Contudo, a linguagem escrita necessita de mediações mais direcionadas para se desenvolver, mediações no aprendizado motor, cognitivo e afetivo.

Em 2012, mudei de escola e comecei a estudar na EEB Doutor Geraldo Gomes de Azevedo (popularmente conhecida como Municipal). Ali tive os melhores quatro anos de ensino fundamental II. Lembro-me que, sempre ao chegar uma data comemorativa, uma turma ficava responsável por apresentar alguma coisa no pátio da escola, dança, teatro, poesia, música e contação de história. Todo ano, aconteciam os jogos matemáticos que são oferecidos pelas turmas de 8º e 9º pelo professor Alexandre, que envolviam toda a escola. Os alunos dessas respectivas séries produziam e preparavam todo um momento para o dia da exposição, apresentado para os demais alunos que eram convidados a participar. Uma atividade que somava muito para os alunos que sentiam dificuldade, por haver uma troca de aprendizagem em que um auxiliava o outro.

Senti-me muito realizada participando dos jogos matemáticos, pois participar da produção de um jogo que vai ser exposto para outras pessoas com o objetivo não só de brincar, mas de ensinar também, demonstra ser muito interessante e prazeroso. Durante minha for-

mação no Municipal, participei de muitas atividades lúdicas. Nas aulas de inglês, a professora sempre levava músicas como estratégia de envolvimento maior dos alunos no conteúdo; nas aulas de Artes, havia trabalhos em equipe com apresentações de teatro e dança. Uma apresentação de que gosto de lembrar é a do Dia da Consciência Negra, em que representei uma dança com outras colegas, em que nos caracterizamos com pintura na pele e com roupa apropriada para aquele momento. Não se tratava de dançar por dançar, mas ir além, deixando uma mensagem significativa para quem ia assistir, pensando desde a letra da música escolhida até os movimentos da apresentação.

O lúdico no processo de desenvolvimento infantil, contribui para o conhecimento do meio em que a criança encontra-se inserida, pois no ato de brincar, dramatizar, cantar e dançar ela se comunica consigo mesma e com o mundo. Realiza e partilha trocas, confronta a realidade com o imaginário, vivencia novas conquistas (Alves, 2010, p. 5).

Outras atividades que me marcaram muito foram as paródias de matemática, que contava como atividade final para os alunos do 9º ano na disciplina de Matemática. O professor Alexandre formava equipes e fazia sorteio de temas; os assuntos eram conteúdos que tínhamos estudado durante o ano. E os alunos escolhiam uma música para fazer a paródia e apresentá-la na data marcada. Tinha todo um processo similar ao do jogo matemático que também era coordenado pelo mesmo professor. Eram formadas as equipes, sorteados os temas, os alunos escolhiam a música, escreviam a paródia e a mostravam para o professor e os demais colegas. Atividades que fa-

ziam total diferença na formação dos alunos, pois eram divertidas e permitiam aprender de uma maneira mais leve, buscando outros meios de aprendizado.

Outra atividade lúdica que o professor Alexandre nos proporcionou foi nos solicitar que fizéssemos uma pesquisa de preço dos produtos em supermercados para trabalharmos porcentagem. Todos os alunos, na hora da aula, seguiram para um supermercado próximo à escola com uma lista de vários produtos para que analisássemos os preços; depois que voltamos, ele explicou mais sobre aquele conteúdo novo. Estudar matemática com o professor Alexandre, sem dúvidas, tornou-se uma das melhores experiências que eu já vivi durante minha formação, lidando com atividades que nos faziam protagonistas.

E através dos jogos matemáticos, com seu caráter lúdico e um recurso indispensável, que desenvolve muitas habilidades, é de grande importância para o ser humano em qualquer idade. Portanto, propiciar situações com jogos é investir no prazer, no desafio e no melhor desempenho dos alunos (Reis, 2013).

No aniversário da cidade de Itapipoca, Ceará (CE), no ano de 2015, tivemos uma atividade sobre a cidade, na qual a professora Jayler formou equipes e as separou de acordo com os três climas que caracterizam o nosso município: praia, serra e sertão. Minha equipe ficou com a serra, então nos deslocamos até a serra do Arapari, onde nasceu Itapipoca/CE; pesquisamos sobre comidas da região, atividades econômicas e pontos turísticos da região e entrevistamos um dos moradores mais antigos de lá, um senhor de 97 anos, seu Manoel, que nos permitiu gravar um vídeo contando um pouco sobre a história

da região, sobre suas vivências e experiências contidas na sua trajetória de vida, uma atividade especial, em que trabalhamos a cultura.

Já no ensino médio, agora na escola de ensino médio (EEM) Joaquim Magalhães, no ano de 2016 a 2018, tenho como lembrança de ludicidade a criação da tabela periódica, no meu primeiro contato com a disciplina de Química. A professora nos solicitou que cada equipe ficasse responsável por uma família da tabela, fornecendo-nos todas as orientações de como seria. Cada aluno desenhou, pintou e recortou um quebra-cabeça montando a tabela, a qual colamos na parede da sala, que nos serviu como suporte e meio de aprendizado. Recordo-me também da gincana de comemoração do Dia do Estudante, um mês de provas em que as equipes eram formadas não por turmas, mas por séries; cada série ficava com uma cor para representar, um evento que unia a escola toda e os alunos se envolviam com muitas atividades de dança, teatro, música e muitas provas que a coordenação organizava. Tenho memória dessas atividades lúdicas e dos professores que me proporcionaram essas atividades, pois não há idade para se aprender brincando.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. Brincar: uma aprendizagem para a vida. *In*: ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014. p. 21-72.

ALVES, E. C. Olhar multidisciplinar sobre a ludicidade. *In*: JORNADA PEDAGÓGICA DO LALUPE, 2., 2010, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: APF, 2010. p. 1-5.

KISHIMOTO, T. M. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais*. 2010. p. 1-20.

REIS, M. C. *A importância dos jogos para o ensino da Matemática*: confecção de jogos matemáticos. Os desafios da escola pública paraense na perspectiva do professor PDE. 2013. v. I.

VIGOTSKY, L. S. A pré-história da linguagem escrita. *In*: VIGOTSKY, L. S. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 119-136.

16 MEMÓRIAS DE UMA BRINCANTE: DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap16>

MARIA GRACIANE ROCHA SOUSA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), no *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Foi bolsista do Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e também foi bolsista do Núcleo de Atividades Artísticas, Lúdicas e Dialógicas na Escola (Naalde).

E-mail: sousagraciane463@gmail.com

[...] Tantos banhos de rio e de açude, / tanta coisa carrego aqui comigo. / Cada canto, cada dia, cada amigo, / cada história da minha juventude. / Quer saber quem é rico em plenitude? / Observe o extrato retirado. / Se no cofre da alma está guardado / pelo menos um pedaço dessa herança. / Tem pedaços do meu tempo de criança / no lugar em que nasci e fui criado (Bráulio Bessa).

Meu nome é Maria Graciane Rocha Sousa, tenho 20 anos e me considero uma pessoa nômade, pois, até meus 5 anos de idade, morei em três comunidades diferentes, até me fixar com minha família: meu pai, minha mãe e meu irmão menor, em uma localidade do interior de Itapipoca, Ceará (CE). Minha relação com a ludicidade, tema que está sendo aqui abordado, começou a se desenvolver quando já estava na minha segunda morada, pois é até onde consigo me lembrar, devido ao fato de ser muito pequena e não me recordar das experiências anteriores.

Na segunda comunidade, realizavam-se mais as brincadeiras ao ar livre, com meus vizinhos e amigos na época. Recordo-me que a chegada do inverno era a estação mais esperada de nossa infância, quando podíamos nos camuflar nas árvores, pois as matas eram grandes

(nossas mães irritavam-se, pois nossas roupas geralmente eram encontradas com muita terra), assim brincávamos de esconde-esconde, estátua, bandeira, entre outras.

Quando me mudei novamente, senti falta das alianças que havia construído, porém, quando se é criança, há mais facilidade de construir relações de amizade em todos os lugares. Dessa maneira, as brincadeiras se intensificaram à medida que fui crescendo e conhecendo novas aventuras, essas sendo adquiridas por outras pessoas, através do convívio. O ar livre era o melhor ambiente para nos divertir, juntando-se todos pelos finais de tarde para praticar corrida, necessitando apenas pegar um objeto e imaginar que era um cavalo de competição. Posso mencionar as brincadeiras de casinhas, em que os panos de lençol dobrados eram nossas filhas, geralmente imitando nossas mães. Outra brincadeira significativa era a tradicional “Pau na lata”, por meio de garrafas PET e uma bola feita de sacolas todas juntas. Dávamos vida aos objetos ao nosso redor. A união de uma boa corrida com a competição entre amigos e regras a serem seguidas deixam qualquer criança encantada, com um brilho no olhar. Nesse sentido, Vygotsky (*apud Cole et al.*, 1991, p. 65) evidencia que:

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias [*sic*] e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo [...].

A imaginação provocava em nós essa percepção dos objetos e construía um enredo, uma história com personagens e cenários. As brincadeiras nos terreiros ao ar livre e o contato com a terra estão transformados

como a minha primeira experiência lúdica, em que tais ambientes auxiliavam para a construção dos movimentos, dos aprendizados, da transferência de saberes e brincadeiras novas. Nessa perspectiva, Foletto (2016, p. 690) vem evidenciar que:

O ambiente e as relações da criança com os outros são elementos essenciais para que ela se expresse, se relacione e desenvolva suas potencialidades, isso só poderá ocorrer proporcionando-a liberdade para brincar e explorar, relacionando o movimento com a inteligência, sem excessos de tecnicismos e constantes repetições.

O ambiente em que estamos envolvidos auxilia no processo de desenvolvimento físico, social e cognitivo; o contato com diversos ambientes pode estabelecer correntes importantes ao longo da vida. A ida à casa de meus avós era a minha viagem preferida, já que morava longe deles. O sítio era o ponto de encontro com os meus primos, pois todos moramos em cidades diferentes e os feriados eram nossas férias, quando podíamos dormir juntos e acordar para fazer “pirraça”. Tentávamos brincar de todas as brincadeiras possíveis. Lembro-me de quando nos juntávamos para construir uma casa com cadeiras e lençóis, contando historinhas de terror em pleno dia. As chuvas de inverno eram nossos chuveiros, tornando-se o meu lugar preferido da infância.

Quando adentrei na escola, vi-me em outro ambiente, em que havia pessoas conhecidas e outras nem tanto. Da etapa da educação infantil vem *flashes* em minha mente com meus lápis de cor e as diversas aquarelas, os brinquedos de montar, as histórias dos animais falantes, que sempre tinham algo a nos ensinar, as can-

tigas de roda, em que o objetivo final seria pagar uma prenda e até mesmo os que não estavam na roda eram convidados a se juntar. Nesse universo da alfabetização, brincadeiras como a adedonha eram frequentes na roda de amigos e se repetiam pelo menos oito vezes ao dia.

Com os avanços nas séries, precisamente no meu ensino fundamental, a ludicidade que habitava ao redor da escola foi se modificando à medida que a idade de muitos colegas aumentava, porém alguns educadores ainda buscavam resgatá-la e incorporá-la no conteúdo programado, fazendo com que as aulas prendessem a atenção de todos os alunos, dos tímidos aos mais extrovertidos. Nessa lógica, Modesto e Rubio (2014) ressaltam que: “O brincar enriquece a dinâmica das relações sociais em sala de aula, fortalecendo a relação entre o ser que ensina e o ser que aprende”. A interação que se constitui dentro da sala de aula, ao relacionar dinâmicas com o intuito de enriquecer a aula, constrói em todos percepções acerca dos conteúdos.

No ensino médio, minha experiência com a ludicidade teve grande presença. Matriculei-me na escola do campo Maria Nazaré de Sousa, localizada em uma comunidade vizinha, para onde íamos de transporte escolar, durando por volta de 40 minutos de ida e volta. Nela, podíamos realizar, às segundas-feiras, uma apresentação artística, com o tema que a turma escolhesse; geralmente usávamos temas relacionados à política ou a situações sociais do cotidiano, além de homenagear grandes ícones que haviam lutado para a conquista da igualdade de direitos. Recordo-me de uma apresentação específica, de cuja minha turma ficou responsável, em que elaboramos uma caixinha da amizade, na qual alunos de todas

as turmas se declaravam para seus amigos por meio de cartas, as quais nós direcionávamos aos destinatários. Nesses momentos, cada integrante podia imaginar, criar e se divertir no processo, sempre sendo mediados pelos professores responsáveis de cada turma; cada semana eram turmas diferentes que organizavam o momento. Por meio disso, afirma-se que:

É brincando que a criança constrói sua identidade, conquista sua autonomia, aprende a enfrentar medos e descobre suas limitações, expressa seus sentimentos e melhora seu convívio com os demais, aprende a entender e agir no mundo em que vive com situações do brincar relacionadas ao seu cotidiano, compreende e aprende a respeitar regras, limites e os papéis de cada um na vida real; há a possibilidade de imaginar, criar, agir e interagir, auxiliando no entendimento da realidade (Modesto; Rubio, 2014).

As brincadeiras participativas de toda a infância, sendo elas diretamente ligadas à escola ou as que realizamos durante o cotidiano com os amigos, têm papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, quem, ao crescer, passa a integrar-se com a ludicidade, tornando-se capaz de realizar suas próprias brincadeiras lúdicas, como apresentações em colégios.

Ainda no âmbito do ensino médio, conheci alguns professores que utilizavam propostas lúdicas em suas atividades. Recordo-me e levarei para sempre no meu coração de uma professora que lecionava a disciplina de Redação. Estava no 2º ano e, até aquele momento, não tínhamos aulas com características lúdicas. Então, quando ela introduziu brincadeiras para o incentivo e compreensão de assuntos referentes à disciplina que lecionava, foi um grande atrativo e inovação para nós,

estudantes. Em uma das ocasiões que guardo em minha memória, ela solicitou que cada estudante pudesse colar, com a ajuda de um colega, uma folha de papel em branco nas costas, na qual cada integrante da sala deveria escrever uma característica do colega, uma mensagem ou um conselho; essa cena foi a primeira aula dela em nossa turma, porém essa prática não foi resumida a um encontro, visto que ela sempre levava outras dinâmicas.

Dessa maneira, quem participou pôde interagir e se relacionar com os colegas de sala e a própria professora. Essa contribuição que a ludicidade traz para a sala de aula enriquece o meio no qual é introduzida, podendo mesclar o conteúdo que deve ser explanado, alimentado por um cenário mais descontraído, em que os alunos se sintam convidados a estudar de maneira recreativa. Diante disso, Almeida (2013, p. 37) vem apontar que:

[...] através da atividade e do jogo, o educando integra percepções, forma conceitos, seleciona idéias [sic], estabelece relações lógicas, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e mental e, o que é mais importante, vai sendo socializado [...].

Com essa prática, visões foram afloradas e me vi tendo autonomia perante os conteúdos abordados, além de obter melhores relações interativas.

Adentrei aos 18 anos no ensino superior cursando licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), no *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Na semana de integração, fui acolhida com uma linda apresentação lúdica de um grupo de extensão que ainda é atuante na universidade. Contavam-se muitas histórias. Neste momento, voltei-me à minha infância através das lembranças maravilhosas

que vinham à minha mente, em que a imaginação fazia-se presente. No decorrer das disciplinas, encontrei alguns professores que evidenciavam a ludicidade em suas práticas, no primeiro e segundo semestre, os quais utilizavam músicas, cartolinas, pincéis, entre outros instrumentos em suas aulas, instigando a mim e aos meus colegas a nos aproximarmos e a participarmos das aulas mais ativamente. Percebe-se, nesses momentos, a diferença de uma aula expositiva e outras dinâmicas com uma intencionalidade de alavancar um conteúdo para os educandos, assim:

[...] Com adultos – como no caso da educação superior –, essa realidade também se aplica. Com dinâmicas, é possível desinibir, gerar um ambiente mais leve e propício para o conhecimento, melhorar relacionamentos e, principalmente, gerar um aprendizado com significado – o que é mais eficiente e durador (Hoppe; Kroeff, 2014, p. 168).

Nesse sentido, ao introduzir o lúdico na universidade, alavancam-se valores e habilidades em quem está participando, além de construir metodologias na profissão na qual está se formando. No meu caso, essas atividades contribuíram e ainda contribuem para a minha formação como futura pedagoga. Tais atividades me auxiliam para a imaginação e criatividade profissionalmente, além de propiciarem momentos “mágicos” e de interação com a turma na qual estamos inseridos.

Os eventos que a universidade proporcionou encantaram-me, nos quais tive o prazer de participar como ouvinte, como as noites culturais, desfrutando das várias apresentações, dramatizações, peças teatrais em sua maioria com uma intencionalidade, com algo a expres-

sar, além de ter apresentações musicais com violão, vozes maravilhosas e uma energia encantadora. Desse modo, a ludicidade faz parte de quem somos, desde a infância até a vida adulta, construindo pontes para a aprendizagem. Em síntese, até o momento, essas foram minhas experiências com a ludicidade que fizeram parte da minha história e, sobretudo, da minha formação docente.

Referências

ALMEIDA, M. P. P. O lúdico como base para o ensino-aprendizagem. *Rios*, Paulo Afonso, v. 7, n. 7, p. 28-38, 2013.

BESSA, B. *O lugar em que nasci e fui criado*. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/category/braulio-bessa/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

COLE, M.; JONH-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (org.). *A formação social da mente*: Vygotsky, L. S. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOLETTTO, G. I. N. A influência do lúdico na expressão corporal em crianças do ensino fundamental. *Revista de Extensão*, Santa Maria, v. 3, p. 689-695, 2016.

HOPPE, L.; KROEFF, A. M. S. Educação lúdica no cenário do ensino superior. *Revista Veras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-181, 2014.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, [S.l.], v. 5, n. 1, 2014.

17 VIVÊNCIAS DE LUDICIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap17>

MARIA JANAYNA PEREIRA NASCIMENTO

Pós-Graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais e em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi) e licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), no projeto de Alfabetização de 2020 a 2021. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagens da Docência (Gepesad) e do Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe).
E-mail: janaynapereiranasc@hotmail.com

Era uma vez, o dia em que todo dia era bom, / Delicioso o gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão. / Dava pra [sic] ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão / E acabava tudo em lanche, / Um banho quente e talvez um arranhão (Smith, 2017).

Ser criança é vivenciar constantemente momentos de ludicidade:

[...] a vivência lúdica, *ou ludicidade*, é interna ao indivíduo. [...] A atividade lúdica, como expressão externa, só será lúdica internamente se propiciar ao sujeito a sensação de plenitude, prazer, alegria (Bacelar, 2009, p. 30, grifo do autor).

Assim sendo, volto ao passado com muita alegria para lhes contar os grandes momentos vividos no lugar onde nasci e fui criada. Minha infância foi marcada por muitas aventuras e brincadeiras no quintal de casa. Nasci em junho de 2000 no interior do Ceará, em uma cidade chamada Itapipoca. Vivia na zona rural, em uma localidade chamada Torém, com meus pais e minha irmã mais velha. Próximo de nossa casa não havia muitas crianças, a não ser a nossa prima, que era filha única; juntas, brincamos muito.

Não tínhamos dinheiro para comprar muitos brinquedos, mas a natureza nos fornecia todos os brinque-

dos que possam imaginar. Em nossas brincadeiras, o cavalo era o cabo de vassoura ou o talo da folha do coqueiro; as panelinhas eram as cascas do coco; a comida era feita de terra, com as folhas e flores que encontrávamos; os talheres eram pedaços de pau; a casinha era um lençol velho amarrado no pé de cajueiro ou nas cadeiras da mesa; a bola era um amontoado de sacolas plásticas; e o ingrediente principal, sem dúvidas, era a imaginação. Frente a isso, cabe considerar que “A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais [...]” (Cole *et al.*, 1991, p. 66).

Meus pais não estudaram muito. A minha mãe ainda conseguiu terminar o ensino médio, mas meu pai só estudou até a 4ª série. Eles trabalham na agricultura, então sempre tive contato direto com a terra e o que ela produz. Brincava à sombra de grandes e frondosos cajueiros, comia fruta do pé, tomava banho de chuva, açude e córrego. Por sinal, tinha um bem próximo de casa, que era a alegria do final de semana, onde até piquenique fazíamos. Sempre fui magra e minha especialidade era correr; ganhava de todos na corrida; corria descalça no chão quente e nem doente ficava. Também ajudava em algumas atividades, como dar milho às galinhas, pegar lenha com minha mãe, plantar e colher milho e feijão na época, bem como regar as plantinhas. No cordel abaixo, Abdias Campos (2012) apresenta duas das minhas brincadeiras preferidas quando criança:

As brincadeiras que a gente / Brinca desde criança
/ São inventadas, por isso / Em nossa casa ou
vizinha / Tem sempre alguém que aprendeu / Mais

uma brincadeirinha // Pra brincar de 'Amarelinha' / Faz um desenho no chão / Com quadrados ou retângulos / Risca com giz ou carvão / No topo faz forma oval / E põe a numeração // Começa a recreação / Jogando uma pedrinha / Na casa número 01 / Tem que ficar direitinha / Pula num pé só e sai / Brincando de amarelinha // O 'Telefone sem fio' / Pra funcionar direito / Numa roda de pessoas / Quanto mais gente é perfeito / Pra ficar bem engraçado / Começa assim desse jeito: // Um, secretamente, inventa / Uma frase ou uma história / Conta no ouvido do próximo / Que guarda em sua memória / Passando ao que está de lado / Nesta mesma trajetória // Chega à última pessoa / Que revela o que ouviu / O resultado é engraçado / Tudo trocado, já viu! / Fica muito diferente / Da história que partiu.

Essas brincadeiras, que são transmitidas de uma geração para a outra, fizeram toda a diferença para a minha infância. Entre tantas lembranças, recordo que, às vezes, faltava energia à noite em nossa localidade, nesses dias meu pai contava histórias à luz de velas; sentava no batente da cozinha e contemplava aquele acontecimento que só ocorria em noites em que não havia luz. Acredito que isso contribuiu muito para a minha formação leitora. Todas essas vivências me davam alegria e prazer. Segundo Bacelar (2009, p. 25):

[...] no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se [sic] processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal. Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico.

Durante minha trajetória escolar, fui muito feliz. Comecei em 2005, aos 5 anos de idade. Sempre gostei de estudar; estar na escola me fazia muito bem, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo a etapa mais prazerosa de minha educação básica. Acredito que pela presença maior da ludicidade, pois:

[...] Por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

A princípio, não frequentei o prédio escolar, estudando em um salão da comunidade. Depois de uma determinada idade, fomos matriculados na escola situada na localidade vizinha, devido ao espaço ser pequeno. Estudei todo o meu ensino fundamental na escola de educação básica Sebastião Malaquias dos Santos, na qual em todo ano letivo se celebravam várias datas comemorativas, como: Dia do Professor, Dia do Índio, São João, folclore, Dia da Consciência Negra, Dia das Mães, Páscoa e Natal. Participava de quase todas as apresentações artísticas e a de que mais gostava era a do Dia das Mães, pois só poderia ir à escola quem fosse apresentar, devido ao espaço não comportar a todos. Diante do exposto, fica perceptível que:

[...] Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira (Bacelar, 2009, p. 26).

Destaco também nesse período a literatura infantil como uma inesquecível experiência de ludicidade; sempre gostei de ler, principalmente histórias, pois nos levam a viajar pelo mundo da imaginação.

[...] a Literatura Infantil deve ser considerada uma produção histórica, cultural e artística que, por tratar das diversas questões humanas de forma poética, tem função de 'humanizar', apresentando um mundo maior à criança (Souza; Martins, 2015, p. 232-233).

Minhas leituras eram realizadas de maneira livre; não havia em sala de aula um incentivo por parte dos professores. Vejo a mediação como algo essencial ao desenvolvimento humano, na infância principalmente, pois é quando começamos a descobrir o mundo, a ter curiosidades. Ao mediar uma leitura com elementos que despertem a imaginação e a curiosidade das crianças, o professor estará colaborando para esse processo. E a literatura infantil é uma grande facilitadora para isso, pois educa e “[...] contribui para a emancipação do sujeito, uma vez que propicia o questionamento e a avaliação do mundo de maneira crítica e reflexiva [...]” (Souza; Martins, 2015, p. 225).

Nos anos finais do ensino fundamental, a ludicidade não era tão presente como nos iniciais, todavia no intervalo disponibilizavam jogos para os alunos, mais precisamente de dama e xadrez. Era muito habilidosa no xadrez, mas acabei esquecendo com o tempo. Pulávamos corda, elástico e também íamos ao campo para jogar futebol nas aulas de Educação Física; não tínhamos quadra na escola. Lembro também que tinha uma rádio na escola em que os alunos faziam suas declarações anônimas em bilhetes aos seus amados; os locutores eram

os próprios alunos. Em 2014, iniciei o meu ensino médio no anexo da escola Murilo Serpa, no Barrento, distrito da cidade de Itapipoca, Ceará (CE), no turno da noite. Em contextos de ludicidade, no ensino médio a situação foi bem mais desafiadora, pois não tínhamos os jogos à nossa disposição.

Na minha adolescência, as maiores vivências e atitudes de ludicidade foram em participações em eventos da igreja, principalmente na pastoral da juventude da Paróquia Jesus Cristo Redentor, onde os grupos de jovens da região se reuniam para gincanas; disputávamos a melhor coreografia, paródia e cordel. Recordo-me com muita alegria do primeiro encontro em 2015, pois o grupo a que eu pertencia, o Semear, levou todos os prêmios. Em consonância a isso, Friedmann (2012) afirma que, quando conseguimos aprender e nos integrar às linguagens expressivas, estamos assumindo uma atitude lúdica.

Ingressei na faculdade em janeiro de 2018, aos 17 anos de idade, após a segunda tentativa no vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no curso de Pedagogia. Em minha formação docente inicial, que ainda está em andamento, sinto falta de momentos de ludicidade em sala de aula; algumas vezes, os professores até trazem situações que envolvem o lúdico, mas sinto que não é o suficiente, visto que isso acontece em episódios raros. Acredito que algo que deve ser essencial no percurso docente é a formação lúdica, compreendendo que o lúdico não deve estar presente apenas na educação infantil, mas em todas as séries e etapas do ensino básico, pois é algo que vivenciamos cotidianamente em diferentes situações. Desse modo, “A didática lúdica visa, a partir de tal compreensão e do uso de metáforas criativas,

gerar nos alunos um estado de prontidão para aprender” (D’Ávila, 2014, p. 98).

Em virtude do que foi escrito e recordado no decorrer deste memorial, destaco aqui que todos esses momentos vividos na minha infância, adolescência e em tantas outras situações de minha vida foram e ainda contribuem para a minha formação, tanto no âmbito pessoal, intelectual e social, uma vez que me proporcionaram aquisições de conhecimentos de forma prazerosa, alegre e espontânea, com muitos significados.

Referências

BACELAR, V. L. E. Bases da investigação. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21-31.

CAMPOS, A. *Brincadeiras populares*. 3. ed. Recife: Campos de Versos, 2012.

COLE, M.; JOHN-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (org.). *A formação social da mente*: Vygotsky, L. S. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

D’ÁVILA, C. M. Didática lúdica: saberes pedagógicos e ludicidade no contexto da educação superior. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, p. 87-100, 2014.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

SMITH, K. *Era uma vez*. Brasil: Midas Music, 2017.

SOUZA, R. J.; MARTINS, I. A. Educação infantil e literatura: um direito a sonhar, ampliar e construir repertório. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 20, p. 221-239, 2015.

18 O LÚDICO NA FORMAÇÃO HUMANA E NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: MEMORIAL FORMATIVO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap18>

MARIA LETICIA DE SOUSA DAVID

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi monitora acadêmica da disciplina Pesquisa Educacional. Integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos da UECE.

E-mail: leticiadavid16@gmail.com

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, /
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo. /
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva, /
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-
-chuva [...] (Toquinho, 1982).



imaginário infantil transcende o real, uma vez que estimula a cognição e o pensamento reflexivo. O lúdico, nesse sentido, impulsiona a aprendizagem e a inserção das crianças na sociedade. Diante disso, essa canção, como porta de entrada da temática abordada, remonta à infância, que, por sua vez, é um tempo de descoberta, criação, recriação, interação e criatividade, por isso etapa crucial na formação humana. Dessa forma, atividades lúdicas, na infância, são imprescindíveis para que se desenvolvam a abstração, o pensamento simbólico e a compreensão da realidade. Assim, em minha infância, tive contato com a ludicidade por meio dos brinquedos, das brincadeiras, dos jogos, nos contatos com crianças, adultos e idosos.

No uso dos brinquedos em casa, realizava a encenação do real, exercendo outros papéis. Com efeito, nesses momentos me coloquei como mãe, professora, estilista, maquiadora, vendedora, modelo e cientista junto às bonecas. Essa foi, em parte, uma vivência individualizada,

pois em minha casa não existiam outras crianças para compartilhar e brincar até os meus 7 anos de idade. Nessa perspectiva, Vygotsky (*apud* Cole *et al.*, 1991, p. 62-63) destaca que: “[...] ao estabelecer critérios para distinguir o brincar da criança de outras formas de atividade, concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária”. E essa encenação se assemelha aos contextos vividos no real e desenvolve a abstração. Ademais, nas brincadeiras coletivas na escola, não tive essa mediação do brinquedo e não me sentia confortável quando a brincadeira representava uma competição coletiva com a divisão de grupos, visto que não conseguia vencer as competições que exigiam habilidades físicas como correr mais rápido; preferia as cantigas de roda, por conta das músicas, das coreografias, da interação amigável, principalmente por não existir a competição.

Os jogos, por sua vez, fascinavam-me, pois desafiavam meu intelecto. Nesses, a vitória não dependia de habilidades físicas, como correr mais rápido ou conseguir tocar o adversário que estava em fuga, como já citei; exigiam-me habilidades intelectuais, como atenção, memória, decodificação, codificação e cálculo, pressupostos em que me destacava. Na interação com outras crianças, tinha a amizade na infância com uma prima mais nova, companheira de brincadeiras – na maioria das vezes, o faz de conta –, com a mediação de brinquedos, que transcendiam os estruturados. Além disso, explorávamos a natureza em finais de semana repletos de alegria, aprendizagem e ludicidade. Assim:

A criança constrói e reconstrói sua compreensão de mundo por meio do brincar; amadurecem algumas capacidades de socialização, por meio da interação,

da utilização e experimentação de regras e papéis sociais presentes nas brincadeiras (Modesto; Rubio, 2014, p. 3).

Portanto, essas vivências contribuíram para a minha formação humana, porque me possibilitaram interagir e compreender a existência de regras e a me inserir no meio social, por meio dessa encenação dos papéis. Com relação ao contato com adultos e idosos, destaco a interação com a minha mãe e com a minha falecida bisavó paterna durante a infância. Com a minha mãe, aprendi a ler e escrever de modo lúdico, pois rotineiramente brincávamos de ir à feira e comprar diversas coisas, e eu era a responsável por fazer a lista de compras, assim minha mãe foi me ensinando como se escreviam as mais diversas palavras. Com a minha bisavó, ao ouvir suas experiências e aventuras da infância e pré-adolescência, conheci o seu contexto social e familiar, por meio de relatos envoltos por lendas do folclore que faziam minha imaginação viajar ao início do século XX, numa infância no interior serrano do município de Itapipoca, Ceará (CE), porquanto:

[...] Por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar o desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

Assim, aprendi a valorizar as vivências do próximo, com ênfase nas dos idosos, e compreendi que lúdica é toda experiência que perpassa o estático e impulsiona a imaginação. Ao ingressar nos anos iniciais do ensino fundamental, a ludicidade na sala de aula se concentrou em trechos do livro didático, como pequenas histórias,

parlendas e escassos paradidáticos disponibilizados. O contato com as brincadeiras, os brinquedos e os jogos acontecia no intervalo, que se resumia a pouco mais de 15 minutos. Nessa época, víamos a figura da diretora como soberana e a temíamos por isso. A partir disso, com 5 para 6 anos de idade, cultivei o utópico sonho de, quando crescer, tornar-me diretora, para que também fosse respeitada e vista como imprescindível por todos, assim essa foi a primeira profissão que sonhei exercer quando adulta. Recordo que, nessa época, estávamos sem transporte escolar, então o meu pai me levava e me trazia para a escola, porém ficava muito tempo o esperando para ir para casa e, nesse período, brincava com a agente administrativa da escola, fazendo de conta que eu era a diretora.

Nesse cenário, lembro-me de, quando cursava o 3º ano do ensino fundamental, com quase 7 anos de idade, ter participado de uma pequena apresentação teatral com alguns colegas numa feira de ciências da escola, apresentada para todos os alunos. Nessa apresentação, estávamos mascarados e nossa máscara, que cobria todo o rosto e tinha furos apenas nos olhos, tinha o formato de uma gota de água. Além disso, estávamos segurando um pequeno globo terrestre, que me causava fascínio. Nessa apresentação, senti-me realizada ao conseguir falar no microfone a frase que tinha decorado. Em complemento:

[...] quanto mais as crianças puderem vivenciar atividades que possibilitem a expressividade da sua afetividade, quanto mais elas puderem ser acolhidas na sua espontaneidade e compreendidas na sua comunicação psicocorporal, tanto mais elas poderão entrar em contato com a ludicidade. Deste modo, estaremos contribuindo para o desenvolvimento

integrado do *ser*, que *convive* e *conhece* o mundo e *tem* muito do que precisa para ser feliz: *pensamento* próprio e criativo; *sentimentos* sinceros e de autoconfiança; *conhecimento* de si mesmo e *autonomia* para dirigir a sua caminhada na vida pautada em respeito, colaboração e confiança (Bacelar, 2009, p. 55, grifo do autor).

Nessa apresentação teatral, desenvolvi esse pensamento próprio e criativo, sentimentos sinceros de autoconfiança e o conhecimento de mim mesma, porque me conectei com uma nova compreensão de mundo, em que tudo precisava estar em harmonia para subsidiar a vida dos seres humanos e animais na Terra. Viajei no mundo da imaginação ao ver aquele globo terrestre, pois pensei em desbravar todos aqueles continentes. A partir desse momento, cultivei o utópico sonho de tornar-me cientista, a segunda profissão que passei a sonhar em exercer quando adulta. Em contraste, não mais desejava ser detentora do poder, mas produzir conhecimentos sobre a realidade e ajudar a preservá-la e transformá-la. Todos os meus colegas estranharam essa escolha, pois não sabiam a finalidade dessa profissão. Diante disso:

Na infância, o trabalho, o labor imaginário, é criar imagens contínuas ligadas ao início das coisas, à estrutura do mundo, à grandiosidade dos fenômenos, à força e ao peso dos acontecimentos, nos elementos primordiais que constituem a vida (água, fogo, ar, terra) e, principalmente, ligadas ao ministério do nascimento e morte de tudo. Essas são o que chamo de imagens de totalidade (Piorsky, 2016, p. 27).

Isso aconteceu nesse despertar para a realidade e na compreensão da sustentabilidade, em que entendi a estrutura do mundo, a grandiosidade dos fenôme-

nos e a força dos acontecimentos. Em complemento, no 5º ano, na transição dos 9 para os 10 anos, estudei com uma professora magnífica, que marcou bastante minha trajetória, por conseguir provocar amor e respeito, por saber ser doce, mas também ríspida quando necessário, por dar sentido aos conteúdos, articulando-os com a realidade e se utilizando da ludicidade, mesmo diante dos precários recursos disponíveis. A partir desse momento, decidi, como terceira profissão, ser professora, para ensinar e aprender. Ensinar sobre o mundo, por meio dos conteúdos, e aprender a valorizar os saberes provenientes da vivência dos alunos.

No 9º ano, recordo-me de outra peça teatral que foi a culminância de um projeto desenvolvido na escola também sobre a sustentabilidade, em que cada turma realizou uma apresentação. Nossa turma escolheu elaborar uma peça e fui a narradora. Essa experiência foi lúdica para mim, por possibilitar o acesso a conhecimentos de maneira prazerosa, como a distinção destes termos: “reduzir”, “reutilizar” e “reciclar”, em perspectivas teóricas e práticas.

Já no ensino superior, no ano de 2017, na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, no primeiro semestre, tivemos como momento lúdico a confecção de cartões representando nossas perspectivas para a disciplina, um momento de transposição do abstrato para o concreto. Essa disciplina dialogou sobre a produção do conhecimento e os seus diversos tipos, desenvolvendo o meu senso crítico, pressuposto que me motivou a tornar-me monitora voluntária da disciplina no semestre seguinte. Na disciplina de Pesquisa Educacional, por sua vez, tivemos o contato com fantoches e a criação de uma

encenação relacionada ao assunto debatido na aula, com o manuseio dos fantoches. Foi um momento muito relevante para a nossa formação. Atualmente, atuo como monitora dessa disciplina e acompanho os momentos lúdicos trilhados. Na disciplina de Alfabetização de Crianças, em todas as aulas tínhamos o contato com histórias infantis, que eram contadas pela professora Ana Luísa. Na disciplina de Educação Infantil, realizamos uma tarde de brincadeiras em um Centro de Educação Infantil, com brinquedos construídos com material reciclável. Essa interação com as crianças possibilitou a articulação entre teoria e prática e a aprendizagem da docência.

No projeto de extensão, o Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe), no ano de 2018 e 2019, realizamos pesquisa-ação em escolas dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil, em que interagimos, por meio da aplicação de um questionário e da observação, e também por intermédio de intervenções pedagógicas, com palestras, minicursos e oficinas. No ano de 2020, no Grupo de Estudo, Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), estudamos sobre a ludicidade e elaboramos resumos expandidos voltados a essa temática.

Na Semana Universitária, durante 2018, 2019 e 2020, participei de minicursos que dialogavam sobre ludicidade, o que me fez entender a relevância do lúdico nos diferentes contextos de ensino-aprendizagem de distintos públicos. Esses eram intitulados: “Técnicas de como realizar uma monografia ou TCC sem complicações e ainda publicá-los em revista científica”; “Círculos de leitura como processo de mediação leitora”; “A educação de

jovens e adultos no Ceará”; “A literatura e o imaginário infantil”; “Educação contextualizada e convivência com o semiárido”; “Educação literária e seus modos de intervenção: narrativas fantásticas de Edgar Allan Poe”.

No tradicional evento Cantos e Contos, na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), em 2018, realizei apresentação com o coral Encantando a Facedi, através de músicas de mulheres nordestinas, que contagiaram a todos os presentes. Em 2019, nesse evento, integrei os participantes da Casa Temática do Nedimpe e contei a história dos *Três Porquinhos* para crianças que acompanhavam os alunos e ex-alunos da Facedi que compareceram ao evento, um momento de extrema relevância para a minha formação lúdica e pedagógica. Por fim, atualmente, estou no 7º semestre, e estes foram os principais acontecimentos lúdicos pessoais e da formação inicial, até o momento, que repercutem na minha história de vida e, em especial, na minha formação docente lúdica.

Referências

BACELAR, V. L. E. Jean Piaget e André Lapierre: como ajudam a compreender sobre o desenvolvimento infantil. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 33-58.

COLE, M.; JOHN-STEINER, V.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (org.). *A formação social da mente*: Vygotsky, L. S. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infan-*

til: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

PIORSKY, G. Percursos da imaginação. *In*: PIORSKY, G. *Brinquedos do chão*: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016. p. 26-35.

TOQUINHO. *Aquarela*. Itália: Maracana, 1982.

19 LUDICIDADE: ASPECTO DECISIVO PARA A CONSTRUÇÃO DA MINHA PERSONALIDADE E AFETIVIDADE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap19>

MARIA LUANY KÉSSIA TEIXEIRA PIRES

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participante do Grupo de Estudo Saberes e Aprendizagens da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Foi bolsista do projeto de monitoria das disciplinas Gestão e Avaliação Educacional. Foi bolsista do projeto Pedagogia Libertadora em Escolas do Campo e da Cidade. Participante do Laboratório Universitário de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais (Lutemos).
E-mail: marialuany20@gmail.com

Não poderia abordar sobre a minha trajetória de vida sem mencionar meus pais, que são grandes referências e minha maior motivação. Sou filha, com muito orgulho, de um comerciante e de uma costureira. Apenas a minha mãe teve oportunidade de concluir totalmente os estudos, já meu pai, por ter que se ausentar de casa muito cedo em busca de emprego, não teve a mesma oportunidade. Eu os considero as pessoas mais inteligentes. Meu pai por dominar tão bem a matemática no seu negócio e a minha mãe por saber transformar tecido em amor, aceitando desafios e conseguindo se superar em cada roupa que faz. Com a justificativa de proporcionar o melhor para os filhos e ofertar novos horizontes, frisavam muito sobre a importância dos estudos para alcançar um melhor lugar na sociedade. Diante disso, ambos fizeram questão de proporcionar uma infância repleta de ludicidade, por consequência, os jogos e brincadeiras sempre estiveram desde muito cedo presentes na minha infância, tanto dentro como fora do contexto educacional. Desse modo, no decorrer do meu percurso educacional, tive o incentivo de participar de tudo, desde apresentações de danças até apresentações teatrais, o que resultou em uma paixão pela encenação; tudo era motivo para vivenciar personagens e efetuar gravação, não para comunicar ao público algo monótono, mas aspectos que viabilizassem a aprendizagem, acompanhado de um toque de risadas e alegria.

Assim sendo, a imaginação sempre foi minha característica forte. Dispondo de poucos brinquedos, imaginava-me nos lugares mais incríveis do mundo, viajava mais do que as aeromoças. Em uma manhã, era dona de um restaurante; à tarde, era dona de uma empresa; e, à noite, era organizadora de eventos e festas. Não precisava de muito para dar uma volta no mundo, ser diversas pessoas e ter uma profissão diferente a cada dia. Gostava de me fantasiar, de cantar, de imitar, de brincar de faz de conta, de ser comerciante, de teatro, de gravar vídeos entrevistando pessoas do bairro como uma repórter e, ao mesmo tempo, uma apresentadora de programa de televisão. Entretanto, através do brincar e do cotidiano em que eu estava inserida, por causa do meu pai, pude me identificar desde muito nova com o comércio. Com o passar dos anos, fui me identificando cada vez mais e compartilhava com a minha família o sonho de colocar uma bomboniere, afinal era uma parte da venda que incentivava meu pai a expandir, uma vez que, apesar de ter variadas qualidades, tamanhos e sabores de bombons e chocolates, ele sempre optava por comprar as mesmas mercadorias, até que chegou um momento em que decidi tirar esse sonho do papel e torná-lo uma realidade.

A sociedade, por questões culturais e históricas, impõe uma distinção entre brincadeiras de menino e brincadeiras de menina, o que resulta em uma limitação e interferência no processo de ludicidade e conseqüentemente na fixação de uma ideologia totalmente preconceituosa e machista. Logo, Odininio (2015, p. 18) salienta que:

Tal imposição não pode ser tomada como algo essencializado, característico dos grupos de meninas e meninos, pois tal postura tende a legitimar e fortale-

cer as gritantes diferenças de gênero já contidas nos conteúdos das mídias, cerceando e limitando outras possíveis formas de ser e estar no mundo, mais ricas, mais criativas e até mesmo mais igualitárias, para além dos modismos, da resignação consumista e da desigualdade dos padrões de gênero.

Dessarte, ocorre uma valorização e validação dessa fragmentação, considerando como fora do padrão e diferente quem não segue essa separação, ou seja, dando a entender que meninas que brincam com brincadeiras consideradas de meninos pela sociedade comprometem sua sexualidade, o que legitima a desigualdade de gênero. Em vista disso, por não fazer distinção entre tais brincadeiras, optava por brincar de tudo, por mais que a maioria das pessoas enfatizasse que aquilo com o que eu brincava era coisa de menino, já que juntamente com o meu irmão e vizinhos brincávamos de pega-pega, macaca, amarelinha, tica trepa, polícia e ladrão, pega-bandeira, comerciante, carimba, gol a gol, adedonha, o mestre mandou, vôlei, elástico, panelinha, casinha, puxar carrinhos com uma família dentro, bolinha de gude, futebol, pipa, sinuca, *video-game*, etc. Diante disso, eu sempre discordava e explicava para os vizinhos que brincadeira não tem gênero, o que me deixava aborrecida, uma vez que “As pessoas grandes não compreendem nada sozinha, e é cansativo, para as crianças, sempre e sempre estar explicando” (Saint-Exupéry, 2015, p. 8). Logo, é uma concepção que está enraizada na sociedade, o que prejudica diretamente a aprendizagem da criança por meio da ludicidade, posto que:

[...] o lúdico ajuda no desenvolvimento da criança onde a brincadeira e o jogo são aspectos importantes na sua aprendizagem e desenvolvimento e atra-

vés das atividades estarão desenvolvendo novas experiências que irão contribuir para o desenvolvimento integral e social do educando (Santos, Alinne; Santos, Alice, 2012, p. 4).

A ludicidade é uma ferramenta que proporciona tanto incontáveis maneiras de aprender, possibilitando uma junção entre conhecimento e prazer, como também o crescimento cultural e a construção identitária como pessoa. Meus avós maternos gostavam de incorporar elementos da sua infância na minha, assim me inspiravam a ver a capacidade de construir brinquedos com materiais simples, o que era motivo para me deixar eufórica. Recordo-me que minha avó, com duas quengas de coco e dois punhos de rede, produzia pés de cavalo e ainda fazia questão de me ensinar como andar. Meu avô, como um bom incentivador de vadiar, estimulava-me a brincar e proporcionava diversas brincadeiras, desde encenações até viagens de carro de mão por todo o terreiro da casa. Minha avó paterna, como uma pessoa mais generosa ensinou-me por meio do lúdico uma lição valiosa, ela sempre enfatizava a importância de partilhar comida com os necessitados e de nunca comer sem dividir, assim aprendi a compartilhar, a ter empatia, a ser uma pessoa humanizada e solidária.

Parto do pressuposto de que:

Uma escola que integra o brincar ao processo de ensino aprendizagem está preocupada com a formação de todo homem, ou seja, sua objetividade, sua autonomia, sua criatividade, suas funções sociais, o exercício da cidadania e a atuação na sociedade na qual está inserido (Ayres; Sena, 2010, p. 111).

Portanto, a ludicidade é um espaço livre, de criação, imaginação e descobertas, de modo que proporcione

uma relação com o outro e o espaço físico, desenvolvendo aspectos sociais, afetivos e cognitivos, resultando na formação da personalidade do sujeito. Destarte, desde o início da minha trajetória educacional até a conclusão do ensino médio, a ludicidade se fez ativamente presente. Apesar de muitas vezes o ensino médio deixá-la de lado, os educadores sempre buscavam incorporar elementos teatrais aos assuntos trabalhados em sala, de modo que tornasse o processo de ensino-aprendizagem para além das quatro paredes, proporcionando um ensino de qualidade e, ao mesmo tempo, agradável, desafiador e enriquecido de conhecimentos tanto dos assuntos discutidos como também do uso das tecnologias, desenvolvendo a capacidade de criatividade, organização e imaginação e o trabalho em equipe, uma junção de elementos cognitivos, sociais, afetivos e principalmente interativos. Então, Alves (2010, p. 4) aponta que:

O teatro não é uma forma de entretenimento fugaz, mas sim algo capaz de nos dar condições de criar personagens fictícios e trazê-los para a realidade, dando-lhes vida e características peculiares conforme a imaginação, criatividade e ludicidade.

Assim, por meio deste, torna-se uma oportunidade de vivenciar personagens, explorar e descobrir o mundo e a si mesmo, de modo a proporcionar a expansão das relações, a socialização e o desenvolvimento de habilidades, bem como a formação da criticidade. À vista disso, as atividades iam desde gravar vídeos e produzir paródias até apresentações de danças e peças teatrais, exigindo de cada um a habilidade de escutar e levar em consideração as ideias de cada membro da equipe, havendo todo um processo, desde a criação do contexto em que iria se passar

a história, o figurino, os materiais utilizados, a distribuição e elaboração de cada diálogo e a sequência dos fatos.

No ano de 2017, participei juntamente com um grupo de alunos do Festival Alunos que Inspiram, ofertado no mês de agosto pelo governo do estado do Ceará, representando a escola de ensino médio Joaquim Magalhães e a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede) 2, na categoria vídeo curta-metragem, tendo como título *Colour*, abordando a questão de uma garota que vê seu mundo cinza – sem cor, sem importância – quando de repente um garoto colorido com um livro surge em sua vida, logo a garota ganha cor ao ler o livro, o qual vai sendo deixado nos locais e várias pessoas vão se tornando coloridas. Competimos tanto municipalmente, sendo exibido aqui mesmo em Itapipoca, Ceará (CE), quanto estadualmente, sendo exibido no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza/CE. Foi uma experiência totalmente rica e lúdica para mim, uma vez que desenvolveu aspectos cognitivos e foi um momento prazeroso, em que pude desfrutar da realização do que eu sempre sonhei, a encenação, indo além e mostrando para as pessoas onde eu me destacava.

Crescer não foi motivo para eu deixar de brincar, de imaginar, de gostar de encenar e de construir, mais precisamente, não impediu que a minha criança interna morresse. Cresci, tornei-me responsável, apesar de todos à minha volta ordenarem que eu parasse de ser criança; na verdade, eu nunca vi isso como algo negativo, apenas queria ser diferente das pessoas adultas, sem ser aborrecida e reclamona, de modo que eu pudesse impedir que a seriedade e os problemas adultos me tornassem alguém que apaga e nega a criança dentro de si. Saint-Exupéry

(2015, p. 6) defende que “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças (mas poucas delas lembram)”. Nunca fui fã da seriedade e muito menos de esquecer que sou criança. Pelo contrário, sempre quis manter a minha criança viva, contemplando o simples e sendo feliz com o pouco, alimentando meus sonhos e desfrutando das alegrias.

À vista disso, vejo o quanto o lúdico contribuiu para a construção e o desenvolvimento integral do ser humano que sou hoje, desde a questão da afetividade, motricidade, intelecto, autonomia, interatividade e personalidade. Lições que constituíram a minha essência, o modo de eu agir diante do outro e perante a sociedade. Vivências que me possibilitam uma reflexão acerca da futura prática em sala de aula. É importante frisar que o modo como o educador vai mediar seu conhecimento diz respeito ao tipo de educando que deseja formar, tendo em mente que está constituindo profissionais que serão encarregados de solucionar as demandas sociais, não se atentando somente aos aspectos teóricos, mas também à formação humanizadora, uma vez que não adianta ter um repertório de teorias e não agir como ser humano diante de determinadas situações; apenas títulos não são capazes de nos tornar indivíduos mais empáticos e de construir um mundo melhor, é necessário utilizar tais conhecimentos:

[...] a serviço da vida, da ética, da transformação social, da liberdade afirmada na dignidade, no respeito e no acesso aos direitos fundamentais para todas as pessoas, em qualquer parte do planeta (Nunes; Silveira, 2010, p. 67).

Diante disso, o professor desempenha um papel significativo para o desenvolvimento do aluno como um

todo, provocando-o a ser inteiro, dando ênfase tanto na questão da formação de indivíduos humanizados como também na formação de seres pensantes e transformadores da sociedade, a ponto de tecer críticas e não aceitar facilmente o que lhe é imposto pelo sistema.

Referências

ALVES, E. C. Teatro: um olhar lúdico à face do desenvolvimento infantil. *In: JORNADA PEDAGÓGICA DO LALUPE*, 2., 2010, Ponta Grossa. *Anais* [...]. Ponta Grossa: UEPG, 2010. p. 1-5.

AYRES, J. S.; SENA, S. S. A importância do lúdico na educação infantil: fundamentação teórica. *Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP*, Pitanga, n. 1, v. 1, p. 106-121, 2010.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. *Psicologia da aprendizagem*. Fortaleza: RDS, 2010.

ODININO, J. P. Q. Brincadeiras de menino ou de menina? Implicações sociais sobre o brincar no contexto da mídia, do gênero e da infância. *Momento*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 9-24, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Escala, 2015.

SANTOS, A. N.; SANTOS, A. N. *O teatro e suas contribuições para a educação infantil na escola pública*. Campinas: Junqueira&Marin, 2012.

20 A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO PESSOAL E ACADÊMICA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap20>

MARIA LÚCIA RODRIGUES DA ROCHA

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Integrante do Núcleo de Estudos e Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisa em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos da UECE.

E-mail: lucia.ro2704@gmail.com



Nasci e cresci no interior de Trairi, Ceará (CE), em uma localidade chamada Assentamento-Batalha. Em minha casa, temos muitas árvores e um grande quintal a ser explorado, porém meu lugar favorito era o sítio da minha avó, um lugar pitoresco rodeado por um pomar no qual meus primos e eu nos aventurávamos colhendo frutas direto do pé. Um pouco além da casa, passando por um pequeno morro de areia fininha como a da praia, ficava uma grande lagoa, onde nadávamos quando nossos pais permitiam. No fim do dia, minha tia-avó contava histórias de visagens e almas penadas que apareciam no sítio; amava ouvi-las por mais que me deixassem assustada. Segundo Luckesi (2014, p. 18):

[...] ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das brincadeiras. Pode vir de qualquer atividade que faça nossos olhos brilharem.

A ludicidade esteve presente em toda a minha infância, nas cantigas de roda com meus primos, nas aventuras tanto pelos quintais de minha casa quanto no sítio de minha avó, assim como nas brincadeiras de faz de conta, em que eu poderia ser qualquer pessoa e ter qualquer profissão; eram essas atividades que me davam escopo para a imaginação e faziam meus olhos brilharem. Sobre a imaginação, Piorski (2016, p. 31, grifo do autor) afirma que:

[...] A criança encontra-se com a natureza, a vida social, as matérias do adulto (incluído gestos), os artefatos e a imaterialidade da cultura, para realizar a tarefa imaginária e atemporal de desmanchar o mundo ou, num dizer alquímico, corrigir a natureza. A criança, com sua capacidade de fabular, é impulsionada a recriar o real no irreal.

Em minhas brincadeiras, lembro-me de criar personagens e assumir papéis que, em sua maioria, pertenciam ao universo adulto; por vezes, incorporei o papel de professora, mãe, atriz, secretária, cozinheira e médica. Usava meus brinquedos e até coisas dos meus pais para me auxiliar no faz de conta. Recordo-me em especial de um episódio em que meu pai ficou bravo ao perceber que eu estava usando o seu carimbo para preencher “documentos”.

No ano de 2004, quando completava 3 anos de idade, fui matriculada na escola, em uma instituição que se localiza no interior de Trairi/CE, município no qual resido até hoje. Recordo-me perfeitamente do primeiro dia que meu pai me levou até a escola, apenas para conhecer o ambiente, assim como minha professora. Lá havia algumas crianças fazendo pintura com os dedos, brincando com cubos e quebra-cabeças; lembro-me de ficar muito animada por ver tantas crianças da minha idade se divertindo juntas, pois na época eu só tinha uma irmã e tínhamos a diferença de idade de quatro anos.

Na escola, nunca tive dificuldade em socializar com as outras crianças, na qual construí muitas amizades, algumas delas foram tão bem cultivadas que dão frutos até hoje. Muitas professoras também marcaram a minha jornada, é o caso da minha professora mais querida, a quem irei chamar de Ana, com o objetivo de preservar

sua identidade. A professora Ana sempre se mostrava sorridente e conquistava a todos com seu carisma; até mesmo os alunos mais travessos paravam para ouvi-la. Ana tinha muito amor pelos seus estudantes e todos nós também desenvolvemos grande afetividade por ela.

Todos os dias, tínhamos novidades na aula, como contação de histórias, dinâmicas, quebra-cabeças, brincadeiras de roda, canções e muito mais:

[...] O contato que estabelecem com adultos mediante canções de ninar, brincadeiras e jogos de mãos, parlendas etc., propicia a construção de novos conhecimentos e a apropriação de diferentes significados (Gohn, 2010, p. 86-87).

A aula, muitas vezes, foi ministrada por uma dupla de fantoches chamada Alfa e Beto. Alfa era um livro amarelo e Beto, um lápis verde. Não me esqueço de como a professora criava vozes engraçadas e distintas para os fantoches. Sem dúvidas, as aulas ficavam muito mais interessantes e divertidas com esses dois personagens.

Na hora da história, tínhamos um livro enorme que cobria quase todo o espaço da sala. A professora pedia ajuda a nós, alunos, para manuseá-lo. Sempre era uma honra poder ajudá-la. O livro chamava-se *Chão de estrelas*, no qual havia várias histórias infantis e cantigas de roda que nós acompanhávamos sentados ao seu redor em um círculo, no qual todos queriam ficar ao lado da nossa querida e encantadora professora. Nessa perspectiva, Luckesi (2014, p. 21) afirma que:

[...] o educador necessitará estar permanentemente atento a si mesmo para atuar junto aos seus educandos [...]. Se ele for competente, sua sala de aula também o será; se ele for amistoso, sua sala também o

será; se ele for agressivo, sua sala também o será; se for lúdico, sua sala também o será.

Dessa forma, ao tornar sua sala de aula um ambiente agradável e com a presença de ludicidade, no fim do ano letivo resultou que grande parcela dos alunos da professora Ana já sabia ler fluentemente, inclusive eu. Nem preciso dizer o sofrimento de nós, alunos, ao nos despedirmos da professora Ana ao fim do ano letivo, mas tenho certeza que, assim como eu, o restante da turma também foi tocado pelo método lúdico da professora.

Ao aprender a ler, criei grande apreço por histórias, mas dificilmente as lia sozinha. Assim, passei a frequentar a biblioteca em busca de livros infantis que costumava ler com meu pai todas as noites. Comecei com um pequeno número de páginas por história. Nos livros curtos que líamos em uma noite, meu pai costumava criar vozes engraçadas para os personagens, o que me deixava muito entusiasmada; ao final da leitura, ele sempre me fazia questionamentos sobre a história e os personagens. “Crianças que crescem em famílias que leem e que sabem despertá-las para essa paixão tornam-se invariavelmente leitores pela vida inteira” (Antunes, 2011, p. 10). Concordo com as afirmações do autor e gosto de ressaltar que os momentos de leitura com o meu pai foram os grandes responsáveis pelo hábito de leitura que cultivo até hoje.

Com o passar dos anos, minha paixão pela leitura apenas cresceu; quando me vi, estava lendo sozinha meu primeiro livro, o clássico *O pequeno príncipe*, do autor Antoine Saint-Exupéry. Admito que na época me prendia mais aos fatos do que às reflexões filosóficas do autor, que só fui entender anos depois, quando o li pela

segunda vez. Depois desse livro, viajei por clássicos da literatura infantil, como *Reinações de Narizinho*; *As histórias de tia Nastácia*; *Uma professora muito maluquinha*, além de versões mais simples das obras *Romeu e Julieta* e *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare.

Nos anos seguintes, tive contato com outras formas de ludicidade. Ainda no ensino fundamental, participava de muitos projetos, como feiras científicas, concursos de soletração e escrita, concursos de música, desfiles e feiras culturais. Uma dessas experiências citadas marcou bastante a minha vida acadêmica, o projeto se chamava “Nagô” e estava focado em promover o respeito à cultura afro-brasileira. O evento aconteceu na Semana da Consciência Negra, em que tivemos contato com comidas típicas trazidas e criadas pelos negros escravizados. Na culminância do projeto, foi promovido um desfile com as belezas negras da escola, no qual os alunos fenotipicamente negros desfilaram usando roupas que faziam referência às vestimentas do povo africano, do qual participei.

Algo que sempre amei fazer foi cantar, pois dos 10 aos 18 anos participei do coral da igreja que frequento. No ano de 2016, mesmo ano em que entrei para o ensino médio, desenvolvi um forte interesse pelo violão, instrumento que aprendi a tocar sozinha apenas com o auxílio de alguns vídeos da internet. A música está presente em minha história, possuindo trilha sonora para todos os momentos da minha vida; creio que isso ajudou bastante em minha formação como pessoa. Hoje acredito que essa iniciativa me auxiliará como profissional, visto que pretendo usar esse saber em minha atuação em sala de aula, pois acredito que:

[...] Na musicalização o lúdico caminha lado a lado com a música, oferecendo ao educando a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar a percepção auditiva, a organização, a imaginação, a coordenação motora, a memorização, a socialização e expressividade (Gohn, 2010, p. 89).

Meu lado artístico sempre foi muito afluído. Ao longo de minha trajetória, participei de muitos movimentos relacionados à dança, à pintura e ao teatro. Tenho certeza que esses saberes contribuíram para a minha formação crítica, social e cultural. No ano de 2016, cursava o ensino médio numa escola profissionalizante, reunindo o currículo básico e um curso técnico em Comércio de forma simultânea. A escola localiza-se no centro de meu município; eu me deslocava todos os dias por meio do transporte escolar, com aulas das 7 às 17 horas. Em meio a tantas aulas de caráter sistemático, também tive muitas outras de caráter extremamente lúdico.

Uma vez por semana, tínhamos as disciplinas de Projeto de Vida e Mundo do Trabalho, que consistiam em nos preparar para a vida adulta, porém com pontos de vista diferentes. Projeto de Vida visava a nos preparar emocionalmente, fazendo-nos pensar em como organizaríamos nossa vida, através de metas e planos, e como nos manter em harmonia no processo. No início de cada aula, fazíamos um momento de meditação guiado pela professora, que colocava trilhas sonoras que nos acalmavam. Nessas aulas, diferentes das outras, sentávamos em círculos para melhor visualizar os outros colegas e facilitar o diálogo. Durante as aulas, realizávamos atividades que consistiam em desabafos em forma de desenhos e cartas; cada aluno arquivava as suas atividades em uma

pasta e, ao fim do ano, todas as atividades que havíamos realizado resultaram em um portfólio de memórias; as minhas guardo até hoje.

A disciplina de Mundo do Trabalho consistia em planejar a vida profissional do aluno; nas aulas, falávamos sobre a importância da ética no ambiente profissional, sobre trabalho em equipe, sobre documentos, como ata, currículo, carteira de trabalho e qualquer trâmite relacionado a esse universo. As aulas eram trabalhadas de forma bastante lúdica, através de dinâmicas, paródias, jogos e peças teatrais.

Ainda no ensino médio, participei de vários eventos que envolviam o lúdico, como feiras culturais; uma delas foi bastante marcante, chamava-se Feira das Nações. A coordenação do colégio elaborava um sorteio com nomes de vários países e os dividia entre as turmas; lembro como se fosse hoje quando tirei a palavra Marrocos da caixinha de sorteio; rapidamente fiquei ansiosa, pois não sabia nada sobre o país. Minha turma e eu teríamos que apresentá-lo, seja por meio da culinária, política, moda, esportes e outros fatores. Lembro-me de termos transformado a sala de aula em uma típica moradia marroquina. Colocamos vários tecidos no teto e caprichamos na tapeçaria; além disso, todos os alunos estavam vestidos como os habitantes do país. Divertimo-nos muito com a feira e aprendemos muito sobre o Marrocos, assim como sobre os outros países apresentados por outras turmas. Em outro momento do ensino médio, também participei da Feira do Empreendedor, um projeto em que os alunos de todas as turmas criaram um protótipo de negócio que seria levado para a praça principal da cidade, a fim de proporcionar uma experiência mais completa da vida

de um microempreendedor. Durante o ensino médio, fiz parte de muitas outras atividades, como gincanas, corais, amostras do curso técnico e oficinas. Foi um período de grande amadurecimento pessoal e profissional.

A ludicidade é introspectiva; não se trata de uma atividade proposta, e sim do que você sente ao realizá-la. Durante minha vida, tive contato com o lúdico e com a ludicidade; experimentei cada uma delas da melhor forma possível e aprendi muito. Atualmente, estou cursando o ensino superior e aqui ficam registradas algumas das principais experiências lúdicas que ocorreram ao longo de minha vida.

Referências

ANTUNES, C. *A leitura como paixão*. Fortaleza: Imeph, 2011.

GOHN, M. G. O papel da música na educação infantil. *Ecos: Revista Científica*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 85-103, 2010.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

PIORSKI, G. *Brinquedos no chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

21 A LUDICIDADE E MINHAS EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap21>

MARIA LUZIRENE DOS SANTOS LIMA

Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – Alfabetização de 2020 a 2022. Participante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad). Bolsista do projeto de monitoria acadêmica na disciplina “Alfabetização de Crianças” de 2023 a 2024. Participante do projeto Monitoria de Apoio à Aprendizagem Escolar na rede municipal de ensino em Itapipoca no período de 2023 e 2024.

E-mail: luzirene.santos@aluno.uece.br

Lembro-me de muitas coisas boas que vivenciei durante a minha infância. São lembranças muito boas que jamais poderão ser apagadas da minha mente. As coisas não eram tão fáceis como hoje são, porém, mesmo assim, éramos felizes. Não tinha internet nem mesmo celular, brincávamos com o que tinha, mas, ainda assim, a felicidade estava estampada em nosso rosto, pois o momento de brincar era a melhor coisa que existia.

Enquanto crianças, não tínhamos muitas responsabilidades. Então, o nosso foco estava nas brincadeiras e nos brinquedos. As brincadeiras eram sempre diversificadas e os brinquedos quase sempre eram confeccionados manualmente, que nem sempre saíam tão perfeitos, mas cumpriam o nosso objetivo, que era nos divertirmos. Hoje percebo que, naquele simples ato de fabricar um brinquedo ou pensar em uma forma diferente de brincar em parceria com os amigos, buscando um ambiente adequado para as brincadeiras, estávamos, sem nos darmos conta, desenvolvendo habilidades sociais que seriam necessárias tanto para a vivência escolar como para toda a vida, conforme afirma Cardoso (2016, p. 21):

Essas interações contribuem com a criança, com os colegas de classe e professores, servindo de motivação em relação às atividades que são feitas na sala de aula, no quesito da troca acadêmica. É de suma importância o professor criar estratégias para que aconteça a interação entre os colegas. Nesse sentido, uma criança com dificuldade de fazer amizades será

grandemente beneficiada. Por exemplo, ao invés de deixar a criança que tem dificuldade de se relacionar isolada no seu canto, é preciso promover atividades para cuja realização ela terá que pedir auxílio a outra criança.

Fazíamos casinhas para as bonecas, cortávamos e cosíamos tecidos para fazer roupinhas para elas. Construíamos casas de galhos de árvores para brincarmos nos quintais de nossas casas, até mesmo fogo acendíamos para cozer nossos próprios alimentos, tudo em panelas improvisadas que eram muitas vezes trazidas de nossas residências sem que nossas mães soubessem. Tudo era divertido, sendo possível ver alegria em tudo, mesmo nas coisas mais simples que nos envolviam. Sei que, embora todas essas coisas sejam realizadas de forma natural e espontânea, hoje, quando as trago à memória, vejo que tudo aquilo era aprendizado, um curso normal de minha infância sendo desenvolvido.

Tenho quatro irmãs e muitos primos e primas que sempre brincavam comigo. Amava brincar de boneca, casinha, também de mãe e filha. Lembro ainda que brincava de escolinha com minhas irmãs, fazendo a chamada logo de início, depois passava tarefas no caderno para elas; adorava corrigir, dando as notas como os professores sempre faziam. O mais interessante é que sempre queria ser a professora. Era muito divertido. Recordo também que a gente ia para a casa da minha avó e sempre nos reuníamos com os primos e primas. Era uma alegria imensa para todos nós! Brincávamos de amarelinha, pega-pega, bandeira e muitas outras brincadeiras.

É importante compreendermos que as brincadeiras têm grandes contribuições para o desenvolvimento

infantil, pois é através do brincar que as crianças expressam suas emoções e seus sentimentos. O brincar também tem o poder de abrir novos espaços para a construção da realidade. É uma forma de a criança colocar para fora seus medos, problemas e angústias que já enfrentou. Segundo Melo e Valle (2005, p. 45):

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair.

Ao falar de brincadeiras, lembro-me das cantigas de roda que também fizeram parte da minha infância. Era uma alegria imensa quando a gente brincava através dessas brincadeiras. Além de ser uma brincadeira contagiante, as cantigas de roda têm uma grande importância para o desenvolvimento da criança, pois através delas são desenvolvidas várias habilidades, tais como a audição, o ritmo, os movimentos, o equilíbrio, a linguagem oral e também a memória. Uma das que mais gostávamos era esta:

Ciranda, Cirandinha

Ciranda, Cirandinha / Vamos todos cirandar / Vamos dar a meia volta / Volta e meia vamos dar / O Anel que tu me destes / Era vidro e se quebrou / O amor que tu me tinhas / Era pouco e se acabou / Por isso Dona (nome da criança) / Faz favor de entrar na roda / Diga um verso bem bonito / Diga adeus e vá embora (Diana, 2020).

Ainda na minha infância, a gente brincava da adeonha, brincava da cor e jogávamos dominó.

No ensino fundamental, ganhei na escola uma coleção com 10 livros de literatura, e eu amava todos! Sempre os lia. Havia um de que gostava mais, escrito pela poetisa Cecília Meireles, no qual havia vários poemas; lia-os repetidas vezes sem me cansar; era maravilhoso, pois a leitura me levava para o mundo da imaginação. Aqui posso ver e compreender como a leitura faz parte da ludicidade, pois, quando lia todos aqueles livrinhos, sentia um imenso prazer e alegria ao ler todas aquelas narrativas, poemas e romances. A leitura me fazia viajar por outros lugares, sendo este o grande poder que ela tem, também produzindo o conhecimento e propiciando a transformação para aqueles que a praticam.

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 13):

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está reproduzido seu estar no mundo e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos [sic] referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos [sic] tornamos mais humanos e sensíveis.

Então, a leitura como forma lúdica foi uma de minhas experiências na infância que contribuíram bastante para a minha formação docente. Deixo aqui alguns dos poemas de que mais gostava naquele livrinho da capa azul da Cecília Meireles:

Leilão de jardim

Quem me compra um jardim com flores? / borboletas de muitas cores, / lavadeiras e passarinhos, / ovos

verdes e azuis / nos ninhos? / Quem me compra este caracol? / Quem me compra um raio de sol? / Um lagarto entre o muro e a hera, / uma estátua da Primavera? / Quem me compra este formigueiro? / E este sapo, que é jardineiro? / E a cigarra e a sua canção? / E o grilinho dentro do chão? / (Este é meu leilão!) / (Oliveira, Ana Clara, 2019).

O cavalinho branco

À tarde, o cavalinho branco / está muito cansado: / mas há um pedacinho do campo / onde é sempre feriado. / O cavalo sacode a crina / loura e comprida / e nas verdes ervas atira / sua branca vida. / Seu relincho estremece as raízes / e ele ensina aos ventos / a alegria de sentir livres / seus movimentos. / Trabalhou todo o dia, tanto! / Desde a madrugada! / Descansa entre as flores, cavalinho branco, / de crina dourada (Porto, 2015).

Não me recordo de muitas experiências lúdicas na escola no ensino fundamental nem no ensino médio, até mesmo porque, quando chega nessa fase de ensino, o lúdico se torna uma coisa rara e praticamente deixada de lado pelos professores, mas, a partir do momento em que comecei a cursar Pedagogia, pude estudar o lúdico com profundidade e também perceber que a ludicidade impactou parte da minha infância e tem contribuído bastante para meu aprendizado.

No início do curso de Pedagogia, não vinha em minha mente a palavra “ludicidade”, muito menos a expressão “prática pedagógica”, mas, no decorrer do curso, aprendi bastante sobre cada termo. Como integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), tive a oportunidade de participar de um curso intitulado: “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, em que pude acompanhar vários

profissionais da educação relatando suas experiências de como é ser professor de educação infantil e também sobre as formas de se transmitir a ludicidade para seus alunos. Percebi também como o lúdico é encantador em todas as etapas de nossas vidas, seja em casa, na sala de aula, na educação infantil ou até mesmo no ensino superior.

Graças a este curso, comecei a compreender a importância da ludicidade para o indivíduo, mas em especial para a criança; como ela aprende mais facilmente ao estar envolvida nessas experiências. Entender o lúdico foi um aprendizado que certamente agregou experiências em minha formação docente. Futuramente também terei a oportunidade de colocar em prática tudo o que foi possível saber a respeito desse tema de tão elevada importância para quem ama a educação e se dedica a formar pessoas para a vida, cidadãos para a sociedade ou até mesmo futuros docentes que poderão, a partir de nosso incentivo como professores, impulsionar a trilhar esse mesmo caminho.

Referências

CARDOSO, S. M. S. *Habilidades sociais na infância*: algumas reflexões e práticas para a educação infantil. 2016. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Programa de Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

CAVALCANTI, J. *Caminhos da literatura infantil e juvenil*: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

DIANA, D. Cantigas de roda. *Blog Toda Matéria*, [S.l.], 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cantigas-de-roda/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

OLIVEIRA, A. C. Os melhores poemas de Cecília Meireles para crianças. *Blog Leiturinha*, [S.l.], 15 out. 2019. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/os-melhores-poemas-de-cecilia-meireles-para-criancas/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MELO, L.; VALLE, E. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-481858>. Acesso em: 19 out. 2024.

PORTO, R. O cavalinho branco, Cecília Meireles. *Blog Livro Errante*, [S.l.], 12 out. 2015. Disponível em: <http://livroerrante.blogspot.com/2015/10/segunda-feira-poetica-dia-das-criancas.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.

22 A PRESENÇA DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO DE MEMÓRIAS SIGNIFICATIVAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap22>

MARIA MILLENE RODRIGUES DE OLIVEIRA

Professora de Educação Infantil atuando na rede pública do município de Sobral, Ceará. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista em 2020 do projeto Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad).

E-mail: maria.millene21@gmail.com



contato com o curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica” ocorreu durante a pandemia de 2020, um período de isolamento social, medida adotada para a contenção da Covid-19. Nesse cenário, os momentos formativos eram possíveis de acontecer apenas de modo remoto por reuniões em plataformas digitais, o que torna os encontros muito distantes fisicamente e também solitários. No entanto, de modo contraditório, o uso do lúdico mostra-se surpreendentemente ao ser capaz de quebrar obstáculos de comunicação e proporcionar momentos de entrega de corpo e mente para a geração de aprendizagens significativas, mesmo em um período tão conturbado e melancólico da sociedade.

Foi a partir dos encontros formativos do curso que me tornei mais sensível à percepção do lúdico, pois, quando entramos em contato com aspectos de determinado conhecimento, começamos a identificá-lo no nosso cotidiano. Todavia, podemos utilizar da ludicidade em vários aspectos da vida, como na comemoração de festas, transformando por meio das decorações o ambiente e resgatando sentimentos afetivos que envolvem a data, por exemplo: Natal, Réveillon, Páscoa, Festas Juninas.

Desse modo, a afirmação de Modesto e Rubio (2014) complementa essa ideia do uso da ludicidade para socializar com o mundo da criança:

O aspecto lúdico torna-se importante instrumento na mediação do processo de aprendizagem, princi-

palmente das crianças, pois elas vivem num universo de encantamento, fantasia e sonhos onde o faz de conta e realidade se misturam, favorecendo o uso do pensamento, a concentração, o desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando o processo de construção do pensamento.

Dessa forma, recordo-me de na infância sempre haver sentimentos envolvidos no Natal, virada de ano e aniversários, porém, quando adolescente, notei que, mesmo passando por datas como estas, eu não sentia magia nenhuma, parecendo-me estranha tal situação. Acontece que, quando crescemos, encaramos a vida de maneira tão séria e racional que nos esquecemos que somos nós que fazemos da vida algo mágico e singular. É nesse sentido que o lúdico e a fantasia fazem de uma data comemorativa algo especial que mexe com nossa imaginação e com nossas emoções, tornando-se memórias agradáveis significativas.

A minha infância foi marcada por momentos alegres e divertidos na igreja, aprendendo os ensinamentos bíblicos. Aos domingos, havia escola bíblica dominical que ocorria pela manhã semanalmente. Nesses encontros, o lúdico era muito presente, na contação de histórias, no cantar de uma canção, na dança, nas brincadeiras, nas atividades propostas. Friedmann (2012, p. 48-49) expressa as potencialidades das atividades lúdicas, pois:

[...] Qualquer brincadeira tem o potencial de desenvolver nas crianças seus aspectos cognitivos, afetivos, físico-motores, sociais, culturais, morais, linguísticos, criativos, imaginários e até espirituais.

Além disso, há muitas marcas positivas em minha memória, pois gostava de estar presente aos domingos

na igreja com meus amigos e irmãos. Algumas vezes, na igreja era solicitada minha participação em apresentações em comemoração ao Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, sempre estando disponível seja para cantar, fazer uma peça para ilustrar uma história da Bíblia ou dançar uma música. Acredito que minha familiaridade com essas apresentações na igreja e nos encontros infantis me proporcionou uma experiência rica com o lúdico, ainda que eu não tivesse conhecimento teórico a respeito dessa metodologia didática; para além disso, os aspectos lúdicos são essenciais para dar significado a qualquer situação de socialização com o outro.

Na adolescência (por volta dos 16 ou 17 anos de idade), dedicava-me na igreja a ficar responsável como a “tia” da turma infantil, nomeada de maneira carinhosa pela denominação cristã à qual eu pertencia como Tia Kids, que trazia ideias de trabalhos a serem desempenhados com as crianças na igreja. Na comemoração do Dia das Crianças, recordo que eu e outros amigos da igreja nos vestimos com roupas divertidas, fizemos penteados no cabelo, colocamos maquiagem que lembravam um palhaço, para divertir as crianças e estimulá-las a ficar mais à vontade dançando, cantando e realizando brincadeiras.

Enquanto isso, na minha escola de ensino fundamental, a criatividade também era um ponto bem explorado. Éramos muito estimulados a participar de apresentações artísticas. Recordo-me de haver festinhas em comemoração ao Dia das Mães, em que todas as turmas da escola tinham que preparar algo para homenagear a mamãe, como uma música para dançar ou cantar, minipeças teatrais e leitura de poemas. Momentos como esses marcam nossa infância; sentimo-nos capazes de

fazer coisas brilhantes que contribuem para a construção da nossa autonomia. Em um desses eventos, eu e um grupo de amigos apresentamos uma peça teatral que tinha como mensagem central a importância de valorizar nossa querida mãe em todas as fases de nossas vidas, na infância, adolescência e fase adulta. Para a criança, a situação imaginária proposta é interpretada como uma brincadeira de “faz de conta”. Mesmo na infância, há a capacidade de interpretar as regras sociais de algum comportamento, pois: “Se a criança está representando o papel de mãe, então ela obedece às regras de comportamento maternal” (Vygotsky, 1991, p. 64). Em decorrência da diversidade de situações pedagógicas vivenciadas, carrego boas lembranças da minha antiga escola Lina Bertolini.

Refletir sobre nossas memórias é verdadeiramente um desafio, mas é nessa prática que identificamos que o que realmente nos marca está vinculado aos momentos em que empregamos nossos sentimentos, logo, quando nos colocamos a pensar em situações lúdicas, identificamos que vivências foram importantes para a nossa formação pessoal e profissional. Em seus escritos, Rodrigues-Moura *et al.* (2020, p. 5) acrescentam a literatura sobre as memórias com o seguinte pensamento:

O ambiente da introspecção está permeado por condições internas dos sujeitos como emoções, sensações, pensamentos, sentimentos e disposições pessoais, pelas quais é possível situar a experiência no tempo, no espaço e em escolhas individual e socialmente construídas.

Durante uma das palestras do curso, veio-me à mente, como em um *flashback*, uma recordação muito

afetuosa sobre uma experiência que vivenciei durante o ensino médio: recordei-me de uma visita que eu e alguns colegas realizamos à brinquedoteca do hospital São Camilo, em Itapipoca, Ceará (CE). Nessa palestra, aprendemos melhor sobre o ambiente da brinquedoteca, que: “[...] é um espaço estruturado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico” (Macarini; Vieira, 2006, p. 52), que pode estar disponível em vários lugares e ser de tipos diferentes que se adaptam às necessidades das crianças. Os autores Piskorz e Godoy (2013) complementam que: “As brinquedotecas precisam ser diversificadas e oferecidas em diversos lugares, como: favelas, museus, circos, creches, escolas, hospitais, presídios e em outros lugares [...]”. A temática desse dia foi o estímulo necessário para vir à minha mente essa experiência lúdica.

Confesso que já não me lembrava com tanta clareza dessa experiência que havia vivenciado. Ao final da palestra do curso, realizei um exercício de memória em que tentei recordar como havia sido esse episódio da minha vida. Estudei no ensino médio na escola estadual de educação profissional Rita Aguiar Barbosa, onde havia diversas oportunidades de explorarmos nossa autonomia. Anualmente havia um evento chamado English Day, realizado pela disciplina de Inglês, em que todas as turmas do 1º ao 3º ano realizavam apresentações cantando em inglês; tínhamos que produzir cenários e vestimentas que se encaixavam com a temática. No ano de 2015, o tema do evento foi relacionado a filmes clássicos. Na escola, éramos identificados pelo curso técnico que fazíamos e a série em que estávamos; minha turma era o 2º

ano em Comércio, então produzimos uma apresentação com fantasias, músicas e cenários inspirados no filme *O mágico de Oz*; nossas roupas eram bem alegres e chamativas para as crianças; havia bruxas, leão, espantalho, além da protagonista, Dorothy, entre outros. Enfim, não me lembro em qual colocação ficamos no dia do evento, mas sentimo-nos muito realizados com o nosso trabalho.

Um tempo depois, no final desse mesmo ano, a turma de 3º ano em Eventos estava no período de estágio do curso. Duas alunas tiveram como local de estágio o hospital São Camilo. Desse modo, propuseram à nossa turma a realização de uma pequena apresentação adaptada para as crianças contando a história de *O mágico de Oz*. Claro que nós aceitamos esse desafio; com muita alegria e satisfação, fomos todos fantasiados para a brinquedoteca do hospital, produzindo uma encenação da história para as crianças e depois tiramos várias fotos com elas e seus familiares. Essa experiência contribuiu para o meu crescimento pessoal, fazendo com que nos sentíssemos realizados pela oportunidade de fazermos a alegria das crianças que vivem a realidade de uma vida em contexto hospitalar. Diante disso, podemos refletir sobre a importância do lúdico para a aprendizagem mútua: por meio de pequenas atitudes, podemos proporcionar um misto de sentimentos nas crianças e gerar no adulto uma satisfação em estar se comunicando com o mundo da criança.

A partir desse exercício de visitar minhas memórias, percebi minha inclinação à docência. Sempre gostei de auxiliar as pessoas que encontravam dificuldades em compreender alguns assuntos do conhecimento escolar, por exemplo, ensinando meus primos a tarefa de casa. Em outras ocasiões, tentei ensinar meu primo e meu avô

a ler e a escrever; mesmo criança, sabendo ler só o básico, propunha-me a ensiná-los ainda que não conseguisse atingir êxito, mas eu tinha a intenção genuína de repassar para eles o que eu sabia. O desejo de socializar com o outro qualquer conhecimento ainda é presente na minha vida; acredito que estou no caminho certo, formando-me como profissional em Pedagogia para desempenhar um papel relevante de professora.

Normalmente todo aluno tem aquele professor que marcou sua vida por usar uma linguagem lúdica que o agrada. Sabendo disso, pretendo também na minha prática pedagógica utilizar-me da ludicidade para marcar a vida dos meus alunos positivamente. Mesmo sem ter experiência como professora em sala de aula, busco compreender e explorar as possibilidades que o lúdico nos proporciona para o processo de ensino e aprendizagem. Ainda que de maneira embaralhada e sem respeitar uma ordem cronológica, as memórias resgatadas para compor este memorial expressam que a ludicidade está presente em toda a nossa trajetória de vida.

Referências

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observações, adequações e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. O brincar de crianças escolares na brinquedoteca. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 49-60, 2006.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, [S.l.], v. 5, n. 1, 2014.

PISKORZ, R. C. G.; GODOY, M. A. B. Brinquedoteca: estratégias lúdicas na construção do desenvolvimento educacional da criança com deficiência intelectual. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, *Cadernos PDE*, Brasília, DF, v. 1, 2013.

RODRIGUES-MOURA, S.; DE SOUZA, C. A. S.; SEABRA, S. F. F.; GONÇALVES, T. V. O. Mosaico do vir a ser uma professora de Ciências: por entre memórias de escolarização, histórias de vida e sentimentos da docência. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 26, p. 1-15, 2020.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

23 A PRESENÇA DO LÚDICO EM MEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap23>

MARIA TATIANE DA SILVA OLIVEIRA

Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), desenvolvido na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), projeto Alfabetização. Foi integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe).

E-mail: maria.tatiane@aluno.uece.br

Chamo-me Maria Tatiane da Silva Oliveira, tenho 29 anos, nasci e cresci na cidade de Itapipoca, Ceará (CE), filha única da senhora Célia Maria da Silva Oliveira e do senhor José Ramos Oliveira. Durante minha infância, sempre estive na companhia de minha mãe, já que meu pai trabalhava o dia todo e só chegava em casa à noite. Mamãe era uma mulher muito alegre, desempenhava seus afazeres domésticos com muito esmero. Lembro-me que, em quase todas as atividades, gostava de cantar e/ou dançar. Naquele período, achava tão engraçado, nem parecia ser um trabalho, pois tinha música para quase tudo. Jamais ela foi uma mãe de me pedir para fazer com ela na prática, porém costumava ficar por perto observando e, quando me foi oportuno, não vi tanta dificuldade em fazer, pois aquilo tudo ficou guardado de uma forma especial em minha memória, com músicas que ela cantava nas lavagens de roupa.

Fui bem pequena para a escola, porém já sabia escrever meu nome e conhecia as letras do alfabeto, algo que, de acordo com Vygotsky, Luria e Leontiev (2010, p. 109), é normal, pois: “Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história”. Em casa, mamãe e eu gostávamos de fazer muitas coisas; ela comprava muitos lápis de cores, canetinhas coloridas e tintas. Recordo-me dos desenhos e pinturas que fazíamos. Também me lembro com muito carinho dos momentos com meu pai, que, mesmo chegando cansado, sempre encontrava tem-

po para me contar histórias; nos finais de semana, era incrível: ele inventava de tudo para a gente se divertir. Lembro-me do balanço que ele fez no cajueiro do nosso quintal, brincando por tardes inteiras, tanto que nem via o tempo passar. Já na escola, apesar do primeiro impacto de estar em um local sem minha mãe, fiquei entusiasmada, pois, como filha única, não convivía com outras crianças e, nesse novo espaço, tinha essa oportunidade. Também amava ouvir as “tias” contando historinhas, possibilitando um universo lindo que se abria para mim, adaptando-me rapidamente. Não tenho tantas outras recordações dessa etapa, mas uma coisa ficou guardada, o caminho para a escola. Até hoje, quando passo naquela rua, lembro-me do trajeto. Esse período foi muito importante, pois foi nele que aprendi a ler e escrever, sendo a festa do ABC como um marco na conclusão dessa fase.

Fui crescendo e o gosto pelas brincadeiras foi mudando. Em casa, já interagía com crianças da vizinhança, mesmo esta diversão acontecendo em um curto intervalo de tempo, mas aproveitava ao máximo. Pulava corda e elástico (era do que eu mais gostava) e brincava de amarelinha e bonecas. Inclusive, eu construía casas lindas para as bonecas e costurava roupinhas para elas. Lembro-me muito de uma amiga que morava por detrás da minha casa; todos os dias, depois da aula, encontrávamo-nos para brincar debaixo de um pé de oliveira, onde inventávamos todos os tipos de brincadeiras, além de escalar a árvore e comer as frutinhas. Já na escola, recordo-me das coreografias marcantes das festas comemorativas (Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa, Natal, etc.). Adquiri o gosto pela leitura, adorava livros e revistas, principalmente aqueles com imagens, cruzadinhas e caça-palavras.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, não havia tantas brincadeiras durante as aulas, porém, quando penso na ideia de brincadeira ou aprender brincando, vem-me à mente a imagem de uma professora que me marcou muito no 3º ano do ensino fundamental na escola Monsenhor Tabosa; seu nome é Eurijane Viana. Qualquer temática em suas mãos virava música, poema, coreografia e até peça teatral, o que desencadeou um grupo de teatro que sempre se apresentava em datas especiais ou em projetos do colégio. Lembro-me o quanto ela era querida por todos; suas aulas eram as mais esperadas da semana. Hoje consigo encontrar respostas acerca dessa admiração, pois, segundo Silva e Maia (2016, p. 2):

O teatro, como atividade lúdica na escola, permite ao aluno a ampliação do conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, proporcionando uma reflexão crítica acerca da realidade.

Nos anos que seguiram, recordo-me da ansiedade pelas aulas de Educação Física, que aconteciam no contraturno. Essas aulas dividiam-se em dois momentos, a primeira parte com atividades dirigidas e a segunda com momentos espontâneos, em que toda a turma interagia e brincava livremente. A saudade toma conta do meu coração só em pensar, pois foi sem dúvidas um dos períodos mais lindos e importantes da minha vida. Recordo-me das idas para a escola, quando finalmente comecei a ir sozinha de bicicleta, sentindo aquele vento batendo no rosto; foi a primeira sensação de liberdade e autonomia. No período invernos, os banhos de chuva no caminho e a travessia de um riacho para poder chegar à minha casa eram diversões significativas. Durante esse tempo, costumava escrever os acontecimentos do meu dia a dia,

adorava registrar tudo; não possuía um diário, mas um caderno de registros. Engraçado que eu não me lembrava disso até desenvolver a escrita deste memorial. Em meio aos registros, colocava imagens que eu recortava de revistas e escrevia músicas e poemas de que eu gostava.

Estas memórias lúdicas, termos que só descobri seu significado na fase adulta, fizeram-me refletir sobre a importância de cada etapa para a minha atual formação. Pude perceber que o lúdico sempre esteve presente em todo o meu percurso de vida, tanto educacional, escolar, familiar e atualmente neste processo de formação acadêmica. Lembrei que realmente aprendia com mais facilidade quando aquele saber era partilhado de maneira leve, afetuosa. Se hoje estou cursando Pedagogia, é um reflexo de ter compartilhado ao longo dessa caminhada momentos de conhecimento ao lado de professores criativos, que tinham práticas pedagógicas lúdicas, potencializando, assim, a aprendizagem, pois, de acordo com Leal e D'Ávila (2012, p. 45): “É no brincar que se pode ser criativo e utilizar sua personalidade – é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”. Assim, brincando de escolinha, sentia-me professora de verdade, reproduzindo a maneira utilizada pelas minhas docentes da época, nascendo o sonho do magistério.

Hoje me sinto privilegiada por estar em uma das melhores universidades do país e por participar deste curso que trata sobre o lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica. Acredito plenamente que seja de extrema importância para a minha formação. Durante esses quase cinco meses, pude participar de palestras sensacionais com profissionais altamente capacitados que trouxeram grandes contribuições acer-

ca do uso da ludicidade para otimizar o processo de ensino-aprendizagem. A partir do conhecimento e uso da ludicidade em sala de aula, o docente pode melhor aproveitar as potencialidades de seus alunos, driblando as complexidades existentes nesse processo. O lúdico auxilia na lida com as especificidades de cada aluno, tornando as aulas mais descontraídas e os conteúdos mais dinâmicos. Assim:

Cabe ressaltar que os adultos, de forma diferente do que as crianças, demoram um pouco mais para entrar no universo da brincadeira, por isso a escolha das práticas deve ser feita com muito cuidado, sempre levando em conta os objetivos educacionais que pretende atingir, bem como as habilidades e competências que buscam desenvolver (Hoppe; Kroeff, 2014, p. 169).

Práticas lúdicas requerem um trabalho maior, organização e planejamento por parte dos profissionais de educação. É comprovado que tais práticas, além de serem prazerosas, têm o poder de estimular, transformar e possibilitar um desenvolvimento mais eficaz dos educandos, pois integram o pensar, o agir e o sentir, sendo um momento de total entrega do sujeito, no caso, a criança, além da possibilidade de desenvolver vínculos de afetividade e respeito.

Referências

HOPPE, L.; KROEFF, A. M. S. Educação lúdica no cenário do ensino superior. *Revista Veras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-181, 2014.

LEAL, L. A.; DÁVILA, C. M. A ludicidade como princípio formativo. *Interfaces Científicas*: Educação, Aracaju, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2012.

SILVA, R. D.; MAIA, N. S. O teatro como estratégia ludopedagógica no ensino fundamental em uma escola municipal de Buriticupu-MA. *In*: FIPED, 8., 2016, São Luís. *Anais* [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2016.

VYGOTSKY, L.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, L. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2010.

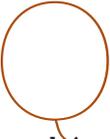
24 UMA VIAGEM NAS MINHAS LEMBRANÇAS: CURIOSIDADES A FORMAÇÕES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap24>

NEIVA DAIANE CORDEIRO GOMES

Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Sobral e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Foi bolsista do Projeto de Cursinho Popular (Facivest), com vínculo de uma bolsa de extensão da UECE.

E-mail: neivacor4@gmail.com



Quando criança, brincava com os brinquedos e também faz de conta com os meus amiguinhos na rua. Além de brincadeiras como esconde-esconde, carimba, cantigas de roda, cadê o grilo, o mestre mandou, estátua, entre outras. Segundo Friedmann (2012, p. 47), “[...] brincar incentiva à criatividade e constitui um dos meios essenciais de estimular o desenvolvimento infantil e as diversas aprendizagens”. Inclusive, lembro-me das visitas à casa de meus avós maternos no interior chamado Barro Vermelho. Lá o meu contato era muito próximo com a natureza, com os bichinhos e com meus primos e primas, porém minha preocupação era ser uma criança com responsabilidade, já que tinha que cuidar dos meus irmãos mais novos.

Na minha infância, utilizei muito o faz de conta brincando de fazer comidinha de barro, sendo uma aventureira no quintal da casa dos meus avós maternos. Sob essa ótica, Silva (2010, p. 606) afirma que:

[...] a memória numa relação de interface entre o coletivo e o singular impõe [...] uma orientação dialógica, que realce a sua dimensão (inter) subjetiva, a sua função social, em cuja atualização entrecruzam-se múltiplas vozes.

Lembro-me saudosamente da minha avozinha, tão forte e cuidadosa, quem, sempre quando eu corria no terreiro ou subia no pé de uma árvore, ficava preocupada comigo.

É uma viagem muito intensa visitar as minhas lembranças da infância e adolescência. Na zona urbana, morava bem pertinho da casa da minha avó paterna. Recordo que brincava de correr na rua em frente à sua casa com os meus amiguinhos. As brincadeiras mais agitadas eram: corrida de bicicleta, cabo de guerra, pega-pega e sete pecados. Já as mais calmas eram: passa-anel, adoleta, amarelinha, adedonha e salada mista.

Essa definição de narrar nas palavras de Silva (2010, p. 611):

[...] narrar memórias pressupõe uma ação autorreflexiva e autobiográfica [...] – a imbricação de movimentos por meio dos quais o narrador conjuga situações vividas àquelas por ele criadas e/ou reinventadas no ato de narrar.

Este trecho possibilitou refletir as nuances quando narrava uma história tendo o uso frequente da intencionalidade centrada em si e as práticas sociais já adquiridas nesse período.

No recorte de Souza e Dourado (2014), a escrita do memorial de formação reverbera os aspectos discursivos a fim de narrar os fatos, as experiências e os sentimentos e provocar uma transformação desse sujeito no seu percurso formativo, além da quebra dos paradigmas e dos estigmas durante esse processo de formação. Aqui resalto o trecho de Friedmann (2012, p. 45) afirmando que o brincar na educação infantil tem sua importância, tendo:

[...] atenção para não considerar a atividade lúdica o único e exclusivo recurso de ação [...]. Trata-se de uma alternativa significativa e importante, mas seu uso não exclui outras possibilidades.

Antes que me esqueça, informo que minhas recordações iniciais estão em Itapipoca, Ceará (CE), a cidade

dos três climas, onde resido. Voltando aqui para a narrativa, no maternal lembro-me das cantigas de roda e das parlendas que as professoras narravam e cantavam: “O sapo não lava o pé”; “Dona Baratinha”; “Borboletinha”; “A cobra não tem pé”; “Batatinha quando nasce”, entre outras. Além disso, recordo-me também da história “A loja de Deus”. As tarefinhas realizadas na sala de aula eram de pintar as capinhas para colocar no início das atividades produzidas durante o bimestre. Gostava também de brincar de massinha de modelar, formando bonequinhos, objetos, animais e outras formas de moldagem.

Na etapa de alfabetização, continuei morando na cidade de Itapipoca/CE. Adorava ouvir as histórias contadas pelas professoras. Até hoje, recordo-me das musiquinhas do abecedário em inglês da Xuxa. As atividades consistiam nas cruzadinhas, caça-palavras, jogo da forca e ditado de palavras, em que havia momentos de muita cobrança. Eu não tinha tanta maturidade, mas fui escolhida para ser a oradora da turma na festa do ABC naquela época. Esse dia foi muito decisivo e tenso, porque eu iria ler para uma plateia numerosa.

Nesse período, lembro-me que, com os meus 10 anos, viajava durante o mês de julho para a casa de uma amiga da minha mãe, em Ponta d’Água. Este interior pertence à cidade de Amontada/CE. Lá brincava de andar de carroça de boi, caminhava nos morros, nadava nos córregos, também tomava muitos banhos de chuva. Ela é comadre da minha mãe e nos incentivava a usar o tempo ocioso nas leituras, isto porque tinha muitos livros vindos de uma escolinha de propriedade dela no salão próximo de sua casa.

Ainda me lembro das histórias contadas por ela e pessoas de lá, por exemplo, a lenda de que não podia

assobiar ao entardecer porque o assobiador iria pegar e nos levar com ele. Ao chegar, ela dava um assovio tão alto e agudo que era ensurdecedor. Além disso, gostava de observar o céu noturno e as estrelas brilhantes percebendo o quanto a natureza é perfeita, simples, contemplando o belo desse lugar. Quando estava voltando para casa, escrevi cartinhas de despedida e agradecimentos para eles.

Meu ensino fundamental foi numa escola municipal de Itapipoca/CE. Participei de uma oficina de confecção de fantoches que utilizavam tecido, papelão, botões, linhas e agulhas para confeccionar fantoches com o intuito de produzir uma encenação. Também fiz um cine-história com caixa de sapato, sendo uma atividade para a matéria de Língua Portuguesa. Ainda participei de projetos apresentados nas Feiras de Ciências, além de representar o período de comemoração da emancipação política do município de Itapipoca/CE com paródias e poemas sobre a temática.

Destaco aqui as palavras de Souza e Dourado (2014, p. 45): “[...] uma produção discursiva de caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado, aqui materializado e exemplificado como memorial de formação”. A ludicidade fez parte quando participei do Projeto do ABC Padrão, em que eu fazia aulas de dança, teatro e reforço escolar, então, em uma dessas aulas de dança ou teatro, conheci a cantiga “Escravo de Jó”; foi um momento de reflexão e de observação do outro. Também teve uma aula com a dinâmica “Seja o espelho do outro”, em dupla para que se tivesse confiança no outro.

Na modalidade do ensino médio, no ano de 2006, tiveram as atividades pedagógicas utilizadas pelos professores com um viés de ludicidade e criatividade, além de interati-

vas e participativas. Por exemplo, a dramatização teatral de uma situação fictícia foi um desafio, mas conseguimos trabalhar em equipe, além de ser inovadora e dinâmica. Nas aulas de Matemática, utilizaram-se situações-problema e desafios lógicos; em sequência, dividiu-se a turma em dois grupos na perspectiva de um debate tipo passa-repassa.

Na minha primeira graduação, depois que eu concluí o ensino médio, logo eu iniciei o curso de licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no município de Sobral/CE, em 2009. Na medida do possível, procurei fomentar/aperfeiçoar cada vez mais o meu percurso formativo inicial, participando de oficinas, cursos de aprimoramento, minicursos, grupos de estudos e de pesquisas, além de ser bolsista e monitora voluntária.

Sant'Anna e Nascimento (2011, p. 34) afirmam que o uso do lúdico seja de fato:

[...] como instrumento metodológico para o ensino da matemática necessita de que o professor tenha uma formação para a utilização desse instrumento e uma concepção pedagógica sobre a conquista que o lúdico pode proporcionar.

Busca-se desenvolver um ensino de matemática com mais ludicidade, através de materiais concretos e manipuláveis, com jogos pedagógicos e contextualização com a realidade dos educandos, ou seja, desconstruindo o estigma dessa disciplina. Por essa razão, fiz uso do do geoplano, explorando o perímetro e área de figuras planas, bem como a nomenclatura delas; a confecção de figuras espaciais vazadas com o uso de canudos, linha nylon, palitos de churrasco e jujubas, além de *softwares* como: Geogebra; Winplot e outros. Já os materiais concretos: ábaco, material dourado, fichas de 1, 10, 100, 1000,

QVL, torre de Hanói, dominó de operações básicas, quebra-cabeça e jogos matemáticos. Aliás, a planificação de figuras espaciais era necessária em prol de promover o ensino de matemática mais interativo, criativo e contextualizado. Foram enfatizadas as percepções de Sant'Anna e Nascimento (2011, p. 23) de não deixar para trás a ludicidade, pois “[...] o aprendizado matemático de maneira espontânea, onde possam ser ativas durante o processo de aprendizagem e que este se torne significativo”. Com isso, visou-se instigar os estudantes a terem um olhar mais sensível à matemática em nosso cotidiano.

Por outro lado, na minha segunda graduação, iniciada em 2017 no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), participei de grupos de estudos e de pesquisas, minicursos e palestras sobre componentes curriculares com o propósito de desmitificar o conceito restritivo e a aplicação do lúdico nas demais modalidades da educação básica e do ensino superior, não somente na educação infantil. Hoppe e Kroeff (2014, p. 167) destaca a função a ludicidade:

O educador tem diante de si, então, um instrumento pedagógico importante. Cabe a ele direcioná-lo aos seus objetivos, desenvolvendo as competências e habilidades necessárias em seus alunos.

Na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, no primeiro semestre de 2016.2 do curso de Pedagogia, ocorreu a leitura de um livro infantil, a fim de elaborar uma proposta de pesquisa para se trabalhar em sala de aula. Houve também o minicurso do dedoche, em que aprendemos a produzi-lo, desenvolvendo criatividade, imaginação, cooperação em equipe e participação ativa. Nas palavras de Luckesi (2014, p. 18): “[...] Não necessaria-

mente a ludicidade provém do entretenimento ou das 'brincadeiras'. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem”.

Em meados dos anos 2017 a 2019, conheci várias dinâmicas em grupo utilizadas pelas docentes, por exemplo, o tapete de objetos relacionados à alfabetização; as características por semelhanças e diferenças de um objeto; a elaboração de uma cartilha sobre o conteúdo estudado em uma aula; a dramatização de uma situação relacionada ao contexto da sala de aula; um mapa de orientação de sua rota até a faculdade; a caixa-surpresa – uma caixa que contém um espelho com o objetivo de experienciar quem você vê; a confecção de um recurso pedagógico/jogo didático com o objetivo bem definido e planejado.

Nos primeiros anos como professora titular, tive uma turma do ensino médio em 2015 com a disciplina de Física, numa extensão anexa localizada no distrito de Marinheiros. Certamente, tive algumas dificuldades no início, porém não me fizeram desistir. “[...] Estuda-se *abstratamente* o que se vê, não o que se sente numa determinada circunstância” (Luckesi, 2014, p. 16, grifo do autor). Utilizei cruzadinha com o propósito de revisar os conceitos. O jogo *kakuro* tem o objetivo parecido com o sudoku. Além do mais, usei de mnemônicos para que eles se relacionassem com as fórmulas estudadas.

Como mediadora da disciplina de Matemática no Programa Novo Mais Educação no ano de 2017, os meus alunos eram do 2º ao 5º ano do ensino fundamental numa escola pertencente à rede municipal de Itapipoca/CE. Na perspectiva de Friedmann (2012, p. 55): “[...] As atitudes e a forma de participação dos brincantes ilustram o comportamento individual de cada criança e do grupo”. As crianças mais

novas adoravam quando levava e utilizava os tangrans; os blocos lógicos; o alfabeto móvel; a força; o jogo da memória com dois blocos de cartas (o primeiro de 1 a 9; o segundo de 10 a 90). Este último jogo encontrei num caderno de jogos pedagógicos, adaptando-o naquele contexto pedagógico. Concluo que a ludicidade é um fator primordial para o planejamento do professor e a sua interação com os alunos.

Referências

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58. (Cotidiano escolar: ação docente).

HOPPE, L.; KROEFF, A. M. S. Educação lúdica no cenário do ensino superior. *Revista Veras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-181, 2014.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revemat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. *Macabéa*: Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, 2014.

25 AS BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA: RECORDAÇÕES DE MINHA HISTÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap25>

RAYLANE PACHECO DA SILVA

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora auxiliar da Educação Infantil na rede privada do município de Itapipoca, Ceará. Foi monitora da disciplina Ensino em Ciências durante os anos de 2020 e 2021. Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) entre os anos de 2020 e 2021.

E-mail: raylanepacheco06@gmail.com

E importante e necessário que nós, como pessoas e indivíduos, sejamos capazes de olhar para nossas vivências pessoais e darmos um significado para tudo o que vivemos, enfrentamos, criamos e experienciamos. Não somente dar valor ao que nos espera no futuro, que é o que estamos buscando construir, mas também de olharmos para nossas caminhadas até aqui e tirarmos aquilo que foi de fundamental valor para o nosso crescimento e evolução, pois “Nossos estados emocionais e as circunstâncias em que vivenciamos uma determinada experiência possibilitam sua qualificação [...]” (Luckesi, 2014, p. 15). Dito isso, acredito que a construção de memoriais de formação muito tende a contribuir para que possamos resgatar tantas memórias esquecidas, digamos assim, como também buscarmos refletir sobre essas memórias que porventura venhamos a recordar e a narrar em qualquer oportunidade propícia.

O lúdico faz parte de nossas histórias pessoais, uma vez que desde cedo nós vemos, encontramos e vivenciamos aspectos, situações e etapas em que a ludicidade está presente, até mesmo quando não a enxergamos num primeiro momento ou quando estamos tão centrados em ações rotineiras que não somos capazes de termos a consciência de ele estar ali. É muito comum que nós, sujeitos e indivíduos que estamos em constantes formações, direcionemos os momentos lúdicos vividos por nós ao prazer de uma brincadeira ou até mesmo a

um jogo, não associando a ludicidade para mais do que isso, o que acaba tornando-se algo “supérfluo” aos olhos de muitos. Em consonância a isso, tem-se o pensamento de Bacelar (2009, p. 26):

Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira.

Assim, é importante pontuar que, durante a minha infância, posso dizer que tive uma vivência lúdica muito significativa para o meu desenvolvimento. Digo isso por muitos motivos, sendo que um deles foi o poder da imaginação que o lúdico ajudou a aflorar em mim desde muito cedo, pois sempre fui uma criança que gostava muito de brincar, seja com brinquedos ou brincadeiras de cantigas, de correr, de pular, de saltar, enfim, minha infância foi um dos períodos que considero mais ricos em minha trajetória como ser humano. Ao me perguntarem, digo com todas as letras: a infância é o melhor período da vida de um indivíduo.

Uma das grandes recordações que guardo até hoje é de quando eu e minha irmã estávamos no 5º ano do ensino fundamental; tínhamos uma coleguinha (até hoje me recordo dela – inclusive, saudades, Elismar) que todos os dias levava para a sala de aula várias revistas de perfumes, móveis e vendas. Ela entregava para nós com o objetivo de recortar as figuras em nossa casa. As revistas dadas por ela eram dessas que continham camas, mesas, sofás, armários, fogões e outros utensílios domésticos

para usarmos em nossas brincadeiras rotineiras. Sempre tivemos em nossos momentos de brincadeiras esse poder de usar a imaginação a nosso favor, criando e recriando, montando casinhas e cômodos de papel para brincarmos. Nossa! Como eu amava fazer isso todos os dias.

Esse fator de usar a imaginação nas nossas brincadeiras era algo tão normal e presente que nada era contestado; só brincávamos ali e nos perdíamos nesses momentos em que a ludicidade morava. A imaginação é essencial no desenvolvimento da criança, pois ela pode aflorar ainda mais as habilidades que cada uma irá desenvolver em seus respectivos processos de desenvolvimento. Dessa forma:

[...] tem-se admitido que a mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimento intelectual; eles existem já na sua forma completa, esperando o momento adequado para emergir (Vygotsky, 1991, p. 20).

Como o referido autor traz em sua concepção, a mente da criança é um mundo que ela pode habitar. Diante disso, acredito que, a partir do momento que ela usa do poder que a imaginação lhe possibilita sobre suas realidades, principalmente nas brincadeiras, a ludicidade se torna cada vez mais forte e presente.

No entanto, embora verídico o fato de que o lúdico sempre esteve presente em minha trajetória infantil, tenho a plena convicção de que fui uma criança tímida e que muitas vezes deixava de participar de diversos momentos por conta de ser mais retraída. Uma memória muito viva em minha mente é a da diretora da escola em que eu estudava por volta do 4º ou 5º ano do ensino fundamental – não me recordo com clareza do ano espe-

cífico –, passando nas salas de aula e pedindo para que os alunos se dispusessem a produzir um poema sobre a dengue, e o meu poema foi escolhido para ser lido na frente de toda a escola. Recordo-me nitidamente de que estava temendo ser escolhida e gelei na hora que a professora confirmou.

Embora relutante, meus colegas de turma deram força para que eu fosse declamar na quadra no dia escolhido. Mesmo com timidez, assim o fiz. Dito isso, a educação deve visar esses momentos de aprendizagem e também de participação das crianças nessas vivências, pois a motivação é um enorme passo para que se formem cada vez mais sujeitos conscientes e seguros de si nos diversos momentos que a escola lhes possibilita para a aprendizagem e desenvolvimento. Na época, eu não enxergava desta forma, mas hoje considero que esse momento foi muito importante para o meu amadurecimento como criança e estudante, mesmo que ainda nos anos iniciais de uma trajetória estudantil longa:

A principal preocupação da educação deveria ser a de propiciar a todas as crianças um desenvolvimento integral e dinâmico. É importante que os conteúdos correspondam aos conhecimentos gerais das crianças, a seus interesses e necessidades, além de desafiar sua inteligência (Friedmann, 2012, p. 44).

Uma das memórias que tenho em relação às brincadeiras presentes em minha infância é a da famosa brincadeira de “fazer comidinhas”. Recordo que eu e minha irmã pedíamos sempre para a nossa mãe não jogar fora nenhum legume, pó de café e nada que pudesse ser usado por nós no momento da nossa brincadeira. Assim, cabe pontuar que, no jogo simbólico, a criança desem-

penha diferentes papéis, pois, como Vygotsky (1991) defende, o brinquedo comporta uma situação imaginária para a criança, o que, por sua vez, caracteriza o jogo simbólico, quando a criança se utiliza do pensamento e do símbolo de um objeto para representar a realidade que ela vivencia. Um exemplo está na própria brincadeira de comidinha, em que a criança vai representar por meio da brincadeira aquilo que ela vê diariamente.

Cabe refletir também que, quando se fala em ensino médio, muitas vezes desassociam o lúdico e seus diversos momentos existentes, mas posso dizer que, nos três anos vivenciados por mim, o lúdico por diversas vezes esteve presente. Recordo-me até hoje, por exemplo, das dinâmicas muitas vezes exercidas nas aulas de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS), que, mesmo visando à realização de diversos projetos com os alunos, também era um projeto que buscava proporcionar aos estudantes momentos de diversão e de criação. Lembro-me das dinâmicas realizadas na sala de aula, que iam desde atividades coletivas até individuais.

Assim, uma das dinâmicas que mais me marcaram como aluna aconteceu logo quando entrei no ensino médio – tempo em que os alunos ainda estavam se conhecendo, criando laços e muitos ali nem se falavam ainda nas primeiras semanas de aula – e o professor pediu para que todos os discentes colocassem com fita adesiva em suas costas uma folha sem pauta e, logo depois, o docente pediu para que nós, alunos, andássemos pela sala em círculos. Assim, quem quisesse poderia deixar elogios “nas costas” de seus colegas e/ou impressões sobre o que “achavam” ou “quisessem falar”, mas nunca haviam tido oportunidade. Lembro que, quando retirei a folha das

costas, vi muitas mensagens positivas, o que aparentemente pode parecer pouco, mas aquilo me marcou muito.

Segundo Melo e Santiago (2015), o lúdico faz parte das necessidades que são essenciais à natureza humana, por ter em sua característica o espontâneo e o funcional; ainda de acordo com esses autores, o ambiente lúdico encerra uma leveza que acaba por beneficiar os alunos com uma atenção maior nas aulas, facilitando sua socialização e autoafirmação. Essa pontuação dos autores ressalta o que muito se discute sobre o lúdico e suas contribuições significativas quando os docentes dele se apropriam, ou seja, esse poder de maior significação por parte dos alunos ao ter contato com momentos lúdicos. Logo, essa afirmativa só reforça aquilo que se destaca em relação à relevância do lúdico no ensino e na aprendizagem.

Durante minha trajetória acadêmica até aqui, sendo essa a minha primeira graduação, no momento estando cursando o 8º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), posso afirmar que tive muitas experiências pessoais e formativas com o lúdico no contexto de ensino-aprendizagem. Assim, por meio das experiências e momentos que a instituição me possibilitou como pessoa e na condição de graduanda, destaco a importância de disciplinas que marcaram minhas experiências com as crianças no que concerne à ludicidade em práticas pedagógicas nas instituições de educação infantil, proporcionando vivenciar em sala de aula esses momentos necessários como futura profissional da educação.

Dessa forma, uma das vivências marcantes que a graduação me possibilitou vivenciar foi através da disciplina Estágio em Gestão Escolar – disciplina presente no

6º semestre do curso – ministrada pelo docente Benedito Alencar –, quando foi desenvolvido um projeto de intervenção juntamente com o apoio da gestão da instituição. Realizou-se a construção de materiais lúdicos para a confecção de materiais para uma sequência de contação de histórias realizada de forma lúdica e diferenciada. Nessa perspectiva, é certo que:

[...] qualquer atividade dirigida e orientada visa a um resultado e possui finalidades pedagógicas, portanto, a ludicidade como recurso pedagógico tem objetivos educacionais a atingir (Rau, 2013, p. 31).

E essa atividade também buscou trabalhar as vo-gais com as turmas, ponto esse destacado pela gestão escolar da instituição.

As disciplinas de Ensino em Português e Ensino em Matemática, ofertadas também no 6º semestre do curso e ministradas pela docente Larissa Santana, também contribuíram muito para a minha formação e a visão da relevância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem de crianças. Através dessas disciplinas, pude participar e desenvolver, junto a colegas de equipe, recursos direcionados a cada disciplina – tanto recursos pedagógicos para a disciplina de Português como também para a de Matemática –, com o objetivo de dinamizar a aprendizagem das crianças, uma vez que a ludicidade apresenta tal finalidade, digamos assim, de contribuir significativamente numa eficaz mediação quanto ao ensinar e ao aprender dentro das instituições.

Essas foram as experiências voltadas ao contato com o lúdico presentes na minha trajetória até aqui, desde minha infância pessoal, educacional e também formativa, que por mim foram narradas neste memorial. Posso

dizer com propriedade que esses momentos contribuíram para a pessoa que sou hoje, e não digo isso apenas como estudante de Pedagogia, mas sim como futura profissional da educação e também ser humano, pois certamente essas vivências irão auxiliar em minhas futuras práticas em sala de aula. Logo, a ludicidade é um importante meio para buscar a aproximação com o mundo da criança e não podemos nunca nos dissociar das emoções com que porventura venhamos a lidar com nossos futuros alunos.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revisita Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

MELO, E. M.; SANTIAGO, L. V. O lúdico como instrumento pedagógico no ensino médio: um estudo das representações sociais dos professores. *In*: EDUCERE, 12., 2015, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: PUC/PR, 2015.

RAU, M. C. T. D. *A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2013.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

26 A LITERATURA INFANTIL COMO PARTE DA MINHA HISTÓRIA E FORMAÇÃO LEITORA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap26>

RAYLENE PACHECO DA SILVA

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora auxiliar da educação infantil atuando na rede privada do município de Itapipoca/CE e monitora de apoio à pessoa com deficiência contratada pela prefeitura do município de Itapipoca/CE. Foi bolsista do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) entre os anos de 2020 e 2021.
E-mail: pachecoraylene@gmail.com

Em meio à correria cotidiana na qual ficamos tão imersos nas superficialidades, nem nos damos conta de refletir sobre a nossa própria história; pensar sobre trajetória de vida pode parecer, a princípio, algo complicado, no entanto “[...] A recordação, como resgate do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem essa re(atualização)” (Silva, 2010, p. 605). Dessa forma, no decorrer deste texto, irei compartilhar um pouco algumas de minhas várias recordações lúdicas que refletiram e impactam no meu eu de ontem, de hoje e certamente de amanhã.

Dessa forma, quando busco entre minhas memórias as experiências lúdicas que se fizeram presentes em minha trajetória, inevitavelmente sou direcionada aos livros infantojuvenis, que, de forma inegável, se constituíram como uma parte essencial da minha vida e estiveram presentes tanto em minha infância pessoal e escolar como na minha adolescência, os quais até mesmo se refletem em minha formação acadêmica. A literatura infantil, como uma porta aberta repleta de possibilidades, apresentou-se a mim como algo novo, tornando a leitura o meu refúgio em várias ocasiões.

Nesse mesmo pensamento, Coelho (1991) pontua que a literatura infantil é, antes de tudo, literatura, reafirmando o caráter de extrema relevância pertencente ao gênero literário. O autor ainda salienta que ela é:

[...] arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização [...] (Coelho, 1991, p. 24).

Logo, percebe-se que, por meio das histórias contadas, vários aspectos estão interligados, alinhando realidade e ficção, contextos fundamentais a serem explorados e discutidos dentro das instituições escolares, bem como para além de seus muros.

Dito isso, é preciso fazer algumas considerações que acredito serem relevantes neste texto. Tive uma infância muito feliz, cheia de brincadeiras e atividades que a fizeram hoje ser sempre lembrada com grande carinho e digna de saudades, afinal ela é considerada por muitos – inclusive por mim – a melhor fase da vida. Embora tenha sido um período muito alegre, lembro-me de ter sido uma criança bastante tímida, sobretudo na escola. Fazer novas amizades para mim era um desafio, por isso mesmo acredito ter encontrado nos livros o meu cantinho especial e um porto seguro, algo que também se reflete na minha vida adulta.

Assim, uma de minhas memórias mais marcantes foi vivenciada enquanto estava no 1º ano do ensino fundamental, durante uma contação de histórias em sala de aula. Lembro que a professora realizava a leitura de um livro, provavelmente de literatura infantil, dado o segmento educacional, e eu, muito atenta e curiosa, ficava imaginando a história passando em minha mente como um filme, submersa naquele momento lúdico e mágico que aquelas histórias nos propiciavam, ainda mais como criança em contato inicial com o mundo das letras. Esse

momento foi tão crucial em minha trajetória escolar que não se dissolveu com o tempo e, decorrente dele, ainda lembro o nome da professora.

Dito isso, o meu prazer pela leitura, como já expressado, começou a se solidificar desde muito cedo, pelo fato de a ludicidade haver estado presente no meu processo de aprendizagem, pois: “[...] no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena” (Bacelar, 2009, p. 25). Isso posto, compreende-se que a ludicidade deve integrar o ensino com o objetivo de propiciar uma aprendizagem mais significativa para a criança, podendo despertar nela uma motivação que beneficie ainda mais o papel ativo dos alunos com o seu próprio compromisso educativo.

Em concordância, entende-se que:

A aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que elas se dediquem a uma atividade (Friedmann, 2012, p. 45).

Com isso, fica explícito que o prazer pela leitura possui um papel notório na educação escolar de crianças, pois, a partir do momento que se sentem instigadas e animadas por meio da leitura, podem encontrar uma maior motivação e curiosidade; talvez de outra forma, não reflitam de maneira tão ativa em sua formação, propiciando um vínculo mais resistente a ser criado ou mesmo fortalecido.

Em adição, cabe compartilhar ainda um dos momentos cruciais que justificam o escrito até aqui. Não recordo exatamente em qual série estava – embora tra-

ta-se dos anos iniciais do ensino fundamental –, porém me lembro de andar no corredor de minha escola e me direcionar até uma pequena sala, entrar nela e me deparar com uma variedade de cores. Com minha percepção de hoje, acredito que o local era improvisado, no entanto continha muitos livros, o que me despertou um sentimento de euforia em relação à possibilidade de frequentar mais vezes aquele lugar especial que me despertou tanta admiração.

Infelizmente não sei ao certo o título do primeiro livro que “peguei emprestado” naquela pequena biblioteca, mas a recordação que guardo comigo é a de um livro colorido, com muitas ilustrações e rimas, cuja história contada era a de Lampião. Hoje percebo que se tratava de uma obra infantil pertencente ao gênero literário cordel, porém o mais importante dessa experiência foi o que senti durante toda a situação, pois, a partir daquele momento, não deixei mais de frequentar aquele espaço encantador, pois me vi apaixonada por aquele ambiente. Dito isso, cabe refletir que:

[...] é preciso oferecer aos alunos oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel: conduzir as crianças não só à aprendizagem, contribuindo para uma sistematização escrita (como é o caso das fábulas), mas que permita que se realize a leitura prazerosa (Chicoski, 2010, p. 40).

Como evidenciado, os livros infantojuvenis, além de serem considerados um auxílio pedagógico que, dentre outras posições, visam a possibilitar que os alunos possam despertar em si o gosto pela leitura para além de uma mera obrigatoriedade no seu processo educati-

vo, constituem-se também como uma alternativa de potencializar o desenvolvimento infantil no que concerne ao processo de leitura e escrita, ou seja, por meio de um maior contato com o gênero literário, as crianças podem vir a conhecer uma maior variedade de palavras e conhecimentos que contribuirão para que essas qualifiquem o seu processo de alfabetização de forma a beneficiar sua aprendizagem escolar, bem como social.

Nesse sentido, também me recordo de gostar muito do programa *Livros animados: a cor da cultura*, que ia ao ar na TV Cultura. Nesse programa, havia uma apresentadora que em cada episódio trazia uma nova história infantil, quem fazia com que, ao contá-las, as ilustrações dos livros ganhassem vida através da animação. Além da apresentadora, também havia um grupo de crianças para as quais as histórias eram contadas, sendo que, ao final de cada história, eram realizadas atividades relacionadas a cada obra, como pinturas, produção de brinquedos, etc. Os livros e seus respectivos autores eram apresentados no início de cada episódio e as histórias eram diversas, tornando esses momentos sempre muito divertidos e também educativos.

Diante do exposto, outra memória que se fez presente em minha trajetória pessoal relacionada à presença da literatura infantil se torna necessária a ser comparilhada, tratando-se esta do processo de alfabetização de meu irmão mais novo. Recordo-me de nós – crianças – sentados na cama de nossos pais, com um livro de que não recordo o título, bastante colorido, com várias ilustrações, letras grandes, que continha a história de uma borboleta. Vem-me à mente sobre esse momento a minha conduta muito paciente, ajudando meu irmão a so-

letrar as sílabas e posteriormente formando as frases do texto, sendo agraciada com uma sensação de pura felicidade ao vê-lo conseguindo ler sozinho.

Dessa forma, no decorrer de minha trajetória escolar, continuei desenvolvendo cada vez mais esse gosto pelos livros, tanto nos anos finais do ensino fundamental como no ensino médio. Cabe citar que estudei em três escolas e em todas estas o meu local preferido era sempre a biblioteca. Eu a visitava toda semana; às vezes, por mais de uma vez. Inclusive, um fato de que gostava bastante era de ser chamada para os encontros de leitores que eram realizados em cada semestre, especialmente como aluna do ensino médio. Sentia-me muito contente, não por “ser premiada” ao ser chamada para esses momentos, mas por saber em meu consciente que eu fazia parte daquilo por puro prazer, sem pressão externa.

Esses momentos – é preciso ressaltar – são fundamentais a serem produzidos e estimulados nas escolas, pois: “Só a escola criativa fará da criança o ser integral. E criatividade sem livro não chega à plenitude das asas” (Dinorah, 1996, p. 19). Dado esse pensamento, torna-se fundamental que os ambientes escolares tenham a preocupação não só de cumprir uma certa carga horária – algo que, sem dúvidas, é importante –, mas que também sejam realizadas ações que possam vir a se refletir na aprendizagem, sobretudo a mais significativa de seus alunos, uma via cujo prazer pela leitura se dá a curto e longo prazo.

Cabe enfatizar que atualmente estou no 8º semestre do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), no entanto sempre pensei comigo mesma que não havia muitas lembran-

ças em minha trajetória de vida pessoal ou escolar que refletissem e/ou tivessem me direcionado diretamente para a formação docente, embora eu sempre tenha tido um respeito e apreço pela profissão, porém, por meio do processo de escrita deste memorial e como exposto até aqui, percebi que memórias relacionadas à possibilidade de seguir esse caminho não faltaram em meu percurso, o que me fez apreciá-las ainda mais como discente.

No decorrer de minha formação, especificamente por meio de pesquisas acadêmicas, também pude continuar presenciando a utilização de livros infantis como algo cotidiano em diversas instituições escolares que pude visitar e conhecer, principalmente por meio de trabalhos solicitados, como, por exemplo, nas disciplinas de Estágio em Gestão Educacional; Alfabetização de Crianças; Educação Infantil; Pesquisa e Práticas Pedagógicas I, II, III e IV, dentre outras em que tive a oportunidade de vivenciar momentos em que a utilização da literatura infantil sempre se fez presente como atividades vivenciadas nas escolas.

Essas experiências formativas foram e são enriquecedoras, pois me aproximaram do meu local de atuação, fazendo-me desenvolver um contato mais próximo com a profissão e as atividades que são comumente realizadas nas escolas. Com essas experiências, pude fortalecer o pensamento da ludicidade como um auxílio essencial na educação, tendo em vista que: “[...] Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal” (Bacelar, 2009, p. 26). Logo, compreende-se que, por meio de uma história lida ou contada através de uma obra lite-

rária, a criança, além do prazer, desperta a sua curiosidade, algo fundamental em seu processo de aprendizagem.

Portanto, os momentos lúdicos propiciados por meio das experiências relacionadas a obras infantojuvenis citadas neste memorial contribuíram para a minha formação – pessoal, escolar e acadêmica –, fazendo com que hoje eu compreenda ainda mais o papel e a relevância que a leitura tem na formação tanto humana, escolar e social dos sujeitos. A exemplo disso, estou desenvolvendo um projeto de monografia com as temáticas voltadas à literatura infantil e à sua utilização através da contação de histórias como contribuintes na formação de crianças na educação infantil, ressaltando o caráter lúdico que essas atividades possuem, podendo, assim, qualificar a minha prática, que será posta em ação cotidianamente quando atuante no magistério.

Referências

BACELAR, V. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CHICOSKI, R. *Literatura infantil*. Guarapuava: Unicentro, 2010.

COELHO, N. N. A Literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. *In*: COELHO, N. N. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991. p. 13-40.

DINORAH, M. *O livro infantil e a formação do leitor*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

27 A LUDICIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM RESGATE DE VIVÊNCIAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap27>

ROZENÍ FERREIRA DOS SANTOS

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), no *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Foi integrante do Grupo de Estudos Pesquisa em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad). Professora contratada dos anos iniciais do ensino fundamental pela Secretaria de Educação Municipal de Trairi na escola de ensino fundamental Nossa Senhora da Saúde.

E-mail: roseniferreira2020@gmail.com

A realização deste resgate de vivências da ludicidade na minha vida docente me concede um exercício de retrospectiva da minha memória e, ao mesmo tempo, me permite realizar uma profunda reflexão em aspectos que posso melhorar nas minhas práticas de ludicidade no cotidiano das minhas aulas em sala de aula, uma vez que:

O lúdico tem se tornado uma metodologia aliada à prática docente e se faz importante para o desenvolvimento total da criança, pois, além de aguçar a curiosidade, instigar o raciocínio e a concentração, propicia principalmente uma melhor interatividade entre alunos e entre professores e alunos, tornando a aprendizagem mais significativa (Ferro; Viel, 2019, p. 110).

Minha trajetória como professora se deu com 20 anos de idade na sala de aula de educação infantil, na época o pré-I, que atualmente corresponde ao infantil III, em uma escola municipal com 15 crianças. Eu tinha de acalantar algumas diariamente; neste meio, o que mais utilizava de ludicidade na acolhida vinculava-se às músicas de bom dia e cantigas de roda, chamando muito a atenção deles pelos movimentos do rodar e dos gestos. Em seguida, na contação de história, procurava sempre mudar o tom de voz para diferenciar as falas dos personagens e ganhar a atenção deles. As crianças sempre ficavam dispostas em suas cadeirinhas, sentadas em círculo. Ao terminar a contação, pedia-lhes que desenhassem so-

bre a história e depois, novamente em círculo, apresentassem seus desenhos; muitos eram apenas rabiscos, porém com significados. Outro momento que destaco com essa turma foi a apresentação de uma música gesticulada pelas crianças em comemoração ao Dia das Mães. Essa foi minha primeira experiência, que, apesar de desafiadora, foi muito gratificante, pois, além de ensinar, foi nutrida por um sentimento de carinho comigo e as crianças.

Após essa experiência inicial na escola pública municipal, lecionei por três anos em uma escola particular evangélica, onde a ludicidade era bastante presente, como na acolhida, que era com as turmas no pátio cantando músicas gesticuladas, como também nas salas de aula, utilizando muitos jogos, em especial nas aulas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências; também toda a escola se envolvia em apresentações de datas comemorativas e em encerramento dos semestres, como também nas festas do ABC.

Em 2010, a experiência foi além da modalidade com a qual estava familiarizada; aceitei o desafio de lecionar no ensino médio em turmas do 1º e 2º ano. Mesmo sendo mais teoria, o lúdico esteve presente nas dinâmicas iniciais das aulas, nos momentos das aulas de laboratório e nas explicações com o uso de recursos como desenho e aplicações de vídeos. Portanto,

[...] é preciso que a ludicidade, em suas funções lúdica e educativa, seja repensada constantemente pelo educador, observando as necessidades e os interesses de seu grupo de educandos, a reflexão sobre o que faz, por que o faz [...] (Rau, 2013, p. 14).

Com um ano de experiência com a educação de jovens e adultos, a ludicidade esteve presente na produção

de um livro de palavras adornadas com conchas do mar e escrita do significado das palavras com caneta. Não houve culminância da apresentação do livro com a comunidade escolar nem repercussão, mas a turma ficou feliz pela produção.

Em 2012, substituindo a professora de Ciências Humanas nos componentes curriculares de História e Geografia, a ludicidade fluiu bastante ao ser proposto pela Secretaria de Educação o Projeto Nagô nas escolas. Propus ao diretor o desenvolvimento desse projeto ao trabalhar salas temáticas e assim foi executado pelos alunos, envolvendo todas as turmas do ensino fundamental, porém foram selecionados apenas alguns estudantes. Foi um “Dia D” da família na escola, com salas de culinária afrodescendente; sala das lendas; sala de personalidades negras históricas; maquetes representando construções e objetos que os afrodescendentes utilizavam e utilizam; salas com a cultura afro-brasileira; enfim, muita ludicidade foi exposta por intermédio da arte. Nesse dia, também teve uma sala de jogos, entre eles, com a música “Caxangá”.

Nos demais anos, a ludicidade esteve sempre presente na acolhida com músicas, cantigas de roda e dramatizações das contações de histórias, em especial, a história “Vamos passear no bosque”, na turma do 1º ano; o desenvolvimento dos jogos com o uso da lousa, do piso da sala, da praia, com a brincadeira do Nunca Três; Coelho Sai da Toca; e outras diversas.

Destaco, em especial, algumas atividades lúdicas desenvolvidas com as turmas do 2º ano no decorrer de dois anos consecutivos: desenhos de figuras geométricas, em que a criança coloca uma parte do seu corpo ao

passo que é falado pela professora; outro momento foi a adaptação da Amarelinha com figuras geométricas, em que caía a pedrinha/marcador e a criança ia pulando e identificava a figura, dividindo a sala em equipes, atribuindo marcação de pontuação, que sempre gerava uma atividade de gráficos ou tabelas. Outra ludicidade em jogos foi o uso do material dourado e também de dados por equipe para realizar agrupamentos de dezenas. Enfatizo que, com as cantigas de roda executadas quase diariamente, proporcionei uma criança a perder sua timidez de participar das atividades em sala. Percebi a importância da ludicidade para melhorar a sua autoestima e expor sua fala, pois era uma criança muito inteligente e criativa em suas produções de desenhos, porém não falava para que todos a escutassem. Outra atividade lúdica realizou-se por meio de apresentações com música, por exemplo, o período junino, com as músicas de Luiz Gonzaga chamadas “Penerô o xerém”, “Como é grande o meu amor por você” e “Aquarela”.

Os momentos de Círculo de Cultura de Paz também se enquadraram como um momento lúdico, pois usa-se uma toalha de centro, um objeto da fala, tarjetas com valores escritos, além da produção que pode ser realizada pelo aluno em forma de desenho, dependendo do tema abordado. Desenvolvi o círculo em todas as salas em que lecionei e em outras no estágio do curso de que participei. Na turma do 4º ano, o desenvolvimento da semente do feijão em três condições distintas para compreender a importância da luz solar representou uma ludicidade interessante, pois houve por duas semanas o debate sobre o assunto, além de despertar nas crianças o gosto por criar seu quintal produtivo.

Nesse período de isolamento social, com as aulas remotas, procurei trabalhar a ludicidade produzindo vídeos explicativos acerca da produção de um jogo Shisi-*ma* em Matemática; produção de cartaz em Língua Portuguesa; sobre o folclore, realizei a produção de *slides* com gravuras dos personagens folclóricos na turma do 2º ano. Neste ano, propus, durante a aula de Artes, para a turma do 5º ano, uma produção com folhas para ser exposta em formato de vídeo. Em casa, também tenho meu cantinho, um mural com figuras desenhadas por meu filho de 11 anos, além de um espaço para as datas comemorativas que pretendo fazer com ludicidade reflexiva.

Referências

FERRO, B. R.; VIEL, F. V. A importância do lúdico nas séries iniciais do Ensino Fundamental. *Revista Científica Unar*, Araras, v. 18, n. 1, 2019.

RAU, M. C. T. D. *A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2013.

28 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO EM MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap28>

VILANI DA GUIA BARBOSA

Formada em Serviço Social pela Uniderp-Anhanguera, polo Itapipoca; cursando Pedagogia pela Faculdade Futura (Unifaveni). Experiências profissionais na área social, atuando como educadora social e diretora de Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Articuladora infantojuvenil em atividades religiosas.

E-mail: vilaniguia@hotmail.com

Ao receber a proposta de revirar as memórias da infância, trazendo à tona acontecimentos lúdicos, confesso que me deu um pouco de medo, não por ter tido uma infância ruim, mas por medo de não saber lidar com essas recordações e os sentimentos embutidos em cada uma delas. Para uma aquariana, os sentimentos são intensos, sejam eles quais forem, porém, como gosto de desafios, aceitei voltar lá. Zona rural, casa de taipa e sem energia elétrica, fui criada pelos avós agricultores, onde eu e meus irmãos crescemos cercados de amor, carinho e liberdade que só o interior pode oferecer.

Apesar de muito tímida, eu era atenta a tudo ao meu redor; brincava com a luz do luar com os vizinhos na frente de casa; pega-pega, esconde-esconde, bandeira, cirandas e brincadeiras de roda tornavam nossas noites gostosas e alegres. Durante o dia, eram as brincadeiras de casinha e as comidinhas. Ali a imaginação fluía a cada estória criada e vivida. Geralmente, eu era a mãe e também aquela que conduzia as histórias. Numa dessas vezes, meu avô não gostou nem um pouco ao me ver nessa brincadeira de ser esposa do meu vizinho e, daquele dia em diante, as brincadeiras de casinha não envolviam mais os meninos. Eu não entendia por que não podia brincar de casinha com meus amigos; meu avô também não me explicou, só disse que aquela brincadeira estava proibida. Percebe-se, portanto, na criança a inocência, a ludicidade e ilusão, enquanto o adulto age pressionado pela realida-

de que muitas vezes se distancia do lúdico. Quanto a isso, Sant'Anna e Nascimento (2011, p. 22) vêm nos confirmar a distinta dimensão do mundo da criança e do adulto:

Adquirimos desde criança as mais diferentes formas de conhecimento: seja popular, científico, cultural, religioso, aprendendo-as de maneiras e objetivos diferentes, mas com algo comum para todos os seres: o mundo da criança, independente de suas origens, é lúdico e ilusório e o mundo do adulto se abstém de ludicidade, sendo realista.

Naquela época, havia as festas tradicionais que me trazem fortes recordações, por exemplo, o reisado. No início de janeiro, já me empolgava, por conta das aventuras e viagens a comunidades vizinhas junto ao grupo do reisado. Lembro-me bem do papangu, do lalai, do boi, da velha, do tracajá, personagens que davam vida ao enredo. Como morávamos na área de assentamento, a Reforma Agrária e suas temáticas andaram lado a lado comigo. Meu avô era homem forte e valente, idealista, aquele que lutava por seus direitos e ideais. Era um grande mobilizador, por isso, à noite, costumeiramente recebíamos visita dos vizinhos, amigos e companheiros de luta, isso possibilitava a nós, crianças, ficarmos mais tempo acordadas brincando no terreiro à luz do luar.

Além das reuniões periódicas, havia os encontros religiosos, em que a comunidade se reunia em torno da palavra de Deus para assim fortalecer a luta pela terra. No mês de maio, havia as coroações. Era uma grande mobilização comunitária em torno dessa festividade. Eu gostava de cantar e ficava empolgada em participar desse festejo junto com minhas amigas. As roupas eram decoradas com brilho e papel laminado; as cores eram

muito vibrantes. Na cabeça, ainda havia uma coroa, confeccionada com cartolina e coberta com cola e muito brilho. Havia até competição entre nós, meninas, para ver quem estava mais produzida. A regra era: quanto mais brilhosas fossem a veste e a coroa, mais exuberante estaria a criança.

Na escola eram tempos de palmatória, precisava prestar atenção em tudo e decorar com perfeição as lições do livro. Havia também os momentos de descontração, as cantigas: “Se essa rua, se essa rua, fosse minha, eu mandava, eu mandava, ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes, para o meu, para o meu amor passar” (Cantigas Populares). Outra música me chamava a atenção na infância, a “Casa”, de Vinicius de Moraes, uma letra que me intrigava – “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela, não, porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede” (Moraes, 1980) – e me conduzia a fazer alguns questionamentos: “Como poderia existir uma casa assim: sem teto, sem chão?”. Achava a música sem sentido, porém, em minha inocência e timidez, não perguntava à professora o sentido, o significado daquela música.

Eu costumava chegar à escola que funcionava no salão comunitário bem antes do horário de aula iniciar. Gostava de sentar à janela, ler as histórias e fábulas do livro didático junto com os colegas; este era o único material disponível para a leitura. Por serem turmas multiseriadas, tínhamos acesso a livros de outras séries e fazíamos a contação de história ali, sentados à janela do salão.

A hora da merenda era aquela esperada por todos. A professora nos orientava a formar fila e cantar antes

da merenda uma música muito interessante: “Eu já sei, eu já sei entrar na fila, eu já sei onde é o meu lugar. Ficou atrás, ficou atrás do coleguinha, não precisa, não precisa empurrar” (Facebook, 2013). Ela pretendia que nós aprendêssemos as regrinhas de como nos portarmos durante a espera do nosso lanche. Diante disso, Barbosa (2012, p. 14) enfatiza que a:

[...] música, por seu aspecto lúdico, é um instrumento inovador para ser usado no processo educacional, e possibilita diversos meios favoráveis para uma educação de qualidade propiciadora do aprendizado.

Ao voltar do intervalo, a professora realizava uma brincadeira que quase sempre envolvia cantigas de roda, assim fui crescendo envolta pela musicalidade. Agora eu percebo o quão bem me fez aprender através da música.

Com o passar do tempo, na adolescência, tive acesso a um outro material de leitura que despertava interesse e me levava a outros mundos: o gibi. Dentre eles, a Turma da Mônica e os de super-heróis. Como era bom viajar naquelas aventuras. Lia e relia a história várias vezes. Na 5ª série, mudei de escola. A nova unidade, na sede do distrito, era muito diferente daquela escolinha de comunidade que eu conhecia. A escola era grande, tinha quatro salas de aula, diretoria e secretaria, além da cantina.

Lá a realidade era completamente diferente daquela que havia vivenciado anteriormente. A minha timidez ainda era uma inimiga, atrapalhava-me em muitas coisas, porém alguém especial surgiu para me ajudar a superá-la: a nova professora, que se chamava Aparecida. Educada, simpática e divertida o tempo todo, ela me conquistou logo no início. Sua metodologia era diferente, eu já não precisava decorar, pois ela me levava a ques-

tionar e também a compreender, algo que desde cedo eu buscava, desde a música “A casa”. Ela colocava as carteiras em círculo, o que permitia que ela se deslocasse por toda a sala, tendo acesso a toda a turma. Geralmente, as atividades eram respondidas em equipe, e isso me *oportunizou* sair do meu mundinho e dividir opiniões com pessoas desconhecidas, meus novos colegas de classe. Foi difícil, muito difícil, mas, com o tempo, já estava acostumada com a nova realidade.

Nesse período, vivi muitas aventuras. Naquela época, não havia transporte escolar e o trajeto até a escola era feito a pé, na estrada de areia e casca de coco. Por muitas vezes, tomamos banho de chuva na ida ou volta da escola. O tempo foi passando e fui conhecendo outros universos. Na comunidade, participava do grupo de jovens, no qual tínhamos um grupo de teatro. Ali eu podia ser quem eu quisesse. A timidez sumia quando estava atuando. Participei de muitas peças teatrais, tanto na comunidade como na escola. Aquele friozinho na barriga na hora da estreia era combustível para uma boa atuação. Sobre isso, Nhary (2013, p. 26354) diz que:

O espaço lúdico, onde corpo e linguagem tomam forma e vida, é um dos espaços de produção de sentidos das crianças na escola. Neste espaço a criança se defronta com os outros, com o real, faz descobertas, sente alegrias, dores, vive apegos e conflitos que possibilitam uma (re)significação de mundo, uma (re)leitura do contexto sócio-cultural [sic].

A ludicidade presente no teatro e nas atividades com a música oferece uma ressignificação de vida ao educando, ajudando-o a se redescobrir como um sujeito que pode sair de si mesmo, entendendo que pode agir

e externar seus sentimentos e emoções. Assim, o teatro me ajudou a superar a timidez e passei a cantar na igreja. Como era gostoso cantar acompanhada por um violão! Na escola, já fazia paródias e cantava na frente de toda a turma. A música e o teatro se tornaram meus maiores aliados na descoberta do mundo.

No ensino fundamental II, a ludicidade era menos visível. Certa vez, tive um professor que afirmava à turma que, independentemente do que acontecia ali, se aprendêssemos ou não, ele receberia seu salário, portanto nós deveríamos esforçar-nos para aprender. Isso era um balde de água fria nos sonhos de alguém, porém tive professores bacanas, que tinham uma didática diferenciada, que se aproximavam do aluno e o traziam para perto de si. Uma em especial trago em minhas memórias, a professora de História. Ela, como ninguém, fazia todos gostarem da disciplina. Não existia aula monótona; cada aula era única e especial. Ela tinha uma maneira de acolher com olhar, procurar estar próxima da realidade de cada um, sem deixar o conteúdo de lado. Com isso, conseguia conciliar muito bem o aprendizado e o cuidado por cada aluno. O vínculo professor-aluno é peça-chave para a construção do conhecimento, e ela conseguia materializar essa ideia com perfeição.

No ensino médio, a ludicidade se dava nos trabalhos em grupo, em apresentação de trabalhos, na contação de histórias, o que me leva a me recordar de uma brincadeira muito comum, especialmente nas aulas de Português: alguém iniciava uma história e outro continuava, a partir de objetos ou palavras sugeridas pelo professor. Esse momento da brincadeira mobilizou toda a turma, sendo uma oportunidade de usar a imaginação e a criatividade.

Ao iniciar minha vivência profissional, busquei pôr em prática tudo aquilo de melhor que havia adquirido ao longo da vida estudantil e acadêmica. Comecei como educadora social no Serviço de Convivência do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), voltado para crianças e adolescentes. Por trabalhar com usuários em situação de vulnerabilidade social, o educador precisa estar atento ao comportamento de cada indivíduo, bem como atuar de maneira a conquistar esse perfil. A maneira de isso acontecer é tornar as atividades mais lúdicas.

Foletto (2016, p. 691) nos conta que:

[...] ao se utilizar as potencialidades das atividades lúdicas, no qual a ideia básica é desenvolver autoconfiança e segurança em quaisquer situações, as crianças poderão resolver situações novas, analisar e avaliar seu comportamento como indivíduo de um grupo.

Nesse sentido, as atividades preferencialmente se davam por meio de roda de conversa, dinâmicas de grupo, jogos ao ar livre, atividades de relaxamento, etc., atividades que pudessem levar a criança ou adolescente a externar seus sentimentos, organizar as ideias e compreender-se como sujeito, agente transformador de si e do seu entorno.

Vejo, portanto, que a ludicidade possui um papel importantíssimo na vida da pessoa, visto que ela perpassa conceitos e realidades e consegue alcançar o mais profundo do ser, de maneira diferente e individualizada, por isso “[...] é preciso superar a visão utilitarista que muitos educadores imprimem ao lúdico, ou seja, apenas como uma ferramenta para o processo de aprendizagem” (Reis; Rodrigues, 2018, p. 135). Ao desenvolver essa compreensão, o profissional, seja professor ou qualquer outro que

trabalhe com grupos, apropria-se de conhecimentos, tornando seus encontros prazerosos para todo o coletivo.

Referências

BARBOSA, A. A música como um instrumento lúdico de transformação. *Revela*, [S.l.], v. 7, n. 14, 2012.

CANTIGAS POPULARES. *Se essa rua fosse minha*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FACEBOOK. *Professores da educação infantil*. Disponível em: <https://www.facebook.com/educacaofisicainfantilhelp/posts/36802948666526/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

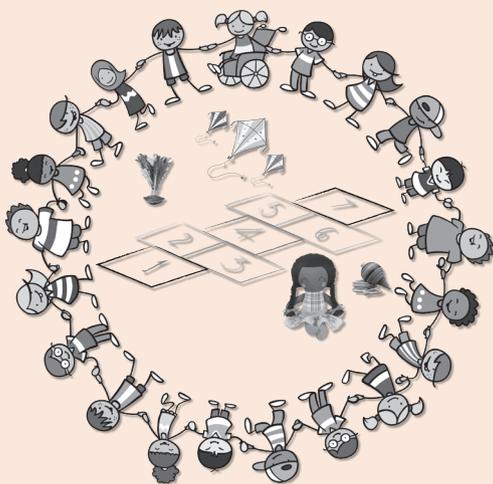
FOLETTTO, G. I. N. A influência do lúdico na expressão corporal em crianças do ensino fundamental. *Revista de Extensão*, Palmas, v. 3, p. 689-695, 2016.

MORAIS, V. *A casa*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/8607/a-casa>. Acesso em: 10 dez. 2020.

NHARY, T. M. C. O imaginário do corpo lúdico na escola. *In: EDUCARE*, 11., 2013, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

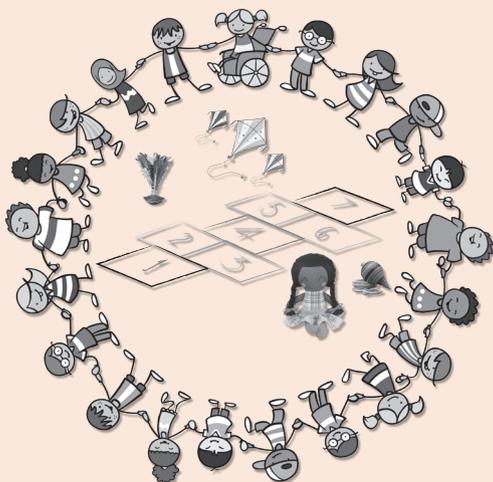
REIS, M.; RODRIGUES, R. (org.). Ludicidade, conhecimento e corpo. *Em Aberto*, Brasília, DF, v. 31, n. 102, 2018.

SANT'ANNA, A. S.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revemat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.



II SEÇÃO

MEMÓRIAS LÚDICAS
E A DOCÊNCIA



29 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NAS DIVERSAS FASES DA VIDA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap29>

ALDENIRA CANUTO DE HOLANDA

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharel em Serviço Social pela Universidade Anhanguera (Uniderp). Ex-Integrante do Grupo de Estudo Pesquisa em Educação, Saberes e Aprendizagens da Docência (Gepesad) e ex-integrante do grupo de contação de histórias Palavra Encantada da Facedi/UECE. Professora em exercício na prefeitura municipal de Itapipoca.

E-mail: aldeniracanuto@gmail.com



Ao falarmos sobre ludicidade dentro de um memorial, precisamos iniciar um relato sobre a infância, pois acredito que não exista uma fase em que o ser humano viva de forma mais lúdica. Digo isso com base na infância maravilhosa que vivi na localidade de Sítio do Meio, zona rural de Itapipoca, Ceará (CE). Minha mãe conta de dias de dificuldades, da seca que assolou os primeiros anos da década de 1980. Conta que, quando nasci, não havia uma alimentação adequada para a sua condição de puérpera e, por esse motivo, só conseguiu me amamentar por três meses, dentre tantas outras situações trazidas pela falta de chuva/água para a família do agricultor.

Mas do que eu me lembro é das horas de alegria que vivemos naquela casa de taipa, espaçosa, clara e arejada, que ainda existe no meu imaginário, das vezes que minha mãe se sentava no chão com seus cinco filhos e fazia para nós moleques de feijão para que comêssemos. Eles vinham em vários modelos: grandes, pequenos, gordos e magros, e cada um tinha seu próprio nome. Hoje ela revela que era uma estratégia, pois só tínhamos em casa feijão e farinha e, se não nos distraísse com histórias e personagens, ninguém ia querer comer.

Cresci em meio à natureza, comendo seriguela, pitomba, tamarindo e caju diretamente do pé. Tive poucas bonecas convencionais, mas transformei espigas de milho em formação em lindas noivinhas que tinham ca-

belos coloridos e longos. Garrafas de remédios viravam potes de água para a cozinha da minha casinha, assim fui capaz de inventar muitas brincadeiras. Recordo-me de uma situação em que, junto com a minha prima, simulamos uma cena de parto, na qual ela era a paciente e eu a médica. Minha mãe soube da brincadeira pelos gritos da paciente. Lembro que, muito pequena, perguntei à minha mãe como nasciam os bebês, e ela não soube me responder, então eu fiquei vigiando uma gatinha que logo teria seus filhotes. Em seguida, contei para a minha mãe que não precisava mais explicar, pois eu já havia descoberto.

Hoje vejo a importância de cada coisa que aconteceu na minha vida que contribuiu para a minha formação como ser saudável e dinâmico. Como Alves (2010, p. 5) afirma:

O lúdico no processo de educação infantil contribui para o conhecimento do meio em que a criança encontra-se inserida, pois, no ato de brincar, dramatizar, cantar e dançar, ela se comunica consigo mesma e com o mundo. Realiza e partilha trocas, confronta a realidade com o imaginário, vivencia novas conquistas.

Atividades lúdicas e prazerosas são uma necessidade para o desenvolvimento da criança, pois, através delas, podem-se abrir outras possibilidades na mente, fazendo com que elas cresçam de modo mais saudável e tranquilo, sem repressões quanto às expressões que parecem ser inerentes ao ser humano, que vai perdendo essa capacidade ao longo da vida.

Na minha história, não encontraremos relatos sobre a educação infantil institucionalizada, pois, naquele

tempo e espaço, esse estudo não estava disponível para mim. No ano de 1989, quando tinha 7 anos, comecei a frequentar a escola para fazer a alfabetização. Era uma escola com duas salas, cantina e diretoria. Era a escola Joaquim Manoel Marques, onde a minha mãe era professora e diretora. Para começar os estudos, ganhei um caderno, um lápis com borracha e uma caneta com quatro cores. Em um dos primeiros dias, a professora me chamou e disse: “Meu bem, sua letra é linda, mas você precisa escolher uma cor e escrever toda a tarefa com ela. Não deve escrever uma letra de cada cor”. Fico imaginando quanto tempo levei para terminar de copiar a atividade do quadro. Contudo, valeu pela amabilidade e respeito com que a professora me tratou.

Aquele era um ambiente muito adulto, com cadeiras grandes e nenhuma decoração. Havia crianças de idades variadas. Recordo-me bem de três irmãos que estudavam na minha turma. Eles cantavam as músicas do Luiz Gonzaga enquanto a professora escrevia no quadro. Imagino que era um hábito da casa deles. Eu achava muito engraçado e atualmente analiso que me lembro disso por ser a parte mais lúdica da minha aula.

Em 1990, com 8 anos, mudamo-nos para morar na cidade, pois meus pais não queriam que parássemos de estudar, por isso tomaram essa decisão tão importante. Compraram uma casa numa vila, com três compartimentos e o banheiro. A casa era pequena, mas a diversão era grande. Todas as noites dançávamos ao som da radiola velha do meu pai e brincávamos no terreiro da rua sem saída onde ficava a vila.

A escola nova era grande, com muitos alunos, salas e pátio. Chamava-se escola de ensino fundamental Co-

ronel Murilo Serpa. As salas por dentro não eram muito diferentes da escola anterior, mas por fora havia um espaço imenso onde podíamos brincar de correr. A fila da merenda era gigante e, quando o sino tocava, todos corriam para pegar o lugar mais próximo ao início. As aulas aconteciam no modelo puramente tradicional, com as cadeiras em filas e os olhos fitos no quadro-negro; nada de músicas, histórias, desenhos ou pinturas.

A primeira metade da década de 90 do século XX foi marcada por greves dos professores do estado. Fomos todos dispensados das aulas. Foi um período em que passamos muito tempo na casa das nossas avós. Eu já estava com 9 ou 10 anos.

As noites com as minhas avós eram momentos mágicos. Ainda hoje tenho na mente uma frase que cada uma dizia quando contava histórias. A avó paterna contava sobre casamentos no palácio em que ela própria havia participado. A riqueza de detalhes era tão impressionante que todos os netos ficavam quase sem respirar para não perder nada. No final, ela dizia: “Eu estava trazendo um pote de doces para vocês, mas, quando passei na ladeira do quebra-bunda, levei uma queda e o pote de doces quebrou”. A avó materna contava de uma princesa que havia sido desencantada por um príncipe e imediatamente ela teve que voltar para o seu reino, então dizia a frase: “Se meu senhor ainda quiser me ver, terá que me encontrar em Mira Mirá de Bom Soldá”.

Com essa lembrança das minhas avós e do quanto elas contribuíram com a formação do meu imaginário, despeço-me dessa fase e avanço para outro momento. Na 5ª série, o modo de estudar era através de transmissão pela televisão. Fazíamos parte da primeira turma do

ensino pela TV como um teste. Os livros chegaram atrasados; nem os professores entendiam direitinho sobre a nova modalidade. Havia algo que me deixava muito motivada, que era participar das apresentações no pátio da escola e dentro da sala de aula. Eram encenações nas datas comemorativas. As horas de estudo e os ensaios extraclasse eram momentos de aprendizados e diversão em equipe. Levando em consideração os seguintes argumentos de Pinna (2013, p. 23):

[...] apropriar-se de elementos lúdicos, atividades artísticas, debates, recursos audiovisuais, revistas, jornais e outras formas de se explorar o momento da aula visando criar uma cultura de participação e desenvolvimento de habilidades e procedimentos é algo bastante desejável.

Vejo que isso deveria ter sido bem mais explorado em sala de aula com o objetivo de crescimento da turma.

Outra fase muito especial foi quando tive o privilégio de me tornar professora de uma turma de educação infantil no ano de 2011. Eu substituía as professoras e sempre pensava como seria ter uma turma minha de verdade. Ainda cursava Pedagogia, mas tinha o curso de nível médio, chamado Pedagógico, que era aceito, na época, para lecionar na educação infantil.

Eu, como filha de professora, sempre frequentei escolas, ajudava minha mãe em algumas tarefas, substituía outras professoras e me sentia confortável nesse ambiente. Como universitária, fazia parte do grupo de contação de histórias Palavra Encantada e amava os momentos de interação com as crianças, porém, quando cheguei àquela escola, a minha primeira escola, percebi que ser professora de educação infantil era muito mais

complexo do que eu tinha imaginado. Eu iria lecionar na turma das crianças de 3 anos e a minha tia Marli na turma de 4 anos. Ela, muito experiente, percebeu que eu não estava acertando com as crianças, então falou com o diretor para passarmos alguns dias dando aula na mesma sala, enquanto as crianças se habituavam com a escola.

Com ela, eu aprendi a cantar, dançar, pular e prender a atenção deles de um jeito inacreditável. Houve dificuldades tanto na adaptação deles com a nova rotina de frequentar a escola, ficar longe dos pais, obedecer às regras de convivência, quanto da minha parte em me habituar com as individualidades de cada aluno. Com o tempo, as crianças passaram a ter um ambiente adequado, uma recepção digna e muito aprendizado através da rotina que trazia o lúdico em todas as situações da aula.

Todos os dias eu os recebia com música e compreendia a importância daquele ato para a formação deles. Nós cantávamos, dançávamos, fazíamos exercícios físicos e nos divertíamos muito enquanto aprendíamos com as atividades propostas em cada aula.

A música, além de possibilitar comunicar sentimentos que não são possíveis de expressar apenas com a fala, pode auxiliar no desenvolvimento humano, aprimorando a sensibilidade, a concentração e a memória. A música, além de conteúdo específico, pode contribuir no processo de alfabetização e raciocínio lógico (Oliveira; Fernandes; Faria, 2013, p. 1415).

Foi muito importante para mim como professora compreender que o aprendizado não aconteceria apenas com o ato de conhecer as letras e os números, mas que, antes de tudo, as crianças precisavam expressar-se de

outras formas para conciliar o conhecimento de mundo e o institucionalizado. Foi um aprendizado mútuo.

Vivi essa experiência de lecionar para crianças de 3 anos durante dois anos e fecho esta reflexão afirmando que dei aos meus alunos aquilo tudo o que eu precisava ter recebido em sala de aula. Sigo em frente com a certeza de que o lúdico é uma realidade desenvolvida por muitos profissionais e alunos que hoje aprendem com mais leveza.

Referências

ALVES, E. C. Teatro: um olhar lúdico à face do desenvolvimento infantil. *In*: JORNADA PEDAGÓGICA DO LALUPE, 2., 2010, Ponta Grossa. *Anais* [...]. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

OLIVEIRA, M. E.; FERNANDES, S. F.; FARIA, L. C. F. A musicalização, o lúdico e afetividade na educação infantil. *In*: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10., 2013, Presidente Prudente. *Anais* [...]. Presidente Prudente, 2013. p. 1411-1418.

PINNA, L. G. C. *Ludicidade dos jogos teatrais no ensino e aprendizagem de Ciências*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

30 ALICE NO PAÍS DA EDUCAÇÃO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap30>

ALICE SANTO DE ASSIS

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera. Graduada em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Unifai. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Fávine. Participou do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do Grupo de Estudo sobre Práticas de Letramento Literário e Educação de Crianças (Geplec), desenvolvidos na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É contadora de histórias, artesã, professora e brinquedista.

E-mail: alicepeixe@hotmail.com



Sou Alice Santo de Assis, nasci em 22 de fevereiro de 1979, na cidade de São Paulo. Filha de pais separados, minha infância foi dividida entre cidade e campo; meus avós tinham um sítio no interior e me levavam para lá para ajudar minha mãe a cuidar de três filhos pequenos; eu sendo a caçula, precisava de mais atenção e não frequentava a escola.

Tive a oportunidade de brincar com terra e minhocas, construir casinhas com restos de madeira, tomar leite puro, comer queijo feito em casa e amar cada uma dessas coisas. Eu dizia que seria veterinária quando crescesse, só para voltar para o sítio e nunca mais sair de lá. Aquele era o meu mundo de faz de conta, onde tudo virava brinquedo e fazia parte das minhas criações; isso foi muito importante para o meu desenvolvimento como criança e hoje me direciona como profissional. Segundo Oliveira (1988, p. 67):

A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente, a pré-escola poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situação para atuar no processo de desenvolvimento das crianças.

No percurso da minha formação, porém, descobri uma paixão ainda maior do que cuidar dos animais: meu amor por ensinar. Como o ensino médio era o momento

de escolha para as meninas, eu tive que escolher entre o ensino formal ou fazer o curso de Magistério. Era o sonho de minha mãe ser professora, então não preciso dizer que ela foi minha maior incentivadora, presenteadome, sempre que possível, com lousa, giz, livros e tudo o que me incentivasse a brincar de ser professora. Como Kishimoto (2000, p. 84) bem coloca, “A criança é um ser em pleno processo de apropriação da cultura, precisando participar dos jogos de uma forma espontânea e criativa”. Ela sempre me incentivou.

Foi assim, entre leituras e estágios, que percebi o que queria fazer durante toda a minha vida profissional. E posso dizer que, quando se faz o que se gosta, nem se percebe que se trata de um trabalho. Percebi que poderia juntar amor e ensino, pois para ensinar é preciso dedicação, atualizando-se sempre, tornando prazeroso esse momento. Reconheço-me na fala de Grassi (2008, p. 33):

Brincando, a criança vai elaborando teorias sobre o mundo, sobre suas relações, sua vida. Ela vai se desenvolvendo, aprendendo e construindo conhecimentos. Age no mundo, interage com outras crianças, com os adultos e com os objetos, explora, movimenta-se, pensa, sente, imita, experimenta o novo e reinventa o que já conhece e domina.

Não tenho grandes recordações da minha vida escolar antes dos meus 7 anos, mas, depois dessa idade, tudo é muito claro. Lembro-me do cheiro dos cadernos novos, do deslizar das canetas nas folhas, adorava escrever e destacar cada palavra que considerava ser importante. Aprendi a ler e escrever com o meu avô, em uma pequena lousa verde; com giz, ele passava as lições que eu copiava e sempre queria mais.

Meu avô era um sanfoneiro maravilhoso e, sempre que eu podia, adorava ouvi-lo tocar, mas, como eram músicas que eu não conhecia, usava meu tempo na biblioteca para pesquisá-las. Foi assim que descobri o autor da música que ele mais gostava de ouvir, que hoje ainda me emociona ao ouvir.

Naquela mesa

Naquela mesa ele sentava sempre / E me dizia sempre o que é viver melhor / Naquela mesa ele contava histórias / Que hoje na memória eu guardo e sei de cor / Naquela mesa ele juntava gente / E contava contente o que fez de manhã / E nos seus olhos era tanto brilho / Que mais que seu filho / Eu fiquei seu fã / Eu não sabia que doía tanto / Uma mesa num canto, uma casa e um jardim / Se eu soubesse o quanto dói a vida / Essa dor tão doída não doía assim / Agora resta uma mesa na sala / E hoje ninguém mais fala do seu bandolim / Naquela mesa tá [sic] faltando ele / E a saudade dele tá [sic] doendo em mim / Naquela mesa tá [sic] faltando ele / E a saudade dele tá [sic] doendo em mim / Agora resta uma mesa na sala / E hoje ninguém mais fala do seu bandolim / Naquela mesa tá [sic] faltando ele / E a saudade dele tá [sic] doendo em mim / Naquela [...] (Bittencourt, 1972).

Quando comecei na 1ª série já sabendo ler e escrever, era considerada uma pequena “gênia”, pois isso não era convencional. Com o *status* de “gênia”, adquiri alguns benefícios; acabava a lição e podia ir para a biblioteca, meu lugar preferido, o passaporte para o país das maravilhas. Posso dizer que hoje acredito que esse seria o momento ideal para ser mais estimulada pelas professoras. Sendo assim, Ausubel (1982, p. 112) afirma que:

O ensino deve ocorrer sempre a partir do que o aluno já sabe, organizando o conteúdo de acordo com

essa estrutura cognitiva prévia. E, além disso, a predisposição para aprender passa a ser uma condição para aprendizagem.

Ao finalizar o curso de Magistério, comecei logo a dar aulas para a educação infantil e, nessa mesma época, engravidei da minha primeira filha, que foi minha cobaia em diversas teorias educacionais e minha parceira nas aulas, pois seu carrinho sempre estava dentro das salas enquanto lecionava. Quatro anos mais tarde, nasceu meu segundo filho e pude então ver na prática como as crianças se socializam e interagem em diferentes situações e como aprendem muito mais quando estão juntas.

O construtivismo estava começando a chegar às escolas e, por desconhecimento da parte teórica, os professores acreditavam que era só abandonar os livros didáticos e deixar as crianças livres para brincar. O ganho educacional foi muito significativo, mas mostrou-se necessário o aprofundamento teórico para entender que o brincar livre era o momento ideal para a criança aprender e que caberia ao professor compreender o lúdico como parte do processo de ensino-aprendizagem. Vygotsky, Luria e Leontiev (1988, p. 127) afirmam que:

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinante na brincadeira. A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê.

Para continuar meu percurso formativo, escolhi cursar Pedagogia, depois Biblioteconomia e, na pós-gra-

duação, aprofundi-me na educação infantil e educação inclusiva, buscando sempre questionar o que poderia, na minha atuação profissional, mudar para ser uma ponte no processo de apreensão do conhecimento, respeitando a etapa de cada um. Concordo que:

O brincar é agradável por si mesmo, aqui e agora. Na perspectiva da criança, brinca-se pelo prazer de brincar, e não porque suas consequências sejam eventualmente positivas ou preparadoras de alguma outra coisa (Macedo; Passos; Petty, 2005, p. 14).

É brincando que a criança entende o mundo; contínuo brincando, aprendendo, ensinando e transformando o espaço da escola para que cada aluno possa ter o seu saber reconhecido.

Referências

AUSUBEL, D. P. *A aprendizagem significativa*: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BITTENCOURT, S. Naquela mesa. Intérprete. Compositor: Sérgio Bittencourt. In: BITTENCOURT, S. *Preciso aprender a ser só*. Rio de Janeiro: Copacabana, 1972.

GRASSI, T. M. *Oficinas psicopedagógicas*. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpex, 2008.

KISHIMOTO, T. M. *Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACEDO, L.; PASSOS, N. C.; PETTY, A. L. S. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, M. K. O. *Vygotsky*: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

31 LUDICIDADE NA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap31>

ALLYNE IRINEU DE HOLANDA LIMA

Especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Universidade Excelência (FAEX) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).
E-mail: allyne_ihl@hotmail.com

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (Barros, 2003).

Ao buscar as lembranças de infância, vejo uma menina que tinha bastante dificuldade para interagir com as outras crianças e, por isso, raramente brincava no pátio escolar no intervalo entre as aulas. Na hora do recreio, momento relevante para a socialização e convívio dos alunos, os quais permite a criação de vínculo uns com os outros, eu ficava de longe olhando meus colegas brincando ou seguia para a biblioteca. Dessa forma, sentia enorme dificuldade de interagir também nos momentos lúdicos propiciados pela professora em sala de aula. Em contrapartida, Friedmann (2012, p. 45) destaca que:

[...] Por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento.

A ludicidade, em latim “*ludus*”, remete a brincadeiras e jogos, por esse motivo, quando comecei a estudar

sobre o universo lúdico na universidade, descobri que tive muitas experiências lúdicas na minha infância, embora até aquele momento eu acreditasse no contrário, isso porque, ao estudar sobre o campo da ludicidade, vemos que ela se manifesta de diversas maneiras, seja através dos jogos, das brincadeiras ou dos brinquedos, contudo não se restringe apenas ao jogo e à brincadeira em que as crianças estão interagindo e socializando no ambiente escolar ou fora dele. Logo, compreendi que o brincar esteve presente em minha infância quando estava imersa nos livros infantis ou quando brincava de escolinha com minha irmã caçula.

Um dos aspectos importantes do brincar diz respeito ao desenvolvimento pessoal da criança na sua integralidade. Como já foi dito, tive bastante dificuldade em socializar na minha vida escolar e fora dela. Então, era comum me esquivar de atividades lúdicas, sejam livres ou dirigidas. É importante salientar que ingressei na escola tardiamente, aos 6 anos de idade, na pré-escola, no ano de 1998; antes disso, não era estimulada a minha socialização com outras crianças e adultos. Por ter sido uma criança com deficiência física, minha mãe, que tem característica superprotetora, teve cuidados e proteção em excesso comigo; embora sempre atenta às minhas necessidades, não compreendia que o ambiente escolar e o ato de brincar são essenciais para o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social.

O brincar é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão ou passar o tempo. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma

boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. O brincar é a essência da infância e uma necessidade humana (Almeida, 2014, p. 23).

Nesse aspecto, na minha infância, lembro que a criança com quem mais brinquei foi com a minha irmã. Ela é seis anos mais nova e, até os meus 12 anos de idade, brincávamos juntas. Tínhamos o hábito de reservar especialmente os finais de semana para passar o dia inteiro brincando de Barbie, montando a casa de bonecas e encenando os papéis de pai, mãe e filha. Nos momentos de brincadeira é comum assumir representação de papéis sociais, representando experiências vividas e aprendidas no cotidiano familiar e em outros contextos, por exemplo, ao brincar de enfermeira, de professora, de casinha, de modelo, dentre outros. Tais brincadeiras são marcadas pela fantasia e imitação da realidade, em que a criança constitui sua personalidade, descobrindo-se como sujeito social. Foi me colocando no papel de professora que “ensinei” minha irmã aos 4 anos de idade a ler. Eu amava brincar de escolinha com minha irmã; lembro que minha mãe produziu letras do alfabeto em uma folha de papel, colou-as em caixas de fósforos e nos deu um quadro pequeno com giz, com isso me animava em inventar tarefas e ensiná-las, interpretando uma professora, bem rígida por sinal, pois, segundo minha mãe, eu praticamente forçava minha irmã a continuar a brincadeira e a responder às atividades que eu criava. Sobre isso, Luckesi (2002, p. 30) afirma que:

Muitas atividades lúdicas das crianças são de imitação do adulto, outras não imitam, mas constroem

modos de ser. Meio pelo qual as crianças estão, por uma parte, tentando compreender o que os adultos fazem e, de outra, experimentar as possibilidades de sua própria vida, o que quer dizer que, através das atividades lúdicas, estão construindo e fortalecendo o seu modo de ser, a sua identidade.

Embora eu fosse uma criança bastante tímida e introvertida, que pouco interagiu na sala de aula com os colegas, fiquei encantada pelo ambiente escolar, então logo desenvolvi apreço pelos estudos. Assim, sempre nutri admiração pelos meus professores; sempre gostei de ir às aulas, de realizar as atividades, de escrever e de ler os textos literários contidos nos livros didáticos. Nas minhas memórias escolares da primeira instituição escolar em que estudei até a 4ª série, chamada Centro Educacional Senninha, as professoras desenvolviam atividades que me chamavam a atenção, com desenhos, pinturas, colagens, jogos de tabuleiro, cantigas de roda, contação de histórias. Em consequência da rotina de contação de histórias e de leituras compartilhadas, em que os alunos leem um texto junto ao professor, é que foi surgindo em mim o interesse pelo universo da literatura. As histórias reverberavam na minha imaginação, sendo fonte de descobertas, prazer e diversão.

É através das experiências de leitura que as crianças constroem seu repertório de mundo, quando se apropriam do que leem, contribuindo para a sua formação cultural e social. Dessa forma, é extremamente importante a inserção de variedades de textos e estilos em situações de prática pedagógica, visando a ampliar a capacidade leitora e a motivar o hábito da leitura, sendo que tal atividade pode estar diretamente relacionada

com as experiências pessoais das crianças, despertando, assim, o seu interesse pelo universo lúdico da literatura. Acredito que a maioria de nós tenha alguma memória significativa do momento em que ouvia alguma história, por exemplo, quando a professora lia em voz alta para a turma, contava histórias que estimulavam a imaginação e criatividade, bem como ao observar as ilustrações de textos curtos dos livros didáticos ou dos livros de imagens. Particularmente, as práticas de leitura em sala de aula são as experiências vivas e mais marcantes que tenho dessa fase da escola.

O ato de ouvir histórias repercutiu, evidentemente, na minha formação pessoal, pois contribuiu para que eu pudesse adquirir o prazer e o gosto pela leitura ao ter contato com as histórias dos livros infantis durante a minha trajetória escolar. Lembro que pegava livros emprestados da biblioteca da escola para ler nos finais de semana, frequentava a biblioteca no horário do intervalo e ficava encantada com a variedade de livros. A partir do encantamento pelos livros é que também decidi, ainda na infância, que cursaria o ensino superior. Nessa perspectiva, “A aprendizagem da leitura possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores da sociedade” (Caldin, 2003, p. 52). Assim, quando lê, a criança expande seus horizontes, criando autonomia e pensamento consciente.

A brincadeira é característica da infância, assim são muitas as situações lúdicas que fazem parte dessa fase da vida. A maioria das crianças costuma brincar com os irmãos e familiares, pois fazem parte de seu primeiro contato social. Então, nesse contexto, tenho boas memórias de quando brincava de boneca com minha

prima ao passar as férias na casa de minha avó. Minha mãe, muito criativa nos trabalhos manuais, fazia peças de roupas para minhas bonecas e eu as levava para brincar junto com minha prima. Divertíamos-nos muito vestindo e trocando as roupas para ver qual ficava melhor para participar de algum evento de moda elegante; tudo imaginário.

Logo, outra brincadeira de que lembro saudosa é de quando brincávamos, no quintal grande da casa de minha avó, de panelinha, preparando comidinhas com areia, água, pedaços de gravetos ou grãos de feijão e arroz. Dessa forma, explorávamos o quintal, que era repleto de bananeiras, mangueiras, cajueiros e outras árvores frutíferas. O contato com a natureza nos estimulava a explorar o espaço à nossa volta e, assim, passávamos horas a fio brincando ao ar livre. Diante disso, recordo que as brincadeiras que demandam esforço físico, agilidade e movimento não fizeram parte do meu cotidiano na infância. Não costumava brincar na rua, então, devido à criação que tive e também por conta da deficiência física, atividades de correr, como jogar bola e pular amarelinha, causavam-me desconforto e insegurança. Então, nessa perspectiva:

[...] Uma atividade não é lúdica nem 'não-lúdica' [sic]. Pode ser, ou não, a depender do estado de ânimo de quem está participando, assim como da circunstância em que participa da atividade (Luckesi, 2014, p. 15).

Quando ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2013, uma das primeiras atividades lúdicas foi proporcionada na disciplina de Alfabetização de Crianças, na qual a professo-

ra iniciava a aula com a leitura semanal do livro *Felpe Filva*, da autora e ilustradora Eva Furnari. Outra história contada nessa mesma disciplina foi o conto “O sapateiro e os anãozinhos”, produzido pelos irmãos Grimm. Além das leituras literárias feitas em sala de aula, outra experiência marcante foi realizada na disciplina Educação Infantil, em um momento intitulado “Memória lúdica”, que consistia em fazermos relatos dos brinquedos de infância. Com isso, a turma se debruçou sobre a temática e compartilhou suas memórias afetivas de brinquedos e brincadeiras a partir das lembranças da infância. Por sua vez, essas disciplinas propuseram reflexões sobre como a criança aprende, cuja discussão permitiu o entendimento de conceitos como alfabetização e letramento, bem como nos apresentou ricas histórias e brincadeiras do universo infantil.

Em 2017, ao participar da I Semana da Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), visitei o II Ateliê de Histórias promovido pelo projeto Palavra Encantada. A exposição reuniu diversas histórias infantis contadas de forma interativa através dos diversos recursos utilizados na contação de histórias, tornando o momento lúdico e evidenciando a importância das narrativas para a formação leitora. Nesse mesmo ano, foi promovida a exposição intitulada “II Mostra de Ludicidade e Educação: de Brincar ou de Jogar?”, que mostrou recursos feitos com materiais recicláveis que podem ser usados em sala de aula. Durante a disciplina de Arte-Educação, no ano de 2017, tivemos contato com o universo da literatura de cordel e fanzines, bem como com estudos focados na cultura popular. Essas vivências lúdicas foram relevantes para a nossa formação profissional e o

exercício da docência. Destas experiências relatadas ficou a importância de perceber a aprendizagem lúdica e a unidade entre teoria e prática.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. Brincar uma aprendizagem para a vida. *In*: ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014. p. 21-74.

BARROS, M. *Memórias inventadas*: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

CALDIN, C. F. A função social da leitura da literatura infantil. *Encontros Bibli*: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 47-58, 2003.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. *In*: PORTO, B. S. (org.). *Educação e ludicidade*: Ensaios 02. Salvador: UFBA, 2002. p. 22-60.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*: Educação, Cultura e Sociedade, Salvador, v. 3, n. 2, 2014.

32 CONTRIBUIÇÕES DAS BRINCADEIRAS E VIVÊNCIAS LÚDICAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E EM EDUCADORA EM SAÚDE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap32>

ANA PAULA DA SILVA OLIVEIRA

Bacharel em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), licenciada em Formação Pedagógica Especial com Habilitação em Biologia pela UECE. Professora do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e Diretora da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) da UECE.

E-mail: paulavet.teixeira@uece.br



E escrever é sempre um grande desafio, contudo o que eu considero nesse instante como algo mais desafiador ainda é começar a fazer um registro de mim mesma, eu diria de umas poucas histórias de minha vida, pois venho descrever e narrar aqui algumas de minhas experiências lúdicas que fizeram parte da minha infância. Fazendo referência a Walter Benjamin sobre o seu texto *O narrador*, ele considera a importância de nos apropriarmos, via narrativa, do passado que não deve ser desprezado e perdido (Benjamin, 1994). Sobre isso, é relevante dizer que percebo que a minha intenção com este trabalho, que consta como sendo um memorial, vai além de ser um documento de natureza narrativo-descritiva, pois encaro como sendo um texto de caráter reflexivo, em que minhas memórias foram instigadas e buscadas, de forma que foi gerada uma história que é escrita a partir do meu esforço de lembrar, mas que também é produto de um ato reflexivo.

A perspectiva da formação de profissionais reflexivos vem se consolidando como uma tendência na comunidade educacional. Zeichner (1993) se refere, por exemplo, ao conceito de professor como aquele prático-reflexivo, o qual reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons profissionais. Se experimentar a docência, a sua prática, é proveitoso para a formação do professor, pode-se pensar aqui que trazer as experiências de criança, as vivências e as memórias

infantis e tomá-las para desenvolver uma reflexão sobre a prática docente poderia ser um exercício interessante, que potencializa o próprio processo de pensar, de se inquietar, de se questionar, de se colocar, de refletir e criticar do docente. Assim, esta escrita pode contribuir para essa minha formação reflexiva de professora que se volta ao passado para buscar suas lembranças infantis e percebê-las como parte constituidora de meu ser pessoal e profissional.

Voltando ao passado, aos meus tempos de infância, sem dúvida nenhuma, brincar era a minha atividade favorita, o que eu mais fazia quando criança. As brincadeiras eram práticas vivenciadas com um tom de alegria e contentamento e, portanto, atividades que eram carregadas de sentimentos, emoções e prazeres. De fato, a ludicidade esteve presente ao longo de minha infância, que consiste em uma vivência lúdica, algo próprio do indivíduo, que é interno, como aponta Bacelar (2009, p. 30):

A vivência lúdica, ou ludicidade, é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. [...] A ludicidade, como experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental.

Ainda, quando criança, por volta dos anos 1970 e 1980, tive uma grande aproximação com os animais, pois era uma época em que eu tive a oportunidade de ter a natureza como cenário para brincar, em que quase não tínhamos jogos ou brinquedos eletrônicos e as brincadeiras ao ar livre, como no quintal da minha avó, eram frequentes, com os primos, primas, vizinhos e vizinhas.

Muitas das brincadeiras de infância vivenciadas incluíam os bichos, pois eu me envolvia bastante com eles,

com quem criei uma ligação física, além de uma profunda relação emocional de gostar de forma intensa deles. Carícias e brincadeiras eram tiradas com eles, entretanto essas atitudes eram transcendidas com aquelas relacionadas ao cuidado, à preocupação com a sua saúde, visto que eu ensaiei, por muitas vezes, a aplicação de injeções em gatinhos novinhos, mais velhos, jovens, quietinhos, ariscos e extremamente bravos. Esses últimos puderam marcar minha vida, meus braços e minhas mãos com cicatrizes de arranhaduras decorrentes das suas tentativas de escapar das minhas mãos de “médica” cuidadora.

Por outro lado, a lavagem e a secagem das penas, frequentemente sujas de fezes, das galinhas de minha mãe também eram feitas, entre uma brincadeira e outra, agora com a intenção de cuidar da higiene desses bichos empenados. Lembro-me até hoje da minha tia surpreendida com tal atitude e esboçando sentimento de nojo ao ver aquela cena que para alguns poderia ser lastimável, porém, na minha “cabeça” de criança, eu estaria simplesmente atuando no benefício do animal por meio da higienização.

Na minha infância, um elemento lúdico que esteve presente em muitas de minhas brincadeiras foi a boneca. Brincar de casinha era frequente, mas, de vez em quando, minhas bonequinhas eram colocadas no papel de minhas alunas. Cada uma delas ganhava posição nas filas de bonecas que eu organizava em frente à lousa que eu escorava na parede e que utilizava para escrever o alfabeto e as tarefas a que elas deveriam responder, na minha imaginação infantil.

Hoje, percebo, agora um pouco intimidada, que eu, naquele momento em que estava ensinando às minhas

bonecas, fazia isso de modo tão natural, mergulhada naquele mundo imaginário, que não tinha a noção de que falava em voz alta, de que me expunha aos familiares e outras pessoas que estavam ali por perto, e isso porque eu estava à frente conduzindo uma aula, solicitando que as ditas estudantes repetissem as divisões silábicas e as palavras que eram escritas com uma letra legível, formosa, que eu costumava chamar de “bonita”, cuidadosamente escrita com meu giz branco ou, algumas vezes, colorido, e assim ia-se uma tarde inteira.

O brinqueado e a brincadeira são considerados constitutivos da infância e esses elementos estiveram presentes na minha. Bonecas e objetos eram tomados como parte de uma realidade vivida na minha mente, no meu mundo imaginário. Os gatinhos, pacientes; as bonecas, alunas; os palitos, injeções; e a área de serviço de minha mãe servia ora como clínica para eu proceder com os cuidados dos animais, ora como a minha sala de aula. Em seus estudos analíticos, Silva *et al.* (2005) reiteram que a criança é caracterizada pela sua capacidade de brincar e imaginar, espaço privilegiado de novas formas de entendimento do real, que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento infantil. A criança, ao brincar de “faz de conta”, pode estar representando papéis, e o exercício de brincar pode ampliar sua expressividade (Bertoldo; Ruschel, 2003). As autoras ainda pontuam, em seu texto reflexivo, que a criança que brinca precisa ser respeitada, pois seu mundo está em permanente oscilação entre fantasia e realidade. Segundo Vygotsky (1991), ao brincar, a criança está criando zonas de desenvolvimento proximal, ou seja, vive situações que estão além do seu nível de desenvolvimento real, possibilitando um avanço nele.

O amor e o respeito que eu cultivava pelos animais redundaram em minha primeira formação, bacharel em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 1999. Estagiei na área de Clínica Veterinária de Pequenos Animais e despertei uma percepção de que, muito mais do que me preocupar com a saúde dos animais, tinha o dever de conversar com seus proprietários no sentido de orientá-los em como poderiam cuidar dos seus bichos. Essa ideia se estendeu para o meu exercício profissional, ao longo de oito anos, de 2001 a 2009, de modo que a cada consulta eu tratava do caso clínico de forma a considerar as orientações acerca dos animais, no sentido da prevenção de doenças, como importantes para a manutenção da saúde humana.

Trazendo para o diálogo com os donos de animais, a perspectiva da zoonose, eu tentava desenvolver um trabalho de Educação em Saúde, uma preocupação que me levava a estender uma consulta para um tempo que eu considerava suficiente para realizar práticas educativas em saúde. Apresentava informativos, fotos e imagens que diziam respeito às doenças de animais e que poderiam ser transmitidas para humanos. A Carta de Ottawa cita em seu texto que as ações educativas em saúde podem ser realizadas em muitos lugares, como nas escolas, nos domicílios, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários (WHO, 1986).

Meu consultório, portanto, não se destinava apenas à realização de consultas e administração de medicamentos em animais, mas era um espaço de orientação que poderia ser considerado como uma prática de Educação em Saúde. Pessoalmente, eu tinha a concepção de meu papel como veterinária na perspectiva da Saúde Co-

letiva, mas, durante meu exercício profissional, percebi que fui além de ser uma médica que atendia a animais para agora ser uma educadora de saúde. Dentre os vários atores que participam das práticas de Educação em Saúde, estão os profissionais da saúde e a população, aqui representados, respectivamente, pela veterinária e o proprietário do animal. É preciso a atuação de profissionais de saúde que valorizem a prevenção de doenças e fomentem a promoção da saúde nas práticas de Educação em Saúde desenvolvidas para que a população possa construir seus conhecimentos e aumentar sua autonomia nos cuidados, individual e coletivamente (Falkenberg *et al.*, 2014), inclusive com relação aos dos bichos, que podem transmitir doenças para os seres humanos.

Paralelamente, o exercício profissional, como docente, em sala de aula, iniciou-se em 2003, de modo que, neste ano de 2021, completo 18 anos de experiência como professora do ensino superior, sendo que, destes, 11 anos têm sido dedicados a trazer a abordagem da Educação em Saúde no ensino, na pesquisa, na extensão, nas orientações de monografia, nos artigos científicos e em projetos, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Em muitos desses momentos, pude fazer uso de recursos e atividades lúdicas para abordar temas do campo da “Saúde” junto aos meus alunos.

Atuando no papel de professora formadora de professores de Biologia, estudo e desenvolvo estratégias de formação docente para a abordagem de temáticas relacionadas à “Saúde” e para o desenvolvimento de práticas de Educação em Saúde. A Educação em Saúde pode ser compreendida, segundo Mohr (2002, p. 38), como um conjunto de:

[...] atividades realizadas como parte do currículo escolar, que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema relacionado com a saúde individual ou coletiva.

Assim, a licenciatura em Ciências Biológicas deve estar comprometida com a formação de professores educadores em Saúde, pois, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o professor, por meio do trabalho com a Educação em Saúde, pode sensibilizar os educandos a buscar permanentemente a compreensão dos condicionantes de saúde, além de capacitá-los para a utilização de medidas de promoção, proteção e recuperação da saúde (Brasil, 1998). Para essa formação, tenho me utilizado de recursos lúdicos, dentre eles, o jogo didático como ferramenta para o desenvolvimento de práticas de Educação em Saúde que podem ser utilizadas na realização de uma atividade curricular ou como forma de demonstrar, para os futuros educadores em Saúde, como desenvolver a Educação em Saúde.

Na minha atuação como formadora de professores, vou compartilhar aqui uma atividade que foi realizada na disciplina de Anatomia Humana, em que os estudantes matriculados no semestre letivo de 2018.2 tiveram que realizar a produção de um jogo didático, sua aplicação e a avaliação desse material didático e sua proposta lúdica e educativa. Cada jogo didático produzido por um determinado aluno era referente a um sistema do corpo humano, como o locomotor, o respiratório, o digestório, o cardiovascular, dentre outros. A perspectiva trazida por cada aluno, além de ser relativa à estrutura e função de cada órgão, considerava também alguma doença que po-

deria afetar tal órgão, de modo que o discente teria ainda que discutir acerca de como evitar tais patologias que haviam sido referidas e abordadas. Assim, a abordagem anatômica de órgãos e sistemas orgânicos era transversalizada por um debate sobre a saúde e a doença, dentro de uma perspectiva da Educação em Saúde.

Os estudantes vivenciaram esse momento com muita participação, pois os colegas eram chamados para jogar e fazer o papel de jogador durante a aplicação de cada jogo didático. Foi possível perceber os futuros professores se divertindo, sendo ativos na participação, além de que se percebia que eles tinham prazer em estar jogando os jogos propostos para serem jogados ao longo de uma tarde no pátio da faculdade. Desse modo:

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. [...] As atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções e operações, a ludicidade aciona as esferas motora e cognitiva e, à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva. Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como um elemento integrador dos vários aspectos da personalidade. O ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve (Teixeira, 1995, p. 23).

Ao final, na discussão sobre o jogo de cada aluno, os licenciandos trouxeram sua análise, que, de uma forma geral, apontava esse recurso como capaz de despertar o interesse de jovens estudantes secundaristas, por isso

todos concordavam que seria interessante seu uso quando fossem professores em exercício na educação básica. As atividades de Educação em Saúde com grupos de adolescentes podem ser enriquecidas com o uso de jogos educativos que são instrumentos eficientes de ensino e aprendizagem, de comunicação e de expressão, além de propiciar satisfação emocional imediata aos participantes (Bezerra *et al.*, 2017).

O lúdico e a ludicidade perpassaram várias épocas de minha vida pessoal, durante a infância, possibilitando o desenvolvimento de virtudes da minha pessoa, como o respeito pelos animais e a percepção da importância da ajuda ao outro, como os animais na sua saúde e às bonecas no seu processo de aprender, considerando que isso era vivenciado no meu imaginário infantil que se estendeu à vida adulta, agora se tornando real, parte do meu exercício profissional, cuidar da saúde dos animais e educar pessoas.

Por fim, como educadora em Saúde que forma professores educadores em Saúde, compartilho a ideia de que o lúdico continua permeando minha vida, na minha atuação profissional, quando utilizo dinâmicas, jogos, atividades lúdicas em geral, como proposta de vivência de uma prática de Educação em Saúde ou como maneira de fomentar uma discussão acerca de formas de trabalhar a temática Saúde, como me utilizando da ludicidade e de materiais que possam ser trabalhados de forma lúdica. Como referem Bezerra e colaboradores (2017), a utilização de jogos lúdicos como estratégia de promoção da Educação em Saúde na escola é de grande importância, de modo que enriquece a vida acadêmica e a do futuro profissional.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador : EDUFBA, 2009.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BERTOLDO, J. V.; RUSCHEL, M. A. M. Jogo, brinquedo e brincadeira: uma revisão conceitual. *Psicopedagogia*, Porto Alegre, 2003.

BEZERRA, B. M. G.; MATIAS, I. S.; SILVA, E. D.; FERREIRA, E. A.; LACERDA, K. P. Avaliação de jogos ludicos como estratégia de promoção da educação em saúde na escola por enfermeiros em formação. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize, 2017.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FALKENBERG, M. B.; MENDES, T. P. L.; MORAES, E. P.; SOUZA, E. M. Educação em Saúde e Educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência & Saúde*, Curitiba, v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014.

MOHR, A. A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de Ciências. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SILVA, L. S. P.; GUIMARÃES, A. B.; VIEIRA, C. E.; FRANCK, L. N. S. O brincar como portador de significados e práticas sociais. *Revista do Departamento de Psicologia*, Niterói, v. 17, n. 2, p. 77-87, 2005.

TEIXEIRA, C. E. J. *A ludicidade na escola*. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WHO. *The World Health Report 1998: life in the 21 st century – a vision for all*. Genebra: WHO, 1998.

ZEICHNER, K. M. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

33 TECENDO MINHA CULTURA LÚDICA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap33>

ARLENE TOMÉ DE SOUSA GUIA

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Terra Nordeste (Fatene) e especialista em Psicomotricidade numa Abordagem Clínica e Educacional pela UECE. Professora da Educação Infantil há 11 anos na rede municipal de ensino de Itapipoca – Ceará. Foi monitora nas disciplinas de Didática e Currículo na Facedi/UECE. E-mail: arlene.guia@yahoo.com.br

Não dá para começar falando de experiências lúdicas sem citar os meus pais, primeiras referências lúdicas que me guiaram ao mundo da imaginação. Inicialmente, minha mãe me embalando ao som de canções de ninar como “O cravo brigou com a rosa” e “A pulga e o percevejo”, as que lembro mais claramente. Eu ficava imaginando essas músicas ao pé da letra, como o cravo debaixo de uma bacia (era o que minha mente representava para a sacada). A música “[...] está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, música para dançar” (Brasil, 1998, p. 47).

Sobre esse contexto da infância, afirma-se que “[...] o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização” (Brasil, 1998, p. 48). Para tanto, sugere-se que atividades como:

[...] ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos [...] despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva (Brasil, 1998, p. 48).

As histórias também fizeram parte da minha infância tendo como mediadores novamente os meus pais. Eles começaram a inculcar esse gosto em mim desde cedo, com contação das famosas histórias de trancoso, com que eu e meus irmãos nos deleitávamos naquele mundo

de fantasias. Eu ia imaginando cada cena, cada detalhe, cada cenário, cada personagem das histórias narradas, que variavam das piadas às histórias do Pedro Malasartes, geralmente contadas por meu pai. Já as histórias que continham o elemento mágico, como os contos de fada, eram contadas por minha mãe. Essas experiências me proporcionaram vivências lúdicas, uma vez que: “[...] a ludicidade tem a ver com os estados de inteireza, de plenitude, de prazer” (Bacelar, 2009, p. 30), e era exatamente nesse estado que me encontrava ao viajar, através das histórias, no incrível mundo da imaginação.

Tenho lembranças maravilhosas de andar no tuntum do meu pai. Eu me sentia importante, especial, perentente e amada. Nelsen (2015, p. 17) afirma que “[...] aceitação e importância são os objetivos primários de todas as pessoas, especialmente as crianças”. Outra lembrança especial com meu pai, quando eu era bem pequena, é de um dia em que eu estava chorando e ele me deitou em seu colo e me colocou para mamar em seu peito, como forma de me acalantar.

As farinhadas também fizeram parte da minha infância, espaço onde geralmente se reuniam as pessoas da família para raspar mandioca, em que havia toda aquela troca de conversas; este era o processo do trabalho: primeiro raspa, depois espreme e as crianças maiores (como eu) iam puxar água. Tudo tão ímpar: aquele barulho ensurdecido do motor cortando a mandioca, a mandioca entrando no motor e saindo esmagada. Um aspecto interessante para mim é aquela goma branca que ficava na perna. Para mim, quem mais ficava melado era quem mais raspava mandioca. Então gostava que minha perna ficasse esbranquiçada com a manipueira da mandioca, ainda que eu não raspasse tanta mandioca.

À noite, quando terminava o serviço, eu e meus irmãos íamos tomar banho na lagoa perto da casa de farinha. Nas noites de lua clara, era espetacular, com a lua e as estrelas refletindo na água, e aquela temperatura morna maravilhosa e, ao mesmo tempo, aquela hesitação de aparecer uma jiboia e te morder, mas tomar banho superava qualquer medo. E tinha umas brincadeiras que gostávamos de fazer: pular do ombro do outro dentro da água, ver quem ia mais longe embaixo d'água e quem ficava mais tempo submerso. A gente brincava assim sempre: fosse de noite ou fosse de dia. Teve até umas vezes que me encorajei e atravessei a lagoa. Sensação de serotonina e dopamina pura: “Uau, consegui!”. Aqui também desfrutei de vivências lúdicas. Sentia fluir em mim a sensação de plenitude e de alegria.

Para brincar com bonecas, nunca levei muito jeito, pois não sabia costurar as roupas. Logo desisti, mas me lembro de um *shampoo* que minha tia me deu com a embalagem que era em forma de calunga. Amava esse brinquedo. Também ganhava pelúcias de minhas tias paternas que moravam na cidade. Sempre que vinham, traziam presentes, e isso gerava uma expectativa boa, não só para ganhar o presente, mas também por ter a certeza de ser lembrada, sentir-me especial. Outro fato que me marcou em relação aos presentes foi quando uma tia materna trouxe uns docinhos e balinhas, e o meu primo veio com ela e quis comer um pouco dos meus doces, daí fiquei com muita raiva, o famoso egoísmo infantil, porque, no meu entender, ele tinha que comer o dele e não acabar o meu.

Nesse caso, cabe destacar a importância dos jogos como uma forma de trabalhar o egoísmo, uma vez que,

através dos jogos, as crianças aprendem regras. Segundo Vigotski (1991, p. 67):

O maior autocontrole da criança ocorre na situação de brinquedo. Ela mostra o máximo de força de vontade quando renuncia a uma atração imediata do jogo (como, por exemplo, uma bala que, pelas regras, é proibido comer, uma vez que se trata de algo não comestível).

Aqui vemos a importância e o poder do brinquedo ao desenvolver “[...] aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade” (Vigotski, 1991, p. 67).

Ainda sobre ludicidade, não tenho como pensar nela e não a associar ao meu avô paterno, que acolhia todos os netos de coração aberto e sempre tinha algo comestível para nos oferecer, seja uma bolacha ou farinha d’água com rapadura. Tudo aquilo tinha um gosto especial. Quanto ao meu pai, tinha a prática de ir trabalhar no cercado e me levar junto dos meus irmãos para ajudar, fosse plantando, apanhando feijão ou limpando o cercado; depois do trabalho, a gente sentava embaixo dos coqueiros para tomar aquela água nos próprios cocos, dos quais ele ainda improvisava umas colheres para a gente comer a carne do coco.

Quanto à minha trajetória escolar, desde cedo tinha interesse em ir para a escola, enquanto minha mãe ficava receosa de me matricular. Não podia mensurar a minha alegria quando ela me matriculou e comecei a frequentar aquele espaço, percurso que fazia a pé com uma vizinha que também estudava lá. Minha mãe tinha apenas a 4ª série, o que era considerado muito na época, portanto sempre nos incentivou à vida escolar, ajudando

com os trabalhos de casa até onde pôde e dava aula de reforço para alguns primos.

Em um dado dia, na 3ª série, a professora falou que, além dos substantivos por ela apresentados, havia mais dois e quem soubesse quais eram iria ganhar dois pontos. Eu respondi: “Concreto e abstrato”, pois minha mãe já havia me ensinado. Vigotski (1991, p. 56) alertava para isso ao citar que “[...] qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”. Aqui se argumenta a favor de que a criança não vai à escola para ser preenchida, como já criticava Paulo Freire à educação bancária, mas ela já se encontra munida de alguns conhecimentos.

Na escola, logo me interessei em frequentar a biblioteca, ler livros, escolher títulos que me agradassem; em especial, lembro-me da satisfação de pegar para ler um dos livros dos contos dos Irmãos Grimm. Maravilhosa aquela sensação de cheiro de livro novo e aquelas imagens lhe conduzindo por todo aquele cenário narrado. Sempre gostei de ler e escrever. Certa vez, fui escolhida para representar minha turma fazendo uma leitura numa gincana do aniversário do município de Amon-tada, Ceará. Alguns colegas me viam como inteligente e gostavam de me pedir ajuda; sempre que possível, eu gostava de compartilhar o que sabia. Gostava também de jogar na quadra, não que eu fosse boa nisso.

Fui crescendo apaixonada por livros e leituras e, no percurso da escola, encontrei professoras que secretamente foram despertando em meu ser o amor por compartilhar conhecimentos, interagir com outras pessoas, socializar o que aprendi. Vou citar aquelas que, de algum modo, tocaram-me com sua arte de ensinar: professora

Aparecida, na 4ª série; professora Sheila, com seu inestimado amor à matemática; professora Elenir, que lecionava inglês; professora Silveli, apaixonada por Português; professora Diva, que lecionava Geografia e nos instigava sempre a participar de suas aulas, respondendo a algumas perguntas; são essas as professoras na minha etapa do Ensino Fundamental. No Ensino Médio, aprendi a ter uma relação de carinho com Química e Física com a professora Alcelita.

Depois de uma tentativa frustrante, cheguei ao Ensino Superior, no curso de Pedagogia, em que me deparei com algumas formas alternativas de ensinar e avaliar. As expressões artísticas da professora Ana Cristina; o jeito espontâneo que o professor Venâncio tinha de ensinar; as formas alternativas de avaliar do professor Alex, como no dia que pediu que a gente respondesse a umas questões e nos atribuisse a nossa própria nota, fichamentos, trabalho com a linha do tempo da História da Educação no Brasil, as relações que fazia das histórias de mitologia grega com educação; a professora Ana Luísa é outra referência para mim, além da professora Renata Maranhão, incentivando-nos a produzir fanzines. A professora Elívia me inspirou a fazer uma apresentação à luz de velas; a professora Rosa e, claro, meu querido professor Mirtiel, pessoa que tem um pacto com a educação, inspiram-nos com sua ética e suas metodologias bastante alternativas, incluindo autoavaliação.

Saio da universidade para trabalhar com crianças levando todas essas inspirações e outras mais na minha bagagem; deparo-me com profissionais da Educação Infantil incríveis, fontes das quais bebi e bebo até hoje. Tenho prazer em trabalhar e fazer parte desta instituição que é o Centro de Educação Infantil Nossa Senhora das

Graças, com essa equipe de profissionais exultantes com a Educação Infantil, em que compartilhamos muito da nossa prática. Na minha prática em Educação Infantil, gosto muito de trabalhar com movimentos. Sou apaixonada por psicomotricidade. Também aprecio a prática da musicalização.

Já trabalhando comecei a fazer pós-graduação em Educação Infantil, quando despertei para a importância do movimento com as crianças. “Ao movimentar o corpo e buscar soluções, a criança inventa brincadeiras e estratégias, assim constitui o seu eu, sua imaginação e seus pensamentos” (Modesto; Rubio, 2014, p. 4). Então vieram os filhos e eles me convidam cada dia mais à ludicidade. São meus mestres nessa arte. Um convite a cada dia para eu me reinventar, para eu ser uma melhor versão de mim. Como eles amam brincar, inclusive de faz de conta, as autoras Modesto e Rubio (2014, p. 6) destacam que:

Para Freud, o brincar reproduz os sentimentos da criança. Ela não brinca apenas para reproduzir situações e acontecimentos satisfatórios, mas também para expressar suas angústias, sendo em sua concepção o brincar uma representação da realidade.

Como se em cada fase da nossa vida fossem surgindo conhecimentos pertinentes, em estado de maternidade, sempre procuro conteúdos relevantes. Encontrei as escritoras e *youtubers* Isa Minatel e Carol Mezzy, que disseminam muitos conteúdos sobre a infância e sobre a importância de desenvolver vínculo com as crianças. Exercício em que, à medida que vamos nos doando e dando amor, também damos amor à nossa própria criança interior, trazendo-a à tona, permitindo-lhe vivenciar também esse lúdico.

Concluo dizendo que esse curso foi um presente e que presente maior ainda é a gente se permitir viver o lúdico que está na música, na dança, na natureza, no apreciar, em fazer cosquinhas, em uma infinidade de coisas que são tão simples de fazer, que nos tocam e nos fazem tão bem.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília, DF: MEC / SEF, 1998.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

NELSEN, J. *Disciplina positiva*. Tradução: Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Scheireier Suzyn. 3. ed. Barueri: Manole, 2015.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menha Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

34 A ARTE DE ENSINAR: UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU COM O FAZ DE CONTA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap34>

ARTENÍSIA BEZERRA CORPE

Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK) e em Letras - Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Educação Infantil pela Faculdade Ítalo Brasileiro (FIB). Professora da rede pública municipal de ensino de Itapipoca, Ceará.

E-mail: artensia.bezerra@gmail.com

Brincar de faz de conta, além de ser divertido, desperta na criança a criatividade, o imaginário e até mesmo transforma o fictício em realidade. Vigotsky (1991, p. 97) afirma que

[...] as atividades lúdicas são fontes de desenvolvimento proximal, pois a criança quando brinca demonstra e assume um comportamento mais desenvolvido do que aquele que tem na vida real, envolvendo-se por inteiro na brincadeira.

Nesse contexto, posso dizer que fui muito feliz em minhas brincadeiras e as explorei bastante, assim citei algumas que marcaram minha infância. Quem é que nunca brincou de pai, mãe e filho utilizando suas bonecas? Lembro-me perfeitamente das minhas bonecas de pano ou de sabugo de milho. Como sertaneja, com muito orgulho as melhores lembranças são do tempo de colheitas. A gente pegava os milhos ainda novos e os transformava em bonecas; fazíamos panelinhas de barro e assim íamos brincar de mãe e filha. Vindo de pais agricultores, desde criança procurei ajudá-los na medida do possível. Tenho lembranças das noites que meus pais chamavam os amigos que arrendavam a terra para o plantio a fim de debulhar feijão. Sentados em volta das sacadas de feijões, os adultos começavam a contar a famosa história de trancoso, era assim que chamávamos; como personagens, tinha o famoso Joãozinho.

As histórias “[...] são meios preciosos de ampliar os horizontes das crianças e aumenta seus conhecimentos em relação ao mundo que as cerca” (Ceará, 2011, p. 52). Diante das contações, eu viajava na imaginação; parecia tudo tão real. Quando terminava todo o processo de separação do grão da casca de feijão, surgia a hora mais esperada, pois nesse momento os adultos seguiam para tomar café ou comer milho cozido; enquanto isso, as crianças iam brincar. Percebe-se que a ludicidade, de acordo com Luckesi (2014, p. 18), “[...] pode-se fazer presente em todas as fases da vida”. Era assim que as brincadeiras se faziam presentes em minha infância e não há como esquecer-las. Queria que tudo voltasse novamente.

Entre as brincadeiras que eu explorava bastante, destaco aqui: o pula corda, essa diversão vale para uma ou várias crianças. No caso de dupla, é só amarrar uma das pontas da corda num lugar. Uma bate para que a outra pule. Quando o grupo é maior, duas pessoas batem. A gente contava quantas vezes conseguia pular, depois tinha até uma música: “O homem bateu em minha porta e eu abri / senhoras e senhores põe a mão no chão / senhoras e senhores pule de um pé só / senhoras e senhores dê uma rodadinha e vá pro meio da rua”. Ganhava quem pulasse mais vezes. Outra brincadeira era a boca de forno, em que era escolhido o mestre responsável por propor os desafios: “boca de forno, forno, jacarandá, já, quando eu mandar, vou...”, e assim a gente escondia o chinelo de uma criança ou corria de um cajueiro para o outro; o último que chegasse levaria o castigo. Na brincadeira de sete pecados, formava-se um círculo, um dos participantes jogava a bola para o alto e dizia o nome de outro colega; detalhe: a bola era confeccionada por nós mesmos,

conhecida como bola de meia. Aquele que fosse chamado correria para pegá-la, enquanto os demais se espalhavam. Quando ele alcançava a bola, todos paravam. Então, dava sete passos e tentava acertar quem estivesse mais próximo. Se conseguisse, o atingido pegaria a bola e jogava mais uma vez na criança. Só então recomeçava a brincadeira. Por fim, quem tivesse sete pecados, ou seja, fosse acertado sete vezes, teria que pagar a prenda.

Dessa forma, de acordo com Almeida (2014, p. 23), “[...] o brincar é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como uma diversão ou para passar o tempo”. É através da brincadeira que a criança desenvolve a imaginação, a atenção, a concentração e o espírito competidor e aprende regras e limites. É no brincar que a criança expressa seus sentimentos, pensamentos e fantasias, aprende a respeitar o espaço do outro e começa a construir sua própria história. É dessas brincadeiras que sinto saudades; que atualmente ficaram esquecidas para muitos. As crianças perderam o encanto pelas brincadeiras tradicionais. O uso da tecnologia vem ganhando espaço e o brinquedo eletrônico, na minha percepção, é o grande “vilão” da história. Os momentos livres das crianças em suas casas estão cada vez mais limitados ou substituídos pelos jogos eletrônicos, televisão, celular ou outras mídias.

Reis e Rodrigues (2018, p. 32) afirmam que:

[...] temos a sensação de estranhamento, pois nesse tipo de uso estão presentes o lúdico, a brincadeira e o corpo numa evidência de subordinação do sujeito à máquina e de reconfiguração do brincar tendo o corpo sentado e o silêncio como marcas dominantes das formas de controle.

Assim, o avanço da tecnologia deveria ser algo a ser somado, um complemento, e não a substituição. As crianças perderam o gosto em brincar livremente. Na própria rotina dos pais, o trabalho contribui para que isso aconteça. Deve-se limitar o tempo das crianças na frente da tela, pois pode gerar a inércia e a inatividade, e o corpo da gente, em especial da criança, é para o movimento. Movimentando-se, explorando, pegando, testando, ela vai descobrindo o mundo. Nesse caso, cabe a nós, professores, resgatar essa cultura lúdica. Nosso papel de mediadores está em construir pontes entre essa cultura lúdica de brincadeiras livres.

A brincadeira do faz de conta também fez parte da minha infância. As autoras Schapper, Santos e Cardoso destacam que, para Vigotsky (1930/1987), na atividade criadora, a imaginação e a realidade, imbricando-se, estabelecem uma relação dialética, que possibilita a transformação do homem na sua relação no/com o mundo.

Sobre minha vida escolar, desde cedo tinha interesse em estudar, aliás o que mais eu queria era trabalhar para ajudar meus pais, pois comecei a me interessar pela escola de tanto ouvi-los falarem que precisava estudar para conseguir um bom emprego. Sou do tempo da Legião Brasileira de Assistência (LBA), na qual lembro da música: “Subi na goiabeira, fiz uma gangorra / num galho bem bonito pra me balançar / chegando lá em cima toca a campainha / a tia tá chamando para merendar / diz que já vou tra lá lá lá lá”. Lembro-me de cada detalhe da música, pois nela eu viajava no mundo da imaginação. De acordo com Ceará (2011, p. 78), “[...] as possibilidades expressivas das crianças podem ser enriquecidas pela participação delas desde pequenas”. Então, seja através da

música ou das brincadeiras, as crianças podem ampliar seu repertório musical, desenvolver a linguagem oral e socializar-se com o meio em que vivem.

Ao chegar na alfabetização, tive o prazer de ter como professora a minha madrinha e com ela aprendi o básico da leitura. Foi a partir desse momento que me apaixonei pela escola, pela arte de ensinar e minha brincadeira predileta era o faz de conta. Reunia meus primos e minhas irmãs debaixo de uma carroça, pegava carvão, muitas vezes pegava as pontas de giz que sobravam na escola e fazia da carroça uma lousa. Achava tão elegante ensinar escrevendo na lousa improvisada. Outra pessoa não poderia exercer a função de professora, somente eu. Fui crescendo e não tenho palavras para expressar o sentimento que tive na 4ª série, quando a professora me chamou para ir à casa dela para ajudá-la a preencher as presenças e as faltas no diário. Ela ensinava pela manhã e pela tarde; já estava se aproximando o final de ano quando os diários chegaram. Foi ali que descobri realmente o que eu queria ser quando crescesse.

Com o passar do tempo, nas 6ª e 7ª séries, as aulas eram transmitidas pela televisão; sempre que eu descobria uma regra de matemática, adorava ir para a lousa explicá-la para os demais colegas. Foi então que veio a frustração de minha vida: como o Ensino Médio era em Itapipoca, Ceará (CE), e eu morava no interior, não tinha uma bicicleta para fazer o deslocamento, foi aí que minha mãe falou com meu tio para ir estudar em Fortaleza/CE. Foi uma experiência desagradável, porém serviu de aprendizagem. Sofri, mas venci.

Ingressei no pedagógico e, com muita dificuldade financeira, conclui o Ensino Médio. O sonho de cursar

uma faculdade foi adiado, pois meu único desejo era voltar para a minha terra. Casada, comecei a cursar Biologia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Escolhi esse curso por achar que terminava mais rápido. A oportunidade de emprego estava longe de chegar. O sonho de ser professora cada dia ficava mais distante, pois precisava de uma indicação.

Foi aí que surgiu uma oportunidade em um interior distante, que no inverno ficava impossibilitada de chegar até a escola. Não medi esforços, o sonho então se aproximava. Era uma escola com duas salas de aula, funcionando com multisseriado. Pela manhã, era Creche, Pré I e Pré II; pela tarde, 3º, 4º e 5º anos. Foi uma experiência feliz e, ao mesmo tempo, desafiadora. A escola estava parada havia meses devido à falta de professor, justamente pela situação precária das estradas ocasionada pelo inverno. Sem experiência de sala de aula, muito menos em uma sala multisseriado, procurei dar o meu melhor, embora com algumas falhas que descobri somente após a experiência no Centro de Educação Infantil (CEI) Nossa Senhora das Graças.

Foi então que cheguei ao CEI Nossa Senhora das Graças, uma verdadeira escola de Ensino Infantil, riquíssima de aprendizagens. Foi nela que aprendi que, por meio das atividades lúdicas e da brincadeira, a criança atua simbolicamente nas diferentes situações vivenciadas por ela, construindo sua própria identidade e autonomia. Vale ressaltar que, por falta de carência em minha área acadêmica, por eu ter cursado o pedagógico, ofereceram-me trabalhar na Educação Infantil. De imediato, apaixonei-me e procurei logo uma extensão em Pedagogia; fiz uma pós-graduação na Educação Infantil,

pois não tinha interesse nenhum em trabalhar na área de Ciências.

O primeiro ano foi difícil; aprendi e continuo aprendendo com minhas colegas de trabalho e aqui menciono Kelly Lemes, uma verdadeira amante da Educação Infantil. Com ela, tive o gosto, o prazer, em pesquisar e aprofundar sobre o cuidar e o educar, pois a Educação Infantil deve ser entendida como espaço de escuta, interação e cuidado. Em minha prática na Educação Infantil, vejo como desafio resgatar o gosto pelas brincadeiras tradicionais. Procuro incluir em minhas aulas atividades que fazem parte desse momento, como as brincadeiras de roda, a musicalidade, o faz de conta, enfim a ludicidade, partindo da realidade do próprio aluno. Ainda sobre o faz de conta, posso dizer que sou a prova viva de que tem uma fundamental importância na vida de uma criança.

Já defende Wadley (2009) que, quando você me vê sentada numa cadeira, lendo para uma plateia imaginária, por favor não ria e pense que eu estou apenas brincando, porque enquanto brinco estou aprendendo, assim destaca o autor. “Eu posso ser um professor algum dia”, e foi assim que aconteceu comigo. Com o que parecia ser uma simples brincadeira de faz de conta, porém rica de significados, experiências e simbolismo, já descobria o que eu queria exercer, já antecipava a minha profissão em minhas vivências de faz de conta. Posso dizer que sou grata o suficiente, com muito orgulho em dizer: “Sou professor de Educação Infantil”. Por isso, dedico-me ao máximo para explorar esse campo de aprendizagem a partir da realidade de cada um, da necessidade, planejar minhas aulas.

As afirmações de Miranda (2010, p. 106) alegam:

[...] que a construção da autoestima relaciona-se também com a intensidade e a qualidade das interações com o meio social (respeitadas a dinamicidade e a mutabilidade permanente do ambiente).

O professor de Educação Infantil exerce, portanto, um papel importante no desenvolvimento social das crianças e na difusão de conhecimentos. Para finalizar, o começo de muitas histórias que ainda há de vir na escola em que trabalho, o projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologia de Pesquisa em Educação (Nedimpe) muito contribuiu para a minha formação lúdica. Foi um presente para mim, pois proporcionou-me uma viagem na minha infância, fez-me emocionar-me novamente, sentir saudades de reviver tudo aquilo que um dia vivi. Apesar do momento histórico por que estamos passando devido a essa pandemia, afirmo que não está sendo fácil conciliar os momentos de dona de casa, ajudar as tarefas escolares dos filhos e exercer a função de professora.

Confesso que cogitar desistir desse curso veio diversas vezes na minha mente devido às dificuldades existentes e aos problemas de saúde enfrentados pela família, porém, com o incentivo do idealizador deste projeto, o professor Mirtiel Frankson, por quem nutro uma enorme gratidão, fica registrado aqui o meu agradecimento a ele e a todos os envolvidos nesse projeto de fundamental importância.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014. v. 1.

CEARÁ. *Orientações Curriculares para a Educação Infantil*. Fortaleza: Seduc, 2011.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

MIRANDA, S. S. *Afetividade da criança*. Fortaleza: Imeph, 2010.

REIS, M.; RODRIGUES, R. Ludicidade, conhecimento e corpo. *Em Aberto*, Brasília, DF, v. 31, n. 102, p. 23-36, 2018.

SCHAPPER, I.; SANTOS, N. A.; CARDOSO, M. D. R. *A brincadeira de faz de conta e da (re)invenção do real*: itinerários investigativos do grupo de pesquisas. Fortaleza: UECE, 2021.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WADLEY, A. Apenas brincando. *Infantilidades*, [S.l.], 29 jun. 2009. Disponível em: <http://infantilidades.wordpress.com/2009/06/29/apenas-brincando/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

35 AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA MINHA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap35>

BENEDITA GOMES DA SILVA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Terra do Nordeste (Fatene), em Gestão Ambiental também pela Fatene e em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar pelo Centro Universitário (Uninta). Foi professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), projeto Pibid Alfabetização (2020-2022), na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE. É professora da escola Maria Dalva Barbosa de Azevedo, na rede pública municipal de ensino de Itapipoca – Ceará, exercendo atualmente a função de coordenadora pedagógica nessa instituição.

E-mail: bene.stsilva@gmail.com

Pipa, pique-esconde, amarelinha, pula corda, pular de elástico, casinhas, pedrinhas, pique-bandeira, brincadeiras que nos remetem à nossa própria infância e também nos levam a refletir sobre a criança contemporânea: de que as crianças brincam hoje? Como e com quem brincam? De que forma o mundo contemporâneo, marcado por falta de espaço nas grandes cidades, pela pressa, pela influência da mídia, pelo consumismo e pela violência, reflete-se nas brincadeiras? As brincadeiras no meu tempo de infância estão presentes na vida das crianças de hoje? Refletindo, percebo que muitas coisas mudaram do meu tempo de criança, comparado com o mundo atual em que estamos vivendo. São tantas mudanças, a tecnologia evolui a cada dia, surgem novas descobertas, até o modo de brincar já não é mais o mesmo, na verdade tudo mudou e continua mudando cada vez mais.

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passado, presente e futuro, sendo marcada, ao mesmo tempo, pela continuidade e pela mudança no brincar. No entanto, as brincadeiras do meu tempo não são as mesmas do mundo contemporâneo.

Ao observarmos as crianças e os adolescentes de nossas escolas brincando, podemos conhecê-los melhor, ultrapassando os muros da escola, pois uma parte de seus mundos e experiências revela-se nas ações e significados que constroem nas suas brincadeiras. Isso porque o processo de brincar referên-

cia-se naquilo que os sujeitos conhecem e vivenciam (Brasil, 2006, p. 35).

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação e criatividade. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, utilização e experimentação de regra e papéis sociais. De acordo com Vigotsky (1987, p. 37):

[...] o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Em meio à correria do cotidiano e afazeres domésticos e profissionais, lembro-me de algo muito importante. Quando somos crianças, queremos ser adultos, pois, na nossa sábia inocência, é muito bom ser grande, porque imaginamos que podemos fazer tudo, no entanto não é bem assim. Finalmente quando crescemos, percebemos que, na verdade, ser grande não é tão simples como imaginávamos; é mais complicado do que se possa imaginar. Muitas vezes, quando paro um pouco da correria, lembro-me da minha infância, quando queria ser grande. E agora, depois de grande, percebo que o bom mesmo é ser criança.

Ser criança é pura inocência. É alegria que contagia por onde passa. Mas, quando paro um pouco, vêm à minha lembrança as brincadeiras de criança, como era divertido pular corda, pular elástico, brincar de pedras, de pique-esconde e bandeirantes, pedrinhas; era pura diversão. Percebo, com o passar do tempo, que não se vê mais o brincar de antigamente. Hoje o brincar significa estar parado em frente a uma tela, seja de celular, *tablet*, computador ou televisão, sem contato com ninguém. O brincar de antes era mais alegre, divertido e contagiante, pois mantínhamos contato com outras crianças. O bom do brincar é se divertir ao lado de outras pessoas. “Brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la” (Brasil, 1998, p. 22).

É importante ressaltar que a brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura. O brincar envolve várias aprendizagens. Diante desse lapso de memória, bate a saudade da época de minha infância. Hoje percebo o quanto as crianças não brincam de verdade. Esse brincar contribuiu para a minha vida como pessoa e como profissional, enquanto professora. O brincar mesmo aconteceu no meu cotidiano junto de minha família, amigos, vizinhos e primos/as.

No período escolar, não tenho lembranças da presença do lúdico ou do brincar na sala de aula. A aula era apenas conteúdo. Iniciei minha prática sendo professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA); logo em seguida, fui ajudante de uma sala de Infantil de crianças de 3 anos de idade e, no ano seguinte, comecei como

professora titular do Infantil V, cada aula com objetivos para serem alcançados, ou seja, conhecimentos e aprendizagens. Na aula de Português, eram cantigas, músicas, movimentos, letras, sílabas, textos e palavras que iam se transformando em aprendizagem, em conhecimentos e descobertas. Na Matemática, números, formas, palitos, pirulitos, tampinhas se transformavam em conteúdos diversificados.

A imaginação, constitutiva do brincar e do processo de humanização dos homens, é um importante processo psicológico, iniciado na infância, que permite aos sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo. Combinada com uma ação performativa construída por gestos, movimentos, formas de dizer, roupas, cenários, etc., a imaginação estabelece o plano do brincar, do fazer de conta, da criação de uma realidade fingida (Brasil, 2006, p. 36).

No decorrer do ano, você vai conseguindo ver os verdadeiros resultados, como também a opinião de alguns pais, que, no início do ano, criticam a Educação Infantil alegando ser apenas brincadeiras e que as crianças não vão aprender nada. No entanto, durante o decorrer do ano, alguns pais reconhecem que estavam errados quanto à sua opinião.

Na verdade, toda brincadeira tem objetivos para serem alcançados. O brincar supõe também, nesse sentido, o aprendizado de uma forma particular de relação com o mundo, marcada pelo distanciamento da realidade e da vida comum, ainda que nela referenciada. O brincar, frente a isso, faz parte da vida, sendo uma das formas básicas de o ser humano se confrontar com o meio em que vive (Almeida, 2014).

Como professora da Educação Infantil, aprendi muito, adquirindo conhecimentos que carrego comigo. O lúdico não pode acontecer apenas na Educação Infantil, mas em toda a formação estudantil. Com uma aula apresentada com o lúdico, o aluno assimila melhor, aprende e nem percebe as horas passarem, pois há uma maior interação entre alunos e professor. Nesse contexto de interação, aprende-se mais com a troca de ideias e opiniões.

Ressaltando ainda minha experiência na Educação Infantil, fantasiei-me de personagens como Chapeuzinho Vermelho, fada, bruxa, flor, dentre outros. Brinquei com meus alunos de corda, amarelinha, pique-esconde, corrida de saco, entre outras ações. O encanto e a magia da Educação Infantil fazem todas as crianças gostarem de participar e interagir umas com as outras em atividades lúdicas, elas se encantam e se divertem ao mesmo tempo, seja na contação de história, no jogo, no desafio ou nas brincadeiras.

O brincar envolve, portanto, complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia.

Por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis como se encontra uma rica possibilidade de incentivar o seu desenvolvimento (Friedmann, 2012, p. 45).

Já na minha formação acadêmica, geralmente as aulas eram apresentadas através de seminário ou apresentação teatral. Sempre participava de um grupo que tinha um colega que fazia teatro, tornando tudo muito divertido e descontraído. Atualmente sou professora do 2º ano, um tanto desafiador, por outro lado continuo in-

serindo o lúdico nas aulas. Nesta etapa, há um momento em que se intensificam muito os desafios quando se aproxima o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaece), além de uma competição saudável entre os alunos de jogos, brincadeiras, circuitos envolvendo conteúdos temáticos das aulas. É uma forma de preparar nossos discentes para a realização de uma prova em que há uma temática dos conteúdos em que ele participou das brincadeiras, jogos, desafios; onde o estudante brincou, divertiu-se e aprendeu alguma coisa do conteúdo que foi passado ao longo do ano.

Podemos afirmar, a partir dessas reflexões, que o brincar é um espaço de apropriação e constituição pelas crianças de conhecimentos e habilidades no âmbito da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade e que esses conhecimentos se tecem nas narrativas do dia a dia, constituindo os sujeitos e a base para muitas aprendizagens e situações em que são necessários o distanciamento da realidade cotidiana, o pensar sobre o mundo e o interpretá-lo de novas formas, bem como o desenvolvimento conjunto de ações coordenadas em torno de um fio condutor comum (Brasil, 2006, p. 39).

A aprendizagem através do lúdico, seja através de jogos, brincadeiras e dinâmicas, colabora no desempenho e desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Vou citar como exemplo o ensino da Matemática: quando se trata do uso dos números, códigos ou símbolos, os alunos tendem a apresentar dificuldades no entendimento dos cálculos. No entanto, quando são atribuídas imagens ao número, ou seja, a representação, o discente tende a assimilar mais rapidamente o conteúdo; o trabalho com o concreto torna mais fácil o processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que nem todos os alunos vão aprender ou assimilar tudo ao mesmo tempo; há um desenvolvimento exclusivo de aprendizagem para cada um. Cada discente é único com sua forma e jeito de aprender, ou seja, cabe ao professor descobrir de que maneira o seu aluno aprende e assimila o que ele quer transmitir com sua aula, pois é o professor que deve encontrar meios ou caminhos para tornar a aula atrativa. Assim:

Segundo Vygotsky, a escola pensa a criança e planeja o ensino de forma retrospectiva por considerar, como condição para a aprendizagem, o nível de desenvolvimento já conquistado pela criança. No seu entender, a escola deveria inverter esse raciocínio e pensar o ensino das possibilidades que o aprendizado já obtido traz. O bom ensino é aquele que se volta para as funções psicológicas emergentes, potenciais, e pode ser facilmente estimulado pelo contato com os seus colegas que já aprenderam determinado conteúdo (Bock; Furtado; Teixeira, 1999, p. 125).

No entanto, nem toda aula espetacular vai ser incrível, muitas vezes planejamos uma aula maravilhosa para nossos alunos, mas nem sempre vai surtir o efeito desejado para eles, porque cada um tem sua singularidade. O espetacular é saber que aquela aula que você preparou foi planejada pensando em cada aluno. Caso a aula não saia como imaginou, vamos acreditar que a próxima vai dar certo ou será melhor. O brincar, portanto, é uma experiência de cultura e um complexo processo interativo e reflexivo que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo. O brincar contém o mundo e, ao mesmo tempo, contribui para expressá-lo, pensá-lo e recriá-lo. Dessa forma, amplia os conhecimentos da criança sobre si mesma e sobre a rea-

lidade ao seu redor, ou seja, a brincadeira é um lugar de construção de culturas fundadas nas interações com os semelhantes.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014.

BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologias*. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos*. Brasília, DF: FNDE, 2006.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a Educação infantil / Formação Pessoal e Social*. Brasília, DF: MEC/SEE, 1998.

FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. (Cotidiano escolar: ação docente).

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

36 O LÚDICO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap36>

CLAUDIANE ALENCAR GOMES

Licenciada em Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Alfabetização e Letramento pela Primus Cursos Acadêmicos (Primus) e especialização em andamento em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Faculdade do Sertão Central (Fasec). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental no Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo (Cemmva), instituição da rede municipal de ensino de Itapipoca – Ceará.

E-mail: claudianealenk@gmail.com



E escrever um memorial sobre minha trajetória lúdica muito me inspirou e me exigiu uma ação complexa de rememorar e relembrar fatos de minha vida que me levaram a refletir sobre mim mesma e sobre minha formação docente. Segundo Bergamaschi e Almeida (2013, p. 21), “[...] a memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer, a um só tempo, e estes são produzidos socialmente [...]”. A memória, portanto, exerce influência sobre a história de cada pessoa, seja individual ou coletiva, de maneira significativa ou não.

Sou Claudiane Alencar Gomes, nasci em uma manhã do dia 23 de maio de 1969, dois meses antes do primeiro humano a pisar na superfície lunar. Sempre achei o máximo ter nascido em um ano que o homem deu um passo gigante para a humanidade. Enfim, sentimentos à parte, continuemos com nossa narrativa, ambientada numa localidade da zona rural de Itapipoca, Ceará (CE), denominada Lagoa do Juá, na qual recordo momentos únicos vividos de maneira simples, mas cheios de amor.

Minha primeira infância foi cheia de momentos lúdicos e encantos. Tudo era motivo para se transformar em brincadeiras. Ainda me lembro de uma simples brincadeira de casinha embaixo de uma moita de mufumbo, uma planta nativa da região, em que eu, minhas irmãs e primas nos tornávamos donas de casa, mães de bonecas de sabugo, e brincávamos fazendo comidinhas com matinhos, pedrinhas e melões que eram transformados

em galinhas, bois e cabras. Naturalmente, o faz de conta infantil é o alimento mais saboroso que podíamos imaginar. Viajávamos na imaginação imitando os adultos e a maioria das brincadeiras acontecia embaixo das árvores ou na casa de farinha dentro dos tanques de lavar goma, onde cada uma de nós desempenhava um papel no seu imaginário. Frente a isso, a imaginação estabelece o plano do brincar, do faz de conta, da criação de uma realidade “fingida” (Vygotsky, 1987). O autor defende que, nesse novo plano de pensamento, ação, expressão e comunicação, novos significados são elaborados, novos papéis sociais e ações sobre o mundo são desenhados, bem como novas regras e relações entre os objetos e os sujeitos, e dessas entre si são instituídas. É assim que as árvores se tornam casinhas, melões e pedrinhas em comidinhas, crianças em adultos, etc.

Ao passo que fomos crescendo, meus pais, apesar de nenhuma formação, sempre nos incentivaram a estudar. Nesse período morando nessa localidade, estudei com duas professoras, uma de quem não me recordo o nome, que todas as tardes ia para a minha casa nos ensinar a ler. A primeira usava palmatória quando não acertávamos as letras do alfabeto que eram perguntadas sempre da mesma forma: ela fazia um furo em um pedaço de papel e o colocava em cima da letra que tínhamos que acertar. Se não acertasse, era palmatória na mão sem pena e compaixão. Não adiantava chorar. Mesmo meus pais sabendo disso, não faziam nada, aliás o instrumento de tortura era guardado em minha casa, que, em certa ocasião, nos juntamos para dar-lhe um fim, porém não tivemos coragem. Tinha dó de minha irmã e de minha prima, que, apesar de serem mais velhas do que eu, ti-

nham dificuldades para decorar as letras. E era isto o que fazíamos: decorar as letras tão pouquinhas, mas, ao mesmo tempo, tão difíceis.

A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente, a pré-escola poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situação para atuar no processo de desenvolvimento das crianças (Oliveira, 1988, p. 67).

Minha segunda professora chamava-se Neucimar Carneiro, a mais bela, a mais inteligente, a mais doce de todas. Como já tínhamos aprendido as letras, chegou a vez de estudar na cartilha, então fomos estudar na casa dessa professora. Apesar da minha pouca idade na época, lembro muito bem que ela não usava palmatória, fazia leitura dos textos da cartilha e também de cordéis, adivinhas, cantava, e isso me encantava, aflorando o desejo de aprender a ler; o meu encanto por ela só aumentava.

Algumas vezes, para agradar a professora Neucimar, tão querida por nós, eu e minha irmã levávamos uns presentinhos para ela. Tirávamos da “bodega” do papai, que era assim chamado o pequeno comércio que ele tinha. Os mimos eram caixinhas de giletes e sabonetes simples, mas eram ofertados com muito carinho, presentes esses que logo foram descobertos pelo meu pai, pois a nossa prima, para agradar os meus pais, delatou-nos. Não precisa falar o que aconteceu, porém a prima teve sua recompensa no caminho da escola. E nós, pelo delito praticado contra a parenta, fomos castigadas a ficar quase uma tarde toda ajoelhadas em cima de caroços de milho.

O método de alfabetização é uma expressão que pode designar: um método específico, como o silábico, o fônico, o global; um livro didático de alfabetização proposto por algum autor; um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizam o trabalho pedagógico em torno da alfabetização, filiado ou não a uma vertente teórica explícita ou única; um conjunto de saberes práticos ou de princípios organizadores do processo de alfabetização, criados ou recriados pela alfabetização, filiado ou não a uma vertente teórica explícita ou única; um conjunto de saberes práticos ou de princípios organizadores do processo de alfabetização, criados ou recriados pelo professor em seu trabalho pedagógico (Frade, 2005, p. 35).

Embora com seus métodos tradicionais que eram os da época, as duas tentavam da melhor forma atingir seus objetivos, que era nos ensinar a ler e escrever, e conseguiram, pois, quando nos mudamos para morar em Itapipoca, Ceará, já sabíamos realizar leitura. Minha primeira escola de fato foi a escola de primeiro grau Anastácio Alves Braga, como na época era chamada. Um mundo totalmente novo, novas amizades, novas professoras, metodologias nem tanto, mas tinha uma verdadeira admiração por todas elas, independentemente de seus temperamentos. Muitas vezes, fazia questão de sair no fim da aula ao lado de uma delas levando seus livros, a dona Maura, isso no 3º ano, porque, no ano seguinte, faria o mesmo, desta vez com dona Emília. Aquele gesto para mim tinha um grande significado, pois todos achavam que eu era a queridinha da professora.

Nessa época, lembro-me das arguições de Matemática, em que estudávamos a tabuada, para, no outro dia, a professora chamar-nos ao birô, no qual tínhamos que

responder a tudo o que era perguntado. Outra metodologia era uma disputa de conhecimentos matemáticos, se é assim que posso chamar. A professora Emídia dividia a turma em dois grupos; dois alunos tiravam par ou ímpar para saber quem primeiro perguntava e dava-se assim o início de uma aula lúdica. Era o lúdico da época e eu amava, pois não queria perder para ninguém.

Quando tinha meus 10 anos, meu pai ganhou duas bolsas de estudo; fui estudar na escola centro educacional Cenecista Pio XII, em uma sala à noite junto com adultos; simplesmente odiei. Meu “lúdico” era andar em uma bicicleta emprestada na quadra da escola. Estudei ali 5ª e 6ª séries, assim chamadas na época, com muita insistência minha; mamãe pediu a transferência para a escola de primeiro grau Doutor Geraldo Gomes de Azevedo, onde estudei até a 8ª série. Outra realidade: participava de dramatizações, disputas de paródias, jogos, escrita de cordéis, simplesmente adorava.

Através das atividades lúdicas, de acordo com Luckesi (2000, p. 21), pode-se auxiliar o educando a ir para o centro de si mesmo, para a sua confiança interna e externa. Não é difícil, tratando-se de algo especial o ato de estimulá-lo à ação, como também ao pensar. Lembro-me que nesse período minha vida era limpar a casa em que morávamos, ouvir música e copiá-las para aprender; adorava cantar. Pensa que era fácil copiar as minhas preferidas? Que nada! Enquanto limpava a casa, tinha um radinho que levava a cada cômodo limpo e, toda vez que a música tocava no rádio, parava de limpar e copiava o que conseguia naquele momento. Assim levava a manhã quase toda para limpar todos os cômodos, e assim vivia minha adolescência na maior felicidade.

Outra coisa significativa de minha adolescência foram as leituras dos romances da Sabrina, que uma de minhas colegas de escola me apresentou. Simplesmente me apaixonei; essas leituras despertaram em mim o desejo de escrever novelas. Papai, então, teve que comprar mais cadernos de 96 folhas e 200 folhas para mim, pensando que era para fazer trabalhos da escola. Detalhe: o meu maior prazer era mostrar esses escritos para a minha professora Edioneida Sousa e saber que ela lia, pois ela fazia algumas correções.

[...] quanto mais as crianças puderem vivenciar atividades que possibilitem a expressividade da sua afetividade, quanto mais elas puderem ser acolhidas na sua espontaneidade e compreendidas na sua comunicação psicocorporal, tanto mais elas poderão entrar em contato com a ludicidade. Desse modo, estaremos contribuindo para o desenvolvimento integrado do ser, que convive, conhece o mundo e tem muito do que precisa para ser feliz: pensamento próprio e criativo; sentimentos sinceros e de autoconfiança; conhecimento de si mesmo e autonomia para dirigir a sua caminhada na vida pautada em respeito, colaboração e confiança (Bacelar, 2009, p. 55).

Quando concluí o Ensino Fundamental I, fui para a escola estadual Joaquim Magalhães, onde estudei até o quarto pedagógico. Estudei com professores ótimos, marcantes, como a professora Meirícia; Angela; Paulo Primo, irmão da minha querida dona Maura, lá do 3º ano fundamental; Davino, com seu violão e seu teclado nas aulas de Artes; e, claro, a professora Graça Camelo, com suas aulas de Estágio Supervisionado. Foi nos estágios que descobri que poderia me tornar uma professora.

Minha vida, porém, tomou rumos diferentes. Fui trabalhar no comércio, onde passei longos 13 anos, até que surgiu um concurso para ser professora do município de Itapipoca/CE. Sem muita esperança de passar, por achar que estava muito tempo sem estudar, fiz minha inscrição. Resultado: passei! Assumi no ano de 2003 oficialmente na escola Joaquim Manoel Marques, na localidade de Sítio do Meio – Barrento, nas turmas de 5º, 6º e 7º anos com muita vontade, “com todo o gás”. Inclusive, alguns colegas retrucavam, às vezes, em tom de ironia, “quero ver daqui a alguns anos”. Fiquei até o ano de 2008; pedi transferência para uma escola próxima de minha casa, escola de educação básica João Idálio Teixeira.

Atuando como professora, fui aprovada na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Passei a estudar no período das férias; não foi fácil, mas consegui me formar. Poucos foram os momentos de ludicidade vividos na formação acadêmica. Freire (1996, p. 39) ressalta que: “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática”.

No ano de 2011, já formada pela UVA, passei no segundo concurso, dessa vez, fui lotada na escola Pedro Teixeira Barroso, nas turmas de 6º e 7º anos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Reforço para completar a carga horária. Sempre optei pelas metodologias lúdicas, em que fui melhorando a cada dia através das formações dadas pela Secretaria da Educação do município, em que, no Projeto Mais Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), fazemos uso constante do lúdico. “O lúdico servirá de suporte na formação do educador, como objetivo

de contribuir na sua reflexão-ação-reflexão, buscando dialetizar teoria e prática, portanto reconstruindo a práxis” (Santos, 2007, p. 41).

No ano de 2012, fui convidada para participar de um projeto da Secretaria da Educação como formadora do município juntamente com outras professoras alfabetizadoras. Retornei para a sala de aula somente no ano de 2016, desde então, atuando em turmas de 2º ano. Atualmente estou lotada no centro educacional Maria Magalhães Viana.

No ano de 2020, com a chegada da Covid-19, também chamada de novo coronavírus, um novo e grande desafio surgiu para as escolas. Pais, alunos e professores e toda a comunidade escolar tiveram que se adaptar a esse novo contexto. Como diz Freire (1996, p. 30): “[...] o mundo não é. O mundo está sendo”. Se o mundo está em constante mudança, cabe às instituições e aos educadores se adequarem a essa nova realidade, e o uso da ludicidade através de jogos e brincadeiras é um forte aliado para as novas metodologias que os professores estão adotando.

Como sou professora desses novos tempos, também tive que me reinventar, com novas estratégias de ensino, tais como aulas por videochamadas, vídeos gravados, formulários disponibilizados por redes sociais e aplicativos, atividades impressas entregues aos responsáveis dos educandos, jogos e atividades práticas, entre outras. Inclusive, criei uma página no YouTube para facilitar essas aulas.

O professor precisa oferecer atividades que eles consigam mediar a distância e contar com a ajuda de pais e responsáveis para contribuir na sua realização. Para esse fim, a ludicidade, que já é presente na sala de

aula, faz-se indispensável para as aulas remotas. É fundamental adaptar-se às situações que surgem, buscando sempre promover uma educação com qualidade, que busque ajudar na construção integral do aluno como ser ativo de seu próprio conhecimento.

Referências

BACELAR, V. L. E. Jean Piaget e André Lapierre: como ajudam a compreender sobre o desenvolvimento infantil. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 33-58.

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memórias escolares e processos de iniciação à docência. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013.

FRADE, I. C. A. S. *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: Caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, C. C. (org.). *Educação e ludicidade*. Salvador: UFBA, 2000.

OLIVEIRA, M. K. O. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1988.

SANTOS, M. P. S. (org.). *O lúdico na formação do educador*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

37 RECORDANDO E BRINCANDO COM O TEMPO: ALEGRIAS DO PASSADO BEM VIVAS NO PRESENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap37>

CYNTHIA FONTENELE LUZ

Graduada no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), e pós-graduada em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio pelo IEducare. Professora contratada da rede municipal de Itapipoca, Ceará. Integrante do curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”.

E-mail: cynthiafl@gmail.com

Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida, / Que os anos não trazem mais [...] (Casimiro de Abreu, 1839/1860).

Ao resgatar as minhas memórias afetivas de infância relacionadas ao lúdico, não poderia deixar de citar Casimiro de Abreu em um de seus belíssimos poemas que compunha uma leitura de meu livro escolar no ensino fundamental intitulado “Meus oito anos”. Ao ouvir a leitura desses versos na doce voz de minha professora, logo me encantei. Fazer referência a ele neste resgate é como fechar os olhos e voltar no tempo, como foi muito bem citado pelo autor, “minha infância querida”.

Por anos, questionava minha mãe sobre o motivo de ter me colocado na escola somente com 5 anos de idade; achava injusto pelo fato de ter sido uma criança tímida, pois percebi que meus coleguinhas de sala tinham mais familiaridade em cada espaço escolar, ao passo que para mim não era. Na verdade, o que os tornava mais íntimos e entrosados era o fato de terem entrado mais cedo do que eu na escola, ou seja, dois anos antes, na salinha de maternal. Lógico que esses questionamentos não surgiram imediatamente ao ingressar na escola, afloraram mais tarde, em anos subsequentes, pois, até então,

eu, uma criança de 5 anos, não tinha maturidade psicológica; o que eu sabia era meu cantinho na sala, admirando minha professora, aguardando ansiosa as tarefinhas, a hora do recreio (a melhor hora) e a fila para lavar as mãos sempre ao comando da tia (professora).

Na hora do intervalo, corríamos para o pátio da escola, onde fazíamos uma grande roda, o momento mais esperado, aquela aglomeração permitida pelas circunstâncias, que era mais interessante quando as tias participavam da roda. Começava então a disputa para pegar nas mãos delas (professoras), a chateação também fazia parte quando não conseguíamos (risos).

Nas laterais do pátio, havia vários brinquedos, entre eles, chamávamos um específico de “ola”, era um brinquedo circular onde ficávamos sentados de frente para o outro e empurrávamos com os pés, apoiando as mãos em outro círculo central menor fixado no solo de areia ou então um colega mais forte empurrava para girá-lo. O desespero tomava conta quando tocava a sineta para retornarmos para a sala e a bola estava girando; o jeito era saltar mesmo arriscando cair e se machucar, digo isso de experiência própria.

Voltar para as atividades escolares após o recreio era eletrizante, mas compensador, pois havíamos nos descoberto com prazer e com bastante entusiasmo. A criança tímida e retraída dentro de mim havia dado espaço à criança solta e desinibida que não a conhecia.

[...] A utilização do lúdico na educação tem também, além do objetivo de desenvolver o aprendizado de forma mais atrativa para o aluno, o objetivo do resgate histórico-cultural dessa atividade. É um ótimo momento para o reconhecimento do seu histórico

familiar e de sua cultura regional (Sant'anna; Nascimento, 2011, p. 4).

Como já citado anteriormente, sobre o fato de ser uma criança introvertida e desconfiada, afirmo que a escola foi um dos lugares de resgate da minha identidade. Quando na hora do intervalo corria para o pátio, guardava o lugar daquele coleguinha com quem tinha mais intimidade; ao me entregar nas brincadeiras, dava-me uma sensação de liberdade e de conhecimento do outro; a alegria tomava conta de mim; que momento prazeroso era poder compartilhar com aquele grupo de crianças as brincadeiras de roda, o pega-pega e os brinquedos espalhados na escola. Como bem cita Luckesi (2000), que descreve a ludicidade como sendo um estado de plenitude e prazer no desenvolvimento de algo, a qual está presente nos mais variados momentos da vida humana, portanto:

[...] Brincando, a criança pode vivenciar seus medos, suas angústias, sua agressividade de maneira simbólica. Através desse confronto imaginário, ela vai criando regras de seus jogos e as relações de troca com seus pares, superando o seu estado exclusivamente fusional para uma relação onde é capaz de tomar a iniciativa e exercer sua autonomia (Bacelar, 2009, p. 53).

No ensino fundamental, nada mudou em relação às brincadeiras no pátio na hora do intervalo; talvez o que tenha modificado tenham sido os colegas, que alguns mudaram de escola e novos adentraram. Novos ciclos de amizades, novas descobertas do outro e de algumas brincadeiras também. A responsabilidade também aumentou, ou seja, para poder participar do recreio, teríamos que terminar a tarefa completa para não correr-

mos o risco de ficar de fora, pois, para mim, tal momento era precioso e necessário.

Amava cada lugar de minha escola; admirava as professoras e acredito que isso tenha favorecido em mim o desejo de me tornar uma educadora, pois uma das brincadeiras preferidas minhas era de “escolinha”, em que, em uma dessas brincadeiras, recordo-me que ensinei minha prima a ler; posso dizer sem pretensão que a alfabetizei. Pasmem! O desejo de ensinar brincando pulsava em mim; as portas dos quartos de minha casa se transformavam em lousas, as bonecas eram as alunas mais comportadas e inteligentes com que toda professora sonha.

Diante do percurso traçado na minha fase de pré-escola até o ensino médio, posso afirmar que a ludicidade sempre esteve presente; não só na instituição escolar para mim ressoava esse sentimento de brincadeiras e amizades, mas em outro grupo do qual eu fazia parte, a instituição religiosa. No salão da igreja, participávamos de encontros de crianças e adolescentes onde estudávamos a Bíblia de forma divertida e com representação teatral. Amava participar das peças teatrais de Natal, Dia das Mães e outras datas festivas; acredito que, com a dramatização, eu poderia me expressar sem medo e expandir o potencial guardado dentro de mim. Desse modo:

A arte teatral, provocada dos sentidos, instigante para o pensamento e a ação, exalta uma característica peculiar humana; a possibilidade de expansão e redirecionamento do seu modo de ser, pensar e agir, ou seja, usar a liberdade para transformar a si e o seu meio (Silva; Maia, 2015, p. 1).

Recordo-me que, no ensino médio, na disciplina de Religião, tivemos que apresentar uma peça teatral, o que,

para mim, não seria dificuldade, pois já acumulava experiência. Resumidamente a peça tratava-se de repetidas cenas de uma situação vivida por uma família simples em que o filho mais velho não tinha uma conduta muito satisfatória, quem, chegando à sua casa, inicia uma conversa com sua mãe e simula uma queda na sala, como se estivesse livrando-se de um sermão, assim as cenas iam se desenrolando em situações com reações distintas, como rindo e chorando. Nem preciso dizer qual situação era a mais divertida e hilária, mas devo dizer que fomos a equipe que levou a melhor nota, pois os componentes da dramaturgia eram os mais engraçados da sala, o que agradou ao nosso professor e aos estimados colegas que assistiram à peça. Com efeito:

[...] ser esperta, independente, curiosa, ter iniciativa e confiança em sua capacidade de construir uma ideia própria sobre as coisas, assim como expressar seu pensamento e sentimentos com convicção, são características inerentes à personalidade integral das crianças (Friedmann, 2012, p. 45).

Quando ingressei na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), pela qual tenho muito apreço e carinho, já trabalhava em uma escola particular da cidade como professora. No espaço acadêmico foi onde ouvi falar sobre o lúdico, em disciplinas de Psicologia da Educação, mas confesso que não soava muito bem aos meus ouvidos o determinado tema, pois achávamos que sempre estaria relacionado somente ao “brincar” ou “jogos”, em que, ao meu ver, não havia uma aprendizagem satisfatória dos educandos, que esse era papo de pessoas que nunca haviam estado numa sala de aula e seria então um discurso teórico distante da práxis, em que tudo

não passava de falácia. Entendam que aqui eu era uma recém-acadêmica, entrando na universidade, sem qualquer domínio de áreas teóricas.

Então, no sexto semestre, fiz uma disciplina optativa chamada Dinâmica de Grupo, que era ministrada aos sábados à tarde pela encantadora professora Eliana, que também foi minha orientadora de monografia. Acredito que esse tenha sido o momento áureo de percepção da real importância do lúdico na aprendizagem, pois me senti tão impulsionada e direcionada que nem havia desmotivação de, aos sábados à tarde, encontrar-me nos prédios da Facedi para estudar. Incrível! Fomos divididos em grupos de no máximo quatro integrantes em que recebíamos os temas da aula pela professora e cada equipe teria que receptionar, expor a aula e fechar com um momento de descontração, realizando uma dinâmica de grupo. A turma em geral era bastante participativa, o que colaborou para o sucesso da disciplina.

Confesso que, mesmo diante de toda a didática, de conhecimentos adquiridos e de experiências maravilhosas lúdicas, ainda fui resistente, pouco aplicando em sala de aula o que havia aprendido no ensino privado, mas, quando comecei a trabalhar pela rede municipal no Ensino Fundamental I, uma luz acendeu. Afinal, as escolas públicas são providas de espaços lúdicos riquíssimos chamados brinquedotecas, onde a criança segue uma rotina encantadora direcionada, com respeito mútuo, contações de histórias e vários instrumentos de interação. Percebi então como as crianças amavam o dia da brinquedoteca e observavam atentamente cada comando das professoras. Assim sendo, passei a incrementar as

aulas ludicamente, sempre ao som de uma linda canção que eles amavam, “Aquarela”, de Toquinho.

Então, participando do curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, pude reviver esses momentos marcantes de minha trajetória escolar à profissional, fazendo esse paralelo útil; posso dizer que está sendo um divisor de águas para rever com mais esmero a minha prática docente, com um olhar mais voltado para a aprendizagem significativa. Encerrarei citando uma frase apaixonante de Celso Antunes pronunciada em uma palestra dele no curso *on-line* de que participei da IV Semana Pedagógica: “Eu realmente não sei como será o amanhã, mas sei que será da maneira que o professor o fizer, pois ele é o plantador do amanhã”.

Referências

ABREU, C. *Meus oito anos*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjAwODg3/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

LUCKESI, C. C. (org.). *Ludopedagogia*: Ensaios 1. Educação e ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revenat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

SILVA, R. D.; MAIA, N. D. S. O teatro como estratégia ludo-pedagógica no Ensino Fundamental em uma escola municipal de Buriticupu-MA. *In*: FIPED, 8., 2015-2016, Campina Grande. *Anais* [...]. Campina Grande: Realize, 2015.

TOQUINHO. *Aquarela*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/toquinho/49095/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

38 A LUDICIDADE COMO MEIO DE CONSTITUIÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap38>

DARA DOS SANTOS NASCIMENTO

Pedagoga e mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e especialista em Educação Especial Inclusiva e em Neuropsicopedagogia. Foi professora da Educação Básica da cidade de Itapipoca, Ceará, e atualmente é professora assistente na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Integra o Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas), o Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e o Grupo de Estudos Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad).

E-mail: darasnascimento@gmail.com

Rememorar fatos que ocorreram no passado nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente quando nos propomos a pensar no que ocorreu em nossos primeiros anos de vida, mas há fatos que nos marcam de maneira profunda, seja de forma positiva ou negativa, o que faz com que o nosso cérebro guarde essas lembranças, mesmo que nem sempre entendamos o motivo. Acredito ser essa a razão para que, quando perguntamos para alguém acontecimentos como o seu primeiro dia de aula, como aprendeu a ler, como eram as suas aulas e quem foram as suas professoras e professores, nem todos terão lembranças vívidas.

De maneira geral, a proposta deste memorial é lembrar como a ludicidade esteve presente em minha vida. Para me ajudar a ter uma maior precisão nos relatos a serem expostos, recorri à compreensão de ludicidade encontrada em Sant'Anna e Nascimento (2011, p. 19): “O lúdico é a brincadeira, é o jogo, é a diversão [...]”. Há que se ressaltar que essa é a compreensão de lúdico de maneira geral, pois, quando se fala de ludicidade na sala de aula, mais do que a brincadeira, o jogo e a diversão, as práticas que se pretendem lúdicas não podem ter um fim em si mesmas, precisam ter uma intencionalidade, ou seja, proporcionar algum tipo de aprendizagem previamente planejada, que seja adequada ao conteúdo, aos alunos, aos materiais a serem utilizados e ao tempo disponível à atividade (Farias *et al.*, 2014).

Aliás, as atividades lúdicas têm uma grande importância no desenvolvimento e aprendizagem infantil, pois “É no brincar que se pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral – é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Leal; D’Ávila, 2013, p. 45). Dessa forma, as brincadeiras proporcionadas pelas práticas lúdicas na infância contribuem para que as crianças se compreendam enquanto indivíduos no mundo, mas de uma forma leve e divertida, em que a fantasia torna-se quase realidade.

Foi sob esse ponto de vista que revisitei em minhas memórias práticas lúdicas, o que foi um exercício de grande aprendizado. As memórias suscitadas, antes lembradas apenas como um momento com o qual me diverti e em que me senti acolhida, passaram a ser refletidas por uma perspectiva diferente, buscando a intencionalidade, os efeitos e a importância que tiveram no meu desenvolvimento. Assim, essas práticas foram ressignificadas, pois hoje, após constituir novos saberes, acadêmica e profissionalmente falando, certas experiências passaram a ter ainda mais importância para mim, tanto como pessoa quanto como professora (Silva, 2010).

Consegui lembrar de alguns momentos em que as práticas lúdicas estiveram presentes ao longo do tempo em que estive como discente na Educação Básica. Competições sobre os conteúdos escolares, peças teatrais, contação de histórias, músicas, dentre outras atividades. Escolhi para refletir a seguir, com uma maior riqueza de detalhes, um acontecimento de grande repercussão em minha trajetória escolar e que impactou profundamente a minha vida enquanto discente e, alguns anos depois, também como docente.

No início dos anos 2000, época da minha primeira experiência na educação formal, as atenções não estavam voltadas à ludicidade como nos últimos anos, quando se comprovou a sua relevância no ensino-aprendizagem, mas estava ali presente e teve grande influência em minha vida tanto afetiva quanto profissionalmente falando. Não por acaso, a minha primeira memória de atividade lúdica faz parte do meu primeiro dia de aula.

Nem todo mundo lembra do seu primeiro dia de aula, talvez porque não lhe foi tão marcante, talvez porque o cérebro não considerou esse acontecimento importante para a memória de longo prazo ou por qualquer outro motivo que a humanidade ainda desconhece. Entretanto, esse é um dos momentos mais vívidos da minha trajetória acadêmica.

Sempre tive grande vontade de estar na escola, via minhas amiguinhas estudando e todos os dias perguntava aos meus familiares quando eu poderia ir também, afinal algo que parecia tão legal, de que apenas as crianças maiores poderiam participar, com toda certeza seria algo do qual eu iria gostar. “Próximo ano”, dizia um; “ano que vem”, respondia-me um outro alguém, e assim eu esperava o tempo passar, sem fazer a menor ideia de quando esse tal ano iria chegar, até que em uma tarde, como qualquer outra, minha mãe anunciou que no dia seguinte eu iria para a escola.

Várias crianças para conhecer e brincar, um ambiente completamente novo para desbravar, uma professora que parecia ser muito divertida, enfim, não poderia ser melhor. Foi aí que as coisas começaram a desandar. Refletindo hoje sobre o que aconteceu há tantos anos, entendo que a explosão de sentimentos que esse dia me

causou poderia ser mais bem compreendida se for contada em forma de poesia, que exponho a seguir, porque nela encontro uma maior liberdade para ressignificar os acontecimentos por mim experienciados.

Quando o desconhecido torna-se abrigo

Para muitos, o desconhecido é assustador
Para uma criança, então, é aterrorizante
Quem teve a ideia de me separar da minha mãe?
Por que estou aqui sem a minha família?

Mas no meio do caminho, tinha uma professora
Que, da sua forma, também estava tentando
Desbravar, heroicamente, o desconhecido
Utilizando os saberes que até ali havia constituído.

Em uma sala de aula cheia de crianças
Que nunca havia visto, escolheu acolher e acalmar
Com um pedacinho de papel em forma de lápis
E o nome de cada criança escrito.

Aquele simples gesto teve grande repercussão
Ali começara a se formar um laço afetivo
Pois a ação didática planejada teve o efeito desejado
Foi capaz de fazê-los sentir ótimas sensações.

Pertencimento, alegria, aceitação
Sentimentos que toda criança busca encontrar
Mas não é em todo lugar que está
Quão sortudas elas foram, quão sábia ela foi.

E assim, o desconhecido virou refúgio
E o choro deu lugar a lindos sorrisos
Pois elas sentiram a segurança de estar em um lugar
Onde era possível aprender, se divertir e sonhar.

Apenas após ingressar na licenciatura em Pedagogia e começar a estudar cada pormenor do trabalho do-

cente, entendi que ali a professora não estava realizando uma ação inconsciente, a entrega dos crachás fazia parte do planejamento de sua aula e havia uma intenção por trás de seus atos. Ela não apenas entregava, mas mostrava a cada aluno que ali era o seu nome escrito e que então aquele crachá lhe pertencia. Não obstante, após ela conversar e entregá-los a cada criança, os que estavam chorando, assim como eu, paravam e sorriam. Pensando no que ocorreu hoje, acredito que não era apenas estar ganhando um presente que nos fez parar de chorar, mas também o entendimento de que ela queria que estivéssemos ali, que havia preparado algo especial para cada um de nós, que éramos bem-vindos, o que, para uma criança, estar em um ambiente assim é encantador.

Quando estava me planejando para atuar em sala de aula pela primeira vez como docente, justamente na Educação Infantil, essa foi uma das primeiras coisas que me ocorreram de realizar, afinal as práticas que vivenciamos como alunos têm grande impacto em nossa atuação como professores (Tardif, 2000), e não há problema nenhum se for algo refletido, sistematizado e com uma intencionalidade bem definida, que tenha objetivos concretos para o ensino-aprendizagem, ou seja, que estabeleça quais mudanças espera que ocorra como consequência do que foi proposto (Veiga, 2006) e que contribua para o relacionamento entre estudantes e professores (Sant'Anna; Nascimento, 2011).

Não foi o ato de entregar um crachá com o nome de cada criança o que chamou a minha atenção para a prática e reproduzi-la, mas a forma como foi feito, de conversar com cada criança a respeito do que aquele pedacinho de papel em forma de lápis e com algumas letras escritas

significava, de que ali estava escrito o seu nome, que ela pertencia e era esperada na sala de aula. Tive a percepção de que elas experimentaram uma sensação muito semelhante à minha: as que estavam chorando pararam aos poucos; as que estavam me estranhando passaram a ficar mais à vontade e, ao final da aula, os nossos laços estavam mais estreitos do que no início, o que perdurou nos dias que sucederam essa prática. Falo que foi a minha percepção porque foi o que as aparências me fizeram crer que ocorreu, contudo apenas os sujeitos que vivenciaram a prática poderiam afirmar com certeza se foi lúdica e qual a sensação foi experimentada por eles (Luckesi, 2014).

Diante do exposto, compreendo, memorando e refletindo uma experiência minha como aluna e como professora, que as nossas ações como docentes têm um impacto profundo na vida de nossos alunos e que cada prática importa. Como afirma a teoria da relatividade, cada ação trará alguma reação e, quando estamos lidando especificamente com vidas humanas, essa reação pode ser imediata ou não, positiva ou não, a depender, dentre outras coisas, do estado emocional e das circunstâncias nas quais vivenciamos a atividade, mas com toda a certeza terá algum tipo de repercussão (Luckesi, 2014). E é exatamente isso o que torna a docência uma profissão tão importante para a sociedade e também de uma enorme responsabilidade.

Imaginar que um aluno lembrará de uma determinada ação ocorrida ainda na infância e que isso poderá ter influência no exercício de seu trabalho, independentemente de qual seja, reforça esse pensamento e propõe que as nossas práticas docentes sejam ainda mais refleti-

das e sistematizadas. Como se pôde perceber, a ludicidade é uma grande aliada, pois tem um poder de fortalecer as relações em sala de aula, e é possível não apenas na Educação Infantil, mas durante toda a Educação Básica e mesmo no Ensino Superior, afinal melhorar o relacionamento entre alunos e professores é uma necessidade atemporal.

Referências

FARIAS, I. S. *et al. Didática e docência: aprendendo a ser e estar na profissão*. 4. ed. Brasília, DF: Liber, 2014.

LEAL, L. A. B.; D'ÁVILA, C. M. A ludicidade como princípio formativo. *Interfaces Científicas: Educação*, Aracaju, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2013.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revermat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, 2000.

VEIGA, I. P. A. (org.). *Lições de didática*. Campinas: Papyrus, 2006.

39 VIVÊNCIAS DA MINHA INFÂNCIA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap39>

GERCIA MARIA MOURA SOUSA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Habilitada em regime especial nas áreas de Português e Inglês pela UVA. Bacharel em Serviço Social pela Universidade Anhanguera (Uniderp). Especialista em Psicopedagogia pela UVA, em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Docência do Ensino Superior e em Educação, Política e Sociedade pela Faculdade Intervale. Assistente social da Secretaria de Educação do Município de Itapipoca (SME), no Núcleo de Acolhimento Multiprofissional da Educação (NAME). Integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos da Facedi-UECE.
E-mail: gerciammoura@gmail.com

Para escrever este memorial, passei muitos dias buscando lembrar-me das minhas vivências da infância, especialmente a minha primeira escola, pois muitos fatos eram fortes e considero importantes para serem relatados no decorrer do processo. Farei menção à infância voltada ao período da alfabetização. Sou Gercia Maria Moura Sousa, nasci em 18 de junho de 1969 no município de Itapipoca, Ceará, filha de Cicero Tabosa Moura e Rita Benigno Moura. Meu pai era motorista de máquinas pesadas e minha mãe era costureira. Sou a única filha de uma família com seis membros, na qual sou a caçula entre três irmãos mais velhos, todos homens.

Meu pai viajava muito para trabalhar nos distritos vizinhos e minha mãe resolvia quase tudo da nossa residência; costurava para ajudar a criar os filhos; fazia as compras nos comércios locais; cuidava da casa; tinha também a responsabilidade de acompanhar os estudos dos filhos. Meus pais não tinham muito estudo: minha mãe cursou até a 5ª série do antigo 1º grau e meu pai cursou a 4ª série. Mesmo com tantos afazeres, antes de eu ir para a minha chamada “primeira” escola, minha mãe já me ensinava a fazer meu nome, a cobrir os nomes que ela fazia e também alguns números, a pintar os desenhos que ela desenhava (casa, árvore, flor, peixe, dado, nuvem, etc.) e, cuidadosamente, marcava até onde eu tinha que pintar para não errar. Isso ainda era distante do saber ler e escrever, mas já significava um começo.

Wallon (1968, p. 31) destaca:

[...] Toda a evolução mental da criança será comandada pelas fixações sucessivas da libido sobre os objetos ao seu alcance [...]. A cada etapa vencida, a criança deixa atrás de si possibilidades que não estão mortas.

Ressalto com muita presteza quando começei a história em minha casa que eu ia para a escola. De início, devido ao fato de que meus irmãos já estudavam, eu ficava dizendo querer ir também. Dessa cena eu me recordo com muito esmero: minha mãe me arrumando para o meu primeiro dia de aula; a felicidade era grande, embora, na verdade, eu não tivesse a real dimensão do que seria a escola, mas meus pais falavam que eu ia estudar para aprender a ler e escrever; eu dizia que queria ser doutora quando crescesse, portanto “A participação dos pais se deve dar sobretudo na análise, com os filhos, das consequências possíveis da decisão a ser tomada” (Freire, 1996, p. 66).

Recordo com muita nitidez que, nos moldes de costura de minha mãe, havia muitas letras, pontilhados coloridos, números, linhas retas, círculos, e eu queria rabischá-los, no entanto ela tinha ciúmes dos moldes porque não tinha condições financeiras de comprá-los com frequência. Eu pedia muito para cobrir aqueles pontinhos cheios de cores; ela iniciava segurando na minha mão, acabava deixando que eu fizesse os pontilhados, dizendo que não era para cortar nem sujar. Mesmo com pouco estudo, percebia a necessidade e acabava cedendo.

Em uma espécie de arguição, a professora olhava os cadernos para acompanhar quem havia feito o dever de casa; quando acertávamos, ela colocava a palavra

“visto”, acredito que, na época, era o sinônimo da palavra “certo”; colocava a letra “C” bem grande, pois, em muitas vezes, era relacionado assim; eu saía sorrindo muito feliz. Sendo assim:

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de decisão a respeito do mesmo [sic], para aceitá-lo ou para transformá-lo (Luckesi, 2013, p. 33).

Quando alguma criança teimava ou não queria fazer o dever, ela a isolava, colocando-a para sentar em uma cadeira pequena de madeira longe dos colegas, tratando-se de uma forma de punição por tal desobediência, portanto:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (Freire, 1996, p. 39).

Observando a realidade, é perceptível o uso dos castigos como uma forma errônea na educação escolar; essa prática não deve ser utilizada para coibir, punir, ou expor alguém a qualquer tipo de vergonha ou preconceito. Minha professora era simpática e, ao mesmo tempo, ríspida; tinha dias em que fazíamos muitas tarefas, noutros brincávamos muito e eu tentava fazer todas as atividades para que ela não brigasse comigo. Fazia competição na hora de algumas atividades: quem conseguisse fazer primeiro o prêmio era dar umas voltinhas no famoso velocípede na cor branca, rosa e lilás, o qual utilizava como meio de material didático.

É a inércia que a caracteriza na época dos puros exercícios funcionais. A criança é totalmente absorvida por suas ocupações do momento e não tem sobre elas nenhum poder de mudança ou de fixação. Daí resultam dois efeitos contrários, mas que podem ser simultâneos: a perseverança e a instabilidade. A atividade que se apoderou da criança prossegue fechada sobre si mesma, repetindo-se ou esgotando-se nos seus próprios pormenores, mas sem se estender a outros domínios a não ser por digressão fortuita ou rotineira (Wallon, 1968).

Lembro que a “escola” não tinha tantas estruturas comparando-se às da atualidade, mas me veio à mente que as cadeiras eram pequenas e as mesas também; tinha espaço para quatro crianças. Em um canto da casa, uma mesa grande com uma toalha listrada de tecido, às vezes, estampada com flores; outras vezes, com desenhos de frutas, e essa toalha era de plástico. Nessa mesa ficavam alguns objetos que a professora usava para nos ensinar e que os alunos não podiam mexer: giz, apagador, globo, alguns brinquedos e o velocípede, que ficava pendurado em um armador, e só podíamos pegá-lo com a permissão dela. Às vezes, ela juntava as mesas e ficava passando por perto para olhar se estávamos fazendo o dever; cada aluno usava o seu material escolar: lápis de escrever, borracha, régua, entre outros.

Todos os alunos levavam a sua merenda. Na hora do recreio, sentávamos nas cadeiras para merendar, depois íamos brincar no corredor da escola. Eu, muito fazeira, com uma lancheira de plástico transparente com tampa rosa-claro, levava na maioria das vezes, bolacha, suco e bolo para lanchar. Recordo vagamente que tínhamos fardas escolares, mas me lembro de um macacão

azul com desenho de um elefante pintado na frente que vestia frequentemente; era muito bonito.

Minha escola era na residência da professora Graziela Menezes, por quem tenho muito respeito e admiração. Ela marcou a minha vida pelos seus carinhos e ensinamentos no meu processo de alfabetização. Todos os dias minha mãe ia me deixar e buscar na escola; voltando para casa, ela sempre perguntava o que eu tinha feito, e eu relatava os acontecidos. Observando, ela perguntou à professora de que brincadeira se tratava aquela com o velocípede, pois sempre me presenciava naquele brinquedo e era um dos mais cobiçados por todas as crianças, com o qual estavam frequentemente brincando. Então, a professora lhe respondeu; cada volta que eu dava, ela fazia uma contagem, ou seja, eu estava aprendendo a contar os números; essa foi a forma que utilizou para que eu aprendesse; recordo-me do brinquedo com muito carinho.

A assimilação ativa dos conteúdos socioculturais dentro da escola se dá pelo processo de uma aprendizagem intencional, que, por sua vez, depende de um ensino também intencionalmente estabelecido. O educando se desenvolve enquanto aprende e, para que a aprendizagem e o desenvolvimento sejam intencionais, é preciso que haja também um ensino intencional (Luckesi, 2013).

Em um outro momento, as músicas “Ciranda” e “Atirei o pau no gato” tomavam conta da sala de aula. Como uma fórmula mágica, cantávamos, dançávamos e dávamos gargalhadas. Havia também a brincadeira do grilo, em que éramos colocados em fila e a professora perguntava onde estava o grilo; os alunos respondiam “Está lá atrás”, e ela colocava um cipó na mão como uma forma

de direcionar a fileira correta. Outra inesquecível era a brincadeira do anel, em que o objeto passava na mão de cada aluno e tínhamos que adivinhar onde o anel parava; em seguida, a professora perguntava quem estava com o anel; se errássemos, pagávamos uma prenda, que era determinada com o que ela dizia, assim, cantava, contava, pulava e aprendíamos o que a professora mandava fazer. Eu também gostava muito da brincadeira da macaca, como era chamado o desenho que fazia de giz branco no chão e escrevia os numerais coloridos. Cada criança jogava uma pedrinha ou casca de banana no número ordenado pela professora e nós pulávamos com uma perna até o local desejado. Era uma espécie de competição, em que o ponto máximo era o céu, no qual podíamos colocar os dois pés, ou seja, era um círculo grande e, no final, ficávamos todos dentro. Assim, “[...] a intensidade e a qualidade desse ato lúdico vão depender do contexto em que ela vive e de outros fatores” (Almeida, 2014, p. 69). Enfatizo também as diferenças entre os brinquedos, sendo as bonecas para as meninas e os carrinhos para os meninos, no entanto conseguia que todos interagissem. Explicita Wallon (1968, p. 79):

[...] Efetivamente, as etapas seguidas pelo desenvolvimento da criança são marcadas, uma a uma, pela exploração de atividades que, por algum tempo, parecem absorvê-la quase totalmente e das quais a criança não se cansa de tirar todos os efeitos possíveis. Elas assinalam a sua evolução funcional e alguns dos seus traços poderiam ser considerados como uma prova para descobrir ou medir a aptidão correspondente.

Minha mãe passou a acompanhar mais de perto o chamado dever de casa; enquanto na escola eu “brinca-

va”, em casa era diferente: eu sentava em uma cadeira e minha mãe tinha uma forma mais direcionada para me ensinar, pois ainda me lembro com carinho das chamadas separações silábicas e do processo de soletrar com as palavras “bola”, “casa”, “cama”, “mesa”, “dado”, etc. Assim, eu aprendia.

Entre tantas tentativas da minha mãe e da minha professora no processo para que eu aprendesse a ler e a escrever, recordo que a professora fez um bilhete e pediu para que eu o treinasse em casa, ou seja, decorar, tendo marcado o dia para que eu pudesse apresentá-lo na frente dos colegas. As tentativas se deram por muitos dias; passava horas treinando para as minhas bonecas como se fossem uma plateia; ficava lendo de frente para o espelho.

No dia marcado, eu estava feliz, empolgada porque tinha aprendido; fui da minha casa à escola falando sobre o assunto, fazendo a leitura sem olhar o papel do bilhete. Hoje percebo a forma empregada pela professora despertou a minha curiosidade; mesmo decorando aquele conteúdo, na hora que apresentei a sensação era de que algo mudou e eu mesma não sabia o que era. Depois daquele dia, recordo que, perto da minha casa, tinha a bodega do seu Raimundo Mulato, que vendia pão, molho de pimenta, farinha, etc. Em uma das paredes, havia a frase: “Vendo pão”. Eu consegui ler direitinho; ali já não tinha mais o decorar, pois tantas vezes tinha ido ao local e nunca havia percebido aquela frase. Outro momento inesquecível foi quando consegui ler a palavra “trator”, que muitos chamavam de “patrol”; meu pai trabalhava naquele carro de grande porte que tinha o nome “caterpillar”. As dificuldades desse momento consistiam em

ficar atenta às letras; fazia a separação das sílabas e não conseguia fazer a leitura. Ressalto a minha alegria quando consegui e saí dizendo para todos que já sabia ler e fiquei muito feliz. Foi um dos melhores acontecimentos do meu processo de aprender a ler e escrever, um minuto mágico.

No dia seguinte, minha mãe contou para a minha professora o que tinha acontecido. Nesse momento, viajo no tempo lembrando-me nitidamente daquela cena em que a professora me perguntava e eu respondia corretamente. As tarefas de casa acompanhadas por minha mãe e direcionadas pela minha professora foram muito importantes no desenvolvimento da minha aprendizagem escolar; ambas buscaram me ensinar para o processo de ser devidamente alfabetizada.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014. v. 1.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

LUCKESI, C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições*. São Paulo: Cortez, 2013.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Pontes, 1968.

40 A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E EDUCACIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap40>

HIRMA MARIA ALBUQUERQUE SANTOS FORTE

Licenciada em Pedagogia em regime especial pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Santa Fé e em Libras pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Professora na rede pública municipal de ensino de Itapipoca, Ceará. Participei como professora alfabetizadora na formação continuada de professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: hirmamariasf123@gmail.com



Elaborar um memorial baseado em nossas memórias da infância nos faz voltar no tempo e relembrar momentos marcantes e decisivos de nossas vidas. Faz-nos relembrar o quanto a nossa infância foi maravilhosa. Soares (1991, p. 25) afirma que “O memorial possibilita refletir sobre o ‘por que fez, para que fez e como fez [...]’”, ou seja, faz buscar sobre nosso passado, lembrá-lo, não buscando o que viveu, mas sim o que estava pensando quando viveu.

Eu sou Hirma Maria Albuquerque Santos Forte, nasci em 14 de julho de 1973, na localidade de Angelim, município de Trairi, Ceará (CE). Filha de pais agropecuaristas, passei a infância estudando e ajudando os meus pais nos afazeres de casa e na agricultura e cuidando dos animais. Meus avós maternos tinham um sítio no distrito de Canaã-Trairi/CE. No período de minhas férias, havia a época da farinhada e moagem, quando eu e minhas irmãs íamos para ajudar. Aprendi a raspar mandioca e espremer a massa para retirar a goma aos meus 8 anos de idade. Adorava a época em que os meus pais começavam a farinhada. Era um momento em que tínhamos contato com as pessoas que iam trabalhar na casa de farinha, pois todos dormiam em nossa casa.

Meus queridos pais, apesar da pouca formação, sempre nos incentivaram a estudar. Estudávamos no período da tarde com minha tia Nazaré, que era a professora da localidade onde eu morava. Ela era uma professora

rígida e exigente que nos alfabetizou. Embora com seu método tradicional, ela tentava da melhor forma atingir o seu objetivo, que era alfabetizar a todos.

O método de alfabetização é uma expressão que pode designar: um método específico, como o silábico, o fônico, o global; um livro didático de alfabetização proposto por algum autor; um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizam o trabalho pedagógico em torno da alfabetização, filiado ou não a uma vertente teórica explícita ou única; um conjunto de saberes práticos ou de princípios organizadores do processo de alfabetização, criados ou recriados pelo professor em seu trabalho pedagógico (Frade, 2005, p. 35).

Recordo-me que ficávamos no alpendre da casa dela. Em alguns momentos, ela interagiu com brincadeiras lúdicas, como: “Atirei o pau no gato”, “Passe o anel”, “Cadê o grilo?”, adivinhas, entre outras.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (Brasil, 2017, p. 36).

Lembro-me que queria ser professora e, nas brincadeiras com minhas irmãs e meus primos, sempre queria comandar e direcionava para brincarmos de escolinha. À noite, na época da colheita, ficávamos ao redor do monte de feijão ou milho, debulhando e ouvindo histórias contadas por um querido tio, o José João, ficávamos muito atentos ouvindo aquelas fábulas das quais até hoje me recordo. O tempo passou e meus pais, como que-

riam o melhor para nós, decidiram que iríamos estudar em Itapipoca/CE, motivo pelo qual começaram a se preparar para que tivéssemos o melhor. Conversaram com um professor chamado mestre Dodô (*in memoriam*), que morava em outra localidade, Batalha-Trairi/CE, para nos preparar, para que não tivéssemos tanta dificuldade quando estivéssemos na escola na qual papai e mamãe queriam que nós estudássemos. Recordo que eu e minhas duas irmãs tínhamos que acordar de madrugada para nos dirigir para a localidade de Batalha-Trairi/CE para estudar. Ao chegarmos em Itapipoca/CE, começamos a estudar no Centro Educacional Cenecista Pio XII, onde estudei até a 8ª série, assim chamada na época.

Quando concluí o Ensino Fundamental, fui para a Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, onde concluí o Ensino Médio; anos depois, fiz o Pedagógico no mesmo colégio. Durante esse período, já estava ensinando no Colégio Arco-Íris, onde passei cinco anos e, no ano de 1999, iniciei no Colégio Alfa Baby & Master, no qual eu passei 12 anos lecionando, onde aprendi muito, alfabetizando todos os alunos que passaram por mim. Lembrome que, quando entrei no Alfa Baby, comecei na Educação Infantil e, anos depois, fui convidada pela diretora Nélia Freires para lecionar no 1º ano; na época, a nomenclatura ainda era alfabetização. Frente a isso:

O lúdico na sala de aula torna-se um espaço de reelaboração do conhecimento vivencial e constituído com o grupo ou individualmente e a criança passa a ser protagonista de sua história social, o sujeito da construção de sua identidade, buscando uma autoafirmação social, dando continuidade nas suas ações e atitudes, possibilitando o despertar para aprender. O lúdico tem grande importância como estratégia de

superação das dificuldades de aprendizagem (Modesto; Rubio, 2014, p. 5).

Após aceitar, dediquei-me ao máximo, pois passei a entender que a turma de alfabetização era o coração da escola. Apaixonava-me pela docência cada vez mais a partir do momento em que as crianças começavam a deslanchar na leitura. Sempre trabalhando com a ludicidade e jogos, procurei avançar cada criança nos níveis alfabéticos, mas também tendo muito cuidado com as que tinham dificuldades. Além disso, por ser mãe e professora, tive o prazer de alfabetizar minha filha, Sara Maria Santos Forte. Sendo assim, de acordo com as afirmações de Barbosa e Horn (2008, p. 87): “Ser professor, como em tantas outras profissões, não é só estar na escola na hora da aula, é ter outro tipo de presença. É paixão, encantamento com o mundo e com as pessoas. É ligar o mundo e o conhecimento à vida dos alunos na escola”.

Já em sala de aula, ingressei na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), cursando Pedagogia em regime especial. Foi um período em que tive que estudar muitas vezes nas minhas férias, tive algumas dificuldades, mas, com muito esforço, obtive uma boa formação. Recordo-me que a ludicidade era pouco abordada naquela época pelos professores. Freire (1996, p. 39) ressalta que:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática [...].

No ano de 2011, quando fiz o concurso e passei, tive que pedir demissão da Escola Alfa Baby & Master para

poder assumir o cargo de professora no município de Itapipoca/CE. Fui lotada na Escola de Ensino Básico José Francisco Soares, Arapari-Escalvado/CE, numa turma de multisseriado, de Infantil V e de 1º ano. Nunca tinha trabalhado em turmas assim, por esse motivo fiquei um pouco receosa, mas não tive muitas dificuldades, pois já tinha experiência por ter trabalhado em outras escolas nas referidas turmas.

Depois de um ano e meio, pedi transferência para a Escola de Educação Básica José de Sousa Moura, na localidade do Júlio II, onde passei três anos, com as séries de 1º e 3º anos. No ano de 2015, fui transferida para o Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo, para lecionar numa turma de alunos do 2º ano do Fundamental I, onde estou até os dias de hoje.

Quando assumi no Centro Educacional Maria Magalhães, fui muito bem recebida por todos, em especial por três grandes professoras alfabetizadoras, Maria Mathias, Diva Neco e Margarete. Elas me ajudaram nesta missão de ensinar alunos do 2º ano e fui compreendendo a cada dia que essa turma era avaliada no final do ano, já que tínhamos que os preparar para a avaliação do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaece). Não é fácil, pois sabemos que existem muitas dificuldades, por termos famílias que ajudam e outras que não se dispõem a ajudar os filhos, pois não têm estrutura nem estudo para isso. Então, nosso trabalho dobra, mas realizamos com muito esforço e dedicação.

É importante enfatizar que, segundo o Caderno 2 do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) (Brasil, 2015, p. 29):

Quando consideramos que é no Ciclo da Alfabetização que se consolida e se aprofunda o trabalho com a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), a leitura e a produção de textos, de modo integrado às aprendizagens relativas aos diferentes componentes curriculares (BRASIL, 2012b), a sala de aula se torna o lugar de excelência para essas ações, mesmo considerando todos os espaços escolares como educativos.

O ano de 2020 foi muito desafiador para alfabetizar alunos do 2º ano diante do contexto em que estamos vivenciando até os dias de hoje. Pelo uso de aulas *on-line*, nós, professores, deparamo-nos com algo novo e complicado para acompanhar cada criança e suas dificuldades individuais, até porque algumas não tiveram/têm acesso à *internet* ou outro dispositivo eletrônico.

A atividade lúdica se caracteriza por uma articulação muito frouxa entre o fim e os meios. Isso não quer dizer que as crianças não tendam a um objetivo quando jogam e que não executem certos meios para atingi-lo, mas é frequente que modifiquem seus objetivos durante o percurso para se adaptar a novos meios ou vice-versa [...], portanto, o jogo não é somente um meio de exploração, mas também de invenção (Bruner *apud* Brougère, 1998, p. 193).

A partir disso, procurei achar novas metodologias que incentivassem o aprendizado e interesse do aluno, através da ludicidade. Quando nós, professores, utilizamos jogos como instrumentos educativos, oferecemos à criança uma forma de aprender sem cansar, até porque o cansaço é aliado do desinteresse e inimigo da aprendizagem.

Referências

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a criança no ciclo de alfabetização*. Caderno 02. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015.

BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRADE, I. C. A. S. *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação).

41 UMA VIAGEM ÀS RECORDAÇÕES DE VIVÊNCIAS LÚDICAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap41>

JAMILLE DE SOUSA NECO

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem à Docência (Gepesad).
E-mail: jamilleco111@yahoo.com.br

Dormir ouvindo a canção / da chuva que cai na telha,
/ um beijinho na orelha, / caminhar de pé no chão, /
passar manteiga no pão / bemquentinho pra derre-
ter, / um cafezinho pra beber, / a família reunida... /
as coisas simples da vida / nos dão forças pra viver /
(Bessa, 2018).

s nossas memórias nos fazem lembrar momentos vividos que deixaram marcas importantes ao longo da história que estamos construindo. É muito interessante lembrar nossas recordações, lembrando-nos das coisas que fazemos, dos lugares em que andamos, do que aprendemos ao longo da nossa trajetória pessoal e profissional. Este memorial tem a função de resgatar acontecimentos e vivências lúdicas, visto que a ludicidade tem papel primordial no processo de ensino/aprendizagem, logo:

Por meio do lúdico há o desenvolvimento das competências de aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer; desenvolvendo o companheirismo; aprendendo a aceitar as perdas, testar hipóteses, explorar sua espontaneidade criativa, possibilitando o exercício de concentração, atenção e socialização. O jogo é essencial para que seja manifestada a criatividade e a criança utilize suas potencialidades de maneira integral,

indo de encontro ao seu próprio eu (Modesto; Rubio, 2014, p. 3).

Eu sou Jamille de Sousa Neco, nascida no município de Itapipoca, Ceará (CE), residente no interior de Caldeirões, zona rural do município, lugar onde tenho lembranças significativas da minha trajetória escolar. Meu primeiro contato com a escola aconteceu quando eu tinha 4 anos de idade, na Escola de Educação Básica João Pires Chaves, que ficava em uma localidade próxima à minha casa. De lá eu tenho recordações importantes com a ludicidade, pois naquele espaço tive contato com vários recursos de aprendizagem, como livros, pintura, massa de modelar, quebra-cabeça, dentre outros. Meus pais sempre me incentivaram a estudar, mas meu pai superou a minha mãe nesse quesito, pois comprava vários materiais para que eu me aproximasse cada vez mais da escola, como quadro de escrever, lápis de cor e giz de cera. O meu material escolar era uma prioridade deles. Eu tenho uma lembrança que jamais esquecerei, porque ela é muito marcante: nos primeiros dias de aula, eu não queria ficar na escola, tinha medo de tudo, e, por muitas vezes, minha mãe me trazia para casa porque eu começava a chorar muito; ela contestava com a professora e não me deixava na escola. Com o passar do tempo, eu fui me adaptando, comecei a gostar imensamente de lá e aquele espaço passou a ser um dos meus lugares preferidos.

No 1º ano do Ensino Fundamental, a professora gostava de receber os alunos cantando, e isso eu tenho como uma recordação muito significativa em minha vida. Outro momento bem marcante nos primeiros anos na escola foi de uma professora que escrevia um texto no quadro e depois nos auxiliava na leitura; íamos lendo,

silabando, todos os alunos ao mesmo tempo, era a primeira atividade que ela fazia todos os dias; eu gostava demais daquele momento; era bom, leve, lúdico e, para mim, foi naquela atividade que eu “aprendi a ler”. Naquele tempo, no ano 2002, não tínhamos tantos recursos pedagógicos, não era como atualmente, mas aqueles que estavam disponíveis a gente usava bastante e com muita excelência. Como destaca Kishimoto (2017, p. 111):

[...] hoje, a imagem de infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil.

Por muitas vezes, os jogos eram utilizados como um passatempo ou mesmo porque não havia tantos espaços de recreação. Mattos e Faria (2011, p. 1) destacam que “[...] os jogos em épocas passadas eram utilizados nas escolas apenas como recreação e fora dela como lazer”.

Recordo-me de um momento em que a maioria da turma participava, que era a montagem das peças do quebra-cabeça; íamos desenvolvendo e estimulando a capacidade de observação e concentração. Os jogos auxiliam na aprendizagem do aluno, fazendo com que tenha cada vez mais interesse em aprender. Dessa forma, Cotohoto, Rossetti e Missawa (2019, p. 40-41) enfatizam:

No âmbito da construção da aprendizagem, alguns jogos têm o propósito de auxiliar o aluno na aprendizagem e desenvolvimento do raciocínio matemático e conhecimentos linguísticos. Já em outros momentos, eles os auxiliam no desenvolvimento afetivo, físico-motor e social. No entanto, o professor precisa respeitar o processo de cada um, para que o jogo não se torne um momento obrigatório e sim que seja um

momento prazeroso e com significado para o aluno. Quando o professor incentiva o interesse por pesquisas, pelo desenvolvimento de trabalhos em grupo, pela busca por respostas por meio do lúdico, o aluno estará aprendendo de uma forma prazerosa a atividade proposta e, conseqüentemente, ao assimilar esses novos conceitos terá uma aprendizagem significativa.

Uma recordação muito marcante durante a minha trajetória escolar foi a minha admiração pela profissão docente desde criança. Eu ficava encantada ao ver as minhas professoras ensinando, então, durante as aulas, eu gravava tudo o que a professora falava e, ao chegar à minha casa, improvisava uma sala de aula, fazendo o papel de professora, reproduzindo tudo o que a minha professora da escola falava e ensinava; recordo que até os gestos eu imitava. A partir daqueles momentos, a minha admiração pela docência foi se desenvolvendo e a certeza de que eu queria ser professora se confirmava. Esse episódio me ajudou a ter mais êxito na escola. Aprendi a ler muito cedo e sempre consegui acompanhar as atividades propostas na minha série. A ludicidade sempre esteve presente nas minhas vivências escolares e, em cada aula que era mais voltada ao lúdico, a vontade de participar era maior, era mais interessante. Para tanto:

É importante o educador definir, previamente, o espaço de tempo que cada atividade lúdica vai ocupar no dia a dia; os espaços físicos onde essas atividades se desenvolverão (dentro da sala de aula, no pátio ou em outros locais); os modos de acessos aos espaços e objetos, brinquedos ou outros materiais que tenham de ser providenciados. Tais definições devem não só respeitar as singularidades individuais e promover a inclusão das crianças, como levar em conta as di-

versidades locais e culturais, as necessidades e os interesses do grupo e, evidentemente, os objetivos do educador (Friedmann, 2012, p. 46).

Lembro que não tínhamos tantos recursos disponíveis; não era atualizado como hoje, era mais simples, de acordo com a época. Eu sempre gostei de participar de todos os movimentos que a escola promovia, como desfiles, apresentações, feiras de ciências, torneios e as atividades que eram propostas na sala de aula. Recordo que, quando a professora pedia para ler em voz alta, eu sempre me habilitava a fazer; gostava e realizava uma leitura compreensível a todos. Lembro de uma apresentação no Dia das Mães, quando eu cursava a 5ª série; tinha que fazer uma leitura de uma mensagem para as mães que estavam presentes naquela homenagem: preparei em um cartaz, convidei minha mãe para segurá-lo e fiz a leitura em voz alta; fiquei nervosa, mas venci um medo, que era o de ler para tantas pessoas em um momento tão importante da escola. Recordo-me de ter recebido vários elogios e aquilo me motivava a continuar participando.

Outra atividade lúdica foi ter participado de uma feira de ciências no 7º ou 8º ano no Ensino Fundamental; eu e minha turma montamos uma equipe, organizamo-nos, estudamos e apresentamos o tema proposto da feira, que era sobre o meio ambiente. Nesse dia, recebemos em nossa escola alunos de um colégio da localidade vizinha. Ficamos nervosos, com medo de errar, mas incentivados pelos professores a fazer um momento bem interessante; fizemos até blusas personalizadas; aquilo era um incentivo a mais. Guardo essa blusa até hoje, porque eu tinha boas recordações todas as vezes que eu a encontrava em minhas coisas.

Nos primeiros anos, quando comecei a estudar, não tinha transporte escolar, então minha mãe me levava até a escola de carroça; por muitas vezes, era uma viagem sem êxito, porque eu não ficava na escola, havendo problemas de adaptação. Algo marcante eram as atividades produzidas no mimeógrafo, que, por vezes, saíam borradas e ilegíveis, mas aquele cheiro de álcool nas tarefas era marca registrada da época.

No Ensino Médio, as minhas vivências com a ludicidade diminuíram, pois a maior preocupação era com as provas externas e vestibulares, então considero que houve um distanciamento do lúdico nessa etapa. Apesar de ter participado de feiras de ciências, jogos escolares e muitas atividades prazerosas, vivenciei o lúdico com mais intensidade no Ensino Fundamental.

Particpei de um curso no ano de 2012 chamado “Condomínio Digital”, na escola Joaquim Magalhães, situada no município de Itapipoca/CE. Logo após concluir o Ensino Médio, participei de várias atividades interessantes que tinham proximidade com o lúdico. Realizamos um evento para falar sobre vários tipos de empresas. Estudamos, fomos em algumas empresas no município de Itapipoca/CE, pesquisamos e fizemos o evento acontecer. Foi um momento de troca de experiências primordial ao longo do curso.

Na universidade, no curso de Pedagogia, aproximei-me com mais intensidade tanto da teoria quanto da prática sobre ludicidade, pois várias disciplinas trouxeram atividades voltadas ao lúdico; cito como exemplo a disciplina de “Alfabetização de Crianças” e “Educação Infantil”, em que a professora Ana Luísa adorava fazer contação de história, levava livros e fazia da sala de aula

um espaço muito agradável. Outra atividade de que tenho recordações importantes aconteceu na disciplina de “Arte e Educação”, na qual a professora gostava de levar livros, poemas, dinâmicas e objetos de representação do assunto abordado nas aulas e adorava colocar a turma em grupo para produzir algum material, como cartaz, cordel e até mesmo poemas. Nesse sentido:

Os jogos já vêm, há muito tempo, sendo utilizados na educação infantil que, por meio do universo lúdico, experimenta novas situações, com a segurança que um jogo permite. Com adultos – como no caso da educação superior –, essa realidade também se aplica. Com dinâmicas, é possível desinibir, gerar um ambiente mais leve e propício para o conhecimento, melhorar relacionamentos e, principalmente, gerar um aprendizado com significado – o que é mais eficiente e durador (Hoppe; Kroeff, 2014, p. 168).

Nessa perspectiva, percebi ainda mais a importância da ludicidade no ambiente escolar. Os textos lidos e abordados ao longo do curso de Pedagogia possibilitaram ainda mais essa visão, que reforçou o quanto a ludicidade é crucial no processo de ensino/aprendizagem e na relação professor/aluno. A ludicidade leva o aluno a percorrer um processo de aprendizagem com mais intensidade e gosto, se for bem planejada pelo professor. Os jogos e brincadeiras devem ser adotados como proposta de ensino e recurso favorável à aprendizagem do discente. Estas foram as minhas maravilhosas recordações.

Referências

BESSA, B. *Poesia que transforma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

COTONHOTO, L. A.; ROSSETTI, C. B.; MISSAWA, D. D. A. A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. *Revista Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 27, n. 28, 2019.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. In: FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. p. 44-58.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a Educação Infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2017. s/p.

KROEFF, A. M. S.; HOPPE, L. Educação lúdica no cenário do ensino superior. *Revista Veras, [S.l.]*, v. 4, n. 2, 2014.

MATTOS, R. C. F.; FARIA, M. A. Jogo e aprendizagem. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 2, n. 1, 2011.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

42 NO EMBALO DE MEMÓRIAS: O LÚDICO EM MINHA TRAJETÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap42>

JORDÂNIA MARTINS SANTOS

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Alfabetização e Letramento e Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudos sobre Práticas de Letramento Literário e Educação de Crianças (Geplec), ambos desenvolvidos na Facedi. Professora da rede pública municipal de ensino de São Gonçalo do Amarante, Ceará.
E-mail: jordaniamartins9@gmail.com

[...] Vês, lá longe, o campo de trigo? – Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! – Mas tu tens cabelo cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo que é dourado fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo... A raposa ficou em silêncio e olhou por muito tempo o pequeno príncipe: – Por favor... cativa-me! – disse ela (Saint-Exupéry, 2015, p. 66-67).

Era manhã, a agitação e a curiosidade me consumiam. Caminhava em companhia da minha mãe e não me recordo do meu penteado naquela manhã, mas posso inferir que meus cabelos estavam cuidadosamente enrolados, formando cachos em algum penteado semipreso, já que essa era uma característica dos penteados feitos por minha mãe. A partir da inferência feita, vemos que narrar com base em lembranças é reconhecer que:

[...] o mundo representado não pode nunca ser idêntico [...] fabrica-se discursivamente um mundo, cuja existência não resulta de meras reproduções de objetos do mundo objetivo (fatos, situações, figuras, pessoas, etc.), mas de um trabalho linguageiro que constrói uma realidade discursiva, fundada a partir do modo como o sujeito interpreta o 'real' e significá-lo no bojo de uma dada situação de interlocução. Daí reconhecer a pertinência de ditos populares como:

'Quem conta um conto aumenta um ponto' ou 'Quem conta aumenta, mas não inventa' (Silva, 2010, p. 603, grifo da autora).

Sigo caminhando na descrição da tal realidade discursiva. Depois de um breve percurso, chegamos ao nosso destino. Lá estava eu na minha primeira escola, no meu primeiro dia de aula. Era uma instituição particular com poucos alunos. Confesso que as lembranças da minha infância naquela escola de Educação Infantil são bem adormecidas. Contudo, uma memória lúdica da pequenina escola são os momentos de cantoria estimulados pela professora, sobretudo antes do lanche. De acordo com Nascimento, Oliveira e Marques (2016, p. 139):

[...] o docente do ensino infantil tem um papel importante na formação individual e coletiva das crianças, principalmente quanto ao processo de ensino/aprendizagem associados às estratégias lúdicas e musicais.

Daí a memória musical ser tão marcante em minhas recordações.

Em rápidos *flashes*, consigo visualizar minha irmã chegando à escola para deixar meu lanche. Sempre que essa lembrança me ocorre, músicas como “Borboletinha” e “Meu lanchinho” são fundos musicais de tais recordações. Segundo relatos da minha mãe, permaneci na escola por apenas um semestre e, no decorrer do ano, não tive mais acompanhamento escolar. De acordo com Luckesi (2002, p. 26), “Ludicidade, [...] é um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestações no exterior. Assim, a ludicidade foi e está sendo entendida por mim a partir do lugar interno do sujeito”. Compartilho com o autor no que concerne à definição de ludicidade e é com base

em tal afirmação que relato minhas memórias lúdicas, acrescentando ainda que:

[...] a ludicidade [...] pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das 'brincadeiras'. Pode ser qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem (Luckesi, 2014, p. 18).

Com isso, todas as narrativas aqui apresentadas são frutos de experiências subjetivas que hoje compreendo e as defino como momentos lúdicos. Assim como Saint-Exupéry queria em “*O pequeno príncipe*” (2015), eu também gostaria de ter iniciado esta história com o mágico “Era uma vez” dos contos de fadas. “Para aqueles que compreendem a vida, isso pareceria, sem dúvida, muito mais verdadeiro” (Saint-Exupéry, 2015, p. 18), mas “Sou um pouco como as pessoas grandes. Acho que envelheci” (Saint-Exupéry, 2015, p. 19). Assim como as pessoas grandes, continuo descrevendo memórias lúdicas. Como já apresentado, minha mãe relatou que estudei durante um semestre na Educação Infantil e fiquei um semestre sem acompanhamento escolar. No ano seguinte, fui para outra escola, agora uma escola de Ensino Fundamental I, que se localizava um pouco mais distante da casa em que residia na época.

As lembranças mais significativas da minha segunda escola são dos intervalos das aulas. Memórias embaladas pelos pulos de corda e trancelim; correria nas brincadeiras de pega-pega; apresentações para as festas da escola, como as festas juninas; procuras sempre malsucedidas ao Saci. Sim! Minha escola estava em reforma e tínhamos acesso a uma área de mata que acreditávamos

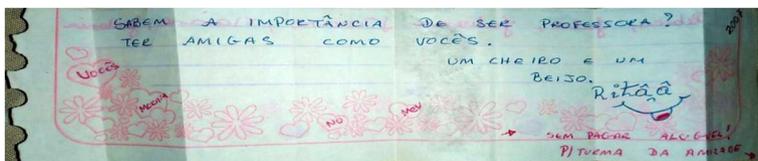
ser moradia do Saci – brincadeira que parece traduzir-se no trecho seguinte da música de Bedran (1997):

Quintal

[...] Moleque levado Saci-Pererê... / Que quer andar solto no mato, / Mas vive trancado dentro de você / Sai correndo muito ligeiro, / voa que nem passarinho... / Pique-esconde, pique-ajuda, / pique-cola, pique-tá, / Não deixa ninguém te pegar [...].

Com 11 anos, fui para outra escola, iniciava o Ensino Fundamental II. As lembranças das aulas desse período já são mais claras. Recordo-me do forte uso do livro didático nas atividades e ainda atividades como campeonato de soletração, Olimpíada de Matemática e gincanas também se faziam presentes e integravam alunos de toda a escola.

A recordação mais aconchegante da tal escola é do 6º ano, quando a professora de Língua Portuguesa propôs uma espécie de correio da turma. Ela levou uma caixa para a sala de aula, deixando-a na sala por alguns dias, para que nós, alunos, pudéssemos trocar bilhetes entre si. A atividade garantiu momentos de interação e de afetividade e reafirmou laços de amizade que até hoje ecoam na minha vida. Lembro que alguns alunos não receberam nenhum bilhete, levando a professora a conversar com alguns dos alunos, inclusive eu, pedindo para que escrevêssemos para aqueles que não tinham recebido. Ela queria que todos pudessem vivenciar a atividade. A dedicada professora também depositou seus bilhetes na caixa. Adiante um bilhete dela direcionado a mim e a alguns colegas.

Figura 1 – Bilhete

Fonte: Própria autora (2021).

A professora de Língua Portuguesa do 6º ano também se fez bastante presente em um campeonato de soletração na escola intitulado Soletrando. Ela auxiliou-me, encorajou-me e acompanhou-me durante todo o período do campeonato, que teve uma série de etapas, tendo sido eu a campeã do Soletrando naquele ano. Um dos prêmios foi o livro a seguir, que faço questão de guardar até hoje, pois me desperta lembranças da época.

Figura 2 – Livro

Fonte: Própria autora (2021).

Continuei na mesma escola até o 9º ano, rodeada de colegas, descobertas, crescimentos, medos. Havia tempos

já não era mais aquela mesma menina que trilhava com ansiedade o caminho da escola no primeiro dia de aula. A formatura do 9º ano veio como um rito de passagem. O ano seguinte representaria um novo momento escolar e pessoal. Ah! O Ensino Médio! A fase que muitos dizem querer esquecer.

A busca por sua identidade, a escolha da profissão, mas já dizia a flor d'O *pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 2015, p. 34): “É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”. Os três anos do Ensino Médio foram difíceis, mas não, eu não gostaria de esquecê-los. Foram anos intensos, marcados pelo forte companheirismo com amigos e pela inevitável preocupação com o futuro.

Logo no início do Ensino Médio, os cabelos enrolados deram lugar a um visual alisado. Durante o 2º e o 3º anos, intensificaram-se as preparações para as avaliações externas e o vestibular. Apesar disso, posso afirmar que tudo ficou mais ameno com as brincadeiras com os amigos e colegas de turma; tivemos muitos momentos lúdicos.

Finalizado o Ensino Médio em 2013, logo no ano seguinte iniciei a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Além da formação profissional, a faculdade me possibilitou bastante crescimento pessoal. Quando busco experiências lúdicas dessa fase, o que me vem com mais força são as relações com os colegas e os professores em determinadas atividades que me despertaram interesse, motivação, que muitas vezes me encantaram na construção do conhecimento, nos momentos de partilha.

Os estágios obrigatórios também se apresentaram com uma significação bastante lúdica em diversos momentos. Não falo necessariamente de atividades, e sim cito novamente as relações, as interações com as crianças da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e também com os adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que muitas vezes me despertaram prazer, encantamento e brilho nos olhos.

A construção e defesa da minha monografia representaram a finalização da faculdade e posso citá-las como experiências lúdicas, apesar de todas as dificuldades. Foi um momento não só de aprendizagens, mas também de consolidação de uma jornada, simbolizando o aval para uma nova fase. Isso desencadeou sentimentos que foram externalizados naquele momento “Lembrava-me da raposa. A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar...” (Saint-Exupéry, 2015, p. 81).

Ao escrever este memorial, vivencio novamente a ludicidade. Agora não mais a menina de cabelos cuidadosamente enrolados formando um penteado sempre, tampouco a adolescente de cabelos alisados. Vivencio o lúdico enfrentando, mais uma vez, a busca da minha identidade através da transição capilar. Vivencio o lúdico ao voltar a ler *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 2015). Vivencio o lúdico ao me lembrar da minha infância, da adolescência, da juventude, da escola e da vida pessoal.

Referências

BEDRAN, B. M. *Quintal*. 1997. Disponível em: <https://m.lettras.mus.br/bia-bedran/561355/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e formação do educador. *Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. *In*: PORTO, B. S. (org.). *Educação e ludicidade: o que é mesmo isso?* – Ensaios 02. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 22-60.

NASCIMENTO, C. M. A.; OLIVEIRA, M. L.; MARQUES, H. A música e as brincadeiras como estratégias de ensino na Educação Infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 37, n. 2, p. 131-142, 2016.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Escala, 2015.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

43 CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA DOCENTE LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap43>

JOSCILENE ALVES DE SOUSA

Pedagoga formada pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduanda no curso de Letras - Português pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Psicopedagoga formada pelo Instituto de Formação Superior do Ceará (Ifesc). Especialista em Orientação e Mobilidade pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE) e em Educação Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade no Sertão Central (Fasec). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE. Professora de Educação Infantil da rede pública municipal de ensino de Itapipoca, Ceará. Atualmente é coordenadora pedagógica do Centro de Educação Infantil Maria da Guia Paixão da Silva (Dona Juranda).
E-mail: joscilenealves7@gmail.com

Falar de memórias é a possibilidade de viajar no tempo e se perceber dona de algo importante, da minha história. Para falar de memórias lúdicas, posso começar dizendo que o lúdico nos permite vivenciar e compartilhar formações e construções de conhecimentos de maneira agradável, atraente e encantadora, que é positivo para as crianças e também para os adultos que se envolvem nesse processo.

A minha formação lúdica vem muito antes do ingresso na universidade e antes da minha atuação em sala de aula com crianças, vem da minha infância nos anos 1990, nas brincadeiras com meus irmãos, na construção de brinquedos feitos por meu pai, nas inúmeras vivências de infância. Diante disso, aqui quero dividir essa formação lúdica em três momentos: primeiro, nos terreiros da minha infância; segundo, na universidade; e, terceiro, na minha prática docente. Sistematizar nos permite uma melhor compreensão desse enredo.

Minha origem é de família humilde de uma comunidade quilombola chamada Nazaré, que fica localizada na região serrana de Itapipoca, Ceará (CE). Neste lugar, vivi o lúdico sem saber e sem precisar conceituá-lo, sem saber que existia uma palavra que definia toda aquela experiência rica; também não havia perspectiva de um dia conhecer essa palavra, o que importava naquela época era brincar e ser feliz naquele tempo mágico de infância.

Sempre brinquei de roda com meus irmãos mais velhos e nossos amigos e amigas. Sempre encontrávamos novas brincadeiras com tudo que achávamos nos terreiros de casa, eram garrafas de vidro e de plástico, tampas, gravetos, tudo virava brinquedo e tudo entrava na brincadeira. Nossos pais, Francisco José de Sousa e Francisca Alves de Sousa (seu Francisco e dona Erbene), quando tinham tempo, juntavam todo aquele “lixo” e, com agilidade, transformavam tudo, faziam carrinhos de latas de óleo, faziam mesas e cadeiras de caixas de fósforo, faziam o possível para nos tornar felizes.

Brincávamos de casinha, reproduzindo o que víamos dentro de nossos lares, brincávamos de pega-pega, de esconde-esconde, bila, carrinho de boi, de fazer comidinhas e de inúmeras brincadeiras que nos faziam correr, ter equilíbrio, coordenação motora, agilidade, percepção e imaginação; desenvolvíamos-nos livremente e com prazer. Não havia energia elétrica naquele tempo, usávamos lamparinas, então me lembro bem das noites de lua cheia, em que o terreiro ficava claro e bem iluminado e podíamos sentar lá fora e ouvir várias histórias que nossos pais contavam; eram histórias de terror e algumas engraçadas. Seguíamos noite adentro ouvindo e desenvolvendo nossa imaginação, que voava longe com tantos fatos narrados pelas vozes daqueles a quem mais amávamos, os nossos pais.

Com o passar do tempo, pela necessidade de buscar uma vida melhor financeiramente e com a pretensão de ampliar nossas possibilidades de estudos, viemos morar na zona urbana de Itapipoca/CE. Não tínhamos mais os terreiros nem os amigos e amigas de antes, mas brincávamos ainda nas calçadas, nas ruas; brincávamos

de bola, carimba, amarelinha, pular corda, pular elástico, etc. A infância ainda era rica de diversão e nas brincadeiras nos fazíamos mais felizes. Na escola não me lembro de brincar com muita frequência: não podia correr, não podia falar alto, tínhamos horários, rotinas e regras, era um pouco aprisionador. Quanto mais o tempo passava, menos divertida era a escola; a cada novo ano, novas mudanças, novas metas e demandas a serem cumpridas; a ludicidade se perdia a cada nova etapa.

Então o tempo passou e me deparei com a universidade em 2011 e foi lá que descobri a palavra “lúdico”; foi também ali que entendi que todas as experiências prazerosas de brincar, correr, pular, cantar, contar, ouvir histórias que fizeram parte da minha infância também fazem parte da minha formação integral e contribuíram e contribuem ainda hoje significativamente para a pessoa e profissional que sou. Mas não vamos aqui pensar que o curso de Pedagogia que fiz na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), era formado por diversas vivências de ludicidade, pelo contrário, assim como ocorre na Educação Básica, em que, quanto mais crescemos, menos vivências lúdicas nos são ofertadas. Então, tive poucas experiências práticas lúdicas em sala de aula na universidade. Acredito que isso ocorreu devido a alguns professores e professoras não levarem em conta que essas práticas são capazes de despertar em seus discentes uma maior atenção, concentração e curiosidade, motivando-os em suas aulas. Concordando com isso, as autoras a seguir salientam que:

Alguns educadores têm dificuldade em perceber a importância da ludicidade no processo de ensino

e aprendizagem. Porém, profissionais da educação comprometidos com a qualidade de sua prática pedagógica, reconhecem a importância do lúdico como veículo para o desenvolvimento social, intelectual e emocional de seus alunos. Para entender o universo da ludicidade é necessário compreender que ele envolve os jogos, os brinquedos e as brincadeiras (Modesto; Rubio, 2014, p. 2).

Das poucas práticas lúdicas vividas na universidade de que me lembro, posso citar as experiências na disciplina de ensino de “Arte e Educação”, em que fizemos estudos de jogos, fizemos teatro infantil e exploramos jogos como xadrez. Nas aulas de “Educação Infantil”; “Alfabetização de Crianças” e “Literatura Infantil”, também tivemos estudos teóricos sobre o lúdico e algumas experiências práticas com jogos produzidos com materiais recicláveis e tivemos contato com histórias para o público infantil.

No entanto, na universidade o que me fez enxergar de fato o valor das experiências lúdicas para a formação das crianças foram minhas vivências dentro de projetos de extensão universitária e programas como o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). O Pibid Pedagogia – Facedi, em 2012/2013, desenvolveu um projeto intitulado “Ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental I”. Uma das propostas de ação colaborativa desse projeto junto às escolas foi a criação de um espaço diferenciado para desenvolvermos atividades lúdicas na disciplina de Matemática. Então foram criados ambientes ornamentados de forma diferenciada para se aproximar do universo infantil, encantar e proporcionar às crianças a construção de conhecimento de forma lúdica e agradável e de maneira interdisciplinar.

Tivemos vivências de construção de jogos, de produção de brincadeiras, de contação e leitura de história na perspectiva de motivar e colaborar também com a alfabetização de muitas crianças que já estavam no 3º ano do Ensino Fundamental I e não sabiam ler.

Outra experiência formativa na área da ludicidade foi a participação no projeto “Grupo Palavra Encantada: Leitura, Contação de Histórias e a Formação de Professores Suficientemente Narradores”, em que experimentei vivências com o público infantil. O projeto buscava estimular a leitura e contação de histórias, bem como o resgate das identidades culturais, favorecendo de modo especial o público infantil com a contemplação de narrativas e experiências brincantes. Nesse grupo, aprendi que:

A utilização do lúdico na educação tem também, além do objetivo de desenvolver o aprendizado de forma mais atrativa para o aluno, o objetivo do resgate histórico-cultural dessas atividades. É um ótimo momento para o reconhecimento do seu histórico familiar e de sua cultura regional (Sant’Anna; Nascimento, 2011, p. 22).

Lembro-me dos encontros do Grupo Palavra Encantada e de como era divertido ler histórias, criar objetos lúdicos, brincar de jogos com mímicas, juntar dança com narração de histórias. Tínhamos momentos de aprender a usar o livro, de usar os fantoches, de dar vida às histórias, de estar com as crianças e deixá-las se envolverem conosco em um mundo mágico e encantador de contação de histórias. Lembro-me com muito carinho do brilho nos olhos de cada criança ao se impressionar com as narrativas; logo ao fim, elas diziam: “Tia, conta de novo!”.

Nesse projeto, aprendi muito do que sei hoje e foi ele um dos melhores e mais marcantes caminhos que tri-lhei na minha formação docente, que me deu base para trabalhar de forma mais segura, crítica e criativa na Educação Infantil. Nele percebi que posso, através de uma história, de uma brincadeira, de uma música, trazer para a cena aprendizagens para as crianças, discutir de forma lúdica questões sérias que já surgem no universo da infância; podemos falar sobre preconceito, diversidade, sobre ser mulher, sobre cultura, etc. Percebo que o lúdico é importante e que brincadeira é coisa séria. Então, essa experiência no Grupo Palavra Encantada foi sem dúvida fundamental para mim; recordo-me com muito amor da minha inspiração nesse espaço, a professora Ana Luisa Nunes Diógenes, que virou referência para mim, que me motivou a ser uma boa professora; com isso, hoje exerço minha profissão com muita dedicação e amor.

O terceiro momento da minha formação lúdica se inicia em 2017, com o ingresso em sala de aula na Educação Infantil, em que venho me formando dia a dia com as interações com as crianças e as experiências que esse universo proporciona. Chegar a essa realidade me fez questionar como trabalhar o lúdico na perspectiva de possibilitar a formação integral das crianças, tendo em vista que a Educação Infantil tem por “[...] finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996). Foi nesse cenário que pude introduzir o brincar como meio de construção de conhecimento, levando em conta que é:

[...] por meio da brincadeira que as crianças consti-tuem a si mesmas, dão significado ao mundo ao seu

redor, expressam seus desejos, medos, experimentam papéis, interagem com seus pares e compartilham suas culturas (Ceará, 2019, p. 128).

Com isso, valorizei as interações e brincadeiras das crianças e ofertei novas experiências com jogos produzidos com material reciclável, brincadeiras de ciranda que muitos não conheciam, contações de histórias com objetos concretos, etc., e em cada vivência ficava atenta às crianças, observava suas ações, pois sabia que poderiam ter alguns conhecimentos importantes para a minha prática. Concordando com isso, Friedmann (2012, p. 46) esclarece o que o educador pode obter em sua ação de observar seus alunos:

[...] um diagnóstico do comportamento geral do grupo e do comportamento individual de seus alunos; descobrir em qual estágio de desenvolvimento se encontram as crianças; conhecer valores, as ideias, os interesses e as necessidades de cada grupo, seus conflitos, problemas e potenciais.

Mediante essa minha trajetória até aqui, percebo que desde criança me formei para defender uma abordagem lúdica em sala de aula, mas sempre levando em conta a realidade das crianças, observando cada uma delas nesse processo e tendo em mente que o lúdico não é só o que nós, professores e professoras, achamos bom e divertido; para ser lúdico, precisa ser principalmente bom e prazeroso para nossas crianças. Com isso, fica nítido que a experiência lúdica:

[...] se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal.

Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico. Uma determinada brincadeira pode ser lúdica para uma pessoa e não ser para outra (Bacelar, 2009, p. 25).

Nesse sentido, faz-se necessário pensar o lúdico como uma ação que pode ser desenvolvida coletivamente em sala, mas em que deve ser observada a subjetividade de cada criança, tendo em vista que o foco do nosso trabalho são elas, o nosso objetivo enquanto educadores é a formação integral, coletiva e individual de cada criança. É necessário defender que o lúdico faça parte não só da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o lúdico precisa ser inserido em todo o contexto da Educação Básica, nas universidades, nas formações de professores e professoras, etc., portanto é notório que aprender é fundamental para o desenvolvimento humano e aprender de forma lúdica é sempre a melhor alternativa. Tudo que é feito de forma prazerosa marca nossas vidas e nos constitui como seres melhores.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

CEARÁ. *Documento Curricular Referencial do Ceará: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Fortaleza: Seduc, 2019.

FRIEDMANN, A. A atividade lúdica no contexto da educação. *In*: FRIEDMANN, A. *O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012. cap. 2.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revemat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

44 A BRINCADEIRA REAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap44>

LIDIAN MARQUES FELÍCIO BARBOSA

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Graduanda em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela Universidade Santa Fé – Maranhão. Professora da rede municipal de Itapipoca, Ceará. Professora e atualmente é gerente da Educação Infantil, Secretaria da Educação (Seduc), Itapipoca, Ceará.

E-mail: Imarquesfeliciobarbosa@gmail.com



Esta busca na memória da minha trajetória educacional remete a momentos de luz e paz para esses dias difíceis, de tantas perdas e dores causadas por essa pandemia. Lembro-me de uma infância no interior do estado do Ceará, no local que traz felicidades até no nome, Sítio Alegre, e é esse entusiasmo que faz com que eu traga uma frase de Freire (1991, p. 58), cuja reflexão faria anos depois, que diz:

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.

Até aquele momento, não sabia o que seria enquanto profissional e muito menos o quanto essa frase seria real em minha trajetória de vida e de formação, mas já tinha certeza que minhas brincadeiras preferidas envolviam meus/minhas irmãos/ãs e os livros; por ser a mais velha de uma família de seis filhos, já tinha minha própria sala mesmo antes da profissão.

O dia de estudar chegou já aos 5 anos de idade, pois minha família acabava vivendo quase de forma nômade entre esse local de amor da minha infância, morada dos meus avôs maternos, portanto meu porto seguro e a necessidade de sobrevivência familiar. Assim, vivi este momento encantador cheio de expectativas, lembro-me até do cheiro da minha primeira professora – a tia Judite, como a chamava carinhosamente.

Recordo-me agora em lágrimas de quando, em meados de agosto de 1985, tivemos que viajar novamente em busca de trabalho para que meu pai pudesse alimentar a todos nós. Fui embora da minha escolinha aos prantos, embora que apenas intimamente, pois não demonstrava esse choro em casa, pelo contrário, mostrava satisfação ao meu pai, pois já compreendia, apesar da pouca idade, que ele tinha um amor incondicional por seus filhos, e era esse amor que nos trazia alento, apesar das dificuldades enfrentadas.

Minha mãe, em sua sabedoria inerente, só realizava nossas mudanças à noite, para colocar um colchão em cima dos caminhões de mudanças, que eram abertos, para que meus irmãos e eu ficássemos deitados olhando as estrelas; no percurso, ela inventava histórias de que não recordo, pois me embriagava com o brilho das estrelas e as conversas que tinha com elas; só acordava quando já estávamos na nossa nova morada.

Ouvir estrelas

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo / Perdeste o senso!
 E eu vos direi, no entanto, / Que, para ouvi-las, muita
 vez desperto / E abro as janelas, pálido de espanto... /
 E conversamos toda a noite, enquanto / A via-láctea,
 como um pálio aberto, / Cintila. E, ao vir do sol, saudo
 e em pranto, / Inda as procuro pelo céu deserto.
 / Dizeis agora: "Tresloucado amigo! / Que conversas
 com elas? Que sentido / Tem o que dizem, quando
 estão contigo?" / E eu vos direi: 'Amai para entendê-
 -las! / Pois só quem ama pode ter ouvido / Capaz de
 ouvir e de entender estrelas' (Bilac, 1919).

E ao retorno à minha terra natal, enfrentei uma certa dificuldade no retorno à escola, pois, naquela época, os livros eram artigos de luxo até dentro das escolas,

em especial as dos interiores, então, para que não perdesse o ano letivo, uma professora amiga de minha mãe deixou que estudasse na sala dela, mas o livro era o que havia trazido comigo da outra escola; pela minha dedicação e amor às letras, já conseguia ler. Isso causou um certo atrito com os colegas que ainda estavam construindo seu percurso enquanto leitores, e isso, ao mesmo tempo que me evidenciava, também trazia incômodo para as minhas construções afetivas e de trocas com os colegas novos da escola nova, a ponto de ser desafiada a ler os livros deles, pois a turma achava que só sabia ler no meu, ou seja, que era tudo decorado no dia anterior. A doçura e “crueldade” infantil no auge da alfabetização. Hoje lembro e gargalho com a situação, mas no dia borboletas voavam em meu estômago. Friedmann (1995, p. 56) explicaria que:

Jogo Simbólico – Entre os dois e os seis anos a tendência lúdica predominante se manifesta sob a forma de jogo simbólico. Nesta categoria o jogo pode ser de ficção ou de imitação, tanto no que diz respeito à transformação de objetos quanto ao desempenho de papéis. A função do jogo simbólico consiste em assimilar a realidade. É através do faz de conta que a criança realiza sonhos e fantasias, revela conflitos interiores, medos e angústias, aliviando tensões e frustrações. O jogo simbólico é também um meio de auto-expressão [sic]: ao reproduzir os diferentes papéis (de pai, mãe, professor, aluno etc.), a criança imita situações da vida real. Nele, aquele que brinca dá novos significados aos objetos, às pessoas, às ações, aos fatos etc., inspirando-se em semelhanças mais ou menos fiéis às representadas. Dentro dessa categoria destacam-se os jogos de faz de conta, de papéis e de representação (estas denominações variam de um autor para outro).

E assim, encarando o momento como uma brincadeira, afinal aquele era o preço da minha aceitação no novo grupo, busquei conseguir superar aquele desafio proposto. Esse grupo foi se construindo e foi fortalecido; após aquela passagem, até a minha 4ª série, foram lindos os momentos de pega-pega no recreio, brincadeiras de casinha nas casas e quintais das colegas, assistir a desenhos com as amigas na única televisão a cores da rua; bem pouco tempo depois, aquela menina que brincava de professora já estava sendo professora de Educação Infantil, pois, aos 13 anos de idade, já havia iniciado minha regência quase que intuitivamente com uma turma de Pré-Escola.

Vocês não leram errado. Saio da infância e já volto a ser criança dando aula para substituir uma professora já doente dessa nossa profissão, que até então era ainda mais desvalorizada, mas, ao mesmo tempo, extremamente apaixonante, mesmo sem a devida valorização. Ao terminar o que atualmente chamamos de Ensino Fundamental, que à época era Primeiro Grau, meu pai, como protetor que sempre foi, trouxe-nos de mudança para Itapipoca, Ceará, para que sua primogênita (eu) concluísse o Ensino Médio.

Na verdade, ainda chamávamos o Ensino Médio de Segundo Grau, e meu curso não poderia ser outro que não o Curso Normal no até então denominado Colégio Estadual Joaquim Magalhães. Aí, sim, começo a compreender a frase de Paulo Freire que citei no início desta escrita, pois o que até então era somente uma prática intuitiva passou a ser objeto de estudo dentro desse curso e nos anos seguintes na faculdade de Pedagogia. Quando recebi meu primeiro convite para ministrar aulas nesse mesmo colégio, tive minha primeira realização

profissional, pois sempre compreendi a educação como um processo de investimento, não investimento que venha a trazer um retorno financeiro, mas algo bem além, em que eu que tenho direito à educação, no qual também tenho o dever de devolver, ou melhor, de partilhar meus conhecimentos construídos nessa trajetória.

A essa altura, a minha paixão pela sala de aula já havia se tornado amor incondicional e a vida novamente movia minha dimensão pessoal de forma a integrá-la com a minha dimensão profissional, proporcionando um íntimo relacionamento entre ambas. Ainda concluindo o quarto pedagógico, conheci meu esposo, já professor na escola onde estudava à noite e trabalhava durante o dia; ele já estava concluindo a faculdade de Pedagogia e, sempre que tinha oportunidades, levava-me para participar dos movimentos acadêmicos; ele (Evandro Barbosa) era presidente do Centro Acadêmico (Nosso Camol – Centro Acadêmico Montenegro de Lima). E todo esse entusiasmo me provocou a prestar vestibular para Pedagogia na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Acabei por compreender e realizar grandes construções teóricas na minha vida estudantil que vão aperfeiçoando minha prática. No último ano de curso, realizei meu concurso para professora e passei a ser professora concursada do município; no ano seguinte, tive meu primeiro filho (João Eduardo) e então minha dedicação à Educação Infantil passou a ser completa, pois então o objetivo de construir uma qualidade educacional para essa etapa de ensino era latente no meu fazer pedagógico, pois toda mãe deseja o melhor para a sua criança.

A partir desse momento, busquei capacitação e passei a ser tutora do Proinfantil, um curso para a formação

de professores leigos do município para capacitar esses profissionais. Concluí essa tutoria com minha segunda filha (Maria Eduarda) nos braços, o que motivou ainda mais minha busca por essa Educação Infantil de qualidade. No ano de 2011, fiz o meu segundo concurso, passando agora a ser concursada como professora de Educação Infantil (200 horas), quando descobri que estava grávida pela terceira vez, dessa vez com um intervalo de apenas dois anos entre gestações. Isso fez com que buscasse, junto com outras parceiras da época do Proinfantil – Kelly Lemes e Fabianne Lopes – construir pedagogicamente o primeiro Centro de Educação Infantil (CEI) de tempo integral, garantindo nesse espaço uma Educação Infantil de qualidade para os meus filhos e para as crianças desse município desde o berçário, assim minha Ana Júlia pôde crescer perto de mim.

E finalmente cheguei a este momento, a vivência deste curso sobre o lúdico, lembrando Piaget (1990), que diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, indispensável à prática educativa. Nessa busca de construir uma relação direta entre a atividade intelectual e o lúdico, apesar das diversas atribuições da profissão, busco, por meio de um grupo de estudo, aprofundamento sobre o assunto, o que gera algo maior, que é um curso sobre o lúdico. Dentro dessa vivência, venho a fortalecer meus princípios de intenção pedagógica ao compartilhar e, ao mesmo tempo, sendo impactada pela partilha de colegas, em que acabo por conhecer tantos profissionais que utilizam a ludicidade para fortalecer suas experiências pedagógicas, promovendo momentos de construção com seus alunos, colocando a criança como protagonista de situações que geram aprendizagem.

Enquanto isso, o município passa a realizar a construção de novos CEIs, trazendo grandes possibilidades de educação para crianças dentro do município. Nessa jornada, sou convidada a estar à frente da equipe de Educação Infantil do município e busco, com a aceitação desse convite, fortalecer essa brincadeira que vivenciei lá atrás como criança, de ser educadora dos meus irmãos e irmãs, o que atualmente é a minha realidade, construída coletivamente com essa turma de professores do nosso município, numa proposição de uma educação com qualidade, equidade, ludicidade, inovação e transformação, pois, como já garantem nossas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), os eixos estruturantes para a Educação Infantil são a interação e as brincadeiras. É por meio dessas interações e brincadeiras que iremos trabalhar ludicamente, proporcionando às nossas crianças espaços de aprendizagens repletos de lúdico.

Espero, em breve, continuar esta história, trazendo as conquistas que este curso proporcionou e ainda proporciona em nossa rede de ensino municipal, objetivando uma educação lúdica para todos e todas.

Referências

BILAC, O. Ouvir estrelas. *In*: BILAC, O. *Tarde*. Domínio Público, 1919.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 2009.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIEDMANN, A. *Jogos tradicionais*. São Paulo: FDE, 1995.

PIAGET, J. A. *A psicologia da criança*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

45 A MEMÓRIA COMO FONTE DE RESGATE DAS VIVÊNCIAS LÚDICAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap45>

LARA CRISLEY ALVES DOMINGUES

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Currículo e Prática Docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar na Faculdade Excelência. Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica da UECE. Atualmente é professora da Escola Antenor Napolini, no município de Sobral, no Ceará.

E-mail: lara-crisley@hotmail.com

Durante a minha infância, tive a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências lúdicas. Adorava brincar de esconde-esconde com meus primos na calçada de casa, e uma das brincadeiras que marcou muito a minha infância foi amarelinha. Lembro bem que era uma das minhas favoritas. Posso afirmar que essa foi uma das fases em que brinquei bastante e aproveitei muito bem, deixando aprendizados significativos para a minha formação pessoal e profissional.

Tenho boas recordações de grande parte da minha infância no interior da cidade em que viviam meus avós, para onde todo final de semana meus pais viajavam; eu amava ir junto. Sempre quando chegava, tomava banho em um rio que tinha bem próximo; sentir o cheirinho do mato, subir nas árvores e comer as frutas, andar de carroça com meus tios, sentar no alpendre ouvindo meu avô contar suas histórias mal-assombradas, enfim, essas eram algumas das atividades que eu mais amava fazer lá.

Meu início de trajetória escolar começou quando eu tinha 4 anos de idade. Minha mãe conta que eu sempre perguntava quando iria para a escola e que ficava bem ansiosa para que essa nova fase começasse. Não recordo muita coisa do período da Educação Infantil; minhas maiores lembranças são do Ensino Fundamental, especificamente da 1ª série, quando aprendi a ler com a professora Miriam, que sempre utilizava brincadeiras e recursos lúdicos em suas aulas; sempre ficava curiosa

para saber como seria a aula daquele dia, pois ela sempre trazia coisas diferentes, e esse deve ser um dos motivos pelos quais ela foi uma das professoras que me marcaram bastante nesse período.

Segundo Friedmann (2012, p. 45), “[...] a aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que elas se dediquem a uma atividade”. Ou seja, é essencial que o professor pense em atividades significativas e desafiadoras, propostas que estimulem os alunos e agucem seu desejo de aprender, garantindo a participação ativa desses indivíduos no processo de ensino e aprendizagem. Isso eu trago pra dentro da minha vivência na escola que citei anteriormente; sentia-me totalmente motivada e envolvida nas atividades que a professora trazia; ela conseguia despertar o desejo do saber de cada aluno ali presente.

Minhas próximas experiências com o lúdico foram na graduação, logo quando participei de alguns minicursos e oficinas desenvolvidos na semana universitária e cursei uma disciplina optativa sobre ludicidade. Esse contato maior com essa temática me despertou um interesse em estudar mais sobre o assunto, pois essas experiências formativas vivenciadas como estudante de Pedagogia me permitiram perceber a importância da presença de atividades lúdicas no processo de desenvolvimento do aluno. Bacelar (2009, p. 36-37) colabora com essa ideia quando afirma que:

A vivência da ludicidade, na fase de desenvolvimento infantil, pode contribuir para construir novos modos de agir no mundo ou de compreender como eles acontecem, assim como pode também contribuir

para restaurar alguma experiência que não tenha sido bem-sucedida.

Na visão da autora, essas vivências lúdicas permitem que a criança se comporte de uma forma mais avançada, pois são estimuladas suas percepções, habilidades, competências, possibilitando-lhe uma formação de novos conceitos e melhor socialização com o mundo. Com base nas minhas experiências durante o meu processo formativo, no final da graduação aproveitei essa bagagem que já possuía em relação ao lúdico e resolvi escrever minha monografia sobre essa temática, especificamente no ensino da Matemática, sendo meu objetivo compreender quais as concepções e práticas de professores acerca do jogo como ferramenta didática em aulas de Matemática dos anos iniciais.

Os resultados da pesquisa mostraram que grande parte dos docentes utilizava jogos e recursos lúdicos, mas sem fins pedagógicos; seus discursos em relação às possíveis contribuições da ludicidade no processo de aquisição de conhecimento focavam mais aspectos gerais, descentralizados da aprendizagem. A partir disso, é importante destacar que a necessidade do lúdico e de recursos que despertem o prazer, o interesse e a motivação dos alunos se torna indispensável na prática docente, porém considero que esses elementos precisam estar sempre entrelaçados à necessidade de possibilitar a aprendizagem.

Modesto e Rubio (2014, p. 12) acrescentam que:

Profissionais como pedagogos e psicopedagogos devem perceber que o brincar pelo brincar já é feito em casa, por isso é preciso ter um tratamento didático direcionado, um planejamento, com objetivo do

que ensinar para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos envolvidos (Modesto; Rubio, 2014, p. 13).

Por isso, faz-se necessária a mediação do docente durante esse processo, para que esses recursos não sejam utilizados de uma forma superficial. É essencial partir de objetivos didáticos, adequando esses recursos às possibilidades de aprendizado dos discentes, para que, assim, o potencial educativo do lúdico venha a ganhar mais destaque na esfera educacional.

Acredito que essa minha experiência com a ludicidade durante a graduação me trouxe novos olhares enquanto docente; pude compreender a importância de o professor tomar conhecimento dos diferentes recursos que estão à sua disposição e saber utilizá-los, pois ele, na condição de formador de sujeitos, precisa também estar preparado para assumir diversos papéis, como o de observador, desafiador e orientador frente a atividades com a utilização do lúdico, por isso busco sempre refletir sobre minhas vivências e trazer à memória momentos que foram bastante marcantes para a minha formação é algo primordial, pois essas experiências estão diretamente ligadas ao fazer docente. Segundo Rodrigues (2011, p. 10):

[...] os indivíduos são herdeiros do que vivenciaram no passado e, a partir dessa herança, é possível que o sujeito que tornou-se [sic] professor obtenha proveito pedagógico ao refletir sobre as experiências progressas, por exemplo: 'por que me tornei professor'; 'o que considero um bom professor'; 'por que ensino da forma que ensino'; 'por que avalio desta maneira' [...].

A partir da citação, fica nítido o quanto toda a trajetória de vida do docente se reflete no seu campo pro-

fissional, pois o professor se constrói por meio de todas as experiências vividas e, ao exercer a docência, carrega toda a sua bagagem para o seu modo de pensar, agir, lidar com desafios e medos. Partindo desse pensamento, Santos (2013, p. 58) também afirma: “Ressalta-se, assim, para a elaboração do fazer docente, a importância de todas as experiências discentes acumuladas ao longo da vida”. Diante disso, destaco que a formação do professor é um processo contínuo e inacabado e essa formação vai além de dominar conteúdos e fórmulas, ela se constitui em uma aprendizagem que envolve sobretudo experiências formativas.

Assim, uma última vivência que venho destacar no memorial está associada à minha pós-graduação em Psicopedagogia, em que o lúdico se faz muito presente também de forma bem significativa. De acordo com tudo o que venho experienciando neste campo da Psicopedagogia, em que é trabalhada muito a questão das dificuldades de aprendizagem dos alunos, percebo que as atividades lúdicas entram nesse contexto como uma ferramenta de intervenção psicopedagógica, possibilitando, de uma forma mais dinâmica, adentrar no mundo da criança e intervir de forma que diminua suas dificuldades.

Há alguns meses, realizei um dos meus últimos estágios da pós, que se caracterizou pelo estágio hospitalar, tendo como campo de estudo um abrigo situado aqui em Itapipoca, Ceará, sendo composto por 21 sujeitos, envolvendo crianças e adolescentes. Todas as atividades propostas foram desenvolvidas em dupla, e o nosso principal objetivo foi proporcionar um momento interativo e de aprendizado. No primeiro encontro com eles, apresentamo-nos e pedimos para que se apresentassem

também, identificando o nome e a idade. Logo depois, convidamos os participantes a cantarem uma música; levamos um violão e foi nítido o quanto eles se descontraíram e aproveitaram o momento da melhor forma.

Posteriormente foi feita uma contação de história da “Menina bonita do laço de fita”; a partir da leitura, buscamos fazer uma reflexão com eles e perguntamos o que a história representava para cada um. Ficou perceptível a timidez de alguns; outros já se sentiam mais confortáveis para falar, portanto deixamos todos bem à vontade para se expressar. Foi possível perceber o grande significado que esse momento teve para eles; ver a alegria expressa em cada olhar através dessa vivência única foi muito gratificante. Acredito que essas atividades que foram trabalhadas, como a música e a contação de história, constituíram uma grande experiência afetiva para cada um.

De acordo com Maffioletti (2008, p. 7): “Aprender a brincar com a música é essencial na educação da infância, porque na música as crianças se sentem seres humanos capazes de aprender e de comunicar o que sabem fazer”. Ou seja, por meio da música, a aprendizagem se torna mais fácil; ela tem o poder de inserir o sujeito em um universo repleto de afetividade e significados. Desse modo, consigo relacionar isso com o que foi vivido no estágio, a forma como eles se sentiam envolvidos e motivados a participar no momento da música.

Assim, afirmo que foi uma experiência enriquecedora recordar todas estas memórias lúdicas que fizeram parte do meu percurso de vida desde a infância até a minha trajetória profissional, pois, a partir das leituras, dos momentos formativos que tivemos ao longo do

curso, das minhas próprias lembranças resgatadas, eu realmente tomei conhecimento do quanto as experiências vivenciadas ao longo da vida em relação ao lúdico alimentam a constituição do ser professor.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e Educação Infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRIEDMANN, A. *O brincar na Educação Infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

MAFFIOLETTI, L. A. A dimensão lúdica da música na infância. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. F. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 5, n. 1, 2014.

RODRIGUES, S. M. P. Contribuições da memória na formação da identidade docente. *In*: EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

SANTOS, T. B. Memória discente e formação docente: análise dos relatos de estudantes de pós-graduação. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 3, 2013.

46 OS CAMINHOS DA INFÂNCIA ENTRELAÇADOS ÀS VIVÊNCIAS LÚDICAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap46>

MARCOS RIQUE CUNHA COELHO

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE. Foi bolsista de Iniciação Científica – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – nas áreas do Ensino de Matemática e Docência no Ensino Superior. Foi professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

E-mail: marcosrique130296@gmail.com



Antes de adentrar em meu mundo e contar minha história em relação à ludicidade, é relevante trazer o conceito dessa expressão, que, segundo Luckesi (2002), trata-se de algo que acontece internamente no indivíduo, possuindo influências de fatores que acontecem externamente, ou seja, vivenciar durante sua vida as vivências na escola, tudo isso, de alguma forma, desperta no sujeito algo que para ele é considerado lúdico. Por intermédio desse conceito, inicio minha história. Era uma vez uma criança cheia de alegria, incentivada pela sua mãe indo para a escola em seu primeiro dia de aula: foi em uma manhã de chuva em que eu e minha mãe caminhávamos por aquela estrada molhada até a escola. Recordo-me de um guarda-chuva lilás com várias flores estampadas que eu fui segurando. Era uma novidade enorme para mim levar aquele objeto.

Chegando lá, fui colocado na primeira cadeira da frente, onde fiquei com vontade de chorar, pois eu não estava familiarizado com aquela nova vida e rotina, porém foi uma questão de tempo e, depois de alguns dias, estava eu acostumado com meus colegas e professores. Na hora do lanche, todos os dias tinha o “Trenzinho do lanchinho”, uma recordação que tenho de maneira muito superficial: lembro que eu gostava de ser o último da fila, afinal eu era uma criança um pouco tímida. O trenzinho começava a andar com a seguinte canção: “Meu lanchinho, meu lanchinho / Vou comer, vou co-

mer / Pra ficar fortinho, / Pra ficar fortinho, / E crescer!
E crescer!”.

Essa canção incentivava todos nós a irmos lanchar aquela gostosa sopa ou aquele saboroso mingau preparado com muito capricho e amor. O tempo foi passando, fui crescendo e continuei nesta mesma escola. Na 2ª série, a minha professora era a minha mãe. Recordo que ela possuía uma televisão feita de cartolina, caixa, tampinha, pedaço de pau e que a tela era um papel cheio de palavras e histórias incríveis. Esse brinquedo foi construído em uma das aulas juntamente com a gente. O trabalho com materiais recicláveis também faz parte do processo lúdico, tendo em vista que estimula a criança em relação à criatividade e desenvolvimento. Para reforçar tal argumentação, podemos dizer que:

Desde cedo, a criança é capaz de dar significância a objetos simples, dar a eles outra utilidade, tornando-os ponto de partida para uma nova brincadeira. Uma vez que as crianças, na fase inicial, transformam tudo o que lhe vem às mãos em objetos significativos para si, ainda que para o mundo adulto aquele objeto não possua grandes significados, dessa forma, um molho de chaves é capaz de despertar a capacidade criativa da criança, a qual tem devida importância no processo de desenvolvimento do indivíduo (Tibúrcio *et al.*, 2019, p. 211).

Como podemos observar, construir um simples brinquedo pode ter um significado enorme para a criança e contribuir para o seu avanço, seja este o aspecto psicomotor, por exemplo. A imagem a seguir ilustra o brinquedo.

Imagem 1 – TV de palavras



Fonte: <http://vivi-educacao.blogspot.com/2012/05/tv-de-caixa-de-papelao.html>
(2021).

Foi com este brinquedo lúdico feito pela minha mãe que aprendi a desenvolver cada vez mais a capacidade de ler e escrever. Por esse motivo, é notória a importância da ludicidade dentro da sala de aula como forma de auxiliar o professor nesse processo. Já que estamos falando de ludicidade e sua importância no processo de ensino e aprendizagem, é necessário falar sobre a sua relevância dentro do contexto escolar, portanto:

A utilização do lúdico na educação tem também, além do objetivo de desenvolver o aprendizado de forma mais atrativa para o aluno, o objetivo do resgate histórico-cultural dessas atividades. É um ótimo momento para o reconhecimento do seu histórico familiar e de sua cultura regional (Sant'Anna; Nascimento, 2011, p. 19).

Nota-se o quão é importante o lúdico se fazer presente em sala de aula, não abordando somente aspectos que envolvam brincadeira, mas também frisando o destaque do resgate de vivências e resgates culturais da

vida do aluno. Ainda falando do brinquedo, lembro que quase toda tarde eu e minha mãe íamos para debaixo de uma mangueira próxima à minha casa. Lá eu brincava e estudava com a TV de palavras e outro brinquedo, aprendendo cada vez mais. No ano seguinte, mais uma vez, minha professora era a minha mãe. Recordo que ela levava muitos recursos e materiais, como fantoches, livros e brinquedos de bloco, os quais eram lúdicos para mim. Essas brincadeiras tinham como objetivo também conhecer cada aluno em relação à forma de pensar e agir ou em que nível estavam no que concerne à leitura e escrita, dentre outros fatores.

Com relação aos fantoches, acontecia teatro, do qual me recordo que eu sempre queria ficar com o boneco da bruxa. Tinha uma grande cortina e ali acontecia toda a magia. De repente, os personagens criavam vidas. Em uma das aulas, meu pai foi convidado para participar de um momento usando sua criatividade e aprendizagem adquiridas durante sua vida. Com relação ao teatro, podemos dizer que:

A contribuição do teatro como recurso didático e os jogos teatrais estarão proporcionando para o sujeito um crescimento pessoal (motricidade, afetivo, cognitivo). O relacionamento entre o indivíduo e o coletivo permitirá a vivência de situações importantes para o seu convívio social, exercendo de direitos e deveres, o respeito às diferenças, dentre outras (Santos, A.; Santos, N., 2012, p. 2).

É interessante destacar que a ludicidade não se limita apenas a brincadeiras ou a brinquedos para os alunos. Pode ser usada pelo docente como forma de identificá-los, seja quanto a aspectos relacionados à sua vida

pessoal ou escolar. Para reforçar tal argumento, segundo Friedmann (2012, p. 46), o professor pode:

[...] a partir da observação das atividades lúdicas, obter um diagnóstico do comportamento geral do grupo e do comportamento individual de seus alunos; descobrir em qual estágio de desenvolvimento se encontram as crianças; conhecer os valores, as ideias, os interesses e as necessidades de cada grupo, seus conflitos, problemas e potenciais.

Continuando essa viagem, recordo-me de ter feito um belo passeio e tomar um gostoso banho nas águas do rio Tororó. Esta foi umas das minhas músicas favoritas:

Eu fui no Tororó

Eu fui no Tororó beber água e não encontrei / Encontrei bela morena que no Tororó deixei / Aproveite, minha gente, que uma noite não é nada / Se não dormir agora, dormirá de madrugada / Oh, Dona Maria! Oh, Mariazinha! / Entrará na roda e ficará sozinha / Sozinha eu não fico, nem hei de ficar / Porque tenho Chico para ser meu par (Domínio público).

Essa música marcou minha história como estudante durante meu Ensino Fundamental. Lembro-me que eu cantava alegremente junto com a professora. Havia alguns colegas que tinham vergonha e eu conseguia convencer alguns a participarem da ciranda ao som dessa música. Faz-se necessário também frisar a importância da música dentro do contexto escolar. A professora em suas aulas usava a música como forma de dar um significado melhor às aprendizagens dos alunos.

Será benéfico ao professor e para o aluno, sendo mais uma forma lúdica de ensinar, a qual promove momentos de prazer e diversão. Dessa forma, o

professor será capaz de levar as crianças a atingir o aprendizado com excelência (Barbosa, 2012, p. 7).

Continuando essa viagem sobre minha vida, ainda me lembro de um acontecimento triste, que para mim foi algo lúdico. Por necessidade, era solicitado que os alunos tivessem uma foto em suas pastas escolares que ficavam na secretaria da escola. Tais fotos seriam tiradas no outro dia. Tenho lembranças de que, ao chegar da escola, fui brincar em minha bicicleta, como de rotina em todas as tardes. Após subir uma ladeira perto da minha escola, caí, bati o rosto no chão e o machuquei, deixando um grande arranhão próximo ao meu olho. Foi um desespero enorme, pois, naquele momento, lembrei que no dia seguinte iria ter a sessão de fotos para anexar junto à pasta escolar. Fiquei mais tenso ainda por ser motivo de riso de meus colegas. Eu tinha pavor de imaginar alguém fazendo chacota de mim. No dia seguinte, fui eu para a escola desanimado com a situação que tinha acontecido. Logo no caminho, alguns alunos das séries mais avançadas começaram a rir de mim. Na hora das fotos, lembro que chorei, mas, como era obrigatório ter a foto, tirei naquela situação, com o rosto machucado e melancólico.

Na hora do intervalo, minha professora conversou comigo, disse que aquele ferimento iria sarar e que eu não ficasse triste. Passou alguns dias e a fotografia chegou. Quando vi aquela foto, lembrei-me do que minha professora havia falado e não fiquei mais triste; dei gargalhadas e ri de tal situação. Foi assim que aconteceram alguns momentos de minha infância no que concerne à minha trajetória escolar como criança, vivenciando novos desafios e aprendendo a vencer. Hoje, servem de es-

pelho para que eu siga na caminhada firme e forte nesta caixinha de grandes emoções que é a vida.

Referências

BARBOSA, A. A música como um instrumento de transformação lúdica. *Periódico de Divulgação Científica da FALS*, São Paulo, v. 6, n. 14, 2012.

FRIEDMANN, A. *O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

LUCKESI, C. C. *Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revemat*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

SANTOS, A. N.; SANTOS, N. A. O teatro e suas contribuições para a educação infantil na escola pública. In: EN-DIPE, 16., 2012, Campinas. *Anais* [...]. Campinas: Unicamp, 2012.

TIBÚRCIO, N. M. S. *et al.* Ressignificando objetos: a importância da confecção de brinquedos com materiais recicláveis no processo educativo infantil. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 6, n. 2, 2019.

47 RECORDANDO MEMÓRIAS: UMA HISTÓRIA DE SUBIDAS E DESCIDAS, ESCALANDO DUNAS E CONTEMPLANDO MARES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap47>

MARIA ALRENICE GUIA DE SOUSA

Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Anhanguera (Uniderp). Especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade Excelência (FAEX). Professora de Português na Escola de Educação Básica Francisco Estevão de Assis na rede pública municipal de ensino de Amontada, Ceará.

E-mail: alrenicesousa4@gmail.com

Vasculhando minhas memórias de infância, vi-me lançada a um lugar paradisíaco. Lá estava eu, com os pés descalços sobre altos montes de areias claras, com o olhar voltado para o norte, onde se podiam contemplar uma magnífica paisagem de coqueirais e a linha do horizonte traçada pelas águas do mar. Foi tão vívida essa imagem: é como se eu tivesse voltado no tempo, lembrando aqueles lindos dias ensolarados quando eu ia com meus pais e meus irmãos para a praia, caminhando pelas dunas. Embora o caminho fosse longo, não percebíamos, devido ao tamanho que era o entusiasmo de subir e descer aqueles montes de areias claras e sinuosas, como também a expectativa de chegar à praia.

E assim, no percurso dessas viagens, surgiam diversas brincadeiras, como: descer as dunas sentados em garrafas *pets* amassadas, correr pelas ladeiras, tomar banho nas lagoas formadas pelas gotas de chuva de cada inverno. Essas lagoas eram um convite à alegria, com águas cristalinas que refletiam o lindo azul do céu. E essas viagens eram uma grande diversão, tanto na ida à praia com o alvorecer quanto na volta naqueles fins de tarde com o mais belo pôr do sol.

De acordo com Almeida (2014, p. 23):

O brincar é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão ou para passar o tempo. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desen-

volvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. O brincar é a essência da infância e uma necessidade humana.

Outra experiência lúdica de que me recordo é dos piqueniques que fazíamos nos finais de semana com a turma de catequese. O lugar preferido de todos eram as lagoas cristalinas formadas a cada inverno. Fazíamos uma lista com várias brincadeiras para garantir a diversão de todos durante aquelas manhãs, com comidas e bebidas. No dia marcado, a gente levava pipoca feita em casa, refrigerante e água. Depois de realizar todas as brincadeiras programadas e tomar muito banho de lagoa, chegava a hora do lanche, em que nem nos importávamos em tomar refrigerante quente, pois o sol aquecia e derretia todo o gelo. A alegria era certa; só em estarmos compartilhando aquele momento tão agradável de nossa infância era motivo de sobra para festejarmos.

Diante desse cenário de minha infância, posso compreender como esses momentos de brincadeira vivenciados foram importantes para o desenvolvimento de minha aprendizagem lúdica. Hoje consigo perceber que o ato de participar de brincadeiras imaginativas quando criança, mesmo sem intenção, serviu como estímulo da mente para meu futuro gosto pela leitura, que, mesmo tardio, deu-se efetivamente. Todas essas experiências vividas em minha infância tiveram grande influência na formação de meu gosto literário, pois:

[...] o lúdico sempre fez parte da vida do ser humano e falar de ludicidade é falar de brinquedos, brinca-

deiras, jogos, brincar, brinquedoteca e outros termos relacionados a esse universo cheio de encantamento, alegria e prazer (Almeida, 2014, p. 35).

Devido ao ambiente onde nasci, uma zona rural, as brincadeiras e passeios que eu fazia sempre me proporcionavam o contato direto com a natureza: o brincar ao ar livre sob as sombras dos cajueiros, subindo nos pés de azeitoneiras e fazendo competições com outras crianças para ver quem subia mais rápido e colhia mais azeitonas. Não foi coincidência que o primeiro livro que realmente me encantou fosse um recheado de aventuras vividas em um lugar muito bonito, com florestas encantadas. Hoje entendo que as experiências lúdicas na minha infância contribuíram para que eu pudesse gostar tanto desse livro.

Segundo Relvas (2010, p. 25), todo processo implica alguma aprendizagem, indicando simplesmente que alguém veio saber algo que não sabia, como uma informação, um conceito, uma habilidade, uma capacidade. Implica que esse “algo novo” que se aprendeu transformou esse alguém, pois é assim que me sinto através das vivências lúdicas da minha infância, que hoje se refletem nas minhas escolhas quando estou procurando um livro novo para ler, que me faz reviver esse universo da imaginação.

Recordo-me que, no tempo do colégio, não gostava muito de ler, pois só fazia a leitura de algum livro quando tinha trabalho ou atividade para responder e assim continuou até o primeiro ano de faculdade. Certo dia, contudo, através do meu primo, conheci o livro *As crônicas de Nárnia*, de um famoso autor da literatura inglesa, C. S. Lewis. Esse livro despertou em mim o real gosto pela leitura; a princípio, quando vi aquele volume único, com

mais de 700 páginas, fiquei me questionando se seria uma boa leitura. Cito aqui um dos trechos do livro:

[...] Para ela valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina [...] (Lewis, 2009, p. 105).

Assim como Lúcia em *As crônicas de Nárnia* ao tentar abrir a porta, permiti-me abrir o livro na busca de descobrir o desconhecido, pois a capa já tinha atraído a minha atenção, então resolvi começar a ler e, logo nas primeiras páginas, fui ficando cada vez mais entusiasmada em conhecer aquele livro cheio de fantasias que nos leva a mergulhar no mundo da imaginação através das aventuras vividas pelos personagens principais em Nárnia, um lugar onde a magia é corriqueira e onde todos eram instruídos pelo leão Aslam. Com o decorrer da história, ficava mais feliz com aquela experiência prazerosa, assim, em poucos dias, terminei de ler o livro; ao final da leitura, fiquei um pouco triste, pois queria que o livro fosse maior, mas o mais importante é que foi uma leitura maravilhosa.

A partir do livro *As crônicas de Nárnia*, fui descobrindo novos livros e quais gêneros realmente gosto de ler. Assim como aconteceu comigo, percebi que vários outros jovens também passam por essa mesma situação de não gostar de ler porque ainda não encontraram o livro certo, que lhes desperte essa vontade pela leitura. Presenciei na prática essa realidade, quando estava fazendo o estágio na faculdade. Em uma turma de Ensino Médio com 40 alunos, alguns relataram que não gostavam de ler, mas já tinham visto filmes que eram basea-

dos em histórias de livros; já outros disseram que os primeiros livros que tinham lido e gostado bastante eram *best-sellers*.

Uma considerável parcela de adolescentes consome avidamente uma literatura encontrada do outro lado da escola, mas que não é respaldada por ela, rotulada de literatura de massa. Esses livros, através de enredos cativantes e exposições midiáticas e cinematográficas, levam milhares de jovens a se entregarem facilmente à leitura de 200, 300, 400 páginas sem reclamações. Se não fosse uma polêmica que tem gerado discussões no ambiente acadêmico: esses livros, considerados literatura de massa, não são aprovados por boa parte dos intelectuais e críticos literários, que alegam que essas obras são destituídas de valor literário e que estão apenas a serviço das ideologias do mercado, não levando seus leitores à reflexão. Contudo, é impossível desconsiderar que essas obras compõem as listas dos livros mais vendidos e atingem um número assustador de vendagem porque estão sendo lidas.

Se o best-seller é resultado do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é preciso levar em conta também que esse tipo de narrativa tende a constituir-se em 'campeão de vendas' porque se configura uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e estimular a imaginação do leitor-consumidor. O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode analisá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeito de estratégias mercadológicas ou como subproduto da literatura culta (Paz, 2004, p. 2).

Diante dessa recepção mais acolhedora de *best-sellers* pelos jovens, essas obras podem servir de iniciação à

leitura literária, entretanto, enquanto a escola fechar as portas para as leituras de entretenimento, mais livres de reflexões profundas, que estimulam o gosto pela literatura, ela estará fechando as portas para que mais tarde os adolescentes deem saltos mais longos e precisos, “[...] onde o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento de percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo” (Paes, 1990, p. 28).

A partir do momento que o leitor passa a gostar de ler, ele será conduzido a leituras mais elaboradas com o passar do tempo. Um exemplo disso são os leitores da série *Crepúsculo*, que foram levados a ler *O morro dos ventos uivantes* e *Romeu e Julieta*, clássicos da literatura inglesa, após essas obras serem citadas na série. Dessa forma, abre-se o caminho para a leitura de outras obras mais complexas, pois um livro leva a vários outros livros. No início do século XXI, jovens que convivem com celulares, computadores e internet surpreendem seus professores ao se tornarem leitores assíduos de obras impressas.

Foi através dessas experiências vividas na infância que me trouxeram memórias tão boas e fizeram, depois de algum tempo, com que me encontrasse nesse mundo da leitura, em que descobri livros maravilhosos que me fizeram viajar pela imaginação e também aumentar ainda mais o meu conhecimento, pois a aprendizagem, seja por meio de uma brincadeira lúdica ou da leitura de diversos gêneros, sempre nos trará bons ensinamentos.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014. v. 1.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PAES, J. P. *Aventura literária*: ensaio sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PAZ, E. H. Massa de qualidade. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

RELVAS, M. P. *Neurociências e educação*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

48 AS LINHAS E ENTRELINHAS DA LUDICIDADE NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap48>

MARIA DIVA NECO

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora na Rede Pública Municipal de Ensino de Itapipoca, Ceará. Foi professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), projeto Pibid Alfabetização (2020-2022), na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE.

E-mail: diva123neco@gmail.com

Lá no meu sertão pros caboclo lê, / Têm que aprender outro ABC / O jota é ji, o éle é lê, / O ésse é si, mas o érre, / Tem nome de rê / O jota é ji, o éle é lê, / O ésse é si, mas o érre, / Tem nome de rê / Até o ipsilon lá é pissilone, / O eme é mê, e o ene é nê / E o éfe é fê, / O gê chama-se guê / Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê (Gonzaga; Dantas, 1953).

Construir um memorial sobre a ludicidade em várias etapas da vida nos faz lembrar e rememorar a nossa trajetória de vida. Com base em minhas lembranças, transcrevo situações que vivenciei desde a infância até a docência. André (2004, p. 285) explica que o memorial:

[...] é o instrumento em que se registram descobertas, mudanças na sua prática e na sua trajetória pessoal e profissional, expressam suas emoções, seus sucessos, suas dúvidas e vai assim construindo a sua identidade profissional.

Este memorial, apresentado de forma discursiva, tem a intenção de transmitir os momentos de alegrias e dificuldades que vivenciei para alcançar todos os meus objetivos.

Sou Maria Diva Neco, nasci em Caldeirões, zona rural de Itapipoca, no Ceará (CE), filha de pais agricultores e comerciantes. Minha infância foi marcada pela per-

da prematura de minha mãe, quando eu tinha apenas 5 anos, mas tive a forte presença de meu pai e dos meus irmãos. Sempre fomos ensinados a ter valores, respeitar o próximo, sermos unidos e honestos. Os meus pais sabiam ler e escrever, eram alfabetizados. Minha mãe cursou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), na década de 1970. Ouso dizer que minha mãe era uma mulher além do seu tempo, mulher sagaz, sempre esforçada, queria que os seus filhos estudassem para cursar uma faculdade. Por conta do comércio do meu pai, aprendi muito cedo muitas habilidades com a matemática, como medir, pesar, fazer as contas. Adorava tomar conta do comércio, passar o troco. Influenciada pela minha mãe e minha tia, aprendi a fazer o uso da máquina de costura e da arte de bordado, mas de forma simples. Recordo que eu recebia muitos elogios por ter facilidade em aprender; isso me impulsionava para aprender mais e mais.

Na infância, as brincadeiras com os meus irmãos e primos eram amarelinha, triângulo, pega-pega, boneca, panelinha, jogo de pedrinha. Além da diversão, essas brincadeiras proporcionavam o desenvolvimento da criatividade, socialização e imaginação. Lembro que construía casinha para brincar com a minha irmã, gostávamos de refletir a vida adulta nas nossas brincadeiras, como ser dona de casa e professora. Naquela época, era muito comum as crianças terem medo de escuro, de alma, de lobisomem e até de pessoas desconhecidas. Cresci vendo meu irmão sempre enfrentar os medos, ele sempre dava um jeito de desconstruir o medo. Eu juntamente com meus irmãos adorávamos a época do inverno, em que podíamos tomar banho de chuva; aquela terra molhada achávamos ideal para os passeios de bici-

cleta. Tomávamos banho de riacho, rio e açude. Aprendi a nadar muito cedo e lembro que eu fazia questão de subir nas árvores que havia dentro do rio para poder pular na água. Recordo as músicas da minha infância, em que aprendi as canções de Luiz Gonzaga; meu pai era fã dele e todos os dias ligava o rádio. Aos sábados, tinha o programa do Roberto Carlos; sempre ouvia.

As viagens também faziam parte da minha recreação, pois uma vez por ano o meu pai me levava para Canindé/CE e sempre íamos para a casa da minha avó, que morava na cidade de Paraipaba/CE. Essas viagens se tornavam muito longas, mas aproveitava ao máximo o percurso, via muitas pessoas e ficava admirada com a forma que viajávamos. Gostava mesmo era de sair de casa; era prazeroso. Logo criança, aprendi a andar de bicicleta. Recordo muito bem a pessoa que me ensinou. Vivenciei muitos momentos de alegria e diversão; a ludicidade era marca registrada da minha infância. Outra aprendizagem que ficou registrada na minha memória foi aprender as horas. Meu irmão desenhava um relógio bem grande na areia para me ensinar as horas e ele mesmo desenhava um relógio no meu braço; esse episódio ficou tão marcado na minha vida que costumo recordá-lo sempre, tanto que faço questão de ensinar os meus sobrinhos a olharem as horas no relógio.

Assim como na infância, a ludicidade esteve presente em todos os níveis educacionais da minha vida. Aos 5 anos, foi o meu primeiro contato com a escola – esta funcionava na casa da própria professora. As metodologias usadas pela professora eram bastante restritas, bem tradicionais. Não tínhamos acesso a livros com facilidade, mas aprendíamos a ler, escrever e resolver contas. Apesar

das dificuldades daquela época, meu pai sempre se importou em comprar o meu material escolar. Recordo que eu tinha cartilha do ABC, caderno, lápis de cores, caderno de desenho, lápis e borracha. A cartilha do ABC foi o principal recurso utilizado pela professora para nos alfabetizar.

A minha turma era formada por crianças daquela localidade. Parte da aula era para brincarmos de pega-pega, tiú, esconde-esconde, amarelinha. Com essas brincadeiras, foram adquiridas muitas habilidades, noção de espaço, velocidade, entre outras. Essas brincadeiras com os colegas proporcionaram muitas alegrias. Gostávamos da aula de quinta-feira, pois era a aula de desenho, em que desenhávamos mapas, casas e animais. As atividades de memorização passadas pela professora serviam para fazer os alunos decorarem textos longos para serem lidos na aula do dia seguinte, eram chamadas de “Dar a lição”, metodologia bastante utilizada pela professora alfabetizadora. Naquele tempo, em meados da década de 1970, existia a palmatória, que era uma forma de castigar os alunos indisciplinados, mas serviu como um brinquedo que os alunos utilizavam para bater na mão do outro; era uma brincadeira divertida e coletiva. Não me lembro de momento nenhum a professora aplicar a palmatória em ninguém. A palmatória era um instrumento em desuso.

Aos 11 anos, eu vim estudar na cidade, meus irmãos já moravam em Itapipoca/CE. Lembro que tive que insistir muito ao meu pai para deixar eu vir. Como sou a filha mais nova, ele tinha um certo cuidado, pois eu ainda era uma criança. Minha primeira escola em Itapipoca/CE foi a Escola de 1º e 2º Grau Coronel Murilo Serpa. A minha irmã mais velha que foi comigo fazer a matrícula. Estudei nessa escola da 4ª série ao Ensino Médio. As aulas da

5ª série à 8ª série eram, em parte, pela televisão; os alunos recebiam um material de apoio e lembro que as aulas de Educação Física eram bastante divertidas. Os alunos tinham que correr ao redor da quadra, jogar handebol. Eu fazia parte da equipe que chegava mais cedo na escola para poder organizar a sala de aula. Lembro que eu ainda cursava o Ensino Médio, mas já era chamada para substituir professores na escola em que estudava. Esse foi um grande passo para a escolha da minha profissão: ser professora. Essa foi a profissão por que eu lutei; decidi enfrentar todas as dificuldades para me tornar professora. É na sala de aula que me realizo, mas ainda tenho um sonho a realizar: ensinar uma pessoa adulta a ler e escrever, talvez ir muito mais além, *alfabetizar*.

Minha trajetória na faculdade deu-se no segundo semestre do ano de 1994, quando eu tinha 21 anos. Passei no vestibular para Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Logo quando ingressei, comecei a participar dos jogos universitários, que proporcionavam a integração e diversão dos alunos. Durante o período de jogos, nós, participantes, viajavamos para outras cidades para competirmos com os estudantes de outras faculdades. Eram momentos tão legais, de bastante descontração e alegria; éramos os atletas da faculdade. Esses jogos foram momentos de brincadeiras que a universidade me proporcionou. Fez-me criar vínculos, interagir com as pessoas e trocar conhecimentos de forma lúdica, proporcionando habilidades e competências como liderança, motivação, comunicação e energia, que servem para a vida pessoal, social e profissional.

A ludicidade contribui na aprendizagem e no desenvolvimento tanto da criança como do adulto. As brincadei-

ras e jogos não são apenas passatempos, mas despertam a autoestima, a socialização e o desenvolvimento de habilidades. Desenvolver as práticas pedagógicas com ludicidade é uma forma de o professor despertar o interesse das crianças e motivá-las na aprendizagem. Segundo Friedmann (1996, p. 55): “[...] a aprendizagem depende grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que ela se ligue na atividade”. Nesse sentido, a ludicidade, por ser uma forma eficaz no trabalho do professor, pode ser uma aliada para levar conhecimento aos alunos através de vivências divertidas e prazerosas para as crianças.

Exerço o magistério desde 1995, atualmente em uma escola da rede pública do município de Itapipoca/CE. Sou professora do 2º ano, de crianças de 7 anos de idade. Na sala de aula, sempre procuro trazer a ludicidade para as minhas aulas, de forma planejada e disciplinada, fazendo do lúdico um meio de despertar o interesse das crianças em aprender. Vejo de perto a importância da ludicidade no desenvolvimento dos alunos, pois amplia a imaginação, aumenta a criatividade, eleva a autoestima, propicia a participação e propicia uma aprendizagem mais significativa.

A ludicidade está presente no contexto escolar e contribui para o desenvolvimento social e intelectual da criança. O ato de brincar é inerente à criança. Alfabetizar de forma lúdica é muito mais fácil para alcançar uma aprendizagem significativa. Segundo Luckesi (2005, p. 2):

Tomando por base os escritos, as falas e os debates que tem se desenvolvido em torno do que é lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a plenitude da experiên-

cia. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos.

As atividades lúdicas favorecem os aspectos cognitivos e afetivo-sociais e se caracterizam por serem espontâneas e agradáveis por meio das brincadeiras e jogos. A criança se desenvolve brincando, interage de forma prazerosa, aprende a compartilhar e até mesmo cumprir regras. É assim que ressaltam os autores adiante:

O jogo e a brincadeira são formas de a criança criar situações para dominar a realidade e experimentá-la. Brincando ela explora o mundo, constrói seu saber, aprende a respeitar o próximo, desenvolve o sentimento de grupo, ativa a imaginação e se autorrealiza (Moraes; Pulucena; Santos, s.d., p. 5).

O ano de 2020 foi desafiador e cheio de aprendizagens. Com a pandemia, tivemos que pausar a rotina na escola e aderir às aulas *on-line*, com atividades remotas, em que a palavra de ordem foi “reinvenção”. É uma experiência incomum ter que alfabetizar através de atividades remotas, via WhatsApp, Google Meet e Classroom. Vale ressaltar que a Secretaria de Educação de Itapipoca/CE ofereceu formações que nos ensinaram a trabalhar com ferramentas tecnológicas, com o objetivo de alfabetizar.

Tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Alfabetização, através do qual participo do curso de extensão: “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”, possibilitando a troca de várias ideias para trabalhar a alfabetização e letramento dos estudantes.

Através dos estudos de textos e livros abordados pelo curso, reforçou-se o quanto o lúdico se faz necessário nas nossas práticas como professores. A sala de aula é um espaço ideal para transformar os saberes. A ludicidade é uma medida que inova a forma de aprender, por meio da qual as crianças podem enxergar a escola e o meio social em que vivem como um espaço de exploração e experimentação. Adotar os jogos e brincadeiras como propostas curriculares nos assegura uma construção do saber de forma eficiente.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. Memorial, instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. *Contrapontos*, Itajaí, v. 4, n. 2, p. 283-292, 2004.

FRIEDMANN, A. *Brincar*: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 2011.

GONZAGA, L.; DANTAS, J. *ABC do Sertão*. Pernambuco, 1953.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir de experiências internas. *Site do Cipriano Luckesi*, Salvador, 2005. Disponível em: [http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas\(1\).pdf](http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas(1).pdf). Acesso em: 13 mar. 2021.

MORAES, A. R. D.; PULUCENA, L. K. C.; SANTOS, L. V. *A ludicidade no contexto escolar*. s/d Disponível em: <https://docplayer.com.br/16662751-A-ludicidade-no-contexto-escolar.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

49 A MÚSICA ENQUANTO ATIVIDADE LÚDICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PERCURSO DE MINHA FORMAÇÃO: REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap49>

MARIA EDILENE DOS SANTOS ALEXANDRE

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (Favini). Professora da rede municipal de Itapipoca, Ceará, atuando na equipe de formação da Educação Infantil – Secretaria de Educação (Seduc) de Itapipoca/CE.
E-mail: edilnesantos53@gmail.com

Se eu fechar os meus olhos, ainda consigo sentir a brisa suave tocando meu rosto, o cheiro de terra molhada escorregando lentamente por entre as minhas mãos. Consigo sentir o sabor cítrico, mas adocicado, daquelas cajás amarelinhas tão deliciosas e suculentas. Ah! Se eu fechar os meus olhos, consigo sentir nas minhas mãos a aspereza daquelas pedras enquanto subia os lajeiros escalando uma a uma à procura de novas aventuras, brincadeiras e muita diversão naquele que era nosso cantinho preferido: embaixo do pé de cajarana, na casa de meus avós maternos.

Conforme Bergamaschi e Almeida (2013, p. 21), “[...] a memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer, a um só tempo, e estes são produzidos socialmente [...]”. Com essa deliciosa memória de minha infância, dou início a este memorial, em que buscarei relatar algumas experiências lúdicas que contribuíram e ainda contribuem para a minha formação docente. Eu sou Maria Edilene, nasci na cidade de Caucaia, Ceará (CE). Meus pais, Maria do Carmo e Assis, resolveram voltar para o interior de Itapipoca/CE, localidade de Marrecas, quando eu ainda nem tinha completado meu primeiro ano de vida.

Nossas experiências lúdicas marcam para sempre nossas vidas e trazem relevantes contribuições para a nossa formação pessoal e profissional. Elas fazem parte de nossas memórias, daquilo que fomos e influenciam aquilo que viremos a ser. Conforme destaca Bacelar

(2009), a ludicidade, como experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental, considerando que ela envolve uma conexão entre o externo (objetivo) e o interno (subjetivo), portanto é de relevância significativa para a vida em todas as suas fases.

Na minha infância, essa vivência lúdica está bem presente no meu contexto familiar. Muitas dessas vivências aconteceram em nosso quintal e na casa de meus avós paternos e maternos, onde meus irmãos mais velhos (Elizete e Eder), minha caçulinha (Erlanne) e eu, que sou a terceira de seis filhos, juntamente com meus primos e vizinhos, fazíamos a maior festa. Brincávamos de casinha debaixo das moitas, com bolas de meia, sacolas ou sacos, esconde-esconde, pega-pega, roda, etc.; era muito divertido.

Cantigas como “Ciranda, cirandinha” e “Eu fui na Espanha” marcaram minha infância. Eu amava rodar, rodar e rodar. A primeira me fazia sentir uma imensa alegria e contentamento; já a segunda, além desses sentimentos que são próprios da brincadeira, causava-me tristeza e raiva por conta da rejeição. Quando brincávamos, eu me chateava ao final da canção, quando cantávamos o seguinte trecho: “O roupão é de seda, camisinha de filó, roupinha de veludo, para quem ficar vovó. A bênção, vovó; a bênção, vovó”. Lembro-me de todos se abraçarem em duplas, deixando-me sozinha, e ficarem rindo de mim. Nessa hora, eu não gostava, chorava muito e desistia de brincar. Lógico que esses sentimentos duravam pouquíssimo tempo. Era só ficar um pouquinho sozinha num canto olhando todos brincarem e eu já corria para brincar de novo. Revivendo minhas lembranças, compreendo que essa experiência evidencia, segundo

Luckesi (2014, p. 17), que “[...] A experiência lúdica (= ludicidade), que é uma experiência interna ao sujeito, só pode ser percebida e expressa pelo sujeito que a vivencia [...]”.

As visitas à casa do meu vovô Manel e da minha vovó Rita, que moravam em Campos, são sem dúvidas as memórias mais marcantes de minha infância. Era uma aventura e tanto. Percorriamos uma longa distância a pé e, ao avistarmos aquele enorme lajedo, corriamos felizes, pois sabíamos que logo adiante estaria nosso destino aventureiro. Éramos tomados por um sentimento de alegria pelo reencontro não só dos meus tios e avós queridos, mas também de minha irmã Erlene, um ano mais nova que eu, que morava com eles.

Naquele imenso quintal, cuja fronteira para nós era uma grotinha que passava pelo meio, vivíamos as mais incríveis aventuras e divertidas brincadeiras; uma das minhas preferidas era fazer de conta que estávamos num *show* de calouros. Tudo acontecia à sombra fresca de uma majestosa cajarana, sobre as pedras que ficavam embaixo dela. Lá era nosso pequeno mundo mágico, onde todas as aventuras eram possíveis.

A brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária. Ela surge com o aparecimento da representação e da linguagem, em torno de 2/3 anos, quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e a assumir papéis presentes no contexto social (Kishimoto, 2003, p. 39).

Assim, naquelas manhãs e tardes aconchegantes por meio da brincadeira de faz de conta, tive o meu

primeiro contato com os sons, a melodia, a música. Em cima daqueles lajeiros que nossa imaginação infantil transformava em palcos, as folhas dos galhos da cajariana eram os aplausos das pessoas ao ouvirem cada candidato cantar. Eu soltava minha voz entoando trechos de canções que ouvia minha mãe cantar, ou mesmo que ouvia no seu rádio a pilha.

Pela noite, o terreiro da sala, muitas vezes iluminado pela luz do luar daqueles que só vemos no sertão, era o cenário perfeito para as mais fascinantes histórias de contos de fadas, assombração, discos voadores, que eram de arrepiar o corpo todo, contadas por meus avós. Quando a lua não brilhava no céu e o terreiro não tinha a mesma luminosidade, eram acesos os lampiões, criando uma atmosfera de suspense ainda maior.

Percebi que me lembro pouca coisa do meu ingresso na escola, que era também em Campos. Eu tinha por volta dos 5 anos de idade e era a menor de todos. Tia Nair, minha primeira professora, estava sempre de olho para que eu não me machucasse. No decorrer dos anos seguintes, já morando na sede de Itapipoca/CE, no bairro do Mourão, nasceu meu irmão mais novo, Elano; meus irmãos e eu estudávamos no Colégio Coronel Adauto Bezerra, onde cursei da 1ª à 5ª série. Brincávamos de bola, amarelinha, elástico, pega-pega, etc., na rua perto de casa com os vizinhos e na escola com os colegas. Lembro-me de estar em contato com a música nas brincadeiras de pular corda e nos jogos de mão; na escola, todas as manhãs antes das aulas, cantávamos os hinos do Brasil e de Itapipoca/CE e outras canções, sob o comando e regência da diretora da escola, a professora Maria Brito. Muitos alunos detestavam, mas eu gostava muito.

Quando adolescente, cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio no Colégio Estadual Joaquim Magalhães. Desta fase me lembro das brincadeiras na hora do recreio, principalmente de bola, com a música ainda fazendo parte de minhas experiências nos ensaios para o aniversário da escola e as músicas do intervalo colocadas pelo grêmio estudantil. Foi também no colégio estadual onde vivi um momento de frustração ao participar de um concurso de calouros com uma colega de classe. Ao me deparar com a quadra repleta de gente, eu congelei totalmente e não consegui cantar. Não tive coragem de cantar perante as pessoas por algum tempo, mas superei na igreja num momento de preparação para a missa do Crisma, quando um amigo me falou que eu tinha uma voz bonita e me convidou para cantar num coral da igreja.

Ingressei na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) em 2003.¹ cursando vestibular para Pedagogia. Confesso não ser minha primeira opção, mas era o único curso noturno e eu poderia trabalhar durante o dia. Continuei meu percurso formativo sem me identificar muito com o curso nas primeiras disciplinas até ter contato com as disciplinas de Sociologia, Psicologia e as ministradas pelo professor Célio Coutinho. Nelas tive meu primeiro contato com autores como: Vigotsky, Piaget, Wallon, dentre outros. Foi, contudo, ao conhecer Paulo Freire que tudo começou a mudar. Passei a me interessar pelo curso, no entanto ainda não tinha aceso em meu coração o desejo pela docência. Nas disciplinas de Educação Infantil e Literatura Infantil, ministradas pela professora Ana Luisa, fui tomada por completo por uma paixão inexplicável pela docência, com uma predileção

pela etapa da Educação Infantil. Já quase finalizando o curso, por coincidência, foi a música que me possibilitou a primeira oportunidade de ingressar na carreira ao ser convidada a ensaiar um grupo de crianças para uma apresentação da festa do ABC; no ano seguinte, fui convidada a lecionar na turma do Maternal (creche).

Essa oportunidade aconteceu enquanto cursava as disciplinas de Educação Infantil e Literatura Infantil. Por um lado, minha inexperiência me levava a desanimar e querer desistir; por outro lado, as propostas e experiências lúdicas trazidas pela professora Ana Luisa me estimulavam a continuar. Concluí o curso de Pedagogia no semestre 2009.2, ano em que comecei a trabalhar como professora contratada do município, tendo sido efetivada em agosto de 2011 pelo concurso público.

O brincar e a música são atividades específicas da infância, pois possibilitam a criança a recriar sua própria realidade usando os sistemas simbólicos envolvidos com a música e as suas brincadeiras preferidas. Brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, a fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação e expressão de ação pelas crianças, possibilitando o surgimento de relações sociais com outras crianças e adultos. Fica evidente que a música faz parte da educação como elemento chave para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem no universo infantil (Vygotzky, 1989 *apud* Koga; Chacon, 2015).

Em 2012, passei a integrar o grupo de professoras do Centro de Educação Infantil (CEI) Maria Dalva Pacheco, primeiro CEI do município. Atuei como berçarista e depois estive como coordenadora pedagógica da escola. Foi nesse período que a música passou a fazer parte

do meu fazer pedagógico. Ao realizar uma contação de história, resolvi levar um violão guardado havia mais de dois anos, pois havia começado a fazer aulas e tinha desistido. Nesse momento, uma das crianças pediu que eu cantasse algumas músicas e, ao final, ele disse: “A tia se garante”. Aquela frase mudou minha vida profissional. Entendi que, para despertar na criança o gosto pela vivência da experiência lúdica, eu precisava me conectar com ela de alguma forma e, por meio da linguagem musical, tenho ampliado e experimentado um fazer pedagógico cada vez mais desafiador, porém muito significativo para a criança. Através da música e do violão, tenho me conectado de maneira extraordinária com elas e tem sido muito gratificante.

Outra ferramenta tem complementado essa conexão e meu fazer pedagógico: o brincar. Tornar-me uma brinquedista, mais do que isso, ser uma amante da brincadeira tem influenciado muito na professora que sou hoje. Olhar para a criança, ser com ela completa, na atividade que mais lhe proporciona prazer – no caso, a brincadeira e a partir dela –, em que a criança aprende e se desenvolve, tem sido atitude fundamental em minha prática.

Foi nesse contexto que fui convidada por uma amiga a participar do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) em 2020, em que abordaria para estudo a temática da ludicidade. Já em nosso primeiro encontro, percebi o quanto aquela experiência me enriqueceria como pessoa e profissional. O inesperado aconteceu: a pandemia causada pela Covid-19 chegou. Um período depois, continuamos nossos estudos nos reunindo virtualmente, assim como as escolas. Tem sido um momento de muitos desafios e

de grandes aprendizagens. Como trabalho final do curso, o professor Mirtiel Frankson pediu para escrevermos um memorial descrevendo jogos, brincadeiras e outras memórias lúdicas que influenciaram, contribuíram e/ou contribuem para a nossa formação pessoal e profissional. Então, revisitando minhas memórias, neste ato de busca e encontro de mim mesma por meio do resgate de lembranças, vivências do meu passado, compreendi o quanto as experiências lúdicas são importantes para a construção do nosso eu e que o exercício de escrita sobre nós mesmos possibilita que tomemos consciência de nosso percurso histórico, conforme nos afirma Rodrigues (2011, p. 1107): “[...] ao escrever sobre si e seu trabalho, o professor se apropria de sua história, percebe-se como atuante e capaz de participar do processo de transformação [...]”.

Para não finalizar, quero explicitar aqui o meu desejo de seguir minha jornada construindo, ampliando e consolidando minhas experiências lúdicas, buscando cada vez mais inserir a temática da ludicidade em minha vida, minha história e meu fazer pedagógico, ampliando, claro, minhas experiências com a música e, através dela, tecer outras histórias, outras memórias.

Referências

BACELAR, V. L. E. Bases da investigação. *In*: BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21-29.

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memórias escolares e processos de iniciação à docência. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013.

KISHIMOTO, T. M. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira, 2003.

KOGA, F. O.; CHACON, M. C. M. Avaliação comparativa em educação e música: a importância do enriquecimento. *Mimesis*, Bauru, v. 36, n. 2, p. 177-198, 2015.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, 2014.

RODRIGUES, S. M. P. Contribuições da memória na formação da identidade docente. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. *In*: SIRSSE. *Anais* [...]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

50 CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA A MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap50>

MARIA LILIANE SOUSA RODRIGUES

Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto de Formação Superior do Ceará (Ifesc). Professora dos Anos Iniciais do Fundamental na Escola de Educação Básica Terezinha de Sousa Ferreira Albuquerque, no município de Itapipoca, Ceará.

E-mail: lilisr11@gmail.com



As memórias com vida própria, ao contrário, não ficam quietas dentro de uma caixa. São como pássaros em voo. Vão para onde querem. E podemos chamá-las que elas não vêm. Só vêm quando querem. Moram em nós, mas não nos pertencem (Alves, 2005).

As lembranças que tenho dos meus momentos lúdicos estão ligadas aos livros, ao imaginário que foi construído através da contação de história, momentos esses em que me lembro da minha tia me contando histórias na infância. Ganhei o meu primeiro livro de histórias aos 4 anos; minha tia havia me dado o livro da Branca de Neve e os sete anões, o qual tenho até hoje. O hábito da leitura que havia se iniciado em casa foi reforçado na escola; lembro-me até hoje da minha professora do 1º ano nos momentos da contação de história, em que sempre me encantava com a forma como ela apresentava as histórias.

Cresci cercada por livros, um hábito que me acompanha por toda a vida, seja na parte escolar, no lazer ou na minha prática profissional. Na adolescência, li pela primeira vez o livro *O pequeno príncipe* em uma atividade da escola e me apaixonei pela história, tendo se tornado o meu primeiro livro favorito; já perdi as contas de quantas vezes já o li.

Durante o período da faculdade, tive a oportunidade de fazer parte do grupo Palavra Encantada, que é um projeto de extensão da faculdade voltado para a formação de professores suficientemente narradores, coordenado pela professora Ana Luisa Nunes Diógenes. No grupo estudávamos sobre literatura infantil e técnicas de contação de história e confeccionávamos os recursos para as nossas apresentações. Apresentávamo-nos tanto na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) como nas escolas, fazendo espetáculos ou contação na sala de aula.

Ministrei também alguns minicursos e oficinas voltados para a contação de história e apresentações de trabalhos, sempre em eventos acadêmicos, como a Semana da Facedi e a Semana Universitária. Um dos momentos que mais me marcaram no grupo foi a minha primeira apresentação, em que contei a história da Maria vai com as outras, da autora Sílvia Orthof, que se tornou um dos meus xodós na contação de história.

Segundo Queirós (2012, p. 61), “[...] o livro é passaporte, é bilhete de partida”. Através do livro, descobrimos outros horizontes e viajamos em nossos sonhos e pensamentos. Assim:

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos (Queirós, 2012, p. 61).

A leitura faz com que o sujeito acorde para se ver como sujeito que pensa e que pode se expressar através da leitura, tornando-se um sujeito que é capaz de sonhar

e buscar realizar esses sonhos, de forma a estar sempre crescendo com suas experiências e com a leitura, tornando-se um sujeito crítico e pensante.

O meu encantamento por este mundo da leitura sempre foi tão grande e só aumentou no tempo que passei no grupo Palavra Encantada, em que resolvi escrever sobre a contação de história e sobre o livro de literatura infantil na minha monografia; todos os trabalhos que fiz posteriormente também estão ligados à contação de história e à ludicidade. Tanto nesses trabalhos como na monografia tento mostrar a importância do livro e da leitura. Sempre tento mostrar para os meus alunos a paixão que eu tenho pela leitura.

Segundo Mantovani (2014), os pais e educadores relatam que as crianças não têm interesse nos livros ou os acham chatos, pois são menos atraentes que os brinquedos e os outros materiais oferecidos a eles. A autora traz que:

[...] é a mediação do adulto, em nossa opinião, que vai fazer com que a criança compreenda o seu uso possível, tenha prazer com ele e se torne, aos poucos, motivada a usá-lo de maneira independente e autônoma (Mantovani, 2014, p. 72).

Tento sempre nos momentos da contação de história e em outros momentos que envolvem a leitura fazer da forma mais atraente e prazerosa para que as crianças aprendam o gosto pela leitura.

A menina

Pega o ritmo da escrita / No bloquinho de papel /
Que inspira o deslizar / Da caneta cor de rosa / Que,
bem singela se põe útil. // Saltitante de alegria / Se
descobre poetisa! / Num vestido de bolinhas radian-

te, colorida. / Benza Deus esta menina! // Cabeça cheia de coisas / Cabeça feita a martelo / Golpeadas de ideias injetadas de vivências / Do poder da experiência (Morais, 2015).

Todas as experiências que tive na Facedi me ajudam com a minha prática pedagógica dentro de sala de aula. Outras duas experiências que tive e foram muito significativas para mim vinculam-se à minha participação no Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), que foram de fundamental importância para a forma como venho atuando em sala. O Nedimpe me possibilitou compartilhar durante as formações do grupo um pouco do meu conhecimento sobre a contação de histórias através de uma palestra, que foi muito significativa.

Com um maior livre acesso aos livros e com as narrativas fazendo parte do dia a dia das crianças, veremos que as práticas de leitura poderão contribuir para a formação de crianças leitoras. A leitura nos possibilita viajar sem sair do lugar, conhecer povos e culturas, mostra-nos um mundo de possibilidades. No atual momento que estamos vivendo, uma coisa que me ajuda a distrair minha mente é uma boa leitura e tenho feito algumas contações para os meus alunos também.

Por indicação de uma colega sobre uma história, conheci o trabalho de uma professora que, no começo da pandemia de Covid-19, começou a disponibilizar os livros que ela escreve para ajudar outras professoras e mães que gostam de ler para seus filhos. Já contei para meus alunos algumas das histórias dela; em algumas, ela retra-

ta o cenário que estamos vivendo. O interessante é que me ajudou muito no começo para explicar aos alunos a situação de uma forma mais leve.

A leitura para mim sempre teve uma importância muito grande na minha vida e atualmente tem me ajudado ainda mais nas minhas aulas. Gostaria de terminar meu memorial com uma frase de que gosto muito: “O livro fechado é o amigo que espera – o livro aberto é o amigo que diverte e ensina”, uma frase do Monteiro Lobato que tem um significado muito grande e importante para mim.

Referências

ALVES, R. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

MANTOVANI, S. Encorajar a ler na creche. In: FARIA, A. L. G.; VITA, A. (org.). *Ler com bebês: contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani*. Campinas: Autores Associados, 2014.

MORAIS, A. C. *Botão de flor e certos cactos*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

QUEIRÓS, B. C. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

51 EXPERIÊNCIAS LÚDICAS E A TEORIA CONSTRUTIVISTA NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap51>

MARIA ROSÂNGELA DE SOUSA MARQUES

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Tecnologia do Nordeste (Fatene). Professora na rede pública municipal de ensino de Itapipoca, Ceará, no Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo. Foi professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), projeto Pibid Alfabetização (2020-2022), na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE. E-mail: rosangelaamarquess@gmail.com

E escrever este memorial não foi tão fácil, no entanto foi muito gratificante recordar e resgatar lembranças desde a minha infância até os dias de hoje, refletindo sobre os momentos lúdicos, pessoas e lugares que tiveram grande importância em minha vida e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Silva (2010, p. 605-607) explica que “[...] o trabalho de recordação é uma espécie de trabalho de objetivação, mediado pela interseção de histórias pessoais, coletivas e sociais”.

Recordar a infância nos remete a um lugar cheio de lembranças e vivências que ajudaram a moldar e construir a nossa personalidade adulta. Vivências com familiares que não se encontram em vida, mas que tiveram grande importância na minha formação humana. Posso citar aqui meus avós maternos, que não estão mais vivos. Eles tiveram grande influência em minha vida, ajudaram a me criar e fizeram com que eu me tornasse uma pessoa com princípios e fé.

Minha avó materna era professora e líder comunitária no seu bairro; era uma mulher de muita garra e coragem; lutava pelo bem da sua família e pela sua comunidade. Já meu avô, agricultor aposentado, era uma pessoa calma, que não tinha muito estudo, no entanto era uma pessoa muito sábia, tinha muitos conselhos e ensinamentos que nos faziam refletir e conhecer suas vivências e experiências do passado. Acho que tenho essa característica, um pouco dessa calma e do jeito de ser

do meu avô. Eles moravam na serra de Santa Rita, em Itapipoca, Ceará (CE), e tiveram 13 filhos. Vieram morar na cidade de Itapipoca/CE, no bairro do Mourão, em busca de melhores condições de vida e em busca de garantir uma melhor educação para seus filhos.

Sou Maria Rosângela de Sousa Marques, nasci em Itapipoca/CE em 18 de agosto de 1983. Cresci numa família de professoras; minha avó era professora aposentada e minha mãe professora e diretora numa creche do bairro em que morava. Essa creche era como se fosse minha segunda casa, pois sempre acompanhava minha mãe no trabalho. Lembro que gostava de ajudar minha mãe ensinando as crianças e brincando de ser professora. Era muito divertido ensinar; era como se eu fosse a pessoa mais importante, que tinha mais conhecimento entre as outras crianças, e elas me respeitavam e obedeciam como se eu fosse a professora de verdade.

Essa creche também era o nosso local de *show*. Quando minhas primas vinham passar as férias na casa dos meus avós, a gente se reunia para dançar e nos divertir. Era nos anos 1990, a época do Xou da Xuxa. A dança e a música eram uma forma de libertação, pois era uma criança muito tímida e não gostava de participar de algumas atividades. Segundo Nascimento, Oliveira e Marques (2016, p. 137):

O brincar e a música são atividades específicas da infância, pois possibilitam a criança a recriar sua própria realidade usando os sistemas simbólicos envolvidos com a música e as suas brincadeiras preferidas. Brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, a fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação e expressão de ação pelas crianças, possibi-

litando o surgimento de relações sociais com outras crianças e adultos.

Nós fazíamos o nosso próprio *show*, produzíamos os ingressos para vender às crianças do bairro, preparávamos os lanches e os brindes que seriam distribuídos, além de ensaiar as músicas que íamos apresentar. Era um verdadeiro espetáculo tanto para a gente quanto para as outras crianças que participavam desse evento.

Tive uma infância feliz; morava em um bairro tranquilo onde as crianças podiam brincar nas ruas e os pais não tinham tanta preocupação com a violência ou o trânsito. Brincávamos de bola, carimba, esconde-esconde, entre outras brincadeiras. Também gostava de brincar de casinha e de confeccionar alguns brinquedos, como sofás e camas, utilizando caixas de fósforo, fazia bonecas de pano, confeccionava as roupinhas de bonecas, entre outras atividades. Minha avó também costumava comprar na feira umas panelinhas de barro, para que eu e minhas primas fizéssemos de conta que estávamos cozinhando.

A brincadeira de faz de conta, nesse contexto, é a atividade principal do universo infantil, se [sic] constitui como um importante mecanismo do desenvolvimento global dos processos psíquicos das crianças, no interior de suas infâncias (Schapper; Santos; Cardoso, 2014, p. 6).

Eram brincadeiras prazerosas e significativas, que contribuíram para o meu conhecimento pessoal e para a minha formação profissional. Assim relatam as autoras:

Por meio do lúdico há o desenvolvimento das competências de aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer, desenvol-

vendo o companheirismo; aprendendo a aceitar as perdas, testar hipóteses, explorar sua espontaneidade criativa, possibilitando o exercício de concentração, atenção e socialização. O jogo é essencial para que seja manifestada a criatividade e a criança utilize suas potencialidades de maneira integral, indo de encontro ao seu próprio eu (Modesto; Rubio, 2014, p. 3).

Cresci em um ambiente favorável à leitura, pois minha mãe tinha muitos livros e sempre me incentivava a ler e aprender cada vez mais, e isso contribui muito no meu processo de alfabetização. Comecei a estudar no ano de 1988 na Escola Nossa Senhora das Mercês. Sempre estudei em escola particular e não me lembro de ter muitas atividades lúdicas. Os únicos momentos de diversão eram na hora do recreio e nas aulas de Educação Física. Era uma educação tradicional e rigorosa, em que o professor era o centro do conhecimento e da aprendizagem e os alunos só recebiam aquele conhecimento, sem poder questionar e dialogar sobre o assunto. Lembro que tinha muito medo de expor meus pensamentos e questionar alguma coisa na aula e ser repreendida pelo professor.

No Ensino Médio, fui morar em Fortaleza/CE com minha tia e primas e comecei a vivenciar novas experiências na cidade grande. Não tinha muitos amigos, era só da escola para casa e a ludicidade foi aos poucos se distanciando do meu dia a dia. Na escola, a preocupação maior era passar no vestibular e as aulas consistiam basicamente em decorar aqueles conteúdos. Passei no vestibular de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) aos 18 anos, no ano de 2002; tive professores maravilhosos e fiz várias amizades. Na faculdade, pude explorar e estudar mais a ludicidade através de disciplinas

que falavam sobre a importância do brincar na Educação Infantil, a construção de brinquedos com materiais recicláveis, a literatura infantil, entre outros.

No ano de 2003, durante a faculdade, comecei a trabalhar em uma escola chamada Jean Piaget, nome de um famoso pesquisador da área da Educação que tinha como teoria de aprendizagem o construtivismo. Nessa escola, a aprendizagem era baseada no princípio de que o conhecimento não é algo que pode ser simplesmente transmitido pelo professor, pelo contrário, o conhecimento é construído pelos alunos através de um processo ativo e mental do desenvolvimento, envolvendo quatro etapas: sensório-motora, pré-operacional, operacional concreta e operacional formal.

Nesse processo de reconstrução de conhecimento, o professor tem fundamental importância, pois o mesmo [sic] deverá desempenhar o papel de mediador do conhecimento, levando o aluno a reconstruir e reformular os conceitos [...] (Barbosa, 2012, p. 4).

Trabalhar nessa escola foi muito importante durante minha trajetória profissional, pois pude aliar a teoria que estava vivenciando na faculdade com a prática na minha sala de aula. Minha turma era com alunos de 3 anos de idade e tínhamos que produzir diariamente materiais lúdicos com as crianças para usar na sala de aula; era uma aprendizagem que as envolvia, fazendo com que elas tivessem interesse em participar. A esse respeito, Bacelar (2009, p. 25) diz que:

[...] a criança já nasce com as pré-condições neurológicas do conhecimento, mas as condições de fato se dão através de atividades que ela denomina jogos (de exercício, simbólicos e de regras, conforme

as idades). Essas atividades serão mais prazerosas se forem consideradas e respeitadas as emoções, os sentimentos e as necessidades das crianças no momento em que estão vivenciando as propostas trazidas pelo educador [...].

No ano de 2006, tive minha primeira filha e ainda estava cursando a faculdade; tive que parar um semestre, mas consegui conciliar a maternidade com a faculdade e me formei no ano de 2007. Foi então que resolvi voltar para a minha cidade natal e lecionar nas escolas do município. Comecei trabalhando como professora temporária e, no ano de 2011, passei no concurso para professora efetiva. Já lecionei em quase todas as etapas da educação: Ensino Médio, Ensino Fundamental e Educação Infantil, mas foi com a alfabetização que me encantei e por ela que me apaixonei.

Em 2012, fiz minha pós-graduação em Educação Infantil e pude perceber a grande importância das brincadeiras e da imaginação no universo infantil, além de trocar experiências com professores que já trabalhavam nessa área. “A brincadeira na infância leva a criança a solucionar conflitos por meio da imitação, ampliando suas possibilidades linguísticas, psicomotoras, afetivas, sociais e cognitivas” (Rau, 2013, p. 51).

Atualmente sou professora do 1º ano do Ensino Fundamental na rede pública do município de Itapipoca/CE e busco sempre aprender cada vez mais participando de cursos que ajudem a melhorar a minha prática em sala de aula, procurando sempre utilizar recursos lúdicos e mostrando um pouco para as crianças de hoje as brincadeiras de outrora que aos poucos estão perdendo espaço neste mundo corrido e tecnológico. De acordo com Oliveira e Bulhões (2012, p. 70):

A formação acontece no decurso da vida, vincula-se ao processo de escolarização e mesmo antes, porque também não se esgota com a conclusão de um curso, estende-se com o ingresso na profissão e prolonga-se como processo formativo ao longo da vida pessoal e profissional.

Leciono na Escola Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo, uma escola de tempo integral que possui excelentes profissionais engajados e comprometidos com a educação do nosso município. Cada dia é um novo aprendizado, em que compartilhamos as experiências que estão dando certo, buscando sempre as melhores formas de alcançar o sucesso dos nossos alunos. Na minha sala de aula, procuro sempre utilizar os conhecimentos adquiridos na faculdade, juntamente com a prática que só fui descobrindo aos poucos no chão da sala de aula e construindo juntamente com cada turma e com cada criança as melhores formas de ensino-aprendizagem.

Neste ano de 2020, diante de todas as dificuldades por que o mundo está passando, devido à pandemia do coronavírus, nós, professores, precisamos nos reinventar e aprender novas possibilidades de ensinar e alfabetizar a distância, utilizando sempre recursos lúdicos em nossas práticas. Sabemos que não é uma tarefa muito fácil, mas não podemos desistir de garantir uma educação com qualidade e igualitária para todos. Sendo assim, acredito que escrever este memorial foi de grande importância em minha vida, pois me fez refletir sobre momentos lúdicos da minha infância, adolescência e vida adulta que ajudaram a construir a pessoa e a profissional que sou atualmente, mas que estavam um pouco esquecidos em minha memória.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BARBOSA, A. A música como um instrumento lúdico de transformação. *Revela: Periódico de Divulgação Científica da FALS, Praia Grande*, v. 6, n. 14, 2012.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2014.

NASCIMENTO, C. M. A.; OLIVEIRA, M. L.; MARQUES, H. A música e as brincadeiras como estratégias de ensino na Educação Infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 37, n. 2, p. 131-142, 2016.

OLIVEIRA, C. Z.; BULHÕES, J. Memória docente como parte da formação profissional. *Acta Semiótica et Linguística*, Palmas, v. 17, n. 2, p. 65, 2012.

RAU, M. C. T. D. *A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2013.

SCHAPPER, I.; SANTOS, N. A. S.; CARDOSO, M. D. R. *A brincadeira de faz de conta e da (re)invenção do real: itinerários investigativos do grupo de pesquisa Lefopi*. Fortaleza: UECE, 2014.

SILVA, V. M. T. Memórias de escola. *Polyphonía*, Goiânia, v. 21, n. 2, 2010.

52 O GRANDE TESOURO DA APRENDIZAGEM NA AVENTURA DO CONHECIMENTO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap52>

MARIA ROSILENE TEIXEIRA BORGES

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Graduada em Educação Infantil pela Faculdade Terra Nordeste (Fatene). Professora de Educação Infantil e atualmente formadora da Educação Infantil na Secretaria de Educação Básica de Itapipoca. Participou do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), desenvolvido na Facedi/UECE.

E-mail: rosyborges1117@gmail.com



As memórias afetivas são, em sua maioria, marcadas por elementos específicos e cheios de significados, sejam momentos, locais, pessoas, objetos, entre outros, assim muitas histórias trazem consigo imenso valor emocional e revelam uma verdadeira aventura na vida de um indivíduo. Nessa perspectiva, narrarei fatos que considero marcantes em minha vida pessoal e escolar desde minha infância simples e acolhedora até os dias atuais, em que atualmente sou pedagoga e atuo como formadora de Educação Infantil na Secretaria de Educação de Itapipoca, Ceará (CE). Analisando a educação como ferramenta essencial para mudanças e o conhecimento adquirido através dela como capaz de transformar a realidade de uma forma tão significativa, valiosa e palpável, é que a consideramos como um verdadeiro tesouro em nosso meio.

Esta aventura, repleta de conhecimentos e aprendizagens, tem início nos anos 1990, quando então eu tinha então 4 anos de idade. Morava num lugarejo na zona rural, onde tudo era bem simples e difícil; residia com meus pais, que quase não haviam tido escolarização, mas sempre se esforçaram ao máximo para que seus filhos pudessem ser alfabetizados. Na região existia apenas uma única escola, com três pequenos cômodos e várias crianças a serem alfabetizadas, com apenas uma professora com pouca condição financeira, que tentava repassar o seu conhecimento para nós, seus alunos. Vale

ressaltar ainda que eram crianças de todas as idades e classes sociais, desde os filhos de agricultores até os filhos dos grandes comerciantes do lugar.

Esta nostálgica lembrança é como se eu voltasse no tempo e naquele fatídico cenário e ouvisse aquelas vozes finas de crianças e suas mães, que, ao irem deixar as crianças na escola, aproveitavam para pegar água em um pequeno chafariz e assim saíam com latas d'água na cabeça rumo às suas casas, exatamente como diz a letra da música:

Lata d'água

Lata d'água na cabeça / Lá vai Maria, lá vai Maria / Sobe o morro e não se cansa / Pela mão leva a criança / Lá vai Maria / Lata d'água na cabeça / Lá vai Maria, lá vai Maria / Sobe o morro e não se cansa / Pela mão leva a criança / Lá vai Maria / Maria lava roupa lá no alto / Lutando pelo pão de cada dia / Sonhando com a vida do asfalto / Que acaba onde o morro principia (Antônio; Jota Júnior, 1952).

Era exatamente assim, como descreve a música de Luiz Antônio e Jota Júnior “Lata d'água na cabeça”, que subíamos o morro, seguradas pela mão, crianças e mulheres sonhando com uma vida melhor, lutando pelo pão de cada dia. É com essa doce lembrança que me recordo das muitas brincadeiras que tínhamos ao longo do caminho até chegar à escola: era pega-pega, o tio cola e muitas outras. Segundo Bacelar (2009), a participação em uma atividade lúdica (brincadeira, dança, jogo, desenho, canto, dentre outras atividades) não significa necessariamente que esteja sendo uma vivência lúdica para a criança, ou seja, uma vivência plena, de inteireza e de integração do sentir, pensar e agir. Nessa época, já viven-

ciávamos a ludicidade mesmo ninguém sabendo que era somente brincar por prazer e diversão.

Lembro-me daquela pequena escola, onde os alunos eram obrigados a serem reprovados para poderem continuar até que tivessem condições para estudarem em outras cidades. Era marcante a força de vontade da professora que lá lecionava e de seus alunos, que, apesar das dificuldades, não desistiram. Não existia material escolar; os cadernos eram folhas costuradas com linha para termos onde escrever ao longo do ano. Nesse local repleto de fortes lembranças, teve início a mais bonita aventura da minha vida: minha escolarização. Chegando o fim do ano, era então realizada a tradicional provinha feita a próprio punho pela professora. Esse era o momento de fazer tudo certinho, porém ao recebê-la na capa constava um “reprovado”, pois, como falei anteriormente, não tinha outra série na escola para ser ofertada.

Foi então que o destino mudou alguns planos em minha trajetória; mudei de localidade e fui estudar numa escola bem maior, um projeto audacioso para uma criança de apenas 5 anos. Agora em 1991, fui morar com uma tia, longe dos meus pais e irmãos, contudo o que me motivava era desvendar o novo no que diz respeito à minha educação; a magia das letras era um convite inerente aos meus olhos.

Iniciava-se um ano de novidades, nova escola, colegas, professora e ainda novas e marcantes aprendizagens. A professora era cativante com seus alunos e eu estava vivendo uma das melhores fases da vida. Tudo parecia melhorar; mesmo com as condições de vida ainda difíceis e precárias, já tinha um caderno, um lápis e até um uniforme doado para que eu pudesse frequentar

as aulas; tudo muito simples, mas para mim era mais que perfeito.

Naquela nova realidade, o encantamento e a aprendizagem se davam de forma mágica e natural, desde a saída de casa até o local onde ficava a escola. Nesse espaço de aprendizagem, vivi grandes experiências lúdicas e saudosas lembranças me tomam. Rememoro com especial carinho o pátio da escola, local de grandes trocas e brincadeiras populares, como pular elástico, corda ou brincadeiras de bate-mãos, que faziam nossos intervalos bem alegres; até as nomenclaturas eram mais divertidas, o “recreio”, por exemplo. Segundo Alves (2002, p. 29):

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas, escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo [sic], escolas que são asas existem para dar aos pássaros coragem para voar, o voo [sic] não pode ser ensinado, só pode ser encorajado.

Realmente as escolas deveriam ser sempre asas, deixando as crianças livres em suas próprias decisões, pois a aprendizagem fluiria naturalmente e elas seriam autoras de suas próprias histórias. Assim me sentia naquela escola, como se tivesse asas na imaginação, que me impulsionava a aprender cada dia mais. Devido a acontecimentos tristes, em 1992 tive que me mudar novamente; nesse meio-tempo, meus pais já estavam morando em Itapipoca, Ceará (CE), fugindo das dificuldades do interior.

Quando voltei, não tínhamos condições de estudar; tudo era difícil; passávamos fome e dificuldades. Nesse momento da minha vida, uma das memórias mais fortes e marcantes que tenho é a de uma amiga que todos os dias vinha brincar no terreiro da minha casa, com sua sacola cheia de brinquedos e roupas; brincávamos por

horas e horas, esquecendo-nos da fome que nos assolava dentro de casa.

Era o ano de 1993, eu estava com 7 anos e minha mãe, a qual considero como minha heroína, quase perdeu um braço prensado num portão para garantir uma vaga na escola, e assim ingressamos novamente na vida estudantil, porém eu estava fora da faixa escolar, por esse motivo fui cursar a antiga alfabetização, atualmente 1º ano. A Lei nº 9.394/1996 diz que:

A criança deve ingressar aos 6 anos no 1º ano do ensino fundamental e concluir a etapa aos 14 anos. [...] O aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais.

Assim segui cursando as séries posteriores, sempre com empenho e dedicação; na 4ª série, tive que ser colocada em uma sala de aceleração justamente por apresentar idade superior à adequada ao então ciclo de aprendizagem. Segundo Menezes (2001):

A aceleração da aprendizagem é um termo atribuído a um programa que visa corrigir a distorção do fluxo escolar, ou seja, a defasagem entre a idade e a série que os alunos deveriam estar cursando. A aceleração da aprendizagem é considerada uma estratégia pedagógica que parte da ideia de que o nível de maturidade dos alunos permite uma abordagem mais rápida dos conteúdos para ajudar-lhes a recuperar o tempo perdido.

Assim segui meu processo escolar. Terminei o Ensino Fundamental, etapa marcada por dificuldades, alegrias e muita persistência, pois o meu propósito era um só: vencer na vida, ser alguém e dar muito orgulho

aos meus pais. No Ensino Médio, vivenciei algo aparentemente simples e bobo para alguns, mas para mim significou uma descoberta: aprender a tabuada. Já havia passado no 1º e 2º ano do Ensino Médio sem novidades, porém, no 3º ano, conheci um professor de Matemática que foi muito significativo em minha vida, quem, através de músicas, versos e muita alegria, despertou em mim o gosto e a paixão pelos números. A empatia entre professor com a sua aluna foi imprescindível para essa vivência tão cheia de significados. Como afirma Ferreira (2017), as relações professor-alunos também são determinantes no interesse de aprender. Isso acontece quando há empatia entre eles; o aluno sente facilidade em apreender os conhecimentos ensinados pelo professor.

Lutei e cheguei à tão sonhada universidade, onde talvez vivi os melhores anos da minha vida, onde dei um “gás” a mais na minha extrema vontade de aprender cada vez mais. Aproveitei o que aquele ambiente podia me oferecer de melhor, estudos, desafios, planos, realizações, sonhos, amizades e muito conhecimento teórico e real para uma vida. Lembro-me de cada detalhe das risadas, das lágrimas, das apresentações em equipe, etc. Foram dias ímpares. Eu era então formada em Pedagogia; havia feito um concurso e me tornado professora de Educação Infantil, em que me dediquei durante sete anos, trabalhando diretamente com as crianças, onde encontrei meu mundo colorido, cheio de magia e alegria.

Finalizo este memorial com um sentimento de dever cumprido, agradecida e com as mais lindas e ótimas lembranças de uma infância cheia de ludicidade, mesmo sem saber naquela época desse termo e seus significados, quando o bom mesmo era brincar nas pedras, correr

no pega-pega ou no tio cola, tomar banho de rio e açude mesmo sem saber nadar, correr atrás das galinhas, levar arranhões dos capotes, criar bodes e cabras no terreiro de casa, ser feliz sentada no banco de madeira com um prato de mingau, pular corda e elástico no quintal, correr, brincar, ralar o joelho, chorar e se calar. O bom mesmo é perceber que nossa infância valeu a pena.

Referências

ALVES, R. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002.

ANTÔNIO, L.; JOTA JÚNIOR. *Lata d'água*. Intérprete: Marlene. Composição: Luiz Antônio e Jota Júnior. 1952. Disponível em: <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/marlene-canta-lata-dagua/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

FERREIRA, F. A. R. *Introdução à cidadania a escola*. Curitiba: Appris, 2017.

MENEZES, E. T. Verbete aceleração de aprendizagem. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira*. São Paulo: Midiamix, 2001.

53 AS MEMÓRIAS SOBRE O BRINCAR NA INFÂNCIA E AS PRÁTICAS LÚDICAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap53>

MARÍLIA FORTE IRINEU DOS SANTOS

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade Kurios (FAK). Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade do Sertão Central (Fasec). Foi professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), Projeto Pibid Alfabetização (2020-2022), na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da UECE. Foi integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Facedi/UECE. Professora efetiva da rede pública municipal de Itapipoca, Ceará. Atualmente é formadora do Ciclo de Alfabetização na Secretaria de Educação de Itapipoca, articuladora municipal da Rede Nacional de Articulação de Gestão, Formação e Mobilização (Renalfa) – Compromisso Nacional Criança Alfabetizada – Ministério da Educação (MEC), formadora regional do Eixo Literatura e Formação do Leitor, na Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação 2.
E-mail: mariliafisantos@gmail.com

Desde a Antiguidade, o brincar já faz parte da vida dos seres humanos e está intimamente ligado ao contexto cultural. Na minha infância, o brincar sempre esteve presente nas brincadeiras de rua. Recordo-me com saudade das noites em que se juntava uma meninada para a diversão; eram tantas as brincadeiras: esconde-esconde, pega-pega, bandeira, carimba, sete pecados. Naquela época, na década de 1990, não havia muito movimento na rua nem tanta violência como nos dias de hoje; a criança tinha certa liberdade para brincar ao ar livre. Voltávamos para casa com os pés sujos de terra batida, pois brincávamos descalços, para não quebrar as chinelas.

Era através dessa interação que conhecíamos o mundo e nos relacionávamos com ele. Brincar “[...] diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem uso de brinquedos ou outros materiais e objetos. Brinca-se também usando o corpo, a música, a arte, as palavras” (Friedmann, 2012, p. 19). Sobre o brinquedo, não tínhamos muito contato com aqueles industrializados, comprados em lojas, a não ser em raras datas especiais; as condições de vida eram precárias e não havia dinheiro para essa aquisição. Lembro-me de uma certa manhã de Natal em que eu e minhas irmãs fomos surpreendidas por bonecas deixadas embaixo de nossas redes; era para a gente pensar que era presente do Papai Noel, mas sabíamos que aquela ação era o resultado do trabalho de nossa mãe. Outro momento foi quando ganhamos bonecas Barbies da I Igreja

Presbiteriana em uma festa do Dia das Crianças. Ficamos muito felizes. Tudo era mais difícil naquela época.

Diante disso, fabricávamos nossos próprios brinquedos, com elementos presentes na nossa casa e na natureza. Fazíamos móveis utilizando caixas de fósforo e outras caixas pequenas, pratinhos de tampinhas de garrafas PET recolhidas na rua e a comidinha era o que pegávamos no mato perto de casa. Assim eram nossas brincadeiras em casinhas feitas de lençóis.

Não havia contato com brinquedos eletrônicos; não tínhamos o acesso que as crianças possuem nos dias atuais à internet. Assistíamos à televisão, mas era por pouco tempo e somente em canais abertos. Outros momentos marcados pela ludicidade eram quando íamos para Aracatiara, interior de Amontada, Ceará (CE), quando brincávamos de subir nos cajueiros, no pé de siriguela, de pular na bagana no carnaubal, de correr nos matos, de andar de carroça e de tomar banho na lagoa, tudo em contato com a natureza e com tudo que ela proporciona.

Meu irmão merece um registro especial neste relato das memórias sobre o brincar. Ele era o que mais aproveitava a infância, construía e empinava pipas, jogava de bila e bola com os amigos, vivia nos riachos pescando piabas, era um menino solto e brincalhão, que corria de um lado para o outro com uma baladeira no bolso. Talvez por essa razão, tenha sido tão difícil sua relação com a escola. Como um menino que era livre e agitado poderia passar quatro horas sentado em uma cadeira, com caderno e lápis na mão?

A escola não era atrativa para ele; por muitas vezes, pulava o muro e fugia para voltar a brincar. Seus professores não o compreendiam; ele era o indisciplinado, o aluno que não queria estudar. Ele reprovou várias vezes

e só concluiu seus estudos em um supletivo, porque o mercado de trabalho exigia a certificação.

Hoje, lembrando essa história, com os olhos aguçados da docência, fico imaginando: se a ludicidade estivesse presente na didática dos professores, certamente seria mais atrativa para um menino cuja natureza era brincante, livre e sonhadora. Faz-se necessário

[...] resgatar o direito da criança a uma educação que respeite seu processo de construção do pensamento, que lhe permita desenvolver-se nas linguagens expressivas do jogo, do desenho e da música (Kishimoto, 2017, p. 68).

Amava a escola, mas não tenho recordações sobre o brincar usado como ferramenta na aprendizagem; as aulas não eram dinâmicas, não tinham a alegria e a cor que a ludicidade carrega, pelo contrário, tínhamos muitas escritas de cópias no caderno. Lousa cheia de atividades, como se essa fosse a única estratégia para o ensino. Nos 15 minutos de duração do recreio, corríamos pelos corredores da escola, dávamos risadas como se ganhássemos a liberdade. Na sala de aula, cadeiras enfileiradas e alunos em silêncio.

Na trajetória formativa, lembro-me da querida Ana Luisa Diógenes, do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Em suas disciplinas “Educação Infantil” e “Literatura Infantil”, usava recursos lúdicos e encantava a todos, mostrando que era possível tornar a aprendizagem mais significativa para os alunos.

Tive muitas experiências em escolas particulares, mas foi como professora da rede pública que me encontrei e pude me tornar a profissional que hoje sou. Desde o concurso público, atuo em turmas de 1º a 3º ano do Ensino Fundamental, nos anos iniciais. Como professora, tento,

na medida do possível, enxergar o meu aluno além da sala de aula, seu contexto social e o conhecimento de mundo, reconhecendo-o como um ser capaz de aprender e vencer as dificuldades impostas em sua trajetória de vida.

A escola precisa ser um espaço atraente; é importante despertar o gosto pelo processo de aprendizagem, que não é uma simples transmissão de conteúdos, mas o desenvolvimento de agentes transformadores da sociedade e protagonistas do próprio conhecimento. A ludicidade é um recurso pedagógico que contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Em minhas aulas, principalmente nas turmas de alfabetização, com o objetivo de tornar a aprendizagem mais prazerosa, uso jogos pedagógicos e outros recursos lúdicos.

Segundo Almeida (2014, p. 23):

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. O brincar é a essência da infância e uma necessidade humana.

Os jogos contribuem no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, é necessário que o professor planeje a ação, diante de um diagnóstico, verificando as necessidades dos alunos, quais objetivos deseja alcançar, como realizar essa ação, que espaços e materiais pode utilizar. Por exemplo, a análise fonológica e estrutural de palavras, que é tão importante no processo de alfabetização, pode ser trabalhada através de uma roleta (ver imagem adiante). A criança participa lendo uma palavra

retirada do envelope, de um texto trabalhado em sala de aula, gira a roleta e responde ao questionamento.

Para incentivar a higiene bucal, foi confeccionado o avental do jacaré (ver imagem a seguir), usado em uma contação de história em que as crianças aprenderam brincando. Outro recurso é a confecção de fantoches de caixa de leite (ver imagem adiante), que pode ser usado para o desenvolvimento da oralidade. Dessa forma, aprender fica mais divertido!

Imagem 1 – Roleta de análise fonológica e estrutural



Fonte: Marília Forte (2019).

Imagem 2 – Avental sobre higiene bucal



Fonte: Marília Forte (2018).

Imagem 3 – Confeção de fantoches de caixa de leite

Fonte: Marília Forte (2019).

O curso de extensão “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica” nos proporcionou um diálogo sobre a importância da ludicidade como ferramenta para a aprendizagem. Vivenciamos experiências lúdicas que poderão ser aplicadas em sala de aula.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014.

FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

KISHIMOTO T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

54 O LÚDICO NO MEU EU

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap54>

NARA FELÍCIA NEVES DIAS

Professora formada no magistério. Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Psicopedagoga Clínica e Institucional pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e neuroeducadora pela Universidade Unichristus (UniChristus). Professora da rede municipal de Itapipoca, Ceará.

E-mail: narafeliciapsico@gmail.com



Sou Nara Felícia Neves Dias, nasci em Itapipoca, Ceará (CE), aos 16 de fevereiro de 1981. Morava com meus pais, que sempre me deram amor, e também com minha irmã, que acabara de nascer. Mudamos para Fortaleza/CE, deixando aqui meu inesquecível xodó: minha vovó Carminha.

Naquele tempo, nem se falava em ludicidade ou, ao menos, em nosso meio, não, mas a minha avó materna era o próprio exemplo de que o lúdico constrói alicerces de rocha firmes em nossas vidas. Desde a minha infância, vinha eu passear na casa dela e hoje ainda consigo ouvir o som baixinho do rádio ligado numa sintonia local que ela costumava ouvir enquanto preparava, em seu fogão de alvenaria, as comidas mais deliciosas do mundo! Era tão bom!

Voltamos a morar em Itapipoca/CE e fiquei pertinho dela novamente. Tive a felicidade de estudar em uma escola onde sempre recebi amor e atenção. Na minha festa de 7 anos, chorei no momento da nossa foto: minha amada professora estava lá me presenteando com o seu abraço carinhoso. Tive professoras encantadoras e inesquecíveis. Consigo lembrar o nome de cada uma e suas respectivas séries. Óbvio que, no Ensino Fundamental e Médio, os professores se multiplicam, mas há sempre aqueles que mais nos marcam.

Cresci em um bairro calmo e tranquilo, onde podíamos brincar e dar asas à imaginação: conversar, correr,

pular, esconder e contar histórias, quer verdadeiras, quer imaginárias, algumas recontadas, mas sempre explorando a nossa criatividade. Fui presenteada com uma irmã com quem sempre pude compartilhar, dividir, brincar e aprender. Na escola, de vez em quando, eu estava repassando o que havia aprendido para meus colegas de classe. No Ensino Médio, eu sempre ouvia alguém me dizer que um dia eu ia ser professora. Um dia, ouvi um estalo, senti meu coração acelerar e percebi que era o que realmente eu seria: professora.

Iniciei a faculdade muito jovem e recebi um outro presente: comecei a trabalhar na escola que me trouxe os dias mais encantadores da minha vida enquanto estudante. Foi mágico! Aprendi muito. Pensava eu ali ser o início de uma paixão pelo magistério, mas hoje sei que esse amor nasceu na minha infância, talvez pelo carinho recebido, pelo acolhimento, pelo sorriso, pelas brincadeiras, pelo afeto que recebia sempre onde eu estivesse, quer fosse na escola, na família ou entre amigos. O poder da ludicidade é o mesmo: quer seja nas aulas da Educação Infantil, quer seja do Ensino Fundamental, Médio ou Superior, não há limites de aprendizagem. Lembro-me de uma dramatização que fizemos no Ensino Médio, na disciplina de Língua Portuguesa, no auditório da escola, momento em que pudemos comemorar a apresentação realizada com êxito. Viver o magistério usando o lúdico como ferramenta alcança objetivos que os braços jamais abraçariam.

O lúdico sempre esteve presente na minha vida. Vejo e sinto as emoções na pele. As pessoas que me permitiram viver o lúdico são responsáveis por tanta felicidade. E o coração que bate no meu peito vai sempre acelerar quando, na minha memória, ouvir a linda can-

ção que minha amada e inesquecível vovó Carminha cantava para mim sempre que eu chegava: “Lá de dentro mandaram me chamar, pois diga lá que agora já não vou, vou ficar com meu benzinho, nesse instante ele chegou” (Maria do Carmo Oliveira). Ainda consigo vê-la, como se fosse agora, sentada em sua cadeira de balanço bem na porta de entrada! Ah! Como eu queria sentir seu abraço e seu cheiro só mais uma vez! Meu coração acelera outra vez e traz para mim a compreensão de muito do que antes não havia entendido. Assim, lembrar não é reviver, mas (re) fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição (Bosi, 1979). Essa reflexão me faz ver hoje o quanto minha avó foi importante na formação do meu eu, na afetividade, no lúdico, na realidade e na fé. É relevante destacar que:

[...] o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. Em tal modo de vida, a atenção da criança pode estar plenamente nas próprias atividades e não em seus resultados. O brincar, como relação interpessoal, só pode acontecer no amor, uma relação interpessoal que ocorre no amor é necessariamente vivida como brincadeira (Maturana; Verden-Zöllner, 2004, p. 222).

Vivi muito mais o lúdico do que pude imaginar. Tive a graça, a bênção de crescer na fé participando de uma igreja que muito me proporcionou edificantes experiências. Foi uma bênção participar do coral de crianças “Brilhando com Jesus”. Era encantador! O grupo de louvor me envolvia, me permitia louvar a Deus com sinceridade, com amor desde pequena. Lembro-me que

apresentávamos louvores em outras igrejas, onde tínhamos a oportunidade de interação com outras crianças. Em julho, tínhamos a semana de Escola Bíblica de Férias (EBF). Esperávamos o ano todo por essa semana! Dramatizações, brincadeiras, músicas, filmes, jogos, grupos de conversas, estudos da palavra de Deus. E hoje a emoção de recordar o que vivi me traz ainda mais a certeza de que há muito do lúdico em mim. Lembro-me bem do grupo de teatro do qual fiz parte por muitos anos. Trouxe para mim tantas experiências que, naquele tempo, eu não imaginava que já faziam parte da minha vida profissional. Desse modo, salienta-se que:

A identidade do professor é construída ao longo da sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar (Pimenta; Lima, 2004, p. 62).

Estar na sala de aula contando histórias, cantando, brincando, com o pé no chão, desfrutando das cores, da natureza, permite-me ver o meu aluno crescer, como também me ajuda a alcançar o objetivo de percebermos que todos nós somos diferentes, que temos nossas particularidades, mas que somos mais do que importantes. Com efeito:

A lição mais significativa que permanece é que a busca por uma aprendizagem rica e enriquecedora deve pautar-se numa relação cada vez mais cuidadosa, alegre, prazerosa, construtiva, acolhedora, sincera, afetuosa e lúdica entre educadores e educandos (Bacelar, 2009, p. 19).

E quando precisamos nos reinventar? Precisamos viver uma superação? Experimentamos um turbilhão de

emoções em meio a esta pandemia que muito mexeu conosco. Nossas aulas mudaram de formato e ali está outra vez o lúdico, ajudando-nos e abrindo os caminhos para que, mesmo de longe, possamos chegar perto do nosso aluno e da sua família. Superação novamente. Infelizmente fui atingida em cheio pela pandemia de Covid-19 e minha família também. Encontrei no louvor, na música, força para enfrentar as lutas. E nesse momento quem é mais do que real derrama do seu amor, da sua misericórdia e nos concede a cura: Deus! Em meio ao ápice dessa luta, cheguei à realização de um sonho: a Neuroeducação, em que, em uma das aulas, vivenciei uma dinâmica intitulada “Aquário”, numa das disciplinas do referido curso de pós-graduação, a qual foi ministrada por uma psiquiatra, momento em que interagimos, compartilhamos opiniões, tiramos dúvidas e fomos avaliados nessa dinâmica.

Concluí o curso em meio aos desafios, mas sempre me sentindo acolhida pela minha família, meu esposo e minhas filhas, que hoje me permitem viver num misto de realidade e ludicidade, de amor, alegria, realizações, sonhos e esperança. Perceber o quanto o lúdico sempre esteve presente em minha trajetória, sem que ao menos eu soubesse disso, fez-me estar aqui emocionada ao recordar minha vida. Tenho uma família abençoada, dois milagres, que são minhas filhas, e poder reviver a infância ao lado delas e do meu amado é rever com emoção a formação do ser através da ludicidade. Este memorial tem para mim muito mais do que letras que me trazem maravilhosas memórias. É para mim uma oportunidade de gratidão pela minha vida, pelas experiências, pelas construções àquele que é transbordante de amor e que

tem todo o poder, é digno de toda honra, todo louvor e toda glória: JESUS, principalmente por ser elaborado em um momento de tantas dificuldades oriundas da pandemia ocasionada pela Covid-19, iniciada no Brasil em março de 2020.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e educação infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BOSI, E. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar*: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).

55 AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL DO DOCENTE: RESGATANDO MEMÓRIAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap55>

NIRLA DO NASCIMENTO BARBOSA

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e em Pedagogia pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (Faveni). Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Kurios (FAK), em Alfabetização e Multiletramento pela UECE e em Educação Infantil, Fundamental I e II, pela Faculdade Sertão Central (Fasec). Durante a graduação, atuou como estagiária de análise físico-química de água na Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece). Atuou como professora de Biologia na rede estadual de ensino do Ceará. Foi preceptora do Programa Institucional de Residência Pedagógica - Biologia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi). Foi integrante do curso "O Lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica". É professora da rede municipal de ensino no município de Itapipoca, Ceará. Atua como supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (Pibid).
E-mail: nirlinhannbarbosa@gmail.com



formação humana é sustentada por uma bagagem de vivências e experiências adquiridas ao longo da vida do indivíduo, bagagem essa, muitas vezes, herdada, outras vezes adquirida, porém sempre compartilhada, pois, desde que nascemos, compartilhamos o que somos e o que sabemos uns com os outros. Damos um pouco de nós e tiramos do outro um pouco de si, assim vamos nos construindo e nos constituindo como indivíduos, cidadãos e seres humanos.

Assim, no processo da construção da identidade do indivíduo, as vivências familiares, sociais e culturais tornaram-se pilares necessários no processo de crescimento pessoal e profissional. O crescimento é algo inerente ao ser humano, faz parte do seu ciclo biológico, do seu pertencer a uma sociedade. Crescer significa amadurecer, desenvolver, adquirir experiências por meio de vivências. Crescer significa ainda se tornar grande, grande nos sonhos, nas lutas, nas batalhas, na força de vontade e no viver a vida. Grande no amor próprio, no amor à família, no amor à profissão. De acordo com os escritos de Rodrigues (2011), o desenvolvimento pessoal e profissional de um professor é um processo complexo e permanente, baseado nas diferentes maneiras com que se posiciona em relação a múltiplas e, por vezes, contraditórias situações. Para isto, colaboram diversos posicionamentos, valores morais, etnias, crenças expressas nos diferentes contextos sócio-históricos da sua caminhada.

E o amor pela profissão docente quase sempre é manifestado desde a primeira fase da vida: a infância. É na infância que tudo começa, que o enredo da vida ganha suas primeiras formas. Ainda nos primeiros anos de vida, dentro de casa o indivíduo se depara com seus primeiros professores: os pais. Eles são pilares cruciais para o crescimento do indivíduo e estarão conosco por toda a vida, seja em forma física ou em memória. Por falar em memória, minhas memórias me trazem boas lembranças de tudo já vivido até aqui. Algumas vezes, memórias tristes, mas, na grande maioria, lembranças afetivas e felizes que me fazem bem.

Nasci em 1987 em Itapipoca, a sétima filha de uma família de oito filhos. Uma família humilde, do interior do município. Meu pai analfabeto e minha mãe com Ensino Fundamental incompleto. Meu pai agricultor e minha mãe dona de casa. Faltavam-nos muitas coisas, mas a educação, o amor, o carinho e o respeito sobravam. Minha mãe sempre incentivou os filhos a estudarem, apesar das dificuldades de acesso à escola, pois a instituição era longe da minha casa e para chegar lá tínhamos que passar por um rio; no período do inverno, ficava praticamente inviável ir à escola. Por outro lado, meu pai dizia que os estudos não levavam as pessoas a lugar nenhum. Esse ponto de vista dele foi motivo de embates e discussões por muito tempo dentro de casa, pois minha mãe nunca abriu mão de ver os filhos formados e bem-sucedidos profissionalmente.

Eu e meus irmãos fomos alfabetizados em casa. Minha mãe, meu grande exemplo de ser humano, dedicava um pouco do seu tempo tão corrido para ensinar os filhos a ler e escrever. Fui à escola pela primeira vez aos

7 anos de idade, já alfabetizada. Depois de muitos desafios, de vencer a resistência do marido, minha mãe teve a oportunidade de ver saindo das cadeiras da universidade, com o diploma na mão, sete dos seus oito filhos: cinco professores, dentre os quais, eu, uma assistente social e uma contadora. Sempre ouvi dela que “A única coisa que jamais poderão tirar do indivíduo é o conhecimento. Esse é só seu, você deve compartilhá-lo, porém, alguém jamais conseguirá tirá-lo de você”.

A exemplo da minha mãe, que ensinava os filhos em casa, e a exemplo da minha professora, que ensinava seus alunos, desde muito pequena eu já brincava de ser professora. Como não tinha bonecas, minhas brincadeiras favoritas eram brincar de casinha e de ser professora. Minha irmã caçula sempre era a aluna. A brincadeira é uma atividade que eleva a capacidade de imaginação e percepção, abrindo espaços para o desabrochar dos interesses afetivos e cognitivos da criança. Piaget (1998) já afirmava que o brincar é uma atividade que reflete os estados internos do sujeito diante de uma realidade vivida ou imaginada.

No meu faz de contas de ser professora, as cantigas de roda sempre estavam presentes, pois refletiam aquilo que eu vivenciava na escola, pois na escola o melhor momento da aula era aquele em que poderíamos brincar, interagir com os colegas. Nesse sentido, Gomes (2009) afirma que o brincar faz parte da infância, precisa ser valorizado e explorado dentro da instituição, uma vez que as atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e moral da criança. Afinal, as atividades lúdicas são facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem, permitindo a aquisição de

saberes diversos em todos os níveis e modalidades de ensino, uma vez que possibilita a interação entre os envolvidos na formação.

Muitos pensadores pós-modernos admitem que o terceiro milênio é o da ludicidade, sendo esta uma necessidade realmente humana, tendo em vista que proporciona elevação dos níveis de uma boa saúde mental (Negrine, 1997, p. 83).

Somada a isso, a ludicidade permite ao indivíduo a espontaneidade de suas ações nas atividades lúdicas, permitindo, assim, maior socialização e liberdade de expressão.

Ao longo de toda a minha infância e adolescência, ou seja, durante a etapa da Educação Básica, sempre via nos meus professores exemplos a serem seguidos. De alguns admirava o lado profissional, a maneira de dar aulas, de tratar os alunos, de se sobressaírem a situações difíceis e inesperadas, a forma de tratar e receber os pais na escola, o estímulo aos alunos para que fossem sempre melhores, capacidade de realizar inúmeras atividades no cotidiano e fazê-las todas com responsabilidade e compromisso. De outros admirava seu lado pessoal, seu modo de ser, sua cordialidade, seu caráter, sua gentileza, sua maneira de ver a vida.

Ao longo de todo o período da vida estudantil básica, esses exemplos foram determinantes para que eu pudesse moldar a construção da minha identidade profissional do ser professor, pois, de acordo com os estudos de Libâneo (2004) e Pimenta (1999), a identidade profissional é sempre construída pelo indivíduo numa ação contínua que é vivida ao longo do tempo, o que caracteriza um processo complexo e que tem na experiência ao longo da vida uma base importante. Ela também é

construída a partir do contexto em que o professor está inserido em resposta às necessidades impostas pela sociedade e àquelas que surgem no ambiente educacional. Nesse processo de construção da sua identidade profissional, os fatores familiares, sociais e culturais tornam-se indispensáveis.

No meu ser professora, as dificuldades sociais, geográficas e econômicas vivenciadas ao longo da Educação Básica foram determinantes para eu ser a profissional que sou hoje. Um trecho da música “Eu vou seguir”, de Marina Elali, sempre me impulsionou a superar tais dificuldades, a não desistir no caminho, a ficar surda e cega para a negatividade, pois “Eu vou tentar, sempre! E acreditar que sou capaz de levantar uma vez mais, eu vou seguir sempre. Saber que ao menos eu tentei e vou tentar mais uma vez, eu vou seguir” (Elali, 2007). E venho tentando melhorar a cada dia tanto na vida pessoal quanto na profissional. Vale ressaltar que, desde que concluí a Educação Básica e adentrei um curso superior, venho buscando amadurecimento e crescimento profissional.

Ingressei em junho de 2008 no curso de licenciatura plena em Ciências Biológicas da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi-UECE), concluindo a graduação em agosto de 2012. Nesse período da faculdade, as vivências da ludicidade voltadas para o ser professor eram constantes tanto dentro da sala de aula como em cursos de extensão proporcionados pela própria universidade. Participar desses eventos me propiciou momentos de grande aprendizado, troca de saberes e partilha.

Em meados de 2011, ainda no período da graduação, tive a satisfação de ser aprovada no concurso público realizado pela Prefeitura Municipal de Itapipoca/CE para o

cargo de professora de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental. Durante o processo seletivo do referido concurso, foi perceptível o quanto os saberes docentes adquiridos dentro da universidade, principalmente os direcionados à prática pedagógica, como os estágios supervisionados, didática e ludicidade, são essenciais para o ser professor, pois exigiam uma prova prática que requeria a prática da ludicidade associada a uma boa didática e a conhecimentos teóricos. Consegui a aprovação. Em 2012, concluí minha formação inicial. No ano seguinte, objetivando complementar os conteúdos adquiridos na universidade, iniciei um curso de especialização em Ecologia e Gestão Ambiental.

Oficialmente, iniciei a vida profissional em 2013, ao assumir o concurso público municipal, ministrando aulas de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola da sede rural de Itapipoca/CE, na qual desenvolvi minhas atividades docentes até dezembro de 2016. Tive, ainda no ano de 2013, a oportunidade de ampliação de carga horária de maneira temporária e passei a lecionar também na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nessas etapas da Educação Básica, a ludicidade é ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e motor das crianças. Essa experiência foi repleta de desafios, já que lecionava também numa área distinta da minha formação inicial, porém cheia de aprendizado, experiências, crescimento, busca e conhecimentos.

Nesse cenário, ainda em 2013, decidi cursar uma segunda graduação: licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica, oferecida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE),

vindo a concluí-la em 2017, visando a agregar mais conhecimentos à minha vida profissional. Ainda em 2017, comecei a trabalhar na Escola de Ensino Básico Francisca de Moraes Pontes, como professora regente da disciplina de Ciências em turmas do Ensino Fundamental II, uma escola na qual me sinto bem.

Em 2018, na tentativa de buscar mais conhecimentos que pudessem auxiliar na minha prática pedagógica e minimizar os desafios encontrados em sala de aula, sobretudo no que tange ao letramento científico, iniciei mais um curso de especialização: especialização em Alfabetização e Multiletramento pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), concluído recentemente, curso este em que a ludicidade é essencial, uma vez que torna o processo de alfabetização mais dinâmico e interativo. Ainda em 2018, iniciei uma nova fase na minha vida profissional, dando início à docência no Ensino Médio, de maneira temporária, atuando como professora regente da disciplina de Biologia na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, na qual atuo até hoje.

Em 2020, assumi a função de bolsista preceptora do Programa Institucional de Residência Pedagógica (PIRP-UECE) do curso de Ciências Biológicas da Facedi, na preceptoria, em que atuo auxiliando a coordenadora de área, fazendo o acompanhamento e orientando as atividades dos residentes durante o desenvolvimento do projeto.

Finalizo a escrita deste memorial enfatizando que resgatar as próprias memórias não é uma tarefa fácil, no entanto é muito interessante, uma vez que relembrar tudo o que foi vivido pode nos causar dor, porém pode nos trazer enorme felicidade e saudade. Relembro com

saudades de tudo o que foi vivido até aqui. Percebo que foi uma caminhada árdua, difícil, porém essas vivências moldaram minha trajetória. Hoje posso dizer que “Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje, me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, só levo a certeza de que pouca coisa eu sei, que nada sei” (Sater, 1990). E realmente não sei quase nada, ainda tenho muito o que aprender. Aprender a ser mais filha, mais esposa, mais amiga, mais profissional e principalmente mais humana.

Referências

- ELALI, M. *Eu vou seguir*. 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marina-elali/1040126/>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- GOMES, K. F. *O lúdico na escola*: atividades lúdicas no cotidiano das escolas de ensino fundamental no município de Araras. Rio Claro, 2009.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola*: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.
- NEGRINE, A. Brinquedoteca: teoria e prática. *In*: SANTOS, S. M. P. (org.). *Brinquedoteca*: o lúdico em diferentes contextos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 83-94.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*: imitação, jogo e sonho, imagens e representação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

PIMENTA, S. G. (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES, S. M. P. Contribuições da memória na formação da identidade docente. *In*: EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: BRUC, 2011.

SATER, A. *Tocando em frente*. Philips, 1990.

56 CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA A MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap56>

NIRLEY MARA LAVOR TEIXEIRA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade Kurios (FAK), participante do curso "O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica". Professora da rede municipal do município de Itapipoca, Ceará.
E-mail: nirley.mara29@gmail.com

Sou Nirley Mara Lavor Teixeira, nasci em 3 de março de 1989, na cidade de Itapipoca, Ceará (CE), filha de pais agricultores e as brincadeiras fizeram parte de todos os momentos de minha infância. Junto com outras crianças e vizinhos onde eu morava, no interior, com primos e primas, onde eu passava os finais de semana com frequência e todas as férias escolares, aproveitei com eles cada vivência de ser criança. Eram momentos de descontração, lazer e socialização junto a outras crianças. As brincadeiras que fizeram parte de minha infância foram muitas, esconde-esconde, pular corda, pega-pega, pular elástico, carimba, bandeira, eu sou pobre, grilo, vi-vo-morto, estátua, casinha, escolinha, entre outras. Algumas brincadeiras foram vivenciadas somente no interior, como contação de histórias à noite, numa rodinha de crianças e, às vezes, adultos, do folclore, de bruxas, de lendas diversas que causavam assombração e medo. Durante o dia, brincávamos de casinha embaixo do pé de cajá que era enorme e cada canto era um compartimento das casinhas feitas. Subíamos no pé de siriguela, cajá, ata, para comer as frutas do pé e também ver quem subia mais alto. Também gostávamos de fazer trilha nos caminhos até o rio ou açude para onde íamos e nos esquecíamos da hora de voltar; aproveitávamos cada momento para brincar e nos descontrair.

As experiências vivenciadas pelas crianças, a socialização, as brincadeiras, as aprendizagens e a inte-

ração vividas no cotidiano delas caracterizam o lúdico como parte fundamental nesse processo que caracteriza a infância:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2018, p. 35).

Diante do exposto, podemos dizer que as crianças criam seu próprio mundo durante as brincadeiras, as aventuras, o faz de conta e, através delas, são capazes de resolver problemas durante a interação com outras crianças. A definição de criança trazida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil diz que ela é:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

É na interação através das brincadeiras que as crianças constroem seu modo de agir, sentir e pensar e nas experiências sociais com a família e escola que desenvolvem sua autonomia diante das percepções sobre si e o outro. Minha infância foi muito significativa para a minha formação, crescimento e desenvolvimento pessoal. Com o passar do tempo, as preferências foram mudando e já adolescentes não brincávamos mais como antes. Passávamos o tempo brincando com a adedonha,

disparate, jogo da velha. Os primos e primas mais velhos já não davam tanta importância para as brincadeiras e logo estavam namorando. As brincadeiras diminuíram e cada um no seu devido tempo formou família, alguns fizeram uma graduação que lhes consumia todo o tempo.

Minha vida escolar começou cedo, em 1993, aos 4 anos; por ironia do destino, tive que repetir o ano, pois me achavam muito pequena para passar para o ano seguinte. Fiz duas vezes o Pré II (referência usada para identificar o Infantil V atual). Na 3ª série do Ensino Fundamental, fui classificada para o 4º ano em 1997, de acordo com o parecer vigente na época, então não perdi o ano em que repeti o Pré II. Não me recordo de muitas experiências lúdicas durante minha trajetória do Ensino Fundamental; algumas atividades eram para desenhar e pintar livre ou de acordo com algum tema em estudo. Lembro-me de algumas gincanas que aconteciam, por exemplo, na semana do aniversário de nosso município e algumas competições de jogos na quadra poliesportiva; também havia uns eventos na semana do estudante, com competição de desfiles, artes: música, dança, produção de poemas. Durante meu percurso no Ensino Médio, de 2003 a 2005, lembro que fazíamos atividades relacionadas ao teatro, em que eu sempre fazia os papéis mais inusitados, bruxa, saci-pererê, velha, índia, entre outros. O motivo pelo qual eu era escolhida para fazer esses papéis não me lembro, mas acredito que era pela coragem de vestir os personagens, sem medo de errar e ser feliz naquele momento.

Na minha trajetória universitária, de 2008 a 2013, foi quando pude perceber a importância e contribuições dos jogos e brincadeiras para o processo de ensino e de-

envolvimento das crianças, através das disciplinas que faziam referência ao contexto lúdico, como: “Alfabetização de Crianças”, “Educação Infantil”, “Literatura Infantil”, entre outras, dos estágios supervisionados e, por fim, da produção de minha monografia, cujo tema está estreitamente relacionado com o lúdico no ensino da Matemática. Nesse período, participei de atividades lúdicas com jogos e brincadeiras, contação de histórias, música, teatro, dança e artes diversas, tendo contato com teóricos renomados que já fizeram pesquisas sobre o lúdico e suas contribuições, quando percebi o quanto a utilização da ludicidade iria proporcionar mudanças na minha vida como docente.

Antes de iniciar minha trajetória como professora, trabalhei de 2010 a 2012 com projetos de informática na Escola de Educação Básica (EEB) João Araújo Teixeira, como monitora. Durante esses anos, sempre estive em contato com jogos educativos *on-line* e material concreto também, pois sempre proporcionava aos alunos atividades diferenciadas do cotidiano da sala de aula, visando sempre contribuir com suas aprendizagens através do lúdico.

Iniciei na docência no ano de 2013, como professora de Educação Infantil. Um momento de alegria e ao mesmo tempo de medo dos desafios que poderiam aparecer. Foi uma experiência muito gratificante. Com o passar do ano, aprendi muito com as vivências do dia a dia, com a interação com as crianças e colegas, logo pude perceber em qual nível de ensino eu gostaria de lecionar, na Educação Infantil. Em 2014 e 2015, não trabalhei como docente. Ocupei o cargo de secretária escolar em outra escola da rede municipal, na EEB Francisco Nelson de Lavor.

Em 2016, retornei para a EEB João Araújo Teixeira como professora do Ensino Fundamental. Com a experiência desse ano, pude perceber que eu realmente me identificava com as crianças da Educação Infantil, não do Fundamental. Em 2017, fui monitora do Programa Mais Educação na mesma escola, onde recebia os alunos do Ensino Fundamental no contraturno do horário regular de suas aulas para um reforço dos alunos do 1º ao 5º ano. Para ajudar na aprendizagem das crianças, sempre fazia uso de contação de histórias, atividades práticas, jogos (disponíveis na escola ou confeccionados para a aula) e brincadeiras, com o objetivo de desenvolver as habilidades de leitura e escrita dessas crianças com dificuldades na aprendizagem.

No ano de 2018, fui nomeada e comecei a trabalhar como professora efetiva na EEB João Araújo Teixeira como professora da Educação Infantil; fiquei muito feliz em estar realizando um sonho, ser professora concursada e lecionar no nível de ensino com que tenho mais identificação. No ano de 2019, continuei lotada em uma turma de Educação Infantil e, a cada ano de experiências vivenciadas, pude colocar em prática todos os meus conhecimentos adquiridos nos anos anteriores, sempre buscando trazer aulas significativas e atrativas para os alunos.

O meu trabalho pedagógico está estreitamente relacionado com o lúdico, com o uso de jogos, brincadeiras, contação de histórias, músicas, influenciado pelos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante minha formação acadêmica, que despertou em mim a vontade de lecionar, de alfabetizar através do lúdico, pois a utilização do lúdico constitui um valioso instrumento educacional que pode ser utilizado para trabalhar o en-

sino-aprendizagem quando se opta por uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria como a prática.

No ano de 2020, tive a oportunidade de me tornar professora alfabetizadora em turma de 1º ano. De início, fiquei com receio, pois são turmas bem numerosas e o processo de alfabetização é muito complexo e envolve várias temáticas. Trabalhei um mês e alguns dias, então logo tivemos que parar por consequência da pandemia de Covid-19. Foi um ano de muitos desafios, muitas tentativas na busca ativa dos alunos, em que muitos fatores contribuíram para que os alunos não acompanhassem o ensino de forma remota (por exemplo, a família não acompanhava por falta de tempo, conhecimento, aparelhos celulares insuficientes em casas onde havia mais de uma criança para utilizar, falta de atenção e interesse das crianças, entre outros), enfim, foi um ano difícil, em que os professores se reinventaram e começaram a fazer uso da tecnologia para lecionar e fazer valer o seu papel dentro da sociedade. Por outro lado, foi um ano de grandes aprendizados que farão parte da nossa história. Apesar dos obstáculos, sempre buscamos propor atividades significativas para ajudar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, mesmo que virtualmente.

Segundo Piaget (1971, p. 170) “[...] o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico. Ela precisa brincar para crescer, precisa do jogo como forma de equilíbrio com o mundo”. Os jogos possibilitam às crianças uma gama de benefícios e são indispensáveis à saúde física e ao desenvolvimento emocional e intelectual delas. É nos momentos de interação lúdica com os materiais concretos ao seu entorno que a criança desenvolve seu pensamento simbólico.

Em 2021, começamos o ensino de forma remota, sem data para o retorno presencial ou híbrido. Continuamos realizando nossas atividades junto aos estudantes de forma lúdica, mas agora de modo virtual. Interagimos através de vídeos, áudios, imagens e videochamadas para estreitar as relações entre professor e alunos.

É importante a introdução e valorização do lúdico nas escolas para que as crianças possam aprender de forma prazerosa os conteúdos curriculares, mas sabemos que os desafios sempre aparecem, por exemplo, no caso dos pais dos discentes, que sempre me questionavam por não haver atividade impressa, pois, para a maioria deles, as atividades devem ser impressas, de leitura, escrita e matemática, já os jogos e as brincadeiras são apenas passatempo.

O principal atrativo é o caráter lúdico, conceito por vezes mal compreendido, mas que indica que a prática é divertida e pressupõe uma relação interessante entre os participantes, porém não ficam de fora o compromisso, o esforço, o trabalho e até a frustração. O prazer que proporciona é ligado à superação, à satisfação de ganhar ou de ser melhor que antes (Santomauro, 2013, p. 31).

No meu dia a dia em sala de aula, sempre busco utilizar o lúdico para proporcionar aos alunos uma aula significativa e prazerosa, seja com brincadeiras, jogos, histórias, músicas, enfim, são muitas as formas de vivências com o lúdico que contribuem de diversas formas para o desenvolvimento da criança, pois é através dele que elas conseguem expressar seus sentimentos, desejos, imaginações, dentre outros aspectos.

O lúdico tem um papel muito mais amplo e complexo do que, simplesmente, servir para treinamento

de habilidades psicomotoras, colocadas como pré-requisito da alfabetização. Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira (Bacelar, 2009, p. 26).

A vivência lúdica é, sem dúvida, a alma para a criatividade e imaginação, além de exigir da criança tomadas de iniciativa, desafiando a sua inteligência para encontrar soluções para os problemas. Além do mais, através do faz de conta as crianças desenvolvem o raciocínio lógico e constroem seu conhecimento de forma descontraída.

As brincadeiras vivenciadas na minha infância não são muito utilizadas na atualidade, pois as crianças de hoje estão ligadas ao uso das tecnologias, utilizando as redes sociais para conversar, os jogos digitais, enfim, as brincadeiras populares devem ser apresentadas para as crianças de hoje, já que os meios de interação, diversão e socialização são outros. Para a minha formação profissional, a contribuição foi resgatar as brincadeiras populares que fazem parte de nossa cultura e inseri-las no processo de ensino junto aos jogos.

Para facilitar o nosso trabalho e orientar o processo de ensino, a Secretaria Municipal de Educação oferece cursos de formação continuada, sempre dando ênfase às atividades lúdicas que chamam a atenção do aluno. Também participo de outros cursos sempre que possível para melhorar minha prática em sala de aula, pois, quando a criança está brincando, transporta-se para um mundo lúdico, onde a brincadeira proporciona prazer e

diversão. “A atividade lúdica é um elemento metodológico ideal para dotar as crianças de uma forma integral” (Murcia, 2005, p. 9). Eu, portanto, como profissional da educação, devo estimular nas crianças o ato de brincar, que é tão importante para o seu desenvolvimento.

Referências

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e Educação Infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

MURCIA, J. *Aprendizagem através do jogo*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SANTOMAURO, B. Jogos, quando, como e por que usar. *Revista Nova Escola*, São Paulo, v. 28, n. 260, 2013.

57 A LUDICIDADE E A MINHA FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS QUE ENTRELAÇAM

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap57>

SÁVIA CRISTINA LOPES MARINHO

Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e graduada em Pedagogia também pela UVA. Professora da Educação Básica. Integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: saviacmarinho@gmail.com

Para início de conversa, começo a refletir após algumas leituras postas nas referências deste memorial, sobre a ludicidade e suas variáveis. Chego à conclusão de que a ludicidade é uma importante ferramenta para a formação do ser humano. A situação lúdica instiga a ação imaginária e simbólica, pois é através do brincar que a criança se desenvolve e cria múltiplas possibilidades. Os brinquedos são objetos que dão suporte às brincadeiras e, quanto menos prontos, mais poderão servir às transições imaginadas pela criança; já a brincadeira é uma ação que encena conteúdos imaginários, em que a criança é alguém que, mobilizada pelo afeto de seu mundo interno, procura compreender a realidade e assim constitui seu próprio eu.

Moyles *et al.* (2007, p. 115) afirmam que:

É importante reconhecer o papel do brincar imaginativo no desenvolvimento da moralidade. As crianças testam suas ideias e atitudes em várias situações diferentes e praticam o que acontece na vida real, mas dentro da segurança da encenação. Essa segurança e o sentimento de sucesso que podem ser vivenciados apoiam a aprendizagem da criança. O sucesso resultante fortalece a autoconfiança e a autoestima.

A ludicidade, o brincar, o brinquedo e a brincadeira sempre estiveram presentes em minha infância. Quando nasci, meus pais já moravam em um condomínio murado, porém muito grande e cheio de árvores e espaços

para brincar; essas árvores e esses espaços tinham muitas histórias. Quando criança, sempre rodeada de muitos amigos, fazia muitas traquinagens nesse condomínio. Como afirma Friedmann (2020, p. 55):

Crianças mostram diferentes facetas, comportamentos e interesses e estabelecem vínculos diversos. Têm protagonismo, expressão e participação, [...] onde quer que elas convivam, com os espaços, com as situações.

Lembro-me que um certo vigia contava que a criança que ficava depois das dez horas da noite fora de casa era levada por um velho que amarrava as crianças lá no alto dela (a árvore); tinha também uma mangueira que diziam que quem subia lá no seu topo avistava o mar; claro que eu era desafiada com isso e uma vez subi: realmente avistei o mar – foi encantador –, mas não consegui descer; comecei a chorar e meu pai teve que ir me tirar de lá. Além das subidas nas árvores, fazíamos comidinha com as areias dos jardins, brincávamos de esconde-esconde, elástico, bila. Um dia escutei do meu irmão que é oito anos mais velho do que eu: “Meninas não brincam de bila!”. Claro que contei para a minha mãe, que sempre dizia: “Meninas podem tudo!”. E assim eu cresci, no meio de brincadeiras, faz de conta; meu mundo era naquele espaço cercado por muros. Nas minhas férias, passava sempre na casa de uma tia que morava sozinha; na casa dela havia um quintal por meio do qual, olhando pelo buraco de um portão velho e enferrujado, dava para avistar o mar. Mais uma vez, a importância da fantasia e imaginação na infância. Winnicott (1975, p. 79) afirma que “[...] é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação [...]”.

Seguindo na contramão da infância, cito aqui Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007, p. 13), que trazem a seguinte reflexão: “As crianças devem ser vistas, mas não ouvidas”. Com base nessa citação, relato minhas memórias na Pré-Escola, que são falhas e tão curtas. Lembro-me da “escolinha”, do cheiro de álcool e das atividades mimeografadas que eram passadas no dia. Sim! Essa escola tinha esse cheiro! Fecho os olhos e o sinto. Recordo-me de um fato (não me lembro da idade que tinha, acredito que uns 5 anos): quando fui a leitora de um texto para as mães em um encerramento do ano letivo; no final, recebi o boletim com as notas 10 e tinha um 9 que parecia um 4; chorei muito até a diretora me explicar da falha da tinta da caneta. Não tenho recordação de brincadeiras nem de professoras, somente do cheiro e desse fato relatado no período da Pré-Escola. Inexplicavelmente, minha falha na memória dá um salto para a 4^a série, em que me lembro claramente (ainda nessa mesma escola) de ser chamada na frente de todos da sala e a professora me fazer a arguição da tabuada do número 9. Agora preciso fazer um parêntese reflexivo, se fosse até a tabuada do número 4, acredito que daria para contar nos dedos, mas a de 9 fica bem mais difícil. É claro que errei, até porque nunca fui muito boa com números; só me recordo que passei o recreio todo escrevendo na página do caderno que 9×9 é igual a 81; nunca mais me esqueci e a diretora havia me dito isso!

As escolas marcam, deixam memórias positivas e/ou negativas. De acordo com Vygotsky (1991, p. 109):

O ato da brincadeira é extremamente importante para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, as crianças se relacionam de várias maneiras com sig-

nificados e valores, pois nas brincadeiras elas ressignificam o que vivem e sentem.

No meu processo educacional, porém, por toda a Educação Básica, não me recordo desses momentos lúdicos, prazerosos, recheados de brincadeiras.

Em 1996, fiz vestibular para Enfermagem e para Pedagogia. Passei na primeira fase de Enfermagem, mas, como o curso de Pedagogia era em outro município e eu tinha ficado em uma boa classificação, optei por morar longe de Fortaleza, Ceará (CE), portanto não escolhi a Pedagogia porque sonhava em ser professora, e sim pelo fato de que o curso era em outro município e eu teria a chance de morar sozinha e ser independente com 17 anos. Então, fui morar em Sobral/CE; cursei todos os semestres, passei por disciplinas como “Dinâmica de grupo” (na época era optativa), “Desenvolvimento da criança”, “Desenvolvimento da adolescência”, mas sem nada marcante. Era uma aluna mediana e sem grandes interesses de ser uma excelente pedagoga.

Formei-me em 2001, voltei para Fortaleza/CE e logo consegui um contrato para ser professora da rede pública do estado, assim assumi a turma de 3ª série, substituindo uma professora que estava de licença. Era a minha primeira oportunidade e confesso que não gostei da primeira experiência, chorei, tentei desistir, mas algo me movia a permanecer; passei três meses com essa turma e logo assumi uma nova turma, em outra escola; agora já com a experiência, não cometi os mesmos erros e me permiti ser professora. Comecei a observar os colegas da minha profissão, a forma como se relacionavam com a turma, percebi a importância de uma aula bem planejada e dinâmica e passei a gostar dessa profissão de fato.

Entre um contrato e outro, em 2005 tive a oportunidade de participar de um processo seletivo de uma grande escola de economia mista, onde assumi a função de coordenadora pedagógica. Senti-me desafiada e motivada nessa função. Segundo Franco (2012, p. 153), “A Pedagogia pode ser considerada uma prática social que procura organizar/compreender/transformar as práticas sociais educativas que dão sentido e direção às práticas educacionais”. Essa instituição foi o divisor de águas em minha profissão, em que estudávamos sobre projetos, avaliação, competências, habilidades e planejamento, fazíamos cursos, refletíamos junto aos professores sobre a melhoria do ensino e aprendíamos muito, todos juntos e engajados.

Em 2008, devido a motivos pessoais, tive que sair dessa instituição com muita tristeza em deixar essa equipe em que eu tanto crescia como profissional. Tive que me mudar para outra cidade (Itapipoca/CE). Ao chegar nesse novo município, consegui ser contratada e lotada na Secretaria de Educação, assumindo um novo desafio: ser formadora de professores da Educação Infantil. Durante dois anos, assumi no município esse compromisso, porém, em 2010, passei no concurso público de Fortaleza/CE e novamente retornei à função de professora; assumi turmas da Educação Infantil e do 1º ano, porém algo sempre me move a assumir novas funções e novos desafios, então, em 2013, fiz a seleção para compor a equipe de técnica da Secretaria de Educação de Fortaleza e, entre estudos, elaboração de estratégias e acompanhamento às escolas, fui adquirindo novas aprendizagens, em novos ambientes.

Ainda em 2013, participei do processo seletivo para diretores em Itapipoca/CE e, mais uma vez, assumi

um novo desafio, uma nova função, adquirindo novas aprendizagens. Nessa escola, como diretora da Educação Básica, tive velhas recordações da infância vivida no condomínio, em que, junto às crianças e professoras, brincávamos de elástico, fantasiávamo-nos e contávamos histórias. Kishimoto (2009, p. 57) afirma que: “Quando vemos uma criança brincando de faz-de-conta [sic], sentimos atraídos pelas representações que ela desenvolve”. Assim, em meio a muitos aprendizados, permaneci nessa função até o final de 2017.

Em 2018, recebi o convite para ser formadora de professores da Educação Infantil do município de Itaipoca/CE; tendo em vista que o que sempre me moveu nessa profissão foram os desafios, assumi novamente essa função. Nesse contexto, permeada por tantas experiências, tornei-me corresponsável pela infância de várias crianças, em que algo sempre me instiga: que professora estou sendo para essas crianças? Que marcas positivas posso desenvolver e proporcionar aos meus alunos? Nesse sentido, não parei de estudar nem de pesquisar e compreender esse universo fantástico de descobertas que é a primeira infância.

Em meio a essas novas descobertas, ainda em 2018, surgiu a oportunidade de fazer parte do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (Nedimpe). No ano de 2018 e 2019, realizamos pesquisa-ação em escolas dos Anos Iniciais e da Educação Infantil, em que interagimos por meio de aplicação de um questionário e de observação e também por meio de intervenções pedagógicas, com palestras, minicursos e oficinas. No ano de 2020, no Grupo de Estudo, Pesquisas em Educação, Saberes e

Aprendizagem da Docência (Gepesad), estudamos sobre a ludicidade e elaboramos resumos expandidos voltados a essa temática.

Assim, nesse percurso de trabalho de assumir diversas funções, de adquirir diversas experiências, apaixonei-me pela primeira infância: pude pesquisar a criança na sua inteireza, nas suas individualidades, nas várias infâncias, no leque de aprendizagens que ela nos proporciona e no verdadeiro sentido de ensinar e aprender quando trabalhamos com as crianças. Então, estar nessa função de formadora de professores de Educação Infantil há quatro anos me motiva a incentivar professores e professoras que estão em busca de conhecer esse universo a se deleitarem junto a eles e resgatarem aquela minha velha infância, pois nesse processo formativo: “A gente canta, a gente dança e a gente não se cansa de ser criança. A gente brinca na/da nossa velha infância!” (Tribalistas, 2002).

Referências

FRANCO, M. A. R. S. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: Saberes Pedagógicos).

FRIEDMANN, A. *A vez e a voz das crianças*: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda, 2020.

KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MOYLES, J. R. *et al.* *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (org.). *Pedagogia(s) da infância*: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRIBALISTAS. *Velha infância*. Rio de Janeiro: Phonomotor Records, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

58 O LÚDICO E A SAGA DE UM HERÓI

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap58>

SILVANA RAMOS DE ASSIS FREITAS

Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe). Professora da rede estadual de ensino, lotada na Escola Estadual de Educação Profissional Rita Aguiar Barbosa, Itapipoca, Ceará.
E-mail: silvanarfeduca@gmail.com

Nunca foi tão oportuno escrever um memorial. Aproveitei o momento introspectivo em minha vida, em que a junção de vários acontecimentos e fatores externos me trouxeram decisões fundamentais para o meu futuro emocional, familiar, profissional, enfim, para a minha vida como um todo. Quando falo em memórias, sou remetida à lembrança de coisas, pessoas, experiências vividas, bem como a fatos, histórias, cheiros e sabores. Abre-se um leque de múltiplas possibilidades de pensamentos há muito guardados no âmago do meu ser.

Partindo desse pressuposto, começo meu relato por esta fase da vida tão mágica que é a infância. A minha, por vezes, foi sofrida, mas também muito divertida. Nos primeiros anos de minha infância dos quais me lembro, eu e minha irmã brincávamos de coisas inusitadas, como soprar bem forte os dentes-de-leão – leves sementes que se assemelham à juba de leão branquinha; contar os caibros e as ripas da nossa casa, que era bem alta; recortar revistas de cosméticos; brincar de lençol, fingindo que éramos fantasmas; brincar de jogar pedra, que exigia agilidade, atenção e precisão; pular elástico; pega-pega; o famoso 31; confeccionar brinquedos com caixas de fósforos; soprar na frente do ventilador para falar tremido imitando robôs, fazíamos tudo isso sendo muito incentivadas por nosso pai. Era nosso universo mágico e lúdico. Fantasia e realidade se misturavam a todo instante nos nossos momentos de brincadeiras. Sendo assim, perce-

be-se que há um aspecto ao qual se deve dar especial atenção quando se trabalha com as atividades lúdicas de forma mais consciente: o perfil de prazer e ludicidade que elas têm na vida das crianças (Friedmann, 2012).

Um pouco mais crescida, meu pai me apresentou o que seria o brinquedo mais importante da minha vida, os pinos mágicos. Sempre que ele podia, comprava uma caixa para mim e minha irmã. Havia um desafio de quem conseguisse seguir as instruções de montagem das peças dos exemplos demonstrados de forma correta e rápida.

Essas vivências com brinquedos e brincadeiras, associadas aos estímulos do meu pai e aos momentos bons, em que o aprendizado estava atrelado ao brincar e parecia tão desprezioso, mas ao mesmo tempo carregava tanta intencionalidade cognitiva e intuitiva, fazem-me viajar no tempo e lembrar o cheiro e o sabor do passado, como a canjica – feita no inverno, a qual era posta em pequenos pratos individuais dentro da geladeira. Ainda posso sentir o gosto de canjica gelada com pitadas de canela em minha boca. Nos banhos de chuva, corríamos de biqueira em biqueira, desfrutando da liberdade de simples gestos carregados de alegria e encantamento, interagindo com nossos vizinhos e amigos naquela brincadeira singela e efêmera.

Meu pai, meu herói, pessoa que permeou toda a minha infância tentando incansavelmente torná-la agradável e saudável. Guardo na lembrança momentos singulares de ludicidade, como, por exemplo, quando nós três – minha irmã, meu pai e eu – saímos para comprar tecidos para a confecção de nossas roupas anuais. Ele já sabia quanto tinha que pagar antes mesmo que o dono do estabelecimento pudesse calcular. Nós perguntáva-

mos como ele fazia aquilo, e ele, sorrindo, dizia-nos que era uma mágica e que, se nós quiséssemos, poderia nos ensinar. Ficávamos empolgadas e queríamos aprender, pois parecia divertido. Tinha sentido e utilidade prática aquele saber.

Cada história, por sua singularidade, vai, do mesmo modo, tornando os corpos singulares em sua existência, pois vivemos e tomamos as experiências do mundo à nossa volta de modo único, à nossa maneira, negociando nossas pulsões internas em relação ao mundo objetivo que nos é dado (Jung, 2008).

Meu pai, aquele que é meu herói, sempre guardava um desafio na manga; nada era simplesmente ação cotidiana. Nada era dito de forma fria ou objetiva demais. Ele insistia em nos levar para o mundo da fantasia, do faz de conta, e isso era bom demais! O leitor deve se perguntar: mas como e por que ele agia assim, se era um homem simples, com pouquíssimo estudo? E eu deveras respondo: caro leitor, como você, também descobri tudo isso na minha fase adulta. E o que me fascinava na infância ganhou grande destaque em minha história de vida e trajetória profissional.

Quando eu tinha 11 anos, minha mãe adoeceu gravemente. Era seu período de menopausa e houve o desencadear de uma doença psíquica, para a qual ela já tinha predisposição, a esquizofrenia crônica. Meu mundo virou de cabeça para baixo em um ano. Tudo mudou, nossa rotina, nosso comportamento e nosso amadurecimento se deram início precocemente. Meu pai passou a nos levar todas as manhãs, cerca de 5 horas da manhã, para ajudá-lo em sua banca de bombons, situada entre os colégios Patronato e Anastácio Braga. Nós duas não

nos entendíamos muito bem, mas ficávamos mais tempo fora de casa do que de costume. Trabalhando, estudando ou nas horas de lazer, ficávamos com ele. Aos sábados, havia um ritual muito prazeroso, pois ele lavava sua bicicleta ao som de Roberto Carlos, na rádio Uirapuru de Itapipoca, Ceará (CE). Nesse ínterim, brincávamos ao seu lado durante todo o processo de lavagem; depois íamos tomar banho num tanque grande que havia no nosso quintal; adorávamos esse momento.

Sensações guardadas na memória que trazem bem-estar quando acessadas. Aos domingos, a programação era totalmente televisiva. A imagem era em preto e branco, mas, quando meu pai comprou aquela tela que tinha três cores, vibramos muito até entendermos que era difícil colorir a imagem com retas horizontais. É engraçado lembrar. Por vezes, pego-me sorrindo sobre isso. Havia um programa no canal SBT chamado Domingo no Parque, apresentado por Sílvio Santos, que nós adorávamos. Eu sonhava em ganhar todos aqueles brinquedos e um tênis Montreal. Perdi a conta de quantas cartas escrevi para esse sorteio. Meu pai dizia que não deveríamos desistir e poderíamos continuar sonhando e tentando, mesmo quando não éramos sorteadas. Sobre esses ensinamentos de vida e para a vida:

[...] a aquisição e a retenção de conhecimentos são atividades profundas e de toda uma vida, essenciais para o desempenho competente, a gestão eficiente e o melhoramento das tarefas cotidianas (Ausubel, 2000 *apud* Sant'Anna; Nascimento, 2011).

Enfim, cresci acreditando em sonhos, sendo fiel à minha educação familiar, aos princípios norteadores que me foram ensinados, como o respeito aos mais experien-

tes que guardavam nossa história, amor pelo saber que nos guiava para um futuro melhor, a nunca desistir ou começar algo e não terminar, a ser honesta, tantas coisas mais a citar que uma década se passaria até terminar meu relato. Esses foram os valores que meu pai frisava incansavelmente como sendo a nossa herança. Ainda o escuto dizendo: “Ninguém toma, ninguém rouba. É seu. Morre com você ou pode permanecer vivo se você os ensinar aos outros”.

Meu pai sempre me ensinou que estudar, aprender coisas novas nos engrandece como pessoas, amplia nossos horizontes, e ele nunca mediu esforços para nos proporcionar as condições favoráveis para que isso acontecesse. Minha trajetória foi toda permeada por desafios. Minha experiência na escola começou bem cedo. Ainda me lembro da minha primeira professora. Quando alguém se comportava mal, ela colocava de castigo. Eu tinha medo daquilo, mas nunca fiquei. Para mim, os números eram mais amigáveis, pois meu pai era meu facilitador nesse processo de aprendizagem. Aos poucos, as letras e as palavras foram me conquistando também, pois, quando aprendi a ler, aos 6 ou 7 anos de idade, mergulhei no mundo da leitura. Eu sempre fui uma aluna participativa. Fiz teatro na escola, dancei nas quadrilhas no período junino, marchei no 7 de Setembro, enfim, eu gostava muito de participar e não deixava a timidez me impedir de viver essas experiências. As brincadeiras só aconteciam na hora do intervalo, com meus colegas de classe. Na sala, dificilmente tínhamos atividades lúdicas. Isso me inquietava, pois, se meu pai conseguiu nos ensinar brincando, por que professores formados não conseguiam? Como bem disse Mário Quintana, “Quem não

compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação”.

No período do meu Ensino Médio, alguns professores utilizavam jogos para facilitar nossa aprendizagem. Um dos professores de Matemática ensinava muito bem e percebia-se o interesse real em nossa aprendizagem. Lembro-me com muito carinho também de uma professora de Inglês que tornava as aulas atraentes com alguns recursos visuais – poucos, mas divertidos. Minha decisão pelo curso de Pedagogia foi baseada no meu amor pelo saber, saber este que não está atrelado apenas a pressupostos teóricos, mas que reflete uma prática real, capaz de transformar pessoas, capaz de contagiá-las para um bem maior. Então, comecei a ter meus primeiros contatos com esse mundo novo – o mundo acadêmico.

No ano em que passei no vestibular, a grade curricular ainda era precária para a demanda que o futuro próximo exigiria. Mesmo assim, cumpri todas as cadeiras, obrigatórias e optativas, que o curso demandava. Tive bons e maus professores.

Dentre as diferentes abordagens metodológicas adotadas pela área de formação de professores, destacam-se hoje as metodologias que tomam a vida do professor como importante elemento reflexivo, tanto para as práticas de formação docente, como para a pesquisa acerca dessa formação (Albano; Ostetto, 2010).

Dediquei-me muito às leituras, apesar de trabalhar o dia inteiro no trabalho. A curiosidade pelas respostas pedagógicas que me causavam tantas dúvidas foi meu ponto de partida na busca desse saber. Durante a minha trajetória, casei-me e obtive muito apoio do meu cônju-

ge, o que facilitou minha caminhada estudantil. Participei de iniciação científica, publiquei em anais de livro e até apresentei trabalho em equipe em Fortaleza/CE. Recordo-me também de não ter condições de comprar os livros indicados e de ter que me contentar com o acesso aos fragmentos desses livros, em cópias não autorizadas.

Nos últimos semestres, época em que comecei o estágio, vislumbrei uma realidade muito além das minhas leituras durante nove semestres. Percebi que a educação é uma práxis diária e requer muita devoção. Ali, pude questionar todos os pensamentos formulados a partir de leituras, pois a realidade me exigia muito mais. Apesar de tudo, encontrei-me e apaixonei-me, porque entendi que a educação não se faz somente com conhecimento teórico, mas também com muito amor e, nessa dinâmica, trilha-se o caminho profissional, deixando um rastro de saberes, pelos quais se escolherá como afetará quem caminha por ele.

Ainda cursando a faculdade de Pedagogia, no último semestre, grávida de sete meses, inscrevi-me em um concurso público para preenchimento de vagas no magistério. Graduada e trabalhando na educação, resolvi continuar meus estudos e enveredei por uma pós-graduação em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, para aumentar minha gama de conhecimentos. A experiência em sala é muito desafiadora, mas recompensadora também. Ensinei em todas as modalidades, do infantil aos adultos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Obtive muitas experiências exitosas, outras nem tanto. Durante esse percurso trilhado, nunca esqueci a forma mágica e contagiante que meu pai me ensinava e tentei adaptá-la ao meu fazer pedagógico. Percebia que “[...] o

brincar é a atividade mais típica da vida humana por proporcionar alegria, liberdade e contentamento aos envolvidos [...]” (Nascimento; Oliveira; Marques, 2016, p. 135).

Durante essa caminhada, tive meus dois primeiros filhos e, oito anos depois, a terceira. Como mãe e professora, tentei dar graça e leveza à aprendizagem inicial deles. Pus em prática vários conhecimentos adquiridos na faculdade e outros ao longo da minha história de vida. Conteí historinhas, enfeitei o quarto com as vogais, com os animais que eu desenhava. Assistia à TV Cultura com eles, conversava, ria, brincava, orava, passeava. Não abri mão de ser a mãe deles. Como consequência, tive que deixar de lado alguns projetos acadêmicos, como o mestrado e o doutorado. Adiei por muitos anos e agora chego à conclusão de que a vida tem escolhas com que temos que conviver diariamente. Não me arrependo dessa pausa acadêmica. Sinto-me completa, satisfeita. Fiz a escolha certa.

Hoje, após anos de serviço prestados à educação, olho para trás e ainda me emociono quando sou reconhecida por algum aluno. Meus olhos ainda brilham com os projetos e ideias novas que possam alavancar o conhecimento e ainda gosto de participar de cursos de extensão, como o Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe), o qual, através da belíssima condução do professor doutor Mirtiel Frankson, fez-me viajar no tempo da minha história de vida, que, como raízes de uma planta se entrelaçando, mistura peças do pessoal com o profissional, formando um quebra-cabeça só, que, de tão juntas as peças, nossos olhos são incapazes de distinguir uma da outra.

Obrigada, professor, por girar a roda da vida. Obrigada por você ter sido um excelente aluno; hoje eu posso

dizer que é um excelente professor. Foi um privilégio conviver com você. Obrigada por poder contar meu começo, por poder apresentar a minha saga. A saga do meu herói, que forjou quem sou, que me ensinou o que sei de mais importante – que o lúdico é a melhor metodologia de aprendizagem.

Referências

ALBANO, A. A.; OSTETTO, L. E. Arte na educação: pesquisas e experiências em diálogo. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 30, n. 80, p. 7-9, 2010.

FRIEDMANN, A. *O brincar na Educação Infantil*: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

NASCIMENTO, C. M. A.; OLIVEIRA, M. L.; MARQUES, H. A música e as brincadeiras como estratégias de ensino na Educação Infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 37, n. 2, p. 131-142, 2016.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. *Revista Eletrônica de Educação Matemática*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

59 ENTRE LETRAS E BRINQUEDOS: CAMINHOS DA MINHA EXPERIMENTAÇÃO COM O LÚDICO

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap59>

VALNICE LUIZA CASTRO DO NASCIMENTO

Especialista em Ensino de História do Brasil pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Licenciada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora de História da rede pública municipal de ensino de Fortaleza, Ceará. Foi bolsista do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: valniceluiza@hotmail.com

o fazer um exercício de reflexão sobre minha trajetória profissional, é imprescindível localizar minhas origens. Talvez essa necessidade de vínculo com o passado deva-se ao fato de ser historiadora de formação e uma eterna apaixonada pelos estudos acerca do patrimônio. Nasci e cresci na periferia de Fortaleza, Ceará (CE), mas tenho profundas raízes no campo. Meus pais vieram de diferentes regiões do estado. Meu pai é de Juazeiro do Norte/CE e minha mãe de Itapipoca/CE. Chegaram na capital em décadas diferentes, mas com um objetivo em comum: melhores condições de vida. O cupido trabalhou bastante para fazer esses dois se unirem e eu poder vir ao mundo. Dessa união surgiram três filhos, eu sou a do meio.

Penso na minha infância como um momento solitário. Poucas amizades: a filha de uma vizinha, dois sobrinhos e meu irmão (um ano mais velho). A década de 1990 era bem mais tranquila que nossos tempos. Brincávamos de uma infinidade de jogos coletivos: esconde-esconde, carimba, sete pecados, etc. Os momentos de distração individual dominavam boa parte do meu dia. Como toda criança, tive amigos imaginários e criei também um mundo só para mim, onde era a pessoa mais importante. Esse mundo imaginário criado por mim e por tantas outras crianças contribui na forma como apreendemos o mundo em nosso entorno. Vigotsky (1991, p. 62) considera que a brincadeira de faz de conta acaba por

preencher desejos que naquele momento são irrealizáveis: “Então, quando assumimos o lugar da mãe, da professora, da atriz, estamos criando um mundo ilusório onde tudo fica possível”.

À medida que fui crescendo, meu ciclo de amizades foi diminuindo. Aos 12 anos, os jogos coletivos na rua à noite foram diminuindo a frequência, assim como a quantidade de pessoas com quem brincava. Restaram apenas meus sobrinhos (nossa diferença de idade é só de um ano) e uma outra vizinha. O brincar também foi se transformando. Esses momentos de brincadeira e interação marcaram muito minha vida, além de terem contribuído no meu desenvolvimento. Modesto e Rubio (2014, p. 5) destacam que:

A criança constrói e reconstrói sua compreensão de mundo por meio do brincar; amadurecem algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e experimentação de regras e papéis sociais presentes nas brincadeiras.

No último ano do Ensino Médio, em 2004, decidi estudar uma língua estrangeira. Escolhi a língua francesa. Comecei a fazer o curso no centro de línguas da prefeitura de Fortaleza/CE, no Instituto Municipal de Desenvolvimento de Recursos Humanos (Imparh). Um novo mundo surgiu diante dos meus olhos. Meus novos colegas de turma eram todos universitários, com várias experiências diferentes; alguns já trabalhavam. Essa nova rede de sociabilidade me despertou. Os cursos de língua estrangeira são bastante interativos. Para ajudar no desenvolvimento das habilidades da língua, os professores utilizam várias estratégias, sempre divertidas. Eu amava as aulas. Ainda lembro a expressão e o sorriso da minha

primeira professora no primeiro dia de aula. Ela era apaixonada pela língua francesa e nos contagiava com esse amor.

Estudava de segunda a quinta no início da noite. Ao sair do colégio, onde passava o dia inteiro, encaminhava-me para o curso. Nunca perdi um dia de curso por cansaço ou algo do tipo. Ao contrário, quando estava perto do horário de ir para o Imparh, a euforia tomava conta de mim. Hoje fica bem mais nítida a importância de todas as atividades lúdicas desenvolvidas, principalmente quando percebo que houve pouca desistência de alunos, mesmo o curso tendo uma duração de sete semestres. Melo e Santiago (2015, p. 13121) destacam o poder mobilizador da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem:

Caracterizando-se por ser espontâneo e funcional, o ambiente lúdico encerra uma leveza que beneficia aos alunos, despertando o interesse na aula, sua socialização e autoafirmação.

A metodologia desenvolvida nas aulas sempre incentivava uma interação entre a turma, despertava em mim uma satisfação em fazer parte daquele grupo. Sempre havia a formação de pequenos grupos ou duplas para apresentação de peças teatrais. O teatro, além de nos deixar alegres, de nos integrar mais facilmente, “[...] é pertinente afirmar que ele pode ser um real suporte pedagógico para um professor de LE [Língua Estrangeira] que busca desenvolver a expressão oral de seus alunos”, como afirmam Couto e Reis (2018, p. 651). O recurso de filmes e músicas também era bastante recorrente na aquisição de vocabulário.

O primeiro vestibular que fiz ainda no 3º ano foi para História na Universidade Federal do Ceará (UFC).

No ano seguinte, continuei nas minhas aulas de francês; com tempo mais livre, passei a me dedicar mais. Prestei o vestibular 2005.1 da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Dessa vez fiz outra escolha de curso. O bom relacionamento com meus colegas de curso e a maneira prazerosa com que os professores conduziam as aulas, aliados ao meu gosto por literatura, foram decisivos na nova escolha. Letras-Francês foi o escolhido por mim, para a surpresa de meu pai. Em 2005, prestei novamente vestibular para a UFC. Dessa vez fui aprovada. A felicidade não cabia em mim.

Iniciei os estudos na UFC no segundo semestre de 2006, quando a UECE estava em greve. Novos encontros, novos olhares. Acabei me identificando bem mais com esse universo. A disposição das carteiras nas salas era em círculos, as aulas eram longas conversas e debates sobre os textos e sobre os acontecimentos da conjuntura, meus colegas de turma tinham a minha idade. Logo me envolvi em algumas atividades de extensão. Quando findou a greve, continuei o curso, mas não com o mesmo ânimo. Em 2007, uma nova greve tomou conta das universidades estaduais, desanimando-me ainda mais.

Em 2009, participei de uma seleção de um projeto de extensão da UECE. Não conhecia direito o programa, mas vi uma oportunidade de conseguir me manter estudando. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), esse era o projeto. Assim que me inscrevi na seleção, fui até a casa de uma amiga de infância pedir um livro emprestado. A mãe dela era membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Sempre moramos perto, mas nunca havíamos conversado sobre essa organização, embora eu não comprasse o

discurso da grande mídia sobre o movimento. Fui aprovada na seleção. Apesar da formação com os coordenadores e com os outros bolsistas, fui realmente descobrir a importância desse programa quando fomos organizar o material no almoxarifado da universidade que seria enviado para os assentamentos para o retorno do tempo-escola. Alguns profissionais que lá se encontravam agiam como se o Estado estivesse fazendo um enorme favor em “oferecer” material didático para filhos de assentados. Entendi que aquele programa era resistência.

Aprendia muito quando ia aos assentamentos acompanhar as atividades pedagógicas. Descobri o lado do MST que a mídia desconhece: o sentido pedagógico de todas as suas ações. Descobri o amor à vida, ao próximo, à terra e aos seus frutos. Em março de 2010, o projeto de que fazia parte terminou, mas fiquei fazendo parte da organização. Fui batizada em 8 de março, quando ocupamos uma fábrica da Nufarm em Maracanaú/CE. Por algumas horas, ficamos expostas aos elementos tóxicos utilizados como matéria-prima. Sentimos nosso rosto ferver, coçar, queimar. Depois tudo passou, nosso organismo estava se acostumando. Nesse dia, aprendi mais sobre as transformações que a industrialização trouxe para a vida dos trabalhadores do que na disciplina de Moderna. Era a tal práxis tão comentada pelos acadêmicos marxistas.

Fui convidada por Maria de Jesus, minha grande educadora dentro da organização, para participar de momentos formativos durante a construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola do campo do assentamento Maceió. Ali eu vi e vivenciei a pedagogia *freireana*. Professores, militantes e comunidades, todos escre-

vendo e tomando decisões sobre a condução da escola. Foi a partir dessa experiência que comecei a me interessar pela educação.

Tranquei o curso de História para participar de um curso intensivo de formação política, para qualificar minha atuação. Em seguida, fui destacada para atuar na cidade de Quixeramobim/CE com o intuito de fortalecer o setor de educação dos assentamentos, visto que um assentamento da região iria receber uma escola do campo. Várias adversidades fizeram com que eu retornasse para Fortaleza/CE. Fui convidada para contribuir novamente na secretaria do setor de educação e na ciranda infantil. Foi então que definitivamente me apaixonei pela educação. As vivências despertaram em mim a importância de uma nova prática. A ciranda infantil não estava no lugar da escola e as chamadas “cirandeiras” não eram meras cuidadoras. Era preciso pensar em lugar educativo, mas que despertasse a vontade das crianças de estarem ali. Os meus esforços passaram a ser em montar um planejamento “atraente” para as crianças a cada ciranda itinerante. O lúdico passou a ser bastante explorado, visto que:

[...] Ao brincar, a criança aumenta a independência, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, valoriza a cultura popular, desenvolve habilidades motoras, diminui a agressividade, exercita a imaginação e a criatividade, aprimora a inteligência emocional, aumenta a integração, promovendo, assim, o desenvolvimento sadio, o crescimento mental e a adaptação social (Dallabona; Mendes, 2004, p. 112).

Retomei meus estudos na UFC. Como a militância é uma atividade voluntária, precisava de uma atividade

remunerada. Tentei uma vaga para educadora no Museu da Cultura Cearense, do Dragão do Mar. O trabalho no museu era fantástico, educação não formal com vários públicos. Passei quase dois anos lá. Saí porque comecei a lecionar na Educação Básica. Estava quase terminando uma licenciatura e não tinha ainda experiência em sala de aula. Corri atrás e consegui um contrato em uma escola estadual. Estreei no Fundamental e Médio ao mesmo tempo. Consegui colar grau na UFC em 2015. Na UECE, ainda tentei voltar ao curso, mas sempre pegava greve, então acabei desistindo do curso.

Passei por duas escolas em Fortaleza/CE; cada uma exigia de mim uma habilidade diferente. A minha inexperiência causava insegurança. Levei um pouco do academicismo medieval para a escola. O formato da minha aula era bem tradicional, em que falava muito. Com uma monotonia reinante, não conseguia chamar a atenção dos meninos. D'Ávila (2014, p. 28) disserta a respeito desse problema na Educação Superior, o qual está presente nas diferentes etapas da educação:

Nesse ciclo [sic] vicioso, no qual nenhum dos atores parece satisfeito, convém rever e investir em práticas de ensino apoiadas em saberes pedagógicos intrinsecamente relacionados aos componentes curriculares e atividades voltadas à formação de professores.

Passei então a buscar novas estratégias para abordar os conteúdos. Fui convidada a trabalhar na escola do campo do assentamento Maceió. Apesar de ter participado um pouco da construção da escola, a experiência ficou aquém das minhas expectativas. Não consegui casar minha disciplina com a base diversificada do currículo.

lo; meu grande anseio, ninguém do grupo conseguiu tal feito. O tempo para o planejamento das disciplinas quase não existia; discutíamos muito no coletivo questões gerais da escola, o que gerava um acúmulo de trabalho. Fiquei dois anos lá e tentei a seleção para a escola profissionalizante de Itapipoca/CE, mais conhecida como Liceu.

O ambiente novo, aquela juventude cheia de vida, com mil e uma habilidades e com espaço para demonstrar, deu-me ânimo. Como eles demonstravam extremo interesse nos fatos e acontecimentos históricos, sempre queria levar algo mais. Passei a ler sobre o uso de jogos nas aulas de História. Comecei a pensar em atividades que contribuíssem com a autonomia na construção do conhecimento dos alunos. É importante dizer que nosso dia de planejamento sempre foi respeitado, então tive condições de elaborar jogos coletivos e individuais e atividades mais dinâmicas. Assim, fui sendo “polida” no decorrer da minha prática pela minha própria ação individual e pelos meus alunos. Fui enxergando que era preciso fazer mudanças no planejamento a fim de alcançar os objetivos estabelecidos. E a descoberta do lúdico está sendo essencial. Hoje, quando vou planejar uma aula, penso de qual maneira posso afetar melhor a turma, e a partir daí início a minha aula.

Referências

COUTO, A. A.; REIS, M. G. M. Práticas teatrais: um elemento lúdico no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. *Revista Letras Escreve*, Macapá, v. 8, n. 1, 2018.

DALLANONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de Divulgação Técnico-Científica, do ICPG*, Recife, v. 1, n. 4, 2004.

D'ÁVILA, C. M. Didática lúdica: saberes pedagógicos e ludicidade no contexto da educação superior. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, 2014.

MELO, E. M.; SANTIAGO, L. V. O lúdico como instrumento pedagógico no ensino médio: um estudo das representações sociais dos professores. *In: EDUCERE*, 12., 2015, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: UEM, 2015.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

60 NA CIRANDA DA VIDA GUARDO UM CARROSSEL DE RECORDAÇÕES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-953-1/cap60>

VERONICA CLÉA COUTO

Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e em Gestão e Coordenação Pedagógica pela Universidade Padre Dourado (Facped). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em Língua Portuguesa pela UVA. Integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), dos projetos Pibid Alfabetização (2020-2022) e Pibid Pedagogia (2022-2024). Integrante do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (Nedimpe) e do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (Gepesad), ambos desenvolvidos na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da UECE. Professora na rede pública municipal de ensino de Itapipoca, Ceará, no Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo.
E-mail: veronicacleacouto@gmail.com

Contar é muito difícil. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. [...] A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam (Rosa, 1985, p. 49).

E escrever este memorial é um desafio gratificante e, ao mesmo tempo, desafiador, pois traçarei um caminho em busca do meu passado adormecido, das minhas mais significantes memórias lúdicas, ao mesmo tempo que refletirei sobre minha trajetória até o momento, contabilizando o que foi bom e o que não foi tanto assim. Nessa perspectiva:

O ato de narrar a sua própria história, mais do que contar uma história sobre si, é um ato de conhecimento. Através da narrativa, o sujeito constrói uma cadeia de significantes que estrutura formas cognitivas de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos e desejos, mitos e utopias (Pérez, 2002, p. 55).

Meu nome é Verônica Cléa Couto, nasci em Itapipoca/CE em abril de 1973. Venho de uma família muito humilde; minha mãe cursou até o 5º ano e meu pai é um motorista de ônibus analfabeto, os quais não tiveram oportunidade de estudar mais, tendo que trabalhar na

roça para ajudar a família. Mesmo assim, exigiam muito da nossa educação. Eu e meu irmão tivemos muito incentivo para estudar e acreditávamos que só com o estudo poderíamos melhorar nossa condição social e econômica.

Mesmo minha mãe tendo feito apenas a 5ª série do Ensino Fundamental, sonhava em ser professora formada e concursada; infelizmente não realizou seu sonho, mas era a pessoa com mais estudo da localidade, muito procurada para tirar dúvidas de conteúdos e para ler e escrever cartas, por isso dividia-se entre o serviço da roça e as aulas particulares para crianças. Então, minha casa era uma escola e minha sala de estar era uma sala de aula. Cresci entre explicações e atividades; por vezes, dormi no colo de minha mãe enquanto ela estava ensinando. A minha casa tinha muita vida, muita alegria, muitas brincadeiras. “A criança que brinca precisa ser respeitada, pois seu mundo vive em constante transformação, oscilando entre a fantasia e a realidade” (Almeida, 2014, p. 69). Tínhamos em casa muitos livros didáticos e até alguns paradidáticos, gibis, revistas, jornais, etc., adquiridos pela minha mãe com amigas professoras e diretoras.

Minha infância era envolta de muitas vivências lúdicas e prazerosas. Brincávamos de tudo e tudo virava brinquedo ou brincadeira. Brincava de escolinha, de comércio, de jogar pedrinhas, de futebol com bola de meia, de soltar pipa, de macaca, de jogar pião, de bila, de pular corda de cipó tirada no quintal de casa, de roda, de esconde-esconde, até a hora de entrar para jantar e depois ouvir “Histórias de trancoso” contadas por meu avô enquanto o sono chegava. “O divertimento faz parte da vida da criança, talvez até constitua um elemento estruturante da vida dela, não somente nas relações entre

iguais, mas também entre pais e filhos” (Brougère, 2004, p. 221). Brincar foi fundamental na minha formação e desenvolvimento, tanto contribuiu para meu prazer e diversão como na construção da autonomia, nas relações pessoais, na formação de valores e ética, na reflexão, na criticidade e no estímulo à inteligência.

Aprendi as primeiras letras desenhadas com um graveto na areia limpa e fina da margem de um riacho que passava em frente da minha casa, enquanto tomávamos banho e minha mãe esperava a roupa lavada secar no varal; ela desenhava as letras cursivas e falava o nome de cada uma e eu atentamente repetia o gesto. De letras a sílabas, de sílabas a palavras, eu fui aprendendo a ler. Segundo Marcelino (1996, p. 38):

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... Como se fora brincadeira de roda [...].

Finalmente entrei na escola aos 7 anos em 1980, na 1ª série do Primário. “Os valores da imaginação tão ricamente vividos nos sonhos de intimidade por volta dos sete anos abrigam e nutrem os primeiros passos da razão” (Piorski, 2016, p. 28). Lembro-me da minha professora que se chamava Regina. Uma mulher morena, alta, elegante e calada, que interagiu pouco com os alunos, mas era calma e paciente.

Não havia muitos momentos lúdicos na escola nem no processo de ensino-aprendizagem nos meus primeiros anos de estudo; somente por volta do 4º ano é que uma professora chamada Mirtes nos surpreendeu

e apresentou formas lúdicas de ensinar e aprender. As aulas de Português eram maravilhosas e a leitura em voz alta, com ênfase na entonação e pontuação, era treinada todos os dias de forma prazerosa.

Muitos profissionais da área educacional utilizam a ludicidade como recurso pedagógico, pois a utilização de recursos lúdicos, como jogos e brincadeiras, auxilia a transposição dos conteúdos para o mundo do educando (Rau, 2013, p. 25).

No ano seguinte, fui estudar em outra escola e foi lá que tive os primeiros contatos com a biblioteca, com uma diversidade tão grande de livros. Tínhamos até horário agendado para ir ler. Era um local mágico para mim. Quando entrava lá, perdia a noção do tempo e do resto do mundo. Foi exatamente nesse lugar na biblioteca do Colégio Estadual Joaquim Magalhães que nasceu em mim uma paixão pela leitura. Ia para a biblioteca todos os dias e, se tivesse aula vaga, era ali que eu passava o tempo. Nessa mesma época, contudo, as aulas de Educação Física eram nosso momento de mais diversão. Jogos, gincanas, torneios, circuitos, tudo era diversão garantida, enquanto nas outras aulas as metodologias continuavam enfadonhas e desinteressantes.

Ainda na mesma escola, já no Ensino Médio, cursando pedagógico, vivenciei muitas atividades lúdicas de técnicas e metodologias de ensino, como preparação para a prática, proporcionadas nas disciplinas de Metodologia, Didática e Estágio. No Ensino Superior, no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1992, percebi que a maioria das disciplinas utilizava estratégias dinamizadas para introduzir ou

abordar de forma lúdica os conteúdos, utilizando recursos como retroprojetores, cartazes, músicas, teatro, dinâmicas. “Assumir uma atitude lúdica significa aprender e incorporar as linguagens expressivas das crianças e adotar essa postura em todos os conhecimentos e atividades” (Friedmann, 2012, p. 46).

Um novo e grande desafio se revelava diante de mim, quando aos 20 me tornei mãe e percebi que no meu ventre pulsava um novo coração; neste encontro, pude perceber que eu também precisava renascer. Uma nova versão de mim precisava redefinir conceitos e crenças e junto a ela novas possibilidades. Criar meu filho foi meu laboratório de como ensinar despertando interesse, proporcionando diversão e aprendizagens múltiplas. Ensinava meu filho de forma lúdica com recursos na maioria produzidos de forma manual e reciclável. Tampinhas, caixas, fitas, papéis, embalagens, tudo virava brinquedo e brincadeira, jogos ou painéis. Nessa brincadeira séria, seguindo os passos da minha mãe, comecei a dar aula de reforço para crianças em período de alfabetização.

Passei no meu primeiro concurso para professora em 1997 e assumi uma turma de primeiro ano na Escola Raquel de Queiroz no distrito Ipu Mazagão, em Itapipoca, Ceará (CE), onde vivenciei práticas significativas e contextualizadas, como dar aula de Ciências embaixo das mangueiras, aula de História no meio da comunidade, entrevistando e ouvindo relatos e contos maravilhosos. Cálculos matemáticos e estatísticas a partir de situações-problema envolvendo a realidade local. “Sendo assim, no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivendo uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena” (Bacelar, 2009, p. 25).

Em 17 de setembro de 1999, fiz uma seleção e vim trabalhar na escola Centro Educacional Maria Magalhães Viana Azevedo, situada em Itapipoca/CE, no bairro Cacimbas, onde nasci, criei-me e vivo até hoje, acompanhando as mudanças sociais do tempo e da geografia. Nessa escola foi que de verdade me senti feliz, desenvolvendo um trabalho na minha comunidade com as crianças do bairro e de bairros arredores. Sendo uma escola de tempo integral, tinha uma proposta desafiadora; buscávamos desenvolver práticas que atendiam aos anseios e necessidades dos alunos, ou seja, que despertassem interesse e aprendizagens em tempo integral, por isso resgatei todas as minhas experiências e todo o meu repertório de práticas e vivências lúdicas: músicas, danças, teatros, filmes, jogos e livros, tudo isso tinha que fazer parte da rotina da escola, em todos os momentos: da recreação ao descanso. A esse respeito, Antunes (2003, p. 55) diz que:

Um professor que adora o que faz, que se empolga com o que ensina, que se mostra sedutor em relação aos saberes de sua disciplina, que apresenta seu tema sempre em situações de desafios, estimulantes, intrigantes, sempre possui chances maiores de obter reciprocidade do que quem a desenvolve com inevitável tédio da vida, da profissão, das relações humanas, da turma [...].

Quando percebi que gostava do meu trabalho, mas necessitava de algum conhecimento mais especializado para entender o processo que leva as crianças a construir o conhecimento, construir aprendizagens, buscando, além disso, entender as dificuldades e limitações que algumas apresentavam nesse processo, fui fazer pós-graduação em Psicopedagogia. Foi um curso que me

possibilitou compreender que, através da brincadeira e da fantasia, a criança pode entender com mais facilidade o mundo e lidar melhor com suas dificuldades.

Em meio à turbulenta situação mundial de 2020, com a pandemia de Covid-19, quando refletíamos sobre a insegurança e vulnerabilidade da existência humana, em que as medidas de contenção da pandemia da Covid-19 vêm mudando o cotidiano das pessoas com o distanciamento social, veio a minha aprovação na seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) na área da Alfabetização; através desse programa, ingressei no curso “O lúdico em vários contextos e situações da prática pedagógica”.

A reflexão sobre o lúdico neste momento torna-se de extrema relevância, justamente quando as famílias passam mais tempo em casa e o ensino passou a ser de forma remota, colocando-nos na situação de aprendiz de um novo modelo de educação, em que tivemos que nos reinventar e lidar com toda essa avalanche de informações, por isso acredito que vivenciar momentos de brincar pode ser oportuno para a construção de novas aprendizagens, de relações interpessoais nas interações sociais a distância, e para o fortalecimento da saúde física e mental. Nunca o lúdico foi tão necessário e oportuno como em momento ímpar como este; quem conseguir incluir ludicidade à sua rotina diária e à sua vida eu me arrisco a dizer que encontrou uma fórmula mágica de sobreviver de modo lúcido e atravessar firme esta fase difícil.

Referências

ALMEIDA, M. T. P. (org.). *Brincar, amar e viver*. Assis: Storbem, 2014.

ANTUNES, C. *Como desenvolver as competências em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2001.

BACELAR, V. L. E. *Ludicidade e Educação Infantil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BROUGÉRE, G. *Brinquedos e companhia*. Tradução de Maria Alice A. Sampaio Doria. São Paulo: Cortez, 2004.

FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

MARCELINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

PÉREZ, C. L. V. *Vozes, palavras, textos: as narrativas autobiográficas na formação de professoras-alfabetizadoras*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PIORSKI, G. *Brinquedos no chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RAU, M. C. T. D. *A ludicidade na educação: uma atitude Pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2013.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado¹, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 26 de setembro de 2024.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 26 de setembro de 2024.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹ Número do registro: 89.931.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar*: os desafios da educação e da formação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira*: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.

16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XÁVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.

32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Poifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'ilele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.

50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa*

- em Rede*: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
 69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais*: abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
 70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares*: Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
 71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazaninha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
 72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazaninha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
 73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
 74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
 75. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
 76. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
 77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
 78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
 79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
 80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
 81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
 82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
 83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
 84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).

85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charlilton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).
92. MACHADO, Charlilton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuzza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charlilton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).

102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Lívia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético*: diálogos com Paulo Freire sempre!. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces*: experiências do PIBID na UFAL. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho*: a atuação do pedagogo na educação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho*: a atuação do pedagogo na educação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade*: reflexões epistemológicas. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces*: experiências do PIBID na UFAL. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-85-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social*: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação*: memórias, imprensa e literatura. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas*: experiências e contextos. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).

117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa*: educação como missão de vida. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa*: educação como missão de vida. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas*: múltiplas experiências em educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes*: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação*: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa*: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil*: uma pesquisa com Educadores Museais. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil*: uma pesquisa com Educadores Museais. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil*: questões teóricas e práticas de um campo em construção. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil*: questões teóricas e práticas de um campo em construção. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro*: uma vida dedicada à educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima*: educadora cearense referência na formação de professores. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite*: biografia de uma educadora religiosa. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (E-book).
131. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (Org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social*: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada. Fortaleza: EdUECE, 2021. 411 p. ISBN: 978-65-86445-97-8. (E-book).
132. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educa-*

- cional*: tecituras colaborativas na pós-graduação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-65-86445-99-2.
133. SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. *Por uma educação linguística libertadora*: os estudos gramaticais no ensino básico à luz da pedagogia de Paulo Freire. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-788-9 (E-book).
 134. FREIRE, Vitória Cherida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Maria Luiza Fontenele*: formação educacional e política. Fortaleza: EdUECE, 2021. 212 p. ISBN: 978-85-7826-790-2 (E-book).
 135. XAVIER, Antônio Roberto; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita; SOUSA, José Weyne de Freitas (org.). *Planejamento, políticas públicas e gestão sustentável*: demandas sociais contemporâneas. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-787-2 (E-book).
 136. XAVIER, Antônio Roberto; SANTOS, José Cleilson de Paiva dos; SILVA, Ana Maria Alves da (org.). *Saberes tradicionais, políticas e ações sustentáveis*: múltiplos atores, diversas abordagens. Fortaleza: EdUECE, 2021. 229 p. ISBN: 978-85-7826-786-5 (E-book).
 137. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima*: educadora cearense referência na formação de professores. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-85-7826-796-4.
 138. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro*: uma vida dedicada à educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-85-7826-795-7.
 139. GAUTHIER, Jacques; AMARAL, Augusto Luís Medeiros; AMARAL, Raquel Ávila; ARAÚJO, Natan; GAUTHIER, Maria do Rosário da Soledade; STEIN, Yanée Maudia. *A borboleta cuidamor ambiental*: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa. Fortaleza: EdUECE, 2021. 248 p. ISBN: 978-85-7826-792-6 (E-book).
 140. MACIEL, Jocyana Cavalcante da Silva; BRANDENBURG, Cristine; BARON, Miriam Viviane. *Caminhos para o protagonismo em seus espaços da educação e saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 172 p. ISBN: 978-85-7826-799-5.
 141. VIEIRA, Arlindo Mendes; MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra; LIMA, Maria Socorro Lucena; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Tecituras decoloniais da formação de professores*: incertezas, desafios e lutas. Fortaleza: EdUECE, 2021. 258 p. ISBN: 978-85-7826-812-1 (E-book).
 142. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional*: tecituras colaborativas na pós-graduação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-85-7826-803-9 (E-book).
 143. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente*: narrativas expressas em cartas pedagógicas. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-817-6. (E-book).
 144. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente*: narrativas expressas em cartas pedagógicas. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-818-3.
 145. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-822-0.

146. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-821-3. (E-book).
147. RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Perspectivas sobre formação docente: experiências contemporâneas e contextos curriculares*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 270 p. ISBN: 978-85-7826-826-8 (E-book).
148. MACIEL, Maria Jose Camelo; LIMA, Jaqueline Rabelo de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; CARVALHO, Marília Nogueira. *Prática docente no ensino superior: bases, relatos e memórias da formação*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 574 p. ISBN: 978-85-7826-823-7 (E-book).
149. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (org.). *Educação e trabalho na paraíba*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 311 p. ISBN: 978-85-7826-830-5. (E-book).
150. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-841-1 (E-book).
151. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-839-8.
152. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4 (E-book).
153. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4.
154. MOREIRA, Francisca de Assis Viana; LOPES, Tania Maria Rodrigues; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação a distância e a formação em pedagogia: Experiências da universidade estadual do ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 323 p. ISBN: 978-85-7826-838-1 (E-book).
155. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; MORAES, Ana Cristina de; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Docência(s): experiências e sentidos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 240 p. ISBN: 978-85-7826-843-5 (E-book).
156. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Ensino e pesquisa na pós-graduação: teoria, prática e práxis*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 350 p. ISBN: 978-85-7826-849-7. (E-book).
157. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 469 p. ISBN: 978-85-7826-851-0.
158. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 292 p. ISBN: 978-85-7826-853-4. (E-book).
159. XAVIER, Antônio Roberto; MUNIZ, Karla Renata de Aguiar; OLIVEIRA, Lucineide de Abreu (org.). *Covid-19, políticas públicas e sustentabilidade: desafios à ciência e aos recursos tecnológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 254 p. ISBN: 978-85-7826-858-9. (E-book).

160. BESERRA, Raquel Carine Martins; KACZAN, Maria Anita Vieira Lustosa; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação em tempos de pandemia*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 258 p. ISBN: 978-85-7826-863-3. (E-book).
161. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-859-6.
162. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-860-2. (E-book).
163. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Retratos da escola pública brasileira em tempos neoliberais*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 261 p. ISBN: 978-85-7826-869-5. (E-book).
164. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 292 p. ISBN: 978-85-7826-871-8.
165. MORAES, Ana Cristina de; LIMA, Izabel Cristina Soares da Silva; QUEIROZ, Juliane Gonçalves (org.). *Cultura(s), educação e arte nos caminhos da (auto)formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-872-5. (E-book).
166. COSTA, Maria Aparecida Alves da; FIALHO, Lia Machado Fiuza (autoras). *Maria Cinobelina Elvas: docência na Escola Normal (1981-1988)*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-879-4. (E-book).
167. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-877-0.
168. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-878-7. (E-book).
169. ALVES, Maria Alda de Sousa; ANDRADE, Michely Peres de; OLIVEIRA, Anderson Souza (org.). *Narrativas e práticas de ensino em Ciências Sociais: diálogos com a pesquisa e a extensão*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 290 p. ISBN: 978-85-7826-883-1. (E-book).
170. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Mobile collaborative learning e a prática docente com o suporte de tecnologias móveis*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 312 p. ISBN: 978-85-7826-886-2. (E-book).
171. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Software educativo livre para o ensino de Geometria*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 228 p. ISBN: 978-85-7826-884-8. (E-book).
172. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-887-9.
173. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-885-5. (E-book).
174. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenía Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 470 p. ISBN: 978-85-7826-890-9. (E-book).
175. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lucia da Silva (org.). *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 257 p. ISBN: 978-85-7826-896-1. (E-book).

176. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 347 p. ISBN: 978-85-7826-894-7. (E-book).
177. XAVIER, Antônio Roberto; LEMOS, Ana Beatriz da Silva; LIMA, Maria Vandia Guedes (org.). *Sociobiodiversidade, tecnologias sustentáveis e educação ambiental no contexto da lusofonia afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 327 p. ISBN: 978-85-7826-901-2. (E-book).
178. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MELJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Formação docente, práticas educativas (decoloniais) e avaliação: múltiplos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 375 p. ISBN: 978-85-7826-902-9. (E-book).
179. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira (org.). *Formação docente e (auto)biografias*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 393 p. ISBN: 978-85-7826-921-0. (E-book).
180. LOPES, Aline Siebra Fonteles; ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; CAVALCANTE, Sueli Maria de Araújo. *Ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a pessoas privadas de liberdade em instituições federais de educação superior*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-913-5. (E-book).
181. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PATROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-937-1. (E-book).
182. Damasceno, Maria Nobre. *Emoções que invadem a alma: aprendendo com o mundo*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 152 p. ISBN: 978-85-7826-947-0.
183. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PATROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-940-1.
184. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-955-5.
185. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-953-1. (E-book).